



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**  
Rua Barão de Jremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



*Uma análise das construções de clivagem e outras construções  
focalizadoras no espanhol atual*

por

**CARLOS FELIPE DA CONCEIÇÃO PINTO**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro**

**SALVADOR**  
**2008**



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



*Uma análise das construções de clivagem e outras construções  
focalizadoras no espanhol atual*

por

**CARLOS FELIPE DA CONCEIÇÃO PINTO**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR**  
**2008**

Esta Dissertação foi financiada integralmente com uma bolsa de Mestrado do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, processo número 132859/2006-8, no período de 01/04/2006 a 31/03/2008.

**Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA**

P659 Pinto, Carlos Felipe da Conceição.

Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual / por Carlos Felipe da Conceição Pinto. - 2008.  
189f.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2008.

1. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 2. Gramática gerativa. 3. Língua espanhola.  
I. Ribeiro, Ilza Maria de Oliveira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 415  
CDU- 81'362

À minha avó e madrinha Ruth, pelo quanto me amou e,  
Infelizmente, há 15 anos, não está mais comigo.

## AGRADECIMENTOS

No Mestrado e no Doutorado não temos aquela formatura pomposa, convite, baile... infelizmente... mas a ansiedade, o nervosismo e apreensão são iguais ou até mesmo maiores até o veredicto da defesa. Não obstante, devemos agradecer a tantas pessoas. Pessoas que entraram e passaram pelas nossas vidas (antes ou durante o percurso) e contribuíram sobremaneira para o nosso crescimento pessoal e intelectual. Assim sendo, quero agradecer a algumas pessoas pela contribuição, eximindo-as de todo e qualquer erro que persistir neste trabalho, pois são da minha inteira e total responsabilidade.

Em primeiro lugar, gostaria de fazer seis agradecimentos muito mais que especiais:

Ao meu Senhor Jesus, pelo seu infinito amor, por cuidar de mim e me oferecer sempre o melhor, apesar da minha imensa incompreensão e ingratidão muitas vezes;

Aos meus amados pais, Antônio e Maria José, pelo amor incondicional e por exigir, desde sempre, que eu “fosse alguém na vida”;

Ao meu irmão Carlos Frederico, à minha cunhada Alcione Brito e sua mãe Maria da Glória, pelo carinho especial e apoio constantes;

À minha querida e mui valiosa orientadora, Ilza Ribeiro, que, com mão segura, me conduziu até aqui. Obrigado pela paciência (e que paciência!!!), confiança, estímulo, oportunidades, orientações, repreensões... A senhora é muito importante e especial para mim. Lembro-me de suas aulas de Lingüística V, na Graduação, nas quais dizia carinhosamente que passaria a dar aula de Lingüística I para puxar os alunos para a gerativa, já que todos chegavam ao curso de sintaxe com projetos de pesquisa em diversas outras áreas;

Aos professores e funcionários do PPGLL, pelos ensinamentos, orientações e atenção durante todo o período do Mestrado. Agradeço também a bolsa CNPq concedida, sem a qual teria sido difícil a realização do curso;

Às professoras Dr<sup>a</sup> Marilza de Oliveira e Dr<sup>a</sup> Lícia Heine, por participarem da banca examinadora desta Dissertação e conseqüentemente oferecerem valiosas contribuições ao meu trabalho.

Também gostaria de agradecer a outras pessoas, que contribuíram com meu trabalho e com meu crescimento pessoal. Há pessoas que merecem mais de um agradecimento, mas por questão de espaço, só as citarei uma vez. A ordem de aparecimento não significa mais ou menos importância na minha vida. Apenas é impossível falar de todo o mundo de uma vez só. Saussure já falava da linearidade do signo lingüístico:

Aos meus grandes amigos Davi de Oliveira e Fabrícia Liane, que, por questões profissionais, estão longe, mas, ao mesmo tempo, continuam tão perto;

Aos amigos Cedro Costa e Silva e Sander Borges e às amigas Ana Bárbara Cavalcanti, Cláudia Braga, Cláudia Lima, Elisabete Moraes, Deise Viana, Gabriela Ponce, Gisele Lacerda, Márcia Akemi, Maria Cecília Mansur, Maria do Carmo Silva (Duca), Marina Lima, Rafaela Princhack, Simone Tosta, Tia Dnalva, pelo carinho, atenção e motivação constantes;

Aos amigos Ariel Lobos, Hernán Saavedra, Julio Gallardo, Moisés Aquino, Octavio Aranda, Octavio Martínez, Roberto Martinez. À amiga Claudia Risso, pelas valiosas ajudas com suas intuições de falantes nativos do espanhol;

Ao amigo Caio Siqueira, pelas longas, duras, agradáveis, tristes, alegres conversas diárias. Pela companhia nas madrugadas (na verdade, quase todo o tempo e sem hora certa) no *messenger*... por me fazer ver que, nem sempre, as coisas eram como eu pensava ou queria que fossem. Por ter acompanhado toda esta etapa da minha vida.

Aos amigos Igor Catalão, Otávio Rios, Antônio Ferreira, Bruno Rafael e Rodrigo Lemos, pelas longas conversas sobre Mestrado, Doutorado e “pós-doutorado”... planos presentes e futuros... Onde? Como? Quando? Sobre o quê?... Aos três últimos devo grandes e produtivas discussões sobre o (ensino de) espanhol (no Brasil);

Aos professores Dr. Ian Roberts, Dr<sup>a</sup>. Mary Kato e Dr. Jairo Nunes, pelos excelentes cursos de sintaxe que ministraram como professores visitantes no PPGLL, que contribuíram sobremodo com o referencial teórico desta dissertação;

Aos professores Dr. Adrián Fanjul, Dr<sup>a</sup>. Luizete Barros, Dr<sup>a</sup>. Maria Eugênia Olímpio, Dr<sup>a</sup> Talía Bugel e Ms. Valesca Irala, pelas discussões que mantivemos sobre a pesquisa em língua espanhola e pelos preciosos comentários que fizeram aos meus trabalhos;

À professora Dr<sup>a</sup>. Risonete Batista, por todo o apoio na Graduação e na Pós-Graduação, ensinamentos e confiança no meu trabalho. Por ter disponibilizado e entregado sob a minha total responsabilidade a disciplina LET A72 “A formação da língua espanhola” para que eu pudesse realizar o Estágio Docente do Mestrado;

Aos meus amigos do ILUFBA, com quem trilhei parte da Graduação e/ou do Mestrado. Ari Sacramento, Carmem Lúcia, Isabella Fortunato, Itatismara Valverde, Lucinda Hora, Luís Gomes, Natália de Deus, Vanessa Pontes; Vivian Antonino. Desculpem-me por, às vezes, os ter deixado de cabelo em pé. Futuramente, quem sabe, não seremos também colegas de Departamento em alguma Universidade deste nosso país??!;

Ao colega de Mestrado, Adelino Pereira, por ter confiado em mim e me convidar para ministrar cursos de introdução à sintaxe gerativa para duas turmas do curso de graduação em Letras Vernáculas da UNEB – *campus* Itaberaba. Com certeza, foi uma experiência inesquecível e enriquecedora;

Aos amigos gerativistas André Azevedo, Verônica Souza, Rerisson Araújo, Rosemarie Athayde, Paula Franco, Maria Cristina Figueiredo Silva, por “procrastinarmos” todos juntos durante (e depois d) os cursos de sintaxe, pelas discussões imprevistas e sem hora marcada;

Àquelas pessoas que, por alguma razão, entraram na minha vida e me fizeram um pouco mais feliz.

¡Muchísimas gracias a todos!

¡Azúuuuuuuuuuuuuucar!

“El Proyecto mencionado nació en mí con el propósito de que pudiéramos llegar a determinar cuáles son los hechos lingüísticos propios de cada norma geográfica —de cada dialecto culto hispánico— que las caracterizan y, a la par, diferencian a unas de las otras. Esto es: me parecía necesario llegar a saber qué nos separa y qué nos une, desde el punto de vista lingüístico, a los países hispanohablantes.”

(Juan Miguel Lope Blanch, falecido lingüista mexicano, no 2º *Congreso Internacional de la Lengua Española*, Sevilha, 2001)

“El avión voló hacia el sur, caminó casi 8.000 Km, y se seguía hablando español. Después de eso volvimos a caminar no sé cuántos kilómetros, de Santiago a Concepción, 500, 600, 700 Km y se seguía hablando español. Cuando después de esto continuemos hacia el Sur, hasta Punta Arenas, se seguirá hablando español. Se puede caminar 10.000 Km hacia el Sur y hablar el mismo idioma y entendernos, tener la misma sensibilidad, los mismos sentimientos... ¿En qué podemos nosotros distinguir a nuestro pueblo de ustedes? ¿Cómo podemos saber así, qué medio, que cosa hay que nos diga que estamos conversando con un extranjero? ¿Cómo nosotros podemos tener a ustedes por extranjeros?”

(Fidel Castro, Presidente cubano em visita ao Chile, em 1971)



## RESUMO

Os estudos sobre o espanhol têm mostrado que o espanhol europeu apenas apresenta as sentenças *pseudo-clivadas* (1. Quien compró el coche fue Juan; 2. Juan fue quien compró el coche; 3. Fue Juan quien compró el coche) enquanto alguns dialetos do espanhol americano apresentam, além das *pseudo-clivadas*, as verdadeiras *clivadas* (1. Fue Juan que compró el coche; 2. Juan fue que compró el coche). Desta forma, esta Dissertação pretende fazer uma descrição do fenômeno da clivagem em quatro variedades do espanhol atual, a saber, Espanha, México, Cuba e Argentina, a fim de verificar se existem diferenças sintáticas entre essas variedades. No primeiro capítulo, apresenta-se uma reflexão sobre alguns pontos que já foram discutidos sobre a estrutura informacional da sentença, as estratégias de focalização nas línguas humanas (e em especial no espanhol) e as construções de clivagem: definição, características, restrições e tipologia. Também são discutidos aspectos das periferias da sentença e da checagem dos traços de foco. No segundo capítulo, são discutidas questões metodológicas, apresentação dos dados e as duas hipóteses de pesquisa: a) tendo em vista suas características sintáticas atuais, o espanhol cubano apresenta mais tipos de clivagem que as demais variedades estudadas; b) seguindo a proposta de standardização do espanhol americano, espera-se encontrar menos tipos no México, que deve apresentar características semelhantes às da Espanha, um pouco mais de tipos na Argentina e bastante tipos no espanhol de Cuba. Como a clivagem foi uma estratégia pouco produtiva no *corpus* analisado, o estudo foi ampliado para outras estratégias de focalização, tais como a alteração da ordem básica e a acentuação, que aqui está sendo chamada de focalização *in-situ*, a fim de averiguar se a clivagem é uma estratégia preterida. Os dados mostraram que a clivagem não é uma estratégia preterida, porém dentre as estratégias de clivagem, a *pseudo-clivada básica* é a mais produtiva com mais de 50% das ocorrências. No terceiro capítulo, é feita uma análise formal das construções de clivagem e outras construções focalizadoras. As construções *pseudo-clivadas* são derivadas a partir de uma mini-oração em que o sujeito, gerado numa relação de argumento-predicado, é o elemento focalizado e o predicado é uma relativa livre, que contém uma variável que terá seu valor fixado pelo elemento focalizado. Por outro lado, as construções *clivadas* são analisadas como tendo uma estrutura específica, em que a cópula focalizadora seleciona uma oração completa. Também é feita uma nova análise das construções de clivagem e é proposta uma unificação das *clivadas básicas* e *pseudo-clivadas extrapostas*, que variam apenas no traço [ $\pm$ concordância] do núcleo C<sup>o</sup> com o elemento focalizado na posição de SpecCP. Com relação aos dados da alteração da ordem e da acentuação, mostra-se que foco contrastivo pode ser checado nas duas periferias, enquanto o foco informacional é checado preferencialmente na periferia interna. A possibilidade, embora com muito pouca ocorrência, de checagem de foco informacional de elementos preposicionados e adverbiais, mas nunca o sujeito, na periferia esquerda, pode ser uma evidência do início de um processo de mudança lingüística no espanhol e de que as regras fonológicas para reconhecimento do acento neutro estejam se enfraquecendo nesta língua. Por fim são discutidas algumas propriedades formais das línguas humanas que podem estar causando a variação das construções de clivagem no espanhol.

**Palavras-chave:** Língua Espanhola; Sintaxe Gerativa; Focalização; Clivagem.

## RESUMEN

Los estudios sobre el español vienen mostrando que el español ibérico sólo presenta las construcciones *seudohedidas* (1. Quien compró el coche fue Juan; 2. Juan fue quien compró el coche; 3. Fue Juan quien compró el coche) mientras que algunos dialectos del español americano también presentan las verdaderas construcciones *hendidadas* (1. Fue Juan que compró el coche; 2. Juan fue que compró el coche). De esta manera, esta Disertación pretende describir el fenómeno de la escisión en cuatro variedades del español actual, a saber España, México, Cuba y Argentina, con la finalidad de verificar si hay diferencias sintácticas entre esas cuatro variedades. En el primer capítulo, se presenta una reflexión sobre algunos puntos que ya se discutieron sobre la estructura informativa de la sentencia, las estrategias de focalización en las lenguas humanas (y especialmente en el español) y el fenómeno de la escisión: definición, características, restricciones y tipología. También se discuten aspectos de las periferias de la sentencia y la verificación (*checking*) de los rasgos de foco. En el segundo capítulo, se discuten cuestiones metodológicas, presentación de los datos y las hipótesis de investigación: a) teniendo en cuenta sus características sintácticas actuales, el español cubano presenta más construcciones hendidas que las demás variedades estudiadas; b) siguiendo la propuesta de estandarización del español americano, se espera encontrar menos tipos de construcciones hendidas en el español de México, que debe presentar construcciones hendidas con características semejantes a las del español de España, un poco más de tipos en el español de la Argentina y más tipos en el español de Cuba. Como la escisión fue una estrategia poco productiva en el *corpus* analizado, se amplió el estudio para otras estrategias de focalización, como la alteración del orden básico y la acentuación, que se está llamando aquí de focalización *in-situ*, con la finalidad de averiguar si la escisión es una estrategia preterida. Los datos mostraron que la escisión no es una estrategia preterida, pero entre las demás estrategias de escisión, la *seudohendida básica* es la más productiva con un promedio de un 50% de las ocurrencias. En el tercer capítulo, se hace un análisis formal de las construcciones hendidas y otras construcciones focalizadoras. Se derivan las construcciones *seudohendidadas* a partir de una oración pequeña (*small clause*) en que el sujeto, generado en una relación de argumento-predicado, es el elemento focalizado y el predicado es una relativa libre, que contiene una variable que tendrá su valor fijado por el elemento focalizado. Por otro lado, las construcciones *hendidadas* se analizan con una estructura específica, en la que la cópula focalizadora selecciona una oración completa. También se hace un nuevo análisis de la escisión y se propone un análisis único para las *hendidadas básicas* y las *seudohendidadas extrapuestas*, que varían sólo en el rasgo [ $\pm$ concordancia] del núcleo C<sup>o</sup> con el elemento focalizado en la posición SpecCP. Con respecto a los datos de la alteración del orden y de la acentuación, se muestra que se puede verificar el foco contrastivo en las dos periferias, mientras que el foco informativo se verifica preferentemente en la periferia interna. La posibilidad, aunque con muy poca ocurrencia, de verificación de foco informativo de elementos preposicionados y adverbiales, pero nunca el sujeto, en la periferia izquierda, puede ser una evidencia del inicio de un proceso de evolución lingüística en el español y de que las reglas fonológicas de reconocimiento del acento neutro se estén debilitando en esta lengua. Por fin, se discuten algunas propiedades formales de las lenguas humanas que pueden ser las responsables de la variación de las construcciones escindidas en el español.

**Palabras-clave:** Lengua Española; Sintaxis Generativa; Focalización; Escisión.

## ABSTRACT

Studies about Spanish have been showing that European Spanish presents only *pseudoclefts* (wh-clefts) sentences (1. Quien compró el coche fue Juan; 2. Juan fue quien compró el coche; 3. Fue Juan quien compró el coche) while some varieties of Latin American Spanish also present the *true clefts* (it-clefts) ones (1. Fue Juan que compró el coche; 2. Juan fue que compró el coche). In this way, this work intends to make a description of cleft phenomenon in four varieties of current Spanish, which are found in Spain, Mexico, Cuba and Argentina, in order to verify if there are syntactic differences among these varieties. On the first chapter, it will be presented a reflection about some aspects that already have been discussed before concerning the informational structure of the sentence, the strategies of focalization in human languages (specially Spanish) and the cleft constructions: definition, characteristics, restriction and typology. The aspects of sentence peripheries (left and internal) and the checking on focus features will also be discussed. On the second chapter, it is discussed methodological questions, data presentation and the research hypothesis: a) Considering its current syntactic characteristics, the Caribbean Spanish shows more cleft strategies than the other studied varieties; b) Following the proposal of Latin American Spanish standardization, it is expected to find less types of constructions in Mexican Spanish, which is likely to show cleft structures with similar characteristics of European Spanish, a little more types in Argentinean Spanish and even more in Cuban Spanish. As the cleft sentences was a less productive strategy in the analyzed corpus, the study was enlarged to other strategies of focalization, such as the alteration of the basic order, and accentuation, called here focalization *in-situ*, in order to find out if cleft constructions are a second-handed strategy. The data showed that cleft is not a second-handed strategy, although among clefts strategies, the *basic pseudocleft* is the most productive one with more than 50% of occurrences. On the third chapter, it is performed a formal analysis of cleft constructions, as well as other focalization constructions. *Pseudocleft* constructions are derived from a small clause, in which the subject, emerging from a predicate-argument relationship, is the focused element and the predicate is a free relative, which has a variable whose value is fixed by the focused element. Moreover, *cleft* constructions are analyzed as having a specific structure, in which the focusing copula selects a complete sentence. In addition, a new analysis of cleft constructions is performed, and it is proposed a unified analysis for *basic cleft* and *extraposed pseudocleft*, which vary only in the [ $\pm$ agreement] feature of head  $C^{\circ}$  with the element focused at the SpecCP position. As for the alteration of the basic order and accentuation data, contrastive focus can be verified on both peripheries, whereas informational focus appears preferably on the internal periphery. Although remote, the position towards left periphery of the informational focus related to elements headed by prepositions and adverbs —but never the subject— might evidence the beginning of a process of linguistic change in Spanish, and that the Phonologic rules related to the recognition of nuclear stress are weakening in this language. Finally, it is discussed some formal proprieties of human languages which can originate the cleft constructions variation in Spanish.

**Key-words:** Spanish Language; Generative Syntax; Focalization; Cleft-sentences

**Lista de tabelas**

<b>Tabela 1:</b> quantidade das estratégias de focalização	104
<b>Tabela 2:</b> porcentagem das estratégias de focalização	104
<b>Tabela 3:</b> ocorrência das construções de clivagem	105
<b>Tabela 4:</b> porcentagem da ocorrência das construções de clivagem	105
<b>Tabela 5:</b> porcentagem da ocorrência das construções de clivagem	172

### Lista de símbolos e abreviaturas

*	*XP – agramatical / XP* - elemento recursivo
?	Gramaticalidade duvidosa
$\phi$	Traços phi – número, gênero e pessoa
$\theta$	Papel temático
$\emptyset$	Elemento nulo
( )	Elemento opcional
Agr	Agreement = Concordância
AgrP	Agreement Phrase = Sintagma da Concordância
Adv	Advérbio
AdvP	Adverb Phrase = Sintagma Adverbial
C, C°	Complementizador
CI	Clivada Invertida
CL	Clivada Básica
CSC	Clivada-sem-cópula
CP	Complementizador Phrase = Sintagma complementizador
DP	Determiner Phrase = Sintagma Determinante
DS	Deep Structure = Estrutura Profunda
ECP	Empty Category Principle = Princípio da Categoria Vazia
EPP	Extended Projection Principle = Princípio da Projeção Estendido
expl	Expletivo
F, Foc	Focus = Foco
FP, FocP	Focus Phrase = Sintagma de Foco
I, I°	Inflection = Flexão
IP	Inflectional Phrase = Sintagma Flexional
LF	Logical Form = Forma Lógica
P	Preposição
PB	Português Brasileiro
PC	Pseudo-clivada Básica
PCE	Pseudo-clivada Extraposta

PCI	Pseudo-clivada Invertida
PCR	Pseudo-clivada Reduzida
PCT	Pseudo-clivada Truncada
PE	Português Europeu
PF	Phonetic Form = Forma Fonética
PP	Prepositional Phrase = Sintagma Preposicionado
RM	Relativized Minimalit = Minimalidade Relativizada
SC	Small Clause = Mini-orção
Spec	Specifier = Especificador
SS	Surface Structure = Estrutura Superficial
T, T°	Tense = Tempo
TP	Tense Phrase = Sintagma de Tempo
TopP	Topic Phrase = Sintagma de Tópico
UG	Universal Grammar = Gramática Universal
V, V°	Núcleo do Verbo
VP	Verbal Phrase = Sintagma Verbal
WH	Partículas interrogativas, elementos QU

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	1
<b><u>CAPÍTULO 01</u></b>	
<b><u>REVISÃO TEÓRICA: AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM COMO RECURSO DE FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS</u></b>	
<b>1.1. A FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS</b>	7
<b>1.1.1. A estrutura informacional da sentença</b>	7
<b>1.1.2. Sobre a ordem de palavras e a focalização nas línguas humanas e no espanhol</b>	10
<b>1.1.3. Acentuação</b>	12
<b>1.1.4. Alteração da ordem básica</b>	14
<b>1.1.5. A clivagem</b>	16
<b>1.2. REVISANDO O FENÔMENO DA CLIVAGEM</b>	18
<b>1.2.1. A definição de clivagem</b>	18
<b>1.2.2. A tipologia da clivagem</b>	22
<b>1.2.3. Algumas restrições sobre a clivagem</b>	24
<b>1.3. REVISANDO ALGUMAS ANÁLISES</b>	28
<b>1.3.1. Di Tullio (1999)</b>	28
<b>1.3.2. Modesto (2001)</b>	33
<b>1.3.3. Toribio (2002)</b>	39
<b>1.3.4. Brito e Duarte (2003)</b>	45
<b>1.3.5. Kato e Ribeiro (2005; 2006)</b>	50
<b>1.4. AS PERIFERIAS DA SENTENÇA E A CHECAGEM DE TRAÇOS DE FOCO</b>	57
<b>1.4.1. <i>The fine structure of the left periphery</i>: A periferia esquerda</b>	57
<b>1.4.2. <i>The low IP área</i>: A periferia interna</b>	61
<b>1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PRIMEIRO CAPÍTULO</b>	65

**CAPÍTULO 02****APRESENTAÇÃO DOS DADOS: AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM E OUTRAS CONSTRUÇÕES FOCALIZADORAS NO ESPANHOL ATUAL**

<b>2.1. OS OBJETIVOS DO CAPÍTULO</b>	68
<b>2.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DO ESPANHOL</b>	69
<b>2.2.1. Algumas considerações sobre o espanhol americano</b>	71
<b>2.3. HIPÓTESES</b>	76
<b>2.4. MÉTODOS E TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO</b>	77
<b>2.5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS</b>	78
<b>2.5.1. As Construções de clivagem</b>	79
2.5.1.1. Pseudo-clivadas	80
2.5.1.2. Clivadas	88
2.5.1.3. Construções aparentadas	90
<b>2.5.2. A alteração da ordem básica</b>	91
<b>2.5.3. A focalização <i>in-situ</i></b>	97
<b>2.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SEGUNDO CAPÍTULO</b>	103

**CAPÍTULO 03****UMA ANÁLISE FORMAL DOS DADOS E DISCUSSÃO DE PROBLEMAS TEÓRICOS**

<b>3.1. INTRODUÇÃO</b>	108
<b>3.2. A ESTRUTURA DA SENTENÇA</b>	108
<b>3.3. AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM</b>	111
<b>3.3.1. A estrutura das mini-orações</b>	112
<b>3.3.2. Pseudo-clivadas</b>	114
<b>3.3.3. Clivadas</b>	124
3.3.3.1. Revendo alguns estudos	126
3.3.3.2. O Critério-WH e a Concordância dinâmica	130
3.3.3.3. Uma proposta unificada	133
<b>3.4. CONSTRUÇÕES APARENTADAS</b>	141
<b>3.4.1. Relativas focalizadoras</b>	141
<b>3.4.2. Clivada-sem-cópula</b>	143



<b>3.4.3. Deslocadas à direita</b>	145
<b>3.5. SOBRE A ALTERAÇÃO DA ORDEM E A FOCALIZAÇÃO <i>IN-SITU</i></b>	146
<b>3.5.1. Sobre o foco informacional – A inversão VS</b>	147
<b>3.5.2. Outros dados sobre a alteração da ordem básica e acentuação</b>	155
<b>3.5.3. Sobre o foco contrastivo</b>	157
<b>3.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO PARAMÉTRICA</b>	164
<b>3.6.1. A variação sintática entre as línguas humanas no Programa Minimalista</b>	164
<b>3.6.2. O espanhol e a variação intralingüística</b>	167
<b>3.6.3. Aspectos formais da variação das construções de clivagem</b>	172
<b>3.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O TERCEIRO CAPÍTULO</b>	174
<b><u>CONCLUSÃO</u></b>	176
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	181

# **INTRODUÇÃO**

Muitos são os estudos que têm se interessado em analisar as construções de clivagem, seja em seus aspectos sintáticos, semânticos ou pragmático-discursivos, em várias línguas.

No que se refere às questões sintáticas, as construções de clivagem têm chamado a atenção por sua formação, ordem de constituintes, o tipo de constituinte que pode ser clivado etc. Por exemplo, algumas línguas V2 não apresentam as construções de clivagem em que a cópula aparece em posição inicial, a não ser em sentenças subordinadas, já que nas subordinadas a ordenação V2, nessas línguas, não é obrigatória.

Com relação às questões semânticas, chamam a atenção por conterem o mesmo valor de verdade que uma sentença simples. Assim, uma sentença como “o que João comeu foi o bolo” tem o mesmo valor de verdade que a sentença “João comeu o bolo”.

No que se refere às questões pragmático-discursivas, as construções de clivagem, mesmo sendo construções focalizadoras, são bem-sucedidas apenas em contextos específicos; ou seja, só é possível clivar constituintes nos contextos em que há um par focopressuposição. Por exemplo, uma pessoa que encontra um transeunte na rua e necessita saber as horas não poderá dizer “Bom dia! O que eu gostaria de saber são as horas” porque o seu interlocutor não tem como pressuposto que ele necessita ou quer saber alguma coisa. Neste caso, seria mais bem-sucedida uma abordagem com uma oração simples como “Bom dia! Eu gostaria de saber as horas”. Além disso, as construções de clivagem podem especializar-se em funções discursivas diferentes: um tipo de construção pode se especializar em foco informativo enquanto outro tipo pode se especializar em foco contrastivo, apresentando variação interlingüística, já que uma língua pode utilizar um tipo de construção para representar um foco informativo, enquanto outra língua pode utilizar o mesmo tipo de construção para representar um foco contrastivo.

A contribuição concreta que este trabalho pode oferecer nesse panorama é averiguar em que sentido as construções de clivagem apresentam variação dialetal no espanhol tendo em vista os trabalhos de Moreno Cabrera (1999) e Di Tullio (2005) entre outros, que mostram que a clivagem não se apresenta uniformemente em todo o território hispânico. O problema central deste trabalho gira em torno da tipologia da clivagem nas diversas zonas do espanhol atual estudadas e no tipo de constituinte que pode ser focalizado por cada tipo de estratégia.

Em primeiro lugar, cabe uma distinção entre sentenças *clivadas* e *pseudo-clivadas*. Observem-se os exemplos abaixo:

- (1) a. Foi O BOLO que eu comi.  
 b. O BOLO foi que eu comi.  
 c. Foi VOCÊ que chegou.  
 d. VOCÊ foi que chegou.
- (2) a. Foi O BOLO o que eu comi.  
 b. O BOLO foi o que eu comi.  
 c. O que eu comi foi O BOLO.  
 d. Foi VOCÊ quem chegou.  
 e. VOCÊ foi quem chegou.  
 f. Quem chegou foi VOCÊ.

Os exemplos em (1) ilustram casos de sentenças *clivadas* e os exemplos em (2) ilustram casos de sentenças *pseudo-clivadas*. Inicialmente, a diferença empírica que pode ser feita entre os dois tipos de construção está no fato de que as sentenças *clivadas* apresentam sempre um elemento “que” invariável, independente da função sintática do elemento focalizado. Por outro lado, as sentenças *pseudo-clivadas*, como ilustrado em (2), apresentam um elemento variável que dependerá da função sintática/estatuto do constituinte focalizado; por exemplo, a construção apresentará o elemento “quem” no caso de o foco ser o sujeito/elemento humano ou apresentará o elemento “o que” no caso de o foco ser o objeto/elemento não-humano. No caso de ser um elemento temporal, por exemplo, nas sentenças *clivadas* se realizará a forma “que” invariável e nas sentenças *pseudo-clivadas*, se realizará um elemento variável como “quando”.

Assim, os problemas principais que se levantam neste trabalho são: a) como é, efetivamente, a distribuição das construções de clivagem nas regiões estudadas; b) por que umas regiões apresentam mais tipos de construções de clivagem que outras. Respondo satisfatoriamente à primeira questão. Com relação à segunda, aponto o problema para outros estudos sobre a sintaxe do espanhol e acredito que só uma maior compreensão da

história sintática das diferentes regiões poderá responder satisfatoriamente à pergunta estabelecida.

Como a clivagem apresentou baixa ocorrência no *corpus* analisado, a pesquisa foi ampliada para outras estratégias de focalização, como a alteração da ordem básica e a focalização *in-situ*, a fim de averiguar se a clivagem é uma estratégia preterida no espanhol, o que poderia ser a causa da inexistência de certos tipos de construções em algumas zonas. Os resultados mostraram que a clivagem não é preterida, tendo em vista um equilíbrio entre as três estratégias estudadas; mas, dentre as estratégias de clivagem, a *pseudo-clivada básica* é a estratégia preferida, apresentando mais de 50% das ocorrências de clivagem.

As hipóteses principais da pesquisa estão baseadas em critérios sociohistóricos do espanhol, de acordo com a proposta de *koineização* e *standardização* do espanhol americano de Fontanella de Weinberg (1993). Assim, a hipótese (a) é a de que se encontrarão mais tipos de construções de clivagem no espanhol cubano devido às suas características sintáticas na atualidade e a hipótese (b) é a de que se encontrará um *continuum* entre as quatro regiões estudadas: [-tipos de clivagem] Espanha > México > Argentina > Cuba [+tipos de clivagem].

Em decorrência da ampliação do estudo para as outras estratégias de focalização, uma nova hipótese foi levantada: a hipótese de que o espanhol pode estar passando por um processo de mudança lingüística com relação às regras fonológicas de reconhecimento do acento neutro tendo em vista que são registrados casos de foco informativo em outra posição diferente da posição mais baixa na estrutura, conforme é proposto por Zubizarreta (1998).

Finalmente, como conseqüência deste trabalho, ficam abertas as seguintes questões: (a) a história das construções de clivagem nas diversas zonas do espanhol atual; (b) a relação da clivagem com outros fenômenos da sintaxe da língua. Em outras palavras: um estudo diacrônico dessas construções, no espanhol caribenho principalmente, poderá elucidar se, de fato, a clivagem está relacionada com as interrogativas e se é essa relação o que está licenciando mais tipos de construções de clivagem no espanhol do Caribe que nas demais regiões do espanhol.

A Dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, faço uma revisão teórica do fenômeno da clivagem como estratégia de focalização nas línguas

humanas, apresentando alguns conceitos sobre a estrutura informacional da sentença e as principais estratégias de focalização nas línguas humanas. Em seguida, apresento alguns conceitos sobre a alteração da ordem e acentuação no espanhol atual. O capítulo se centra na clivagem, sobre a qual discuto a definição que norteará esta Dissertação, algumas propriedades e algumas análises das construções de clivagem que já foram realizadas. Por fim, comento os principais pontos dos estudos sobre as periferias (esquerda e interna) da sentença.

No segundo capítulo, faço uma apresentação dos dados do *corpus* utilizado. Em primeiro lugar, comento algumas características da diversidade lingüística do espanhol atual e alguns pontos da sócio-história do espanhol americano que justificaram a escolha do *corpus*; apresento as duas hipóteses levantadas para a análise formal e os métodos e técnicas de observação. Por fim, apresento os dados, organizados por estratégias: clivagem, alteração da ordem básica e focalização *in-situ*, fazendo algumas considerações sobre os dados no final do capítulo.

No terceiro capítulo, proponho uma análise formal para os dados. O capítulo tem o objetivo de discutir algumas análises já feitas e solucionar alguns problemas teóricos. Primeiramente, apresento a estrutura da sentença na qual acomodo a análise e discuto a estrutura das mini-orações. Em seguida, discuto as construções *pseudo-clivadas*, as construções *clivadas* e algumas construções aparentadas. Logo, discuto os dados da alteração da ordem básica e da acentuação. Por fim, discuto alguns pontos da variação sintática entre as línguas humanas seguindo a noção de parâmetros do Programa Minimalista, com a qual pretendo explicar, embora preliminarmente, a variação das construções de clivagem nas quatro variedades do espanhol analisadas na Dissertação.

# **CAPÍTULO 01**

## **REVISÃO TEÓRICA:**

### **AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM COMO RECURSO DE FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS**

## **1.1. A FOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS**

Este capítulo tem a finalidade de fazer uma revisão teórica da clivagem como recurso de focalização. Para isso, discuto alguns pontos relevantes da estrutura informacional da sentença com base nos estudos funcionalistas, que posteriormente se tornaram muito úteis para os estudos em sintaxe formal<sup>1</sup>; em seguida, discuto o que é a focalização e os possíveis recursos para se focalizar elementos nas línguas humanas. Na segunda parte do capítulo, discuto a definição de clivagem, os tipos de construções de clivagem encontrados em diferentes línguas e algumas restrições de clivagem com base nos estudos sobre o espanhol. Também discuto algumas análises já apresentadas para o fenômeno, as quais são apresentadas em ordem cronológica. Por último, discuto as periferias da sentença e a checagem de foco. Como se trata de um capítulo de revisão teórica, apresento uma reflexão do que já foi dito, levantando possíveis problemas que deverão ser resolvidos no capítulo de análise formal.

### **1.1.1. A estrutura informacional da sentença**

Lyons (1982), ao fazer uma revisão de algumas escolas e movimentos modernos em lingüística, comenta que um dos principais interesses da Escola de Praga foi a perspectiva funcional da sentença. Dentro dessa visão, duas sentenças como as ilustradas em (1a) e (1b) abaixo podem ser consideradas versões da mesma sentença.

- (1) a. Hoje de manhã ele levantou tarde.
- b. Ele levantou tarde hoje de manhã. (LYONS, 1982, p. 168)

A diferença entre (1a) e (1b) se refere ao que o falante assume que é informação nova e informação conhecida no discurso. Gutiérrez Ordóñez (2000) comenta que a tendência nas línguas é que a informação conhecida preceda a informação nova. Então, em (1a) “hoje pela manhã” poderia ser considerada a informação conhecida e “ele levantou tarde” a informação nova. O contrário acontece em (1b).

---

<sup>1</sup> Ver Kato (1998) para uma visão de que o funcionalismo e formalismo não são excludentes, mas complementares. Para um exemplo concreto de análise lingüística, dentro desta visão, Correa (2006a).



Hernanz e Brucart (1987) e Zubizarreta (1999), ao estudarem a ordem das palavras e os efeitos discursivos que determinada ordem pode causar, dizem que as línguas dispõem de uma ordem básica, que é estabelecida independentemente de tais efeitos discursivos e uma ordem marcada, que refletirá os efeitos discursivos. Zubizarreta (1999) diz que o espanhol padrão (*estándar*, em suas palavras) requer posposição verbal do sujeito nas sentenças interrogativas parciais (interrogativas-wh)<sup>2</sup>:

(2) a. ¿Qué compró Juan?

b. \*¿Qué Juan compró? (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4217)

Assim, a ordem WhVS da interrogativa em (2a) é intrínseca à gramatical do espanhol não tendo qualquer relação com a estrutura informacional da sentença, dada a agramaticalidade da sentença em (2b).

Gutiérrez Ordóñez (2000) diferencia as funções representativas das funções informativas. As funções representativas são funções objetivas e podem ser comparadas com cenários de uma dramatização, que contêm pessoas que desempenham um papel na cena. Por exemplo, o verbo “comer” exige uma cena em que haja um ser que tenha capacidade de comer e outro ser que tenha a propriedade de ser comido. Já as funções informativas são funções subjetivas e dependem daquilo que o falante assume como conhecido ou novo para o seu interlocutor. Desta forma, uma sentença deve conter três níveis funcionais diferentes: o sintático, o semântico e o informacional.

Por outro lado, Hernanz e Brucart (1987) dizem que, às vezes, se produz um desajuste entre a estrutura sintática, formada por um *sujeito* e um *predicado*, e a estrutura funcional, organizada em torno de um *tema* e de um *rema*. O *tema* é sobre o que trata a oração e o *rema* é o que se enuncia acerca desse tema. Observem-se os exemplos em (3) e (4) extraídos de Hernanz e Brucart (1987, p. 79-80):

(3) a. Dalila traicionó a Sansón.

b. A Sansón lo traicionó Dalila. (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 79)

---

<sup>2</sup> Como comentado por Zubizarreta (1999), o espanhol do Caribe não requer a posposição do sujeito em interrogativas parciais. Vejam-se, por exemplo, López Morales (1992a) e Toribio (2000).

(4) a. DALILA traicionó a Sansón.

b. A SANSÓN traicionó Dalila. (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 80)

Nas duas orações em (3) e (4), os níveis sintático e semântico, como funções objetivas, são as mesmas: *Dalila* – sujeito agente; *a Sansón* – objeto paciente. O que vem a ser alterado é a estrutura funcional (nível informacional): em (3a) o tema é “Dalila” e o rema, “traicionó a Sansón”; já em (3b), o tema é “A Sansón” e o rema, “lo traicionó Dalila”. Em (4a), o rema é “Dalila” e o tema é “traicionó a Sansón”; já em (4b), o rema é “A Sansón” e o tema é “tracionó Dalila”<sup>3</sup>.

Sendo assim, todas as línguas oferecem, aos seus falantes, estratégias sintático-discursivas que lhes permitem enfatizar elementos de seu interesse no discurso. As línguas dispõem de dois tipos de estratégias de ênfase bastante recorrentes: a *topicalização*, que põe em evidência elementos já conhecidos pelos falantes (as chamadas informações dadas, ou seja, o tema ou tópico) bem como define o assunto da conversa, como em (3), e a *focalização*, que põe em destaque os elementos que expressam informação nova (o foco) como ilustrado em (4).

Os exemplos (3b) e (4b) ainda mostram que a estrutura sintática nem sempre coincide na topicalização e na focalização, haja vista que o tema pode ser redobrado por um clítico na sentença, como em (3b), ao contrário do rema que não é redobrado por um clítico como ilustrado em (4b)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Zubizarreta (1999) faz uma diferença entre tema discursivo e tema oracional. Observem-se exemplos como (i) e (ii) a seguir de Zubizarretam (1999, p. 4218):

- (i) El Sr. González es un científico muy erudito, pero su originalidad deja mucho que desear.
- (ii) a. El Sr. González.  
b. La habilidad científica del Sr. González.

Uma sentença como (i) pode ter como tema discursivo os exemplos (iia) e (iib). Porém, só o exemplo em (iia) pode ser considerado um tema oracional. O tema discursivo pode funcionar como temas de unidades mais amplas que a oração e pode ser abstrato; por outro lado, o tema oracional deve ser uma expressão contida na oração.

<sup>4</sup> Sobre a duplicação de DP por um clítico no espanhol, ver Correa (2006a), para uma análise discursiva, e Correa (2006b), para uma análise formal. Ver também a nota 26 a seguir.

### 1.1.2. Sobre a ordem de palavras e a focalização nas línguas humanas e no espanhol

Desde muito tempo, os estudos já vinham sinalizando que as línguas apresentavam diferenças em relação à ordenação das palavras e que existe um numeroso grupo de línguas que parece não impor restrições com relação à ordem de palavras. Considerando apenas constituintes como sujeito (S), verbo (V) e objeto (O), podem-se estabelecer seis tipos de línguas: SVO, SOV, VSO, VOS, OVS, OSV. Dentro dessas possibilidades, existem línguas que são mais flexíveis e línguas que são menos flexíveis<sup>5</sup>. No entanto, não existe língua que seja tão rígida que não permita a menor variação na ordem e nem existe língua que seja tão flexível que não tenha uma ordem básica. Assim, em uma língua SVO fixo, como é o caso do inglês, não estará totalmente vetada uma construção OSV, que terá algum valor pragmático discursivo diferenciado da construção SVO (cf. HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 73-74).

Considerando a modalidade declarativa, a ordem básica pode ser definida pela maneira como os falantes respondem a uma pergunta como “O que aconteceu?”, já que a resposta não estará dividida num par “tema-rema”, sendo a resposta considerada toda como o rema (cf GUTIÉRREZ ORDÓNEZ, 2000, p. 23-27). Se o falante responde a essa pergunta com uma sentença como “O Pedro comeu o bolo”, a ordem básica pode ser considerada SVO; se o falante responde com uma sentença como “Comeu o Pedro o bolo”, essa língua pode ser considerada como uma língua VSO, e assim por diante.

Considerando as sentenças marcadas, divididas em um tema e um rema, como comentado na seção anterior, Lambrecht (2001) destaca as seguintes estratégias como recursos de focalização em diferentes línguas:

---

<sup>5</sup> Observar que existem línguas com ordem livre de palavras e línguas com ordem livre de constituintes. Hernanz e Brucart (1987, p. 103) ilustram essa diferença com exemplos de Lope de Vega (séc. XVII) e Gustavo Adolfo Bécquer (séc. XIX), como em (i) e (ii) respectivamente abaixo:

- (i) “En una de fregar cayó caldera”
- (ii) “Del salón en el ángulo oscuro,  
de su dueño tal vez olvidada,  
silenciosa y cubierta de polvo,  
veíase el arpa”

o exemplo em (i) representa uma ordem livre de palavras e, por outro lado, o exemplo em (ii) representa uma ordem livre de constituintes.

No caso de que X<sup>o</sup> e XP sejam coincidentes não se pode determinar se é ordem livre de palavras ou de constituintes.

- (5) Contexto: Seu joelho está doendo?
- a. inglês SV / it-cleft  
 No, my foot hurts. / No, it's my foot that hurts.  
 (Não, meu pé dói / Não, expl é meu pé que dói)
- b. alemão SV  
 Nein, mein Fuss tut weh.  
 (Não, meu pé dói)
- c. italiano VS / it-cleft  
 No, mi fa male il PIEDE. / No, è il PIEDE che mi fa male  
 (Não, me dói o pé / Não, é o pé que me dói)
- d. francês it-cleft  
 Non, c'est mon PIED qui me fait mal. (LAMBRECHT, 2001, p.486)  
 (Não, expl é meu pé que me dói)
- (6) Contexto: Por que você está andando tão devagar?
- a. inglês SV  
 My foot hurts.  
 (Meu pé dói)
- b. alemão SV / OVS  
 Mein Fuss tut weh. / Mir tut ein Fuss weh.  
 (Meu pé dói / A mim, doi um pé)
- c. italiano VS / have-cleft  
 Mi fa male un piede. / Ho un piede che mi fa male.  
 (Me dói um pé / Tenho um pé que me dói)
- d. francês have-cleft  
 J'ai mon PIED qui me fait mal. (LAMBRECHT, 2001, p. 487)  
 (Eu tenho meu pé que me dói)

Nos exemplos em (5), onde o contexto é de foco contrastivo, têm-se algumas possibilidades sintáticas; por exemplo: a) SV e clivagem para o inglês; b) SV para o alemão; c) VS e clivagem para o italiano; d) clivagem para o francês. Por outro lado, nos exemplos em (6), que representam um contexto de foco informativo, existem outras possibilidades sintáticas; por exemplo: a) SV para o inglês; b) SV e OVS para o alemão; c) VS e clivagem para o italiano; d) clivagem para o francês. As possibilidades de focalização variam a depender do contexto, se o foco é informativo ou contrastivo; assim, o francês utilizará uma *it-cleft* para foco contrastivo, como ilustrado em (5d), e uma *have-cleft* para ilustrar um foco informativo, como ilustrado em (6d).

Nas subseções seguintes, comento resumidamente como a acentuação e a inversão da ordem funcionam no espanhol com base nos estudos de Hernanz e Brucart (1987) e Zubizarreta (1998; 1999). Na seção 1.2, discuto o fenômeno da clivagem em geral.

### 1.1.3. Acentuação

Zubizarreta (1999) diz que, em muitas línguas (assim como no espanhol), a proeminência prosódica desempenha um papel fundamental na identificação do foco. Sobre proeminência prosódica, a autora diz que:

... todo enunciado va acompañado de una melodía o entonación la cual se puede describir a un nivel más abstracto como una secuencia de acentos tonales. La melodía puede estar constituida por uno o más grupos melódicos (o constituyentes prosódicos). En ciertos casos, la pausa indica una frontera entre dos constituyentes prosódicos. En otros casos, la frontera no coincide con pausa alguna, y se manifiesta mediante propiedades de la curva melódica. Por ejemplo, en una oración declarativa, puede indicarse mediante el descenso completo de la curva melódica, seguida inmediatamente de un ascenso. (Así en el caso de la dislocación a la izquierda *A María, Pedro la ama*, la frontera entonativa entre el constituyente dislocado y el sujeto puede o no coincidir con una pausa.) El constituyente prosódico está constituido por una o más palabras prosódicas, y cada palabra está prosódica está asociada a un acento tonal. Dicho de modo más preciso, el acento tonal se asocia a la sílaba de mayor prominencia dentro de la palabra (por ejemplo, se asocia a la primera sílaba de la palabra *mesa* y a la segunda sílaba de la palabra *sillón*). Los acentos tonales pueden ser altos, bajos, ascendentes o descendentes. Dentro del constituyente prosódico (o grupo melódico), una de las palabras se destaca como más prominente. Llamaremos ‘acento nuclear’ al acento tonal asociado a la palabra de mayor prominencia perceptiva dentro del grupo melódico.. (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4228)

Desta forma, o acento tonal se associa à sílaba de maior proeminência dentro da palavra. E, dentro do grupo melódico, a palavra de maior proeminência receberá o acento nuclear. Zubizarreta (1998; 1999) distingue dois tipos de acentos nucleares: o acento neutro e o acento enfático ou contrastivo; e diz que, em espanhol, o acento nuclear neutro é colocado na palavra ou constituinte mais encaixado do grupo melódico<sup>6</sup>:

(7) El gato se comió un ratón.<sup>7</sup> (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4229)

<sup>6</sup> Conforme discutido detalhadamente em Zubizarreta (1998), essa propriedade não é universal. Para uma resenha de Zubizarreta (1998), ver Kato (2000a).

<sup>7</sup> O sublinhado indica o acento neutro.

Essa regra é formalmente definida por Zubizarreta (1998, p. 19, 124) e chamada de C-NSR, que copio a seguir em (8):

- (8) C-NSR: Given to sister categories  $C_i$  and  $C_j$ , the one lower in the asymmetric c-command ordering is more prominent.<sup>8</sup>

No entanto, se o acento é colocado em outra posição, que não a última palavra ou constituinte do grupo melódico, ter-se-á uma leitura enfática ou contrastiva:

- (9) EL GATO comió un ratón.<sup>9</sup> (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4229)

A sentença em (9) é impossível como resposta para a pergunta em (10), no caso do espanhol, tendo em vista que o foco nuclear (informativo) só pode ser identificado por um acento nuclear como definido em (8).

- (10) ¿Quién comió un ratón? (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4229)

No entanto, como o acento contrastivo ou enfático pode ser colocado em qualquer posição, o exemplo (9) é possível apenas como um foco contrastivo, como se pode ver pelo contraste entre os exemplos em (11).

- (11) ¿Quién va a ir al cine? ¿Pepe o Juanito?  
 a. JUANITO va a ir al cine.  
 b. JUANITO va a ir al cine, y *no Pepe*.

Assim, como o espanhol requer que o acento nuclear, que identifica o foco informativo, seja colocado na posição mais encaixada na sentença, conforme as regras prosódicas desenvolvidas em Zubizarreta (1998), a prosódia implicará alterações sintáticas

---

<sup>8</sup> “C-NSR: dadas duas categorias irmãs  $C_i$  e  $C_j$ , aquela mais baixa na ordenação de c-comando assimétrico é mais proeminente”. Tradução minha.

<sup>9</sup> O destaque em caixa alta indica que os constituintes receberam o acento enfático.

a fim de satisfazer o requerimento fonológico quando se queira responder a uma pergunta como “¿Quién comió el pastel?”, conforme se verá na próxima seção.

#### 1.1.4. Alteração da ordem básica

Hernanz e Brucart (1987, p. 94-99) e Zubizarreta (1999, p. 4232-4241) analisam as variações na ordem dos constituintes como recurso de focalização. Conforme proposto por Zubizarreta (1998), a inversão da ordem tem a finalidade de satisfazer requerimentos fonológicos de situar o elemento na posição mais encaixada da sentença, como é o caso da focalização do sujeito. Contudo, quando o foco é contrastivo, tal requerimento fonológico não necessita ser satisfeito. Admitindo que a ordem básica do espanhol é SVO<sup>10</sup>, vejamos alguns exemplos de ordenação possível na focalização.

- |   |                                |
|---|--------------------------------|
| (12) a. Se comió un ratón <u>el gato</u> .                                | VOS – S é o foco               |
| b. Ayer discutieron sobre el problema <u>los congresistas</u> .           | VPS – S é o foco <sup>11</sup> |
| c. El gato con botas escondió el queso <u>debajo de la cama</u> .         | SVOP – P é o foco              |
| d. Los alumnos se enfrentaron <u>con la policía</u> .                     | SVP – P é o foco               |
| e. Los alumnos colgaron en el aula <u>la bandera francesa</u> .           | SVPO – O é o foco              |
| f. Ayer colgaron los alumnos de primaria la bandera <u>en el mástil</u> . | VSOP – P é o foco              |

(ZUBIZARRETA, 1999, p. 4232, 4235)

No caso dos exemplos em (12), que ilustram focos informacionais, o acento deve permanecer na posição mais encaixada. Assim, há alteração da ordem básica, que seria SVO(P), a fim de que o elemento focalizado esteja na posição mais baixa. Esse movimento é chamado por Zubizarreta (1998) de *P-movement* (*prosodically motivated movement* – “movimento motivado prosodicamente”).

No entanto, seguindo o requerimento fonológico de Zubizarreta (1998; 1999), o espanhol não deveria exibir a ordenação VSO, na qual o sujeito é o foco informativo, conforme ilustram os exemplos em (13).

<sup>10</sup> Hernanz e Brucart (1987) assumem que a ordem básica do espanhol é SVO. Por outro lado, Zubizarreta (1999) assume que a ordem básica do espanhol pode ser SVO ou VSO.

<sup>11</sup> P equivale ao sintagma preposicionado (PP).

- (13) a. Todos los días compra Juan el periódico. (ZUBIZARRETA, 1998, p. 100)  
 b. Espero que te devuelva Juan el libro<sup>12</sup>. (ORDÓÑEZ, 1997 apud BELLETTI, 2002, p. 33)

Assim, pode-se questionar, tendo em vista que a regras fonológicas de Zubizarreta (1998) não têm caráter universal, mas são particulares de cada língua, se não estaria acontecendo um processo de mudança lingüística no espanhol.

Por outro lado, quando o elemento focalizado indica um foco contrastivo, o acento pode ser colocado em qualquer posição, bem como pode ser deslocado para a frente da sentença. Neste caso, a inversão verbo-sujeito é obrigatória, exceto quando o próprio sujeito é o foco, como mostram os exemplos em (14) e (15) respectivamente a seguir.

- (14) a. El gato de BOTAS rojas se comió un ratón.  
 ... y no el de PANTUFLAS rojas.  
 b. El GATO de botas rojas se comió un ratón.  
 ... y no el PERRO de botas rojas.  
 c. El gato de botas ROJAS comió un ratón.  
 ... y no el de botas AZULES. (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4231)
- (15) a. LAS ACELGAS detesta María. OVS – O é o foco  
 b. EN PRIMAVERA visitó Juan Leningrado. PVSO – P é o foco  
 c. PEDRO se casará con María. SVP – S é o foco  
 (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 94-96 )

Outra observação relevante é que, somente na focalização, os complementos verbais preposicionados podem ser deslocados para a frente da sentença como ilustra o contraste entre a topicalização, em (16), e a focalização, em (17) abaixo:

<sup>12</sup> Para evitar problemas na análise, Belletti (2002) comenta que está considerando os casos com entonação normal, em que não há pausa entre S e O, como numa sentença com ordem VS#O.



- (16) Topicalização
- a. \*En el paro, el problema reside.
  - b. \*De dos partes el examen consta. (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 95)
- (17) Focalização
- a. EN EL PARO reside el problema.
  - b. DE DOS PARTES consta el examen. (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 95)

Nesta seção, apresentei alguns conceitos sobre a alteração da ordem básica, que está relacionada com critérios fonológicos, segundo Zubizarreta (1998; 1999).

### 1.1.5. A clivagem

Uma outra maneira de focalizar elementos no discurso é a clivagem, que divide a sentença em uma parte pressuposta e outra parte assertiva. A parte pressuposta contém uma relativa livre com uma variável aberta; já a parte assertiva contém um elemento que fixa o valor da variável aberta na parte pressuposta. Veja-se o exemplo em (18):

- (18) Fue Juan el que salió.
- Parte pressuposta: alguém saiu.*
- Parte assertiva: alguém = João.<sup>13</sup>*

Outros exemplos de construções de clivagem são ilustrados em (19) a seguir:

- (19) a. Quien comió la manzana fue PEDRO.
- b. Fuiste VOS que lo hiciste.
  - c. EL DULCE DE COCO es lo que más me gusta.
  - d. María leyó fue EL QUIJOTE.

Como foi comentado na introdução deste capítulo, as construções de clivagem são bem-sucedidas apenas nos contextos em que há um par “foco-pressuposição”. Gutiérrez

---

<sup>13</sup> Sobre uma definição de foco, pressuposição e asserção, ver Zubizarreta (1998), Lambrecht (1994; 2001)

Ordóñez (2000) fala de estruturas *monorremáticas*, cuja característica principal é a presença exclusivamente de um rema. No entanto, como nenhuma estrutura é, em termos lógicos, monorremática, deve-se fazer uma pergunta inicial implícita “o que aconteceu?”, que poderá ser respondida com uma construção de clivagem chamada “factiva”, segundo Moreno Cabrera (1999). Neste caso, a construção de clivagem deverá ter, na parte pressuposta, um verbo de evento, como “acontecer” ou “ocorrer”, como em “Lo que pasa es que comimos mucho anoche”.

Por fim, como foi comentado, na Introdução da Dissertação, as línguas podem escolher construções de clivagem diferentes para representar funções discursivas diferentes. Assim, a mesma pergunta em português brasileiro e espanhol, por exemplo, pode ser respondida com construções diferentes, como ilustram os exemplos abaixo:

- (20) a. A: Quem chegou?  
 B: Foi o Pedro que/quem chegou<sup>14</sup>.  
 B': Quem chegou foi o Pedro.
- b. A: ¿Quién llegó?  
 B: \*Fue Pedro que/quien llegó.  
 B': Quien llegó fue Pedro.

Os exemplos em (20) mostram que, num contexto de foco informativo, o português brasileiro pode responder com uma *clivada básica*, com uma *pseudo-clivada extraposta* ou com uma *pseudo-clivada básica*, como em (20a), já o espanhol só pode responder à pergunta com uma *pseudo-clivada básica* como ilustrado em (20b)<sup>15</sup>. Observa-se que a agramaticalidade de (20bB) não se deve a restrições estruturais, já que esta construção é possível em outros contextos. A restrição se deve a questões meramente discursivas. Então, uma outra questão que se levanta é a possibilidade de haver variação nos usos discursivos da clivagem nas diversas zonas do espanhol. Ou seja, ilustrativamente, o espanhol da

<sup>14</sup> Esta sentença é gramatical em PB (cf. CÔRTEZ JÚNIOR, 2006) porém é agramatical em PE (cf. BRITO e DUARTE, 2003). Ver a discussão no item 3.3.3, no terceiro capítulo.

<sup>15</sup> Para os usos discursivos de clivagem ver Prince (1978), a última seção de Moreno Cabrera (1999) e Lambrecht (2001) por exemplo. Para um estudo comparativo da clivagem em diferentes línguas ver, por exemplo, Pinedo (2000), Belletti (2005), Ribeiro (2006) e Conceição Pinto e Ribeiro (2006). Ver também Ilari e Galdi (1987).

Espanha pode optar por uma estratégia de clivagem em um contexto e, por outro lado, o espanhol do México pode optar por outro tipo de construção nesse mesmo contexto.

Seguindo a linha de pensamento desenvolvida ao longo desta seção, sobre a estrutura informacional da sentença, que refletirá na sintaxe e na fonologia das línguas humanas, apresentei a clivagem preliminarmente dentro de uma visão discursiva. No restante deste capítulo, discuto, como ponto central deste trabalho, as características sintáticas da clivagem, comentando algumas análises que já foram feitas para o fenômeno em diversas línguas, principalmente no português e no espanhol.

## 1.2. REVISANDO O FENÔMENO DA CLIVAGEM

Nesta seção, apresento alguns conceitos sobre as construções de clivagem que nortearão a análise formal do terceiro capítulo. Utilizo o termo “construções de clivagem” para indicar o fenômeno da focalização e o termo “construção *clivada*”, por exemplo, para indicar um tipo específico de construção de clivagem.

### 1.2.1. A definição de clivagem

Modesto (2001) questiona a definição de clivagem pautada apenas em critérios sintáticos. Para Modesto (2001, p. 21), “as construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barrado dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”.

Dentro dessa discussão sobre a definição de clivagem, diversos autores distinguem as *sentenças predicacionais* das *sentenças especificacionais* (cf. MORENO CABRERA, 1999; MODESTO, 2001; SEDANO, 2005; entre outros). Uma construção como (21) terá duas leituras possíveis, como em (22) e (23)<sup>16</sup>:

(21) O que José é é divertido.

---

<sup>16</sup> Para uma maior discussão da diferença entre essas duas construções ver:

- a) Moreno Cabrera (1999, p. 4291-4295). Por exemplo, uma construção como “la que ha venido ha sido mi mujer” tem duas leituras: “mi mujer ha venido” (especificacional) e “la persona que vino fue mi mujer, pero ya no lo es” (predicacional);
- b) Modesto (2001, p. 23-41) faz uma ampla discussão sobre esse ponto das leituras semânticas dessas construções.

- (22) a. Leitura especificacional: predica diretamente sobre José.  
 b. José é divertido.
- (23) a. Leitura predicacional: predica sobre uma propriedade de José.  
 b. José é X (por exemplo, músico) e ser X é divertido.

Sendo assim, somente as sentenças com leitura especificacional podem ser consideradas construções de clivagem, porque, como mostram Moreno Cabrera (1999), Lambrecht (2001) e Brito e Duarte (2003), o valor de verdade da construção de clivagem deve ser o mesmo valor de verdade de uma sentença simples como ilustrado em (24).

- (24) a. O que eu quero é ler o livro de matemática.  
 b. Quero ler o livro de matemática.

Desta maneira, Modesto (2001) inclui no grupo das construções de clivagem sentenças jamais tratadas como clivagem por outros autores e retira do grupo outras construções consideradas pela literatura lingüística como construções de clivagem. De acordo com esse posicionamento teórico, construções como (25) seriam construções de clivagem e, inversamente, construções como (26) deixariam de fazer parte deste grupo:

(25) A conta pago eu. (MODESTO, 2001, p. 22)

(26) A Suzanita é quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 21)

O exemplo (25) é considerado como construção de clivagem por Modesto (2001) porque o DP “A conta” se realiza na esquerda da sentença, evidenciando movimentos de constituinte, a fim de que este DP receba leitura focal. Já no caso do exemplo (26), Modesto (2001, p. 62-65) não o considera como construção de clivagem porque “A Suzanita” está desacentuada e a oração relativa equivale a um adjetivo; portanto, (26) teria uma interpretação como “A Suzanita é a casadoira” (MODESTO, 2001, p. 38). Para que haja a leitura de clivagem, o DP “A Suzanita” deve estar acentuado, como em (27), para receber

leitura focal, seguindo os requerimentos fonológicos de Zubizarreta (1998), que são adotados por Modesto (2001)<sup>17</sup>:

(27) A SUZANITA é quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 65)

Estou de acordo com a definição de clivagem baseada em critérios sintáticos e ao mesmo tempo semânticos, como ilustra a diferença entre (25) e (26). No entanto, não adoto a posição de Modesto (2001) de incluir sentenças como (25) dentro do grupo das construções de clivagem tendo em vista que entendo como construções de clivagem um tipo de construção com estrutura sintática específica que apresenta, além da estrutura sintática específica, uma leitura semântica especificacional, como ilustrado em (22). Ressalto que a estrutura específica que considero é aquela formada pela cópula (ser) e o complementizador ou pronome relativo, como ilustrado nos exemplos em (19)<sup>18</sup>.

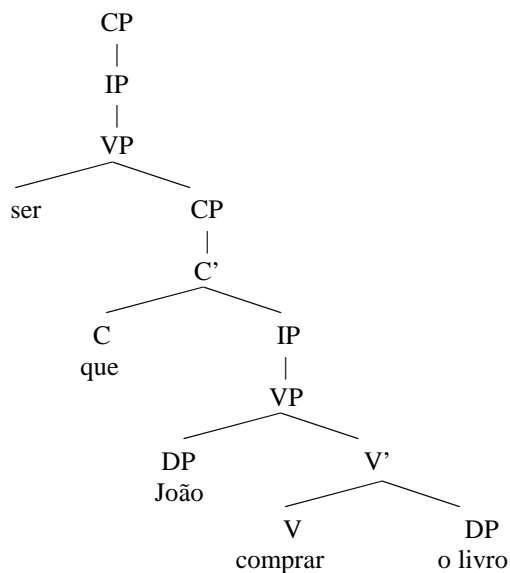
Um segundo aspecto a ser discutido da definição de Modesto (2001) é a distinção entre *sentenças clivadas* e *sentenças pseudo-clivadas*, que, na sua opinião, não apresentam a mesma estrutura sintática, embora a leitura semântica possa ser idêntica. As *sentenças clivadas* são constituídas por duas orações bipartidas, cada qual com seu verbo; já as *sentenças pseudo-clivadas* são constituídas por uma sentença copulativa em que a relativa livre ocuparia a posição do predicado, que seleciona um sujeito, que satisfaz o valor da variável na relativa que constitui o predicado. Assim, a estrutura equivalente às *sentenças clivadas* e às *sentenças pseudo-clivadas* seriam as representadas em (28) e (29) respectivamente:

---

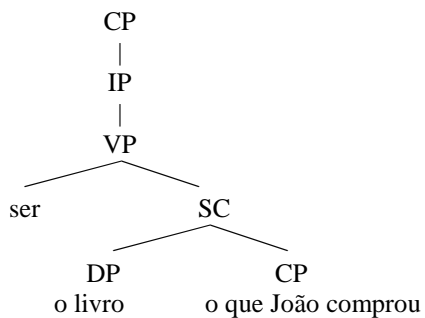
<sup>17</sup> Veja-se que o português brasileiro não precisa satisfazer esse requisito fonológico tendo em vista que uma resposta possível para a pergunta “Quem chegou?” é “O João chegou.”

<sup>18</sup> Lambrecht (2001) também considerada como construções de clivagem aquelas construções formadas com verbo *to have* (ter) e outros, como em (5) e (6). Moreno Cabrera (1999) considera também as “perífrasis condicionales”, formadas por uma conjunção condicional como em “si vamos a comer algo será paella”, “si voy al cine es por ti”. Essas construções são desconsideradas na minha análise da clivagem.

(28) *sentença clivada*

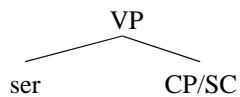


(29) *sentença pseudo-clivada*<sup>19</sup>



Em ambos os exemplos, em (28) e (29), tem-se uma estrutura como em (30):

(30)



A diferença é que na *clivada*, em (28), o CP se constitui de uma oração completa sem a cópula, mas a *pseudo-clivada*, em (29), só se constitui uma sentença com a cópula. Por isso,

<sup>19</sup> No item 3.3.1, no terceiro capítulo, apresento uma discussão sobre a análise de Modesto (2001) com relação a estrutura das mini-orações, que podem ter seus sujeitos analisados como argumento ou adjunto do núcleo.

se considera que (28) apresenta duas orações e, por outro lado, (29) apresenta uma única oração copulativa.

### 1.2.2. A tipologia da clivagem

Nesta seção, discuto a tipologia da clivagem encontrada em diferentes línguas. Vale destacar que, nos estudos sobre a clivagem no português, há diferentes classificações para as mesmas construções. Contudo, adoto a classificação de Modesto (2001), também encontrada em Kato e Ribeiro (2005; 2006).

Os estudos sobre o português têm indicado as seguintes possibilidades de construções de clivagem:

- |         |                                    |                                 |
|---------|------------------------------------|---------------------------------|
| (31) a. | Foi O LIVRO que a Maria comprou.   | Clivada Básica (CL)             |
| b.      | O LIVRO foi que a Maria comprou.   | Clivada Invertida (CI)          |
| c.      | O LIVRO que a Maria comprou.       | Clivada sem cópula (CSC)        |
| d.      | O que a Maria comprou foi O LIVRO. | Pseudo-clivada Básica (PC)      |
| e.      | O LIVRO foi o que a Maria comprou. | Pseudo-clivada Invertida (PCI)  |
| f.      | Foi O LIVRO o que a Maria comprou. | Pseudo-clivada Extraposta (PCE) |
| g.      | A Maria comprou foi O LIVRO.       | Pseudo-clivada Reduzida (PCR)   |

Também se pode adicionar um tipo de construção de clivagem não estudada pelos diversos autores que estudaram a clivagem no português, as chamadas Pseudo-clivadas Truncadas (PCT):

- (32) A: O João te ajudou?  
 B: Não... Foi o Pedro ~~quem me ajudou~~.

Neste tipo de construção, há o apagamento da pressuposição, mantendo-se somente a cópula focalizadora e o elemento focalizado.

Segundo Kato e Raposo (1996), as CSC em (31c) são exclusivas do PB e não são encontradas em PE. Isso fica evidente no trabalho de Brito e Duarte (2003), no qual sequer mencionam esta construção.

Com relação às CL e PCE, em (31a) e (31f) respectivamente, faço uma análise unificada para ambas as construções, ao contrário de Modesto (2001) que as considera construções diferentes<sup>20</sup>.

No tocante ao espanhol, encontram-se os seguintes tipos de construções de clivagem (cf. MORENO CABRERA, 1999; DI TULLIO, 1999, 2005):

- |         |                                    |                                 |
|---------|------------------------------------|---------------------------------|
| (33) a. | Es DE MARÍA que todos hablan.      | Clivada (CL)                    |
| b.      | DE MARÍA es que todos hablan.      | Clivada Invertida (CI)          |
| c.      | De quien todos hablan es DE MARÍA  | Pseudo-clivada (PC)             |
| d.      | DE MARÍA es de quien todos hablan. | Pseudo-clivada Invertida (PCI)  |
| e.      | Es DE MARÍA de quien todos hablan. | Pseudo-clivada Extraposta (PCE) |
| f.      | Todos hablan es DE MARÍA.          | Pseudo-clivada Reduzida (PCR)   |

Conforme os estudos têm mostrado, a distribuição dessas construções não é uniforme no mundo hispânico. Moreno Cabrera (1999) e Di Tullio (2005) dizem que (33a) e (33b) são exclusivas do espanhol americano; Moreno Cabrera (1999, p. 4281) diz que Kany (1945, p. 298-299) encontra registros dessas construções em Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Equador, Nicarágua, México, Santo Domingo e Porto Rico. Por sua vez, Di Tullio (2005, p. 5) diz que “Both European Spanish and American Spanish possess pseudoclefts, yet only American Spanish has real clefts, which are unacceptable for normative grammars”<sup>21</sup>. Com relação à (33f), os autores mostram que é exclusiva do espanhol caribenho<sup>22</sup>.

Com relação às PCT, Di Tullio (2005) e Moreno Cabrera (1999) também as registram no espanhol:

- (34) A: ¿Quién ha llegado?  
 B: Es Pedro ~~quien ha llegado~~.

<sup>20</sup> Ver o terceiro capítulo desta Dissertação.

<sup>21</sup> “Ambos, espanhol europeu e espanhol americano possuem pseudo-clivadas. Até agora somente o espanhol americano tem as reais clivadas, que não são aceitas pelos gramáticos normativos”. Tradução minha. Parece que este é o caso do espanhol da Espanha, conforme comenta Gómez Torrego (2002, p. 277).

<sup>22</sup> Sedano (2005) e López Morales (1992b) comentam sobre essas construções no espanhol de Caracas. Toribio (2000; 2002) atestam essa construção no espanhol dominicano.



Já o inglês, seguindo Lambrecht (2001), apresenta as seguintes construções:

- |         |  |   |
|---------|--|---|
| (35) a. | It is champagne (that) I like.<br>(expl é champagne (que) eu gosto.) | it-cleft - Clivada (CL)                           |
| b.      | What I like is champagne.<br>(O que eu gosto é champagne.)           | wh-cleft - Pseudo-clivada (PC)                    |
| c.      | Champagne is what I like.<br>(Champagne é o que eu gosto.)           | Reverse wh-cleft – Pseudo-clivada invertida (PCI) |
- (LAMBRECHT, 2001, p. 467)

Di Tullio (2005) também registra para o inglês as PCT:

- (36) A: Who left the paper on the desk?  
(Quem deixou o papel sobre a mesa?)  
B: It was Jeremy.  
(expl foi Jeremy.) (DI TULLIO, 2005, p. 5)

Sornicola (1988) diz que línguas semíticas, como árabe e judeu, não apresentam as *sentenças clivadas* (it-clefts). Línguas desse tipo só apresentam as *sentenças pseudo-clivadas* (wh-clefts)<sup>23</sup>. Di Tullio (2005) diz que a clivagem é um recurso muito sofisticado de focalização e, portanto, se as línguas possuem outras formas, a clivagem é preterida. Tenha-se em conta que as *sentenças clivadas* apresentam uma estrutura específica e as *sentenças pseudo-clivadas* são simplesmente construções copulativas (ver o comentário sobre a estrutura ilustra em (30) acima).

### 1.2.3. Algumas restrições sobre a clivagem

Nesta seção, discuto brevemente duas restrições à clivagem encontradas em diferentes línguas: a primeira tem a ver com a tipologia de línguas e a segunda restrição está relacionada com a estrutura do constituinte que pode ser focalizado pela clivagem.

Com relação à tipologia de línguas, Kato e Ribeiro (2005; 2006) mostram que só faziam parte do português arcaico as construções de clivagem em que o verbo não aparece

<sup>23</sup> Observe-se que, para Sornicola (1988), assim como para Lambrecht (2001), sentenças “It was Jonh who arrived” e “It was Jonh that arrived” são ambas *it-clefts*. A diferença reside na concordância do complementizador.

na primeira posição pelo fato de o português arcaico ser uma língua com características de língua V2<sup>24</sup>:

- (37) a. DEUS PODEROSO *seja aquele que* te livre. (KATO e RIBEIRO, 2006, p. 175)  
 b. A DEMANDA DO SANTO GRAAL *é que*, [...] em tam mostrará a estes homees bõos e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal. (adaptado de KATO e RIBEIRO, 2006, p. 176)

Kato e Ribeiro (2005; 2006) promovem uma discussão sobre a clivagem e línguas V2 e mostram, com dados diacrônicos, que é com o enfraquecimento da propriedade V2 nas línguas que começam a aparecer as *it-clefts*. Em seguida, promovem uma discussão teórica sobre a checagem de foco em diversas línguas e mostram que línguas de tipo V2 só acionam o CP matriz para a checagem de foco na clivagem, enquanto línguas não V2 podem acionar as duas posições. Desta forma, as sentenças com cópula inicial ficam impedidas, exceto em subordinadas, onde a propriedade V2 não era obrigatória no português arcaico<sup>25</sup>:

- (38) a. Esto creo que *é PER DEUS que* os homens se lavam de seus pecados em aquele Nitrea, como o nitro lava o vidro de todo lixo.  
 (KATO e RIBEIRO, 2006, p. 176)

A segunda restrição tem a ver com a estrutura do constituinte focalizado. Negrão, Scher e Viotti (2003) e Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2004) mostram que apenas constituintes inteiros podem ser clivados. Inclusive, usam o teste da clivagem para desfazer a ambigüidade estrutural de determinadas sentenças como:

- (39) O garoto bateu na velha com a bengala.

<sup>24</sup> Sobre a sintaxe da ordem no português arcaico, ver Ribeiro (1995).

<sup>25</sup> Conforme comentam Fontana (1993) e Ribeiro (1995), as línguas V2 até então estudadas têm sido classificadas em dois grupos: a) línguas com V2 *simétrico*, nas quais o efeito V2 se manifesta tanto em sentenças matrizes como em subordinadas, tais como o islandês e o ídiche. Neste tipo de línguas, o V2 seria derivado a partir de um IP sincrético, que, ora se comporta como uma posição A, ora se comporta como uma posição A-Barra<sup>25</sup>; b) línguas com V2 *assimétrico*, no qual o efeito V2 se manifesta apenas em orações principais, como algumas línguas germânicas, como o alemão e o holandês. Neste tipo de línguas, o fenômeno V2 é derivado a partir do movimento I<sup>o</sup>-to-C<sup>o</sup> realizado pelo verbo finito.

- (40) a. Foi na velha com a bengala que o garoto bateu.  
 b. Foi na velha que o garoto bateu com a bengala.

A discussão sobre (39) se refere ao fato de se “a velha com a bengala” é um constituinte inteiro ou não. O teste da clivagem em (40) vai mostrar que existem as duas possibilidades e que a interpretação será diferente dependendo da escolha que se faça. Se “a velha com a bengala” for considerado um constituinte inteiro, como ilustrado em (40a), a interpretação é de que a velha estava segurando a bengala. Por outro lado, se “a velha com a bengala” for considerada dois constituintes diferentes, como ilustrado em (40b), a bengala será entendida como o instrumento com o qual o garoto bateu na velha. Por esta razão, as construções em (41c) e (41d), abaixo, são agramaticais.

- (41) a. Me gusta el tirador del cajón del escritorio de Juan.  
 b. Lo que me gusta es el tirador del cajón de escritorio de Juan.  
 c. \*De Juan es de quien me gusta el tirador del cajón del escritorio.  
 d. \*Del cajón del escritorio es de lo que me gusta el tirador.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4287)

(41c) e (41d) são agramaticais porque o elemento que está sendo clivado faz parte de um outro constituinte, como se pode notar a partir de (41a): “Del cajón del escritorio” e “De Juan” são adjuntos do nome, portanto, fazem parte do nome e não são cliváveis.

No entanto, (42) é possível porque o elemento clivado não faz parte de um DP, senão é um próprio DP selecionado pelo verbo “quitar”:

- (42) Del cajón del escritorio de Juan fue de donde quité el tirador.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4287)

Além dessa restrição, de o elemento clivado dever ser obrigatoriamente um constituinte inteiro, Moreno Cabrera (1999) apresenta outras restrições à clivagem:

## 1) modificadores de oração:

(43) a. Juan habla de planificación familiar.

b. \*Familiar es como Juan habla de planificación

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4288)

## 2) elementos de uma coordenação:

(44) a. Juan no habla de política y de sexo.

b. \*De sexo es de lo que no habla Juan y de política.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4288)

## 3) elementos de oração relativa:

(45) a. El hombre que nos advirtió del peligro se llama Pedro.

b. \*Del peligro fue de lo que el hombre que nos advirtió se llama Pedro.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4288)

## 4) elementos de uma oração subordinada adverbial:

(46) a. Juan irá a donde el coche atropelló ayer a la mujer.

b. \*A la mujer fue a quien Juan irá a donde el coche atropelló ayer.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4289)

## 5) elementos de uma oração subordinada substantiva objetiva:

(47) a. Juan insistió en que Pedro había cogido el libro.

b. \*El libro fue lo que Juan insistió en que Pedro había cogido.

(MORENO CABRERA, 1999, p. 4289)

Os exemplos ilustrados em (45-47) são contextos de ilhas, dos quais não se podem retirar elementos<sup>26</sup>.

Sintetizando, as duas restrições principais impostas sobre a clivagem são: a) línguas V2 não apresentam *clivada básica* nem *pseudo-clivada extrapostas* em sentenças matrizes por estas construções serem encabeçadas pela cópula, o que fere a ordenação V2. As CL e as PCE podem ser licenciadas em sentenças matrizes quando aparece um elemento antes da cópula que satisfaça o requisito V2, como é o caso da negação, e em sentenças subordinadas quando a língua não for obrigada a seguir a ordem V2 nas subordinadas<sup>27</sup>; b) os constituintes clivados não podem fazer parte de ilhas, tendo em vista que as ilhas não permitem que seus elementos sejam movidos para outra posição fora dela.

### 1.3. REVISANDO ALGUMAS ANÁLISES

Nesta seção, apresento algumas análises do fenômeno da clivagem. Esta seção tem a finalidade de apresentar alguns pontos que serão retomados na minha análise formal no terceiro capítulo.

#### 1.3.1. Di Tullio (1999)

Di Tullio (1999) analisa três tipos de sentenças, como as exemplificadas a seguir:

- (48) a. Es Pedro el que está llorando.  
 b. Es que Pedro está llorando.  
 c. Es Pedro que está llorando. (DI TULLIO, 1999, p. 1)

---

<sup>26</sup> Esse teste de ilha é usado por Hernanz e Brucart (1987) para mostrar que a topicalização não deriva de movimento enquanto a focalização sim. Se a topicalização fosse derivada de movimento, seria sensível a contextos semelhantes os de (43-45). No entanto, como mostra (i) e (ii), a topicalização é possível com elementos que estão vinculados dentro da ilha:

- (i) El dinero María ignora quien lo tiene.  
 (ii) A la maestra Pedro no sabe si le han enviado las flores.

(HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 86)

Como a topicalização não é resultante de movimento, pode haver o redobro com clítico na sentença; por outro lado, como a focalização é resultante do movimento de constituinte, o clítico não pode ser inserido após o movimento. Ver o contraste entre os exemplos (3b) e (4b) acima.

<sup>27</sup> Sobre o fenômeno V2, voltar à nota 25.

Di Tullio (1999) classifica as construções como: (48a) *hendida*, (48b) *inferencial*, (48c) *presentativa*. Embora as três construções se tratem de estruturas bipartidas, conforme comentei da análise de Modesto (2001), sintática e discursivamente não são idênticas. Nesta Dissertação, detenho-me na sentença como (48a). No entanto, cabe um comentário que justifica a classificação de (48c) como *presentativa*<sup>28</sup>. Vejam-se as diferenças discursivas entre elas:

- (49) a. A: ¿Por qué llora Diego?  
B: Es Pedro el que está llorando. Há alguém que chora (pressuposição) e esse alguém é Pedro (novo)
- b. A: Te veo muy angustiada.  
B: Es que Pedro está llorando. Há algo que me angustia (discurso prévio) e esse algo é o fato de Pedro estar chorando (oração inferencial - causal)
- c. A: ¿Qué ruido es ése?.  
B: Es Pedro que está llorando. Há algo que provoca o ruído (discurso prévio) e esse algo é Pedro que está chorando (oração apresentativa).  
(DI TULLIO, 1999, p. 1)

O exemplo (49c) poderia ser confundido com uma construção de clivagem; no entanto, discursivamente, nota-se que a sentença-wh não é a pressuposição que tem o seu valor fixado pela variável, como em (49a). Além disso, conforme mostra Di Tullio (1999), em construções como (49c), o DP está relacionado invariavelmente com a função de sujeito, ao contrário das construções de clivagem como em (49a), que podem focalizar qualquer função sintática:

- (50) \*Es la guitarra que Pedro está tocando desde la mañana.  
(DI TULLIO, 1999, p. 10)

O DP “la guitarra” é o objeto do verbo tocar e apenas sujeitos podem aparecer nesse tipo de construção<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Ver a análise formal de Kato e Ribeiro (2005) abaixo para a derivação dessas construções.

<sup>29</sup> Embora (iB) e (iiB) abaixo tenham a mesma ordem linear:

(i) A: O João está chorando?  
B: Não, É O PEDRO que está chorando. →

Esclarecidas as diferenças, detenho-me à análise feita para as construções de clivagem. Em consonância com os demais autores, Di Tullio (1999) aceita que existam dois tipos de construções de clivagem: uma com pronome relativo e outra com complementizador. Di Tullio (1999, p. 2) diz que “se ha destacado reiteradamente que las hendidas suponen la asignación de un valor o instanciador -el foco- a una variable correspondiente al relativo que encabeza la subordinada -o al operador nulo, en caso del complementarizador”.

Di Tullio (1999) divide as construções de clivagem em três grupos. O primeiro grupo, compreende as formas clássicas das “perífrasis de relativo” e existe um isomorfismo formal quase completo entre *clivadas* e *pseudo-clivadas*. Existem três ordenamentos possíveis, que são definidos por questões discursivas<sup>30</sup>:

- (51) a. Soy yo la que está / estoy llorando.  
 b. La que está / ?? estoy llorando soy yo.  
 c. Somos nosotros los que estamos / \*están llorando  
 d. Los que estamos / \*están llorando somos nosotros. (DI TULLIO, 1999, p. 4)

Neste ponto, Di Tullio (1999) não distingue as *sentenças clivadas* das *sentenças pseudo-clivadas*. No entanto, pode ser considerado que a isomorfia se restrinja ao fato de haver concordância entre o complementizador e o elemento focalizado em determinadas construções<sup>31</sup>.

- 
- (ii) A: O que está acontecendo aqui?  
 B: Nada. É o Pedro que está chorando.

Somente em (iB) há uma construção de clivagem porque além da estrutura sintática específica, o elemento em destaque equivale ao *x*, ou seja, fixa o valor da variável como em (iii):

- (iii) Existe um *x* tal que *x* está chorando.  
*x* que está chorando = o Pedro.

Já no exemplo em (iiB), o possível candidato a ser o elemento em X, na fórmula SER X CP, não pode fixar o valor da variável, porque a leitura de (iiB) seria (iv) abaixo:

- (iv) Existe um *x* tal que *x* está acontecendo.  
*x* = O Pedro está chorando.

(iv) mostra que esse elemento é parte do constituinte *x* que satisfaz o valor da variável e, portanto, não gera leitura semântica específica.

O fato de que apenas o sujeito pode aparecer nesse tipo de construção não tem a ver com a função sintática do sujeito, mas com o fato de que toda a sentença é nova e o sujeito aparecer na primeira posição.

<sup>30</sup> Brito e Duarte (2003) também comentam que a ordenação na clivagem depende fatores discursivos. Ver os exemplos (83) e (84) abaixo.

<sup>31</sup> No terceiro capítulo, discuto esse problema com mais vagar.

No segundo grupo, Di Tullio (1999) inclui as *sentenças pseudo-clivadas* sem correspondentes *clivadas*; incluindo neste grupo os constituintes focais com o traço [-N]: quando o foco é um V' (projeção intermediária), é necessária a inserção de um verbo vicário (hacer / “fazer”) como ilustrado em (52a) e quando o foco é toda uma oração, neste caso um CP, é necessária a inserção de verbos de evento como ilustrado em (52b) (Moreno Cabrera, 1999, chama essas construções de *perífrasis factivas*. Ver também a seção 1.1.5):

- (52) a. Lo que está haciendo Pedro es llorar.  
 b. Lo que pasa es que Pedro está llorando.  
 c. ??Es llorar lo que está haciendo Pedro.  
 d. \*Que Pedro está llorando es lo que pasa. (DI TULLIO, 1999, p. 5)

No caso dos exemplos em (52), quando o constituinte focal tem o traço [-N] a única forma de focalizar este constituinte é através de uma PC, haja vista a agramaticalidade de (52d).

Di Tullio (1999) mostra que as construções com “lo que pasa” são as mais frequentes no *corpus* estudado por ela e têm predominantemente função explicativa:

- (53) -...Uno está trabajando todo el día y no tiene capacidad de síntesis. -Bueno, en realidad, **lo que pasa es que justamente trabajamos en unas cuantas cosas distintas a la vez.** (DI TULLIO, 1999, p. 5)

No último grupo, Di Tullio (1999) inclui as *sentenças clivadas* sem correspondentes *pseudo-clivadas*. Este grupo tem uma ordem de constituinte mais restrita e aparece com o *que* invariável:

- (54) a. Será por eso que la quiero tanto.  
 b. Por eso será que la quiero tanto.  
 c. \*Que la quiero tanto será por eso. (DI TULLIO, 1999, p. 6)

Como mencionei a partir de Di Tullio (2005) na seção 1.2.2, com base nos exemplos em (33), essas construções são criticadas pelos gramáticos tradicionais. Di Tullio (1999) comenta que, desde Andrés Bello, se vem fazendo críticas a essas construções, que foram



chamadas por Bello de construções com *que* galicado<sup>32</sup>. No entanto, Di Tullio (1999) com base em outros autores, argumenta a favor da acomodação desse tipo de construção no sistema independentemente do contato com zonas francófonas:

Lejos de toda intención de polemizar en el terreno de la normativa, podemos explicar su aparición y extensión, sin apelar al préstamo -retomando la interesante observación de Pedro Henríquez Ureña de que su uso no aparecer restringido a sectores que mantenían un contacto asiduo con el francés. Más bien parece obedecer a condiciones internas, como la economía que implica una forma única, que evita la selección de un relativo apropiado a los rasgos semánticos del foco, así como una a veces engorrosa duplicación:

- (11) a. "Es a través de ella que / ?? a través de quien / como se va imponiendo una moda" (p.273)  
 b. ¿Cuándo fue que / \*cuando lo encontraste? (DI TULLIO, 1999, p. 6)

Devido à defectividade no sistema pronominal do espanhol (cf. HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 83), algumas funções sintáticas não têm como serem redobradas. Veja-se a diferença entre os exemplos abaixo:

- (55) a. *A Pedro* le escribiremos una carta.  
 b. *En el jardín* los niños se divierten mucho.  
 c. Al jardí els nens s'*hi* diverteinxen molt. (HERNANZ e BRUCART, 1987, p. 83-84)

Os exemplos (55a) e (55b) são do espanhol e o exemplo (55c) é do catalão. O contraste entre (55a) e (55b) mostra que, em espanhol, somente objetos do verbo são redobrados com clíticos enquanto adjuntos não possuem clíticos para redobro na topicalização. Por outro lado, a versão catalã de (55b) mostra que essa língua apresenta dito clítico para realizar o redobro do adjunto topicalizado. Desta forma, as únicas formas de recuperar o elemento nos exemplos em (11) do fragmento de Di Tullio (1999) acima é através do "que" invariável ou da repetição do elemento, o que é custoso, segundo Di Tullio (1999), para o sistema e por isso é excluído tendo em vista a agramaticalidade das sentenças.

Por fim, Di Tullio (1999) mostra que os elementos focalizados pelas *clivadas* são proeminentemente AdvP e PP e o único caso em que detecta um DP é um pronome<sup>33</sup>:

<sup>32</sup> Sobre essa questão do que galicado, ver também Moreno Cabrera (1999) na seção que trata das *perifrasis completivas*.

(56) ¿Fuiste vos que me lo devolviste? ¿quién me devolvió el de Foley?

(DI TULLIO, 1999, p. 7)

Como se poderá ver a seguir, a análise de Di Tullio (1999) se assemelha em alguns aspectos à análise de Modesto (2001), tendo em vista que ambos distinguem dois tipos de construções de clivagem: *clivadas* e *pseudo-clivadas*. No entanto, ao contrário de Modesto (2001) e semelhantemente à Brito e Duarte (2003), Di Tullio (1999) deriva ambas as construções a partir da mesma estrutura, sendo o que varia entre elas o preenchimento de uma ou outra posição: no caso das *pseudo-clivadas*, o operador é realizado; no caso das *clivadas*, o operador é nulo e a posição de complementizador está realizada.

### 1.3.2. Modesto (2001)

Modesto (2001), além do que já foi comentado na seção 1.2.1, faz um estudo semântico das sentenças copulativas e conseqüentemente da clivagem, analisa a estrutura das mini-orações, a estrutura das relativas livres etc. Detenho-me, no entanto, à estrutura das construções de clivagem.

Em primeiro lugar, Modesto (2001, p. 19-20) afirma que deve ser considerada a alternância *who/that* e considera sentenças com *that* como *clivadas* e sentenças com *who* como *pseudo-clivadas*. O argumento de Modesto (2001) se baseia nos exemplos de Quirk et alii (1989 apud Modesto, 2001, p. 19). Segundo o autor, Quirk et alii (1989) consideram as sentenças (57a) e (57b) como versões da mesma sentença. No entanto, Modesto (2001) se posiciona contra essa análise haja vista a agramaticalidade de uma das opções com outro tipo de constituinte, como mostra o exemplo em (58):

- (57) a. It was Jonh *that* wore a white suit at the dance last night.  
(expl foi Jonh *que* vestiu um terno branco para dançar na noite passada)
- b. It was Jonh *who* wore a white suit at the dance last night.  
(expl foi Jonh *quem* vestiu um terno branco para dançar na noite passada)
- (MODESTO, 2001, p. 19)

---

<sup>33</sup> Essa é uma evidência, como mostro no terceiro capítulo, para uma análise unificada das CL e PCE, ao contrário do que propõe Modesto (2001).

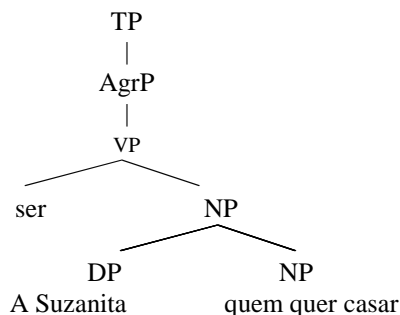
- (58) a. \*It was beautiful *that* wore a white suit last night.  
 (expl foi bonito *que* vestiu um terno branco na noite passada.)  
 b. It was beautiful *who* wore a white suit last night.  
 (expl foi bonito *quem* vestiu um terno branco na noite passada.)

(MODESTO, 2001, p. 19)

Com base nos exemplos acima, Modesto (2001) considera as sentenças com *that* como *clivadas* e as sentenças com *who* como *pseudo-clivadas*. A contradição da crítica de Modesto (2001) é posta em evidência mais adiante nas leituras semânticas da clivagem: sentenças como (58a) e (58b) não podem ser parafraseadas por uma sentença simples, como foi visto para o caso de “O que José é é divertido” em (21), (22) e (23) acima. Não é possível dizer “\*beautiful whore a white suit last night”. Ou seja, *beautiful* não pode ser o elemento que fixa o valor da variável *quem* da relativa livre<sup>34</sup>. Mais ou menos como explica Di Tullio (1999) para “Es Pedro que está llorando”.

Com relação à estrutura da clivagem, como mencionei acima, Modesto (2001) considera as *pseudo-clivadas* como contendo a mesma estrutura de uma sentença copulativa:

(59) sentença *pseudo-clivada* (MODESTO, p. 57)



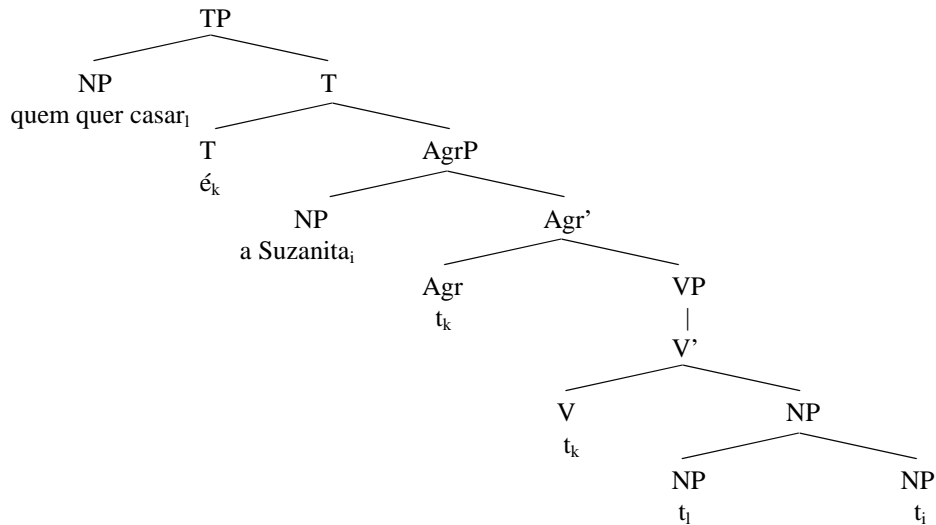
Modesto (2001) assume que T domina Agr, transmitindo assim seus traços de atribuidor de Caso para Agr. A posição de SpecTP se converte em uma posição não-argumental, que pode abrigar elementos WH<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> Esse problema já é observado por Modesto (2001). Ver a discussão que proponho no terceiro capítulo.

<sup>35</sup> Modesto (2001) assume a análise de T sincrético de Zubizarreta (1998).

Para derivar a chamada PC, a relativa livre se move para SpecTP, posição A-Barra, o verbo faz o movimento V-to-Agr-to-T e o NP tem seus traços de Caso e concordância checados em SpecArgP:

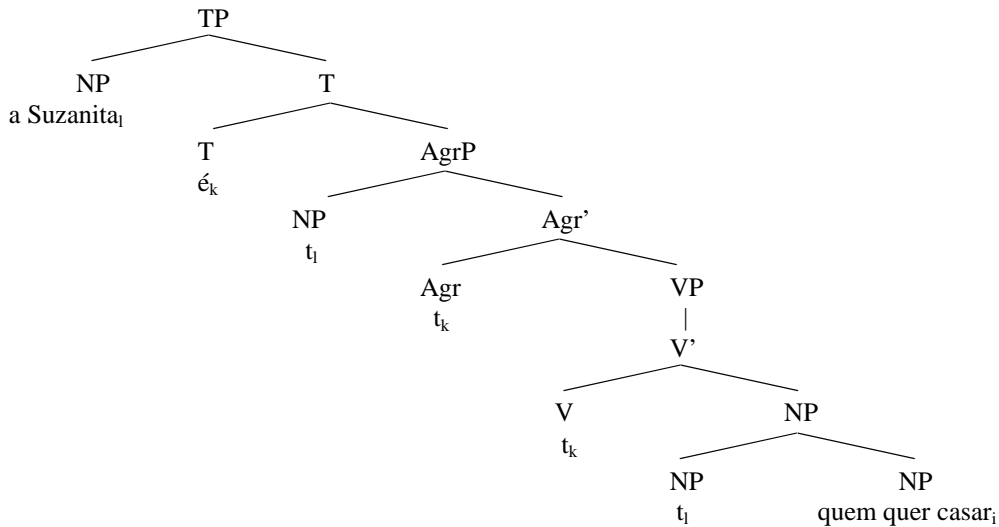
(60) PC - Quem quer casar é a Suzanita. (MODESTO, p. 118)



Para derivar a PCI, o processo é inverso ao da PC: o NP se move para SpecTP; porém, neste caso, o movimento não é A-Barra (veja-se que Caso nominativo e concordância devem ser checados em posição A). Por essa razão, se não houver acentuação do constituinte, a leitura semântica que se tem não é a da clivagem<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Modesto (2001) segue os princípios do *p-movement* de Zubizarreta (1998).

(61) PCI – A Suzanita é quem quer casar. (MODESTO, p. 120)

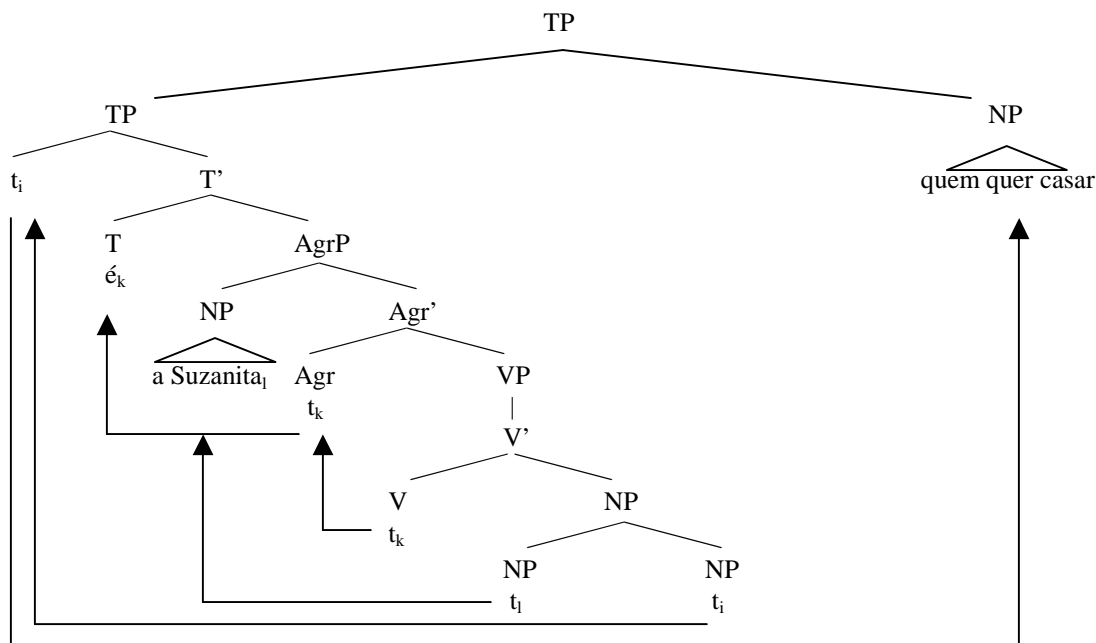


Modesto (2001) aceita que as relativas livres sejam equivalentes a um NP definido e referencial. Portanto, se não houver acentuação do NP, ter-se-á a interpretação de que Suzanita é casadoira.

A ambigüidade na interpretação de “O que José é é divertido” se origina neste fato: quando “divertido” é gerado na posição de predicado da mini-orção, tem-se uma leitura predicacional, já que é ele quem determina as propriedades de seleção semântica. Quando “divertido” é gerado na posição de argumento da SC, ele é quem fixa o valor da variável, propiciando a leitura de clivagem.

Para derivar a PCE, Modesto (2001) supõe todos os movimentos aplicados à PC, com o adicional da adjunção da relativa livre à direita de TP, caracterizando a extraposição:

(62) PCE - É a Suzanita quem quer casar. (MODESTO, p. 119)

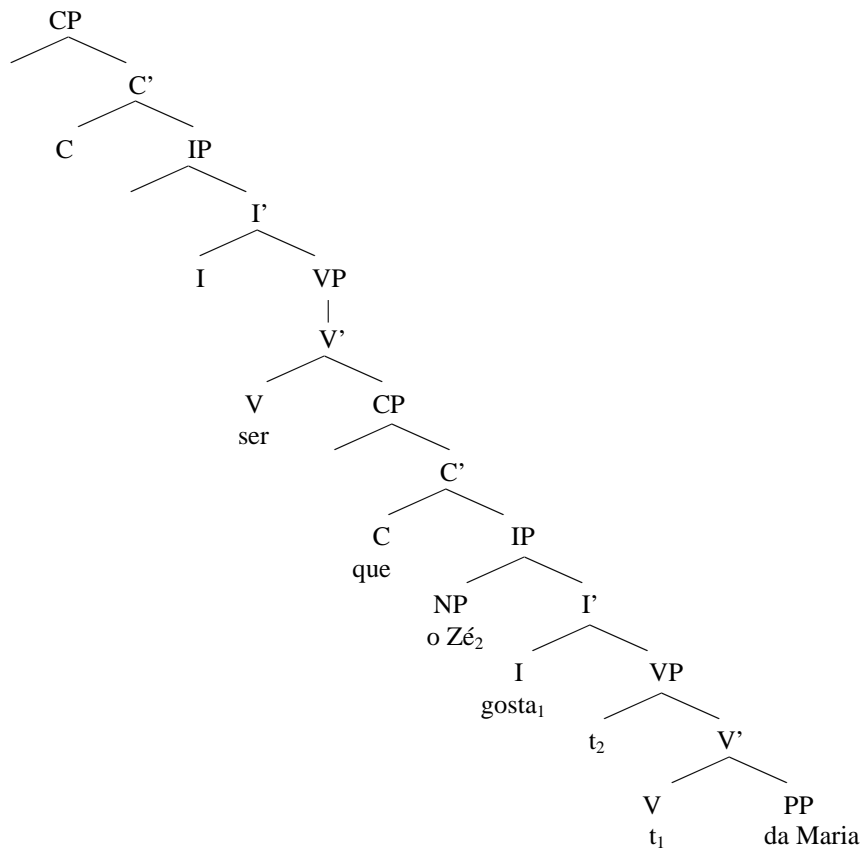


Modesto (2001) promove uma discussão para a PCE, questionando por que a relativa livre não pode permanecer *in-situ*. Uma das saídas é a de que se a relativa permanece *in-situ*, não há como bloquear a subida do NP para SpecTP para checagem de Caso, não apresentando assim, movimento A-Barra. Outros argumentos estão relacionados com os princípios de Procrastinação e Último recurso. No terceiro capítulo, retorno a essa discussão.

Com relação às *pseudo-clivadas reduzidas*, Modesto (2001) acredita que são derivadas do mesmo modo que as PC e há um apagamento do elemento WH das relativas livres.

Para as *clivadas*, Modesto (2001) mostra que são derivadas de um movimento WH, diferentemente das *pseudo-clivadas*, e sofrem uma série de restrições como barreira e ilha, como empiricamente Moreno Cabrera (1999) mostra e foi exemplificado acima. Além do mais, nas *pseudo-clivadas*, quem realiza o movimento A-Barra é a relativa livre; já nas *clivadas*, é o constituinte focalizado quem se move para uma posição A-Barra.

(63) sentença *clivada* (adaptado de MODESTO, p. 50)



A partir da estrutura acima, considerando, por exemplo, que o foco seja o sujeito, o NP “o Zé”, este NP pode se mover para o SpecCP subordinado, como ilustrado em (64a), ou para o SpecCP matriz, onde receberá mais ênfase, como ilustrado em (64b).

- (64) a. É o Zé que gosta da Maria.  
 b. O ZÉ é que gosta da Maria.

A análise de Modesto (2001) é interessante porque, além de separar as construções *clivadas* das *pseudo-clivadas*, ultrapassa a sintaxe pura, discutindo questões semânticas, considerando como construção de clivagem apenas aquelas construções com leituras semânticas específicas, não importando se essas construções têm uma estrutura típica ou não. Contudo, como discutirei no terceiro capítulo, fica pendente de explicação o

movimento de extraposição da relativa livre na PCE tendo em vista que o requerimento fonológico é satisfeito quando a relativa se move da mini-orção para SpecTP.

A minha análise formal diferirá da de Modesto (2001) devido a alguns pressupostos teóricos: Modesto assume um IP cindido em AgrP e TP, sendo que TP é uma projeção sincrética, segundo Zubizarreta (1998), que pode ser uma projeção A ou A-Barra. A minha análise, assumirá apenas a projeção TP, que é uma projeção A, e recorrerá às periferias da sentença. De certo modo, não há diferenças entre as duas análises, já que ambas apresentam uma projeção A e uma projeção A-Barra. No entanto, se Chomsky (1993) fosse seguido firmemente, na minha análise seria possível a existência de, pelo menos, três projeções: CP, TP e AgrP, o que poderia alterar substancialmente a análise. Além disso, na derivação da PC, Modesto (2001) move o NP focalizado para SpecAgrP.

Modesto (2001) discute muitos outros fenômenos da clivagem, como a concordância entre cópula e verbo principal e entre constituinte clivado e a cópula, que, como não são pertinentes à discussão proposta nesta Dissertação, não foram comentados aqui.

### 1.3.3. Toribio (2002)

Toribio (2002) discute algumas construções focalizadoras do espanhol dominicano como ilustrado em (65) abaixo, pretendendo derivá-las a partir de uma mesma estrutura subjacente:

- (65) Phrasal and sentential focus
- a. Uno hace eso es para enfatizar algo.
  - b. Yo aprendí español en Dominicana fue.
  - c. Nosotros hablamos inglés sí.
  - d. Ellos no piensan volver para acá no. (TORIBIO, 2002, p. 1)

(65a) é classificado como Phrasal focus e (65b-d) como Sentencial focus. (65a) representa uma construção de clivagem que atribui um valor a uma variável a partir da cópula. (65b-d) ilustram casos de foco sentencial que permitem uma asserção ou uma reassertação com *ser*,



*sí* ou *no*. A autora propõe uma análise unificada para as construções ilustradas em (65) acima.

Toribio (2002) faz uma síntese das características sintáticas do espanhol dominicano e diz que essas características fizeram com que o espanhol dominicano abarcasse construções que não são reproduzidas uniformemente em outros dialetos do espanhol.

A autora procura derivar as construções de clivagem a partir de uma sentença relativa com base em Chomsky (1977) e explica que construções como (65a) têm um operador nulo no lugar do pronome relativo. No entanto, quando o sujeito é focalizado, necessitam de um operador realizado. Vejam-se os exemplos em (66):

- (66) a. \*Cantó fue Doña María.<sup>37</sup>  
[Op Ø [t cantó...]
- b. Quien cantó fue Doña María  
[quien Ø [t cantó...]
- c. La que cantó fue Doña María.  
[la (pro) [Op que [t cantó... (TORIBIO, 2002, p. 6)

Toribio (2002, p. 6) explica a assimetria do sujeito com relação às demais funções com base no ECP (*Empty Category Principle*), dizendo que o traço do sujeito, que foi movido para uma posição superior, fica sensível a esse princípio porque o operador nulo não tem como desencadear a concordância A-Barra para licenciamento de traços neste contexto<sup>38</sup>.

Com relação às construções em (65b-d), Toribio (2002), seguindo outros trabalhos, assume a existência de uma projeção funcional Sigma, entre CP e IP, responsável por

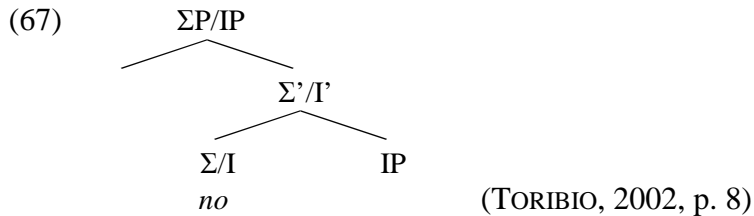
<sup>37</sup> Bosque (1999) e Camacho (2006) aceitam essa construção como gramatical. Veja-se, por exemplo, “Compró los libros fue {Pedro}”, de Camacho (2006, p. 14).

<sup>38</sup> Para uma análise contrária à proposta por Toribio (2002), ver Bosque (1999). A análise proposta por Toribio (2002) foi desenvolvida inicialmente em Toribio (1992), que é criticado por Bosque (1999). Bosque (1999) apresenta uma série de argumentos contra a análise de um operador nulo nesse tipo de construção e considera a cópula como um marcador focal apenas. A estrutura proposta por Bosque para a parte relevante seria como a ilustrada em (i) abaixo:

(i) Llegó [F fue Maria] (BOSQUE, 1999, p.)

No entanto, esta análise pode ser questionada tendo em vista que o espanhol é uma língua de núcleo fina, sendo assim, o marcador focal deveria vir posposto ao foco, não anteposto como na análise de Bosque (1999).

alguns operadores, tal como a negação<sup>39</sup>. Além disso, seguindo Zubizarreta (1998), Toribio (2002) assume que projeções funcionais podem demonstrar sincretismo.



Como o exemplo (65d) mostra, a negação aparece no final da sentença, o que evidencia a extração do IP para a posição Spec $\Sigma P$  como ilustra (68) abaixo:

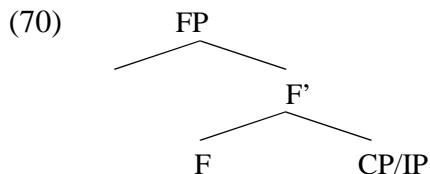
- (68) a. [IP/ $\Sigma P$  [IP Antonio no tiene dinero] [ $\Sigma no$   
 b. \*[IP/ $\Sigma P$  [ $\Sigma no$  [IP Antonio tiene dinero] (TORIBIO, 2002, p. 8)

O fato de que  $\Sigma P$  e IP estão numa relação de checagem é evidenciado pelo fato de que um IP afirmativo só é possível com *ser* ou *sí*, nunca com *no*.

- (69) a. \*[IP/ $\Sigma P$  [ $\Sigma no$  [IP Antonio tiene dinero]  
 b. [IP/ $\Sigma P$  [ $\Sigma sí$  [IP Antonio tiene dinero]  
 c. [IP/ $\Sigma P$  [ $\Sigma ser$  [IP Antonio tiene dinero] (TORIBIO, 2002, p. 8)

Seguindo essa linha de pensamento, Toribio (2002) propõe uma análise unificada para as construções focais em espanhol. Ela estabelece uma projeção funcional FP responsável pelos traços de foco e assume que FP pode selecionar um CP ou um IP. FP seleciona um CP no caso de um *Phrasal focus* e seleciona um IP no caso de um *Sentencial focus*. No caso do CP, tem-se uma construção de clivagem, na qual um elemento do CP constitui o foco da sentença; por outro lado, no caso do IP, todo o IP é movido para a SpecFP. A estrutura proposta por Toribio (2002) é a ilustrada em (70) a seguir:

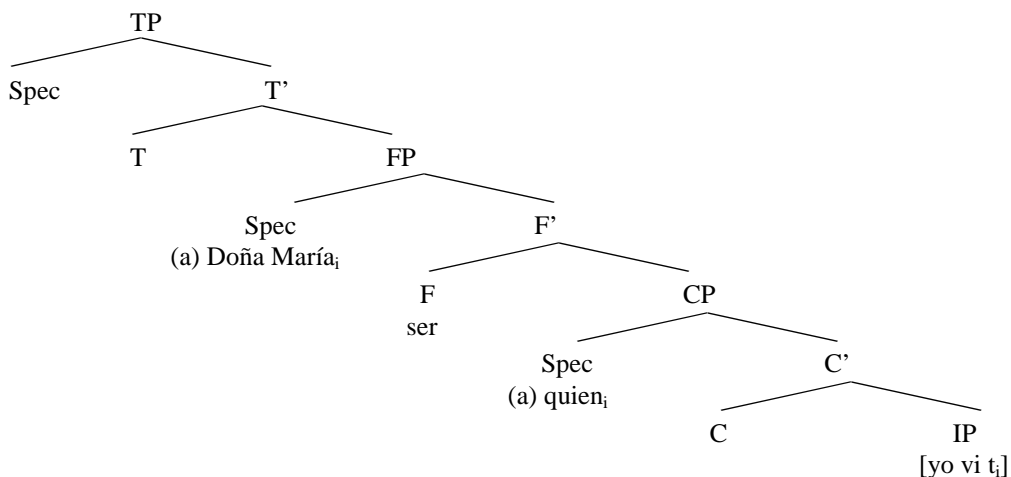
<sup>39</sup> Para uma definição de operador ver Pires de Oliveira (2001).



(TORIBIO, 2002, p.10)

Tendo em vista o sincretismo da projeção  $\Sigma P$ , Toribio (2002) estabelece que o núcleo F, em espanhol, pode ser preenchido por um dos três elementos: *ser*, *sí* ou *no*<sup>40</sup>. E os traços fortes de Tempo obrigam a adjunção de TP a FP em espanhol. Assim, a partir dessa estrutura básica, Toribio (2002) deriva as construções *pseudo-clivadas*, *phrasal focus* e *sentencial focus* como ilustrado em (71), (72) e (73):

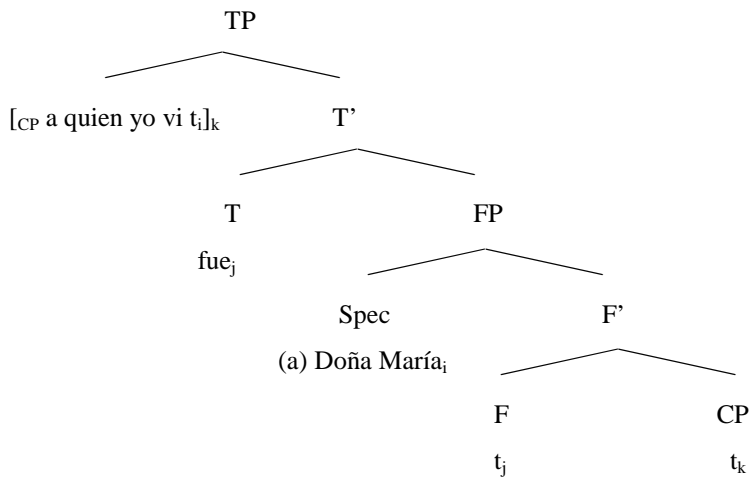
(71a) A quien yo vi fue a Doña María. (TORIBIO, 2002, p.10-11)



O DP focalizado é gerado em SpecFP e é coindexado ao pronome relativo que se moveu do IP para CP. O verbo copulativo se move para T e em seguida o CP remanescente é movido para SpecTP, gerando a estrutura em (71b)

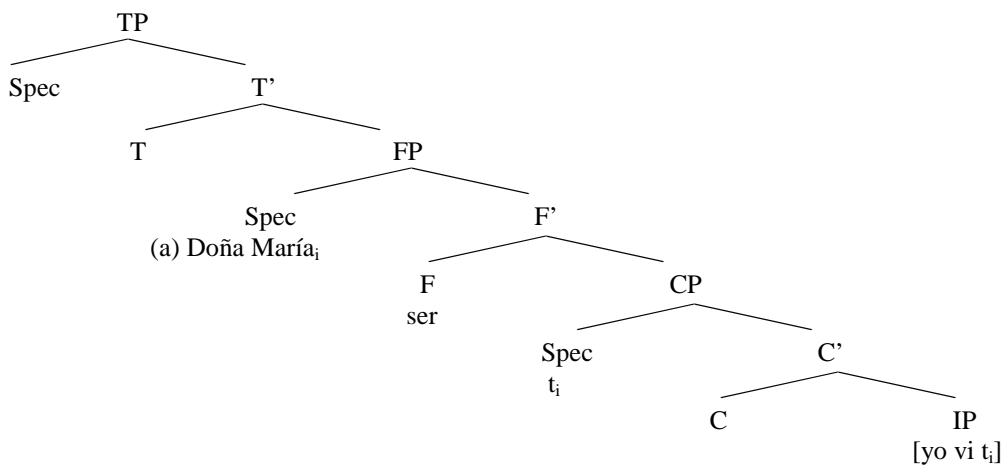
<sup>40</sup> No terceiro capítulo, retomo essa discussão para justificar minha análise para um tipo especial de construção de clivagem identificado no segundo capítulo.

(71b) (TORIBIO, 2002, p.11)

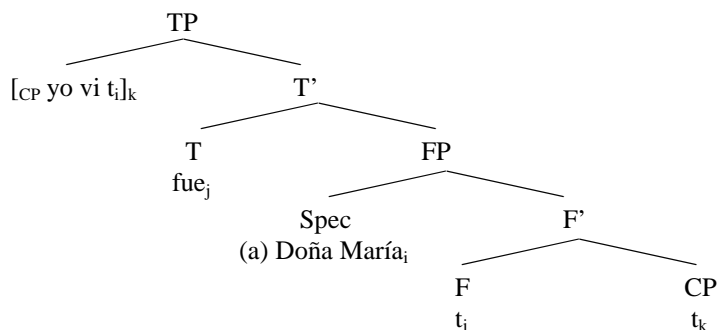


Para a derivação do Phrasal Focus, os procedimentos são os mesmos da pseudo-clivada acima. A diferença entre a *pseudo-clivada* e o *Phrasal Focus* está no fato de que no *Phrasal focus* aparece um operador nulo, representado por “t”, no lugar do pronome relativo da *pseudo-clivada*.

(72a) Yo vi fue a Doña Maria. (TORIBIO, 2002, p.11)



(72b) (TORIBIO, 2002, p.11)

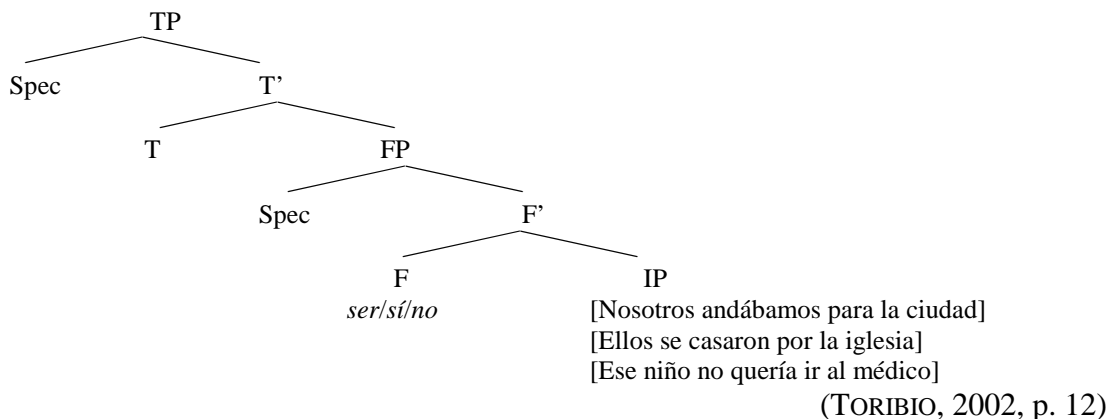


Com a estrutura ilustrada em (73), Toribio (2002) sumariza a discussão sobre as três estruturas:

(73) Sentential focus

- a. Nosotros andábamos para la ciudad era.
- b. Ellos se casaron por la iglesia sí.
- c. Ese niño no quería ir al médico no. (TORIBIO, 2002, p. 12)

(73')



Sumarizando: A partir das características sintáticas do espanhol dominicano, Toribio (2002) propõe uma projeção funcional sincrética  $\Sigma P$ , que dará conta da asserção ou reasserção de uma afirmação ou negação. Com base nesse  $\Sigma P$ , Toribio (2002) propõe uma análise unificada para construções focalizadoras indicando que diversos tipos de elementos podem funcionar como marcadores focais no espanhol dominicano.

A análise de Toribio (2002), assim como a de Brito e Duarte (2003) e Di Tullio (1999), procura dar uma análise unificada para as construções focalizadoras em espanhol. A partir da estrutura das *pseudo-clivadas*, em (71), seria possível derivar as *clivadas* seguindo as propostas de Di Tullio (1999) e Brito e Duarte (2003): no caso das *clivadas*, em lugar do especificador do CP realizado foneticamente, este seria ocupado por um operador nulo e o núcleo C estaria realizado.

#### 1.3.4. Brito e Duarte (2003)

Brito e Duarte (2003) estudam o fenômeno da clivagem no português. Apresentam a tipologia das construções de clivagem encontradas na língua portuguesa (português europeu) e dizem que é mais ampla que em outras línguas românicas.

(74) a.	Foi <i>o queijo</i> o que o corvo comeu.	Clivada-Q
b.	Foi <i>o queijo</i> que o corvo comeu.	Clivada
c.	O que o corvo comeu foi <i>o queijo</i> .	Pseudo-clivada básica
d.	<i>O queijo</i> foi o que o corvo comeu.	Pseudo-clivada invertida
e.	<i>O queijo</i> é que o corvo comeu.	Pseudo-clivada invertida de <i>é que</i>
f.	O corvo comeu foi <i>o queijo</i> .	Semi-pseudo-clivada básica <sup>41</sup>

(BRITO e DUARTE, 2003, p. 685)

As autoras afirmam que o italiano, o francês e o espanhol não teriam as construções exemplificadas em (74e) e (74f) e o espanhol ainda não teria as estratégias exemplificadas

<sup>41</sup> Lembrar que, ao longo do trabalho, utilizo a classificação de Modesto (2001) já ilustrada na seção 1.2.2. Comparar as classificações abaixo:

Brito e Duarte (2003)	Modesto (2001)
Clivada-Q	PCE
Clivada	CL
Pseudo-clivada básica	PC
Pseudo-clivada invertida	PCI
Pseudo-clivada invertida de <i>é que</i>	CI
Semi-pseudo-clivada básica	PCR

em (74a) e (74b). No entanto, como outros estudos mostram, o espanhol apresenta variação dialetal com relação às construções de clivagem.

Para Brito e Duarte (2003), assim como nos demais estudos, o constituinte clivado fixa o valor da variável na oração WH. Como elas também mostram, tanto argumentos como adjuntos podem sofrer os processos de clivagem; no entanto, advérbios de frase, como ilustrado em (75), e orações subordinadas adverbiais não substituíveis por advérbios de SV, como ilustrado em (76) não admitem nenhum dos processos de clivagem. O sujeito admite todos os processos de clivagem, a exceção dos contextos exemplificados em (77):

- (75) a. \*Foi *provavelmente* como o João comeu o bolo.  
 b. \*Foi *provavelmente* que o João comeu o bolo.  
 c. \**Provavelmente* foi como o João comeu o bolo.  
 d. \*Como o João comeu o bolo foi *provavelmente*.  
 e. \**Provavelmente* é que o João comeu o bolo.  
 f. \*O João comeu o bolo foi *provavelmente*. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 686)

- (76) a. \*Foi embora estivesse frio quando fomos à praia.  
 b. \*Foi embora estivesse frio que fomos à praia.  
 c. \*Embora estivesse frio foi quando fomos à praia.  
 d. \*Quando fomos à praia foi embora estivesse frio.  
 e. \*Embora estivesse frio é que fomos à praia.  
 f. \*Fomos à praia foi embora estivesse frio. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 686)

- (77) \*Comeu o queijo foi *o corvo*.<sup>42</sup> (BRITO e DUARTE, 2003, p. 687)

Para Brito e Duarte (2003), as construções de clivagem também são construções equativas do tipo identificacional em que o constituinte clivado é gerado na posição de predicado da SC, ou seja, o predicado subcategorizado pelo verbo copulativo:

---

<sup>42</sup> Voltar à explicação de Toribio (2002), na seção anterior, para a agramaticalidade dessa sentença.

(78) a. ... ser<sub>[OP<sub>eq</sub> [α] [o queijo]]</sub> (BRITO e DUARTE, 2003, p. 687)

O símbolo  $\alpha$  ocupa a posição correspondente ao sujeito da SC, que contém uma posição vazia relacionada com um operador. Esse constituinte pode ser uma relativa livre, como acontece nos exemplos a seguir:

- (79) a. Foi o queijo [o que o corvo comeu]. Clivada-Q  
 b. [O que o corvo comeu] foi o queijo. Pseudo-Clivada Básica  
 f. O queijo foi [o que o corvo comeu]. Pseudo-Clivada Invertida  
 (BRITO e DUARTE, 2003, p. 688)

Para as autoras, as *Clivadas-Q* são menos freqüentes no português que as *Clivadas*, que são construções que possuem uma oração pseudo-relativa que desempenha a mesma função de uma oração relativa.

- (80) Foi o queijo [que o corvo comeu]. Clivada  
 (BRITO e DUARTE, 2003, p. 688)

Além dessas estratégias, o PE ainda dispõe de mais duas possibilidades:

- (81) a. O queijo *é que* o corvo comeu. Pseudo-Clivada Invertida de *é que*  
 b. O corvo comeu *foi* o queijo. Semi-Pseudo-Clivada Básica  
 (BRITO e DUARTE, 2003, p. 688)

A análise formal feita por Brito e Duarte (2003), da mesma forma que a de Di Tullio (1999), não diferencia estruturalmente sentenças *clivadas* das *pseudo-clivadas*: há apenas uma estrutura em que a posição de sujeito está ocupada pela (pseudo-)relativa, ligada por um pronome relativo ou operador nulo, cujo valor é fixado pelo constituinte clivado.

- (82) [<sub>SFlex</sub> SER<sub>[OP<sub>eq</sub> {[o que]<sub>i</sub> / OP<sub>i</sub> que}] o corvo comeu [<sub>v</sub>]<sub>i</sub> [<sub>SN</sub> o queijo]<sub>i</sub>]]  
 (BRITO e DUARTE, 2003, p. 688)</sub>



No caso das *Pseudo-clivadas*, a oração relativa se desloca para SpecIP, enquanto o foco se mantém *in-situ* recebendo leitura focal por ser o constituinte mais à direita. Já no caso das *Pseudo-clivadas invertidas*, quem se move é o constituinte clivado.

A escolha do elemento que será alçado depende da situação discursiva, tendo em conta que, geralmente, a informação conhecida precede a informação nova (ver HERNANZ e BRUCART, 1987; GUTIÉRREZ ORDÓNEZ, 2000; entre outros):

- (83) O que é que aconteceu ao queijo?
- a. O queijo, o corvo comeu.
  - b. O queijo foi o que o corvo comeu. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 689)
- (84) O que é que o corvo comeu?
- a. O corvo comeu o queijo.
  - b. O que o corvo comeu foi o queijo. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 689)

No caso das *Clivadas* (85b) e *Clivadas-Q* (85a), o constituinte clivado é analisado como movido para uma posição de adjunção à esquerda da SC:

- (85) a. [SFlex ...foi [OPeq [SN o bolo]<sub>i</sub>] [OPeq [SComp [o que]<sub>j</sub>] o João comeu [v]<sub>j</sub> [v]<sub>i</sub>]]  
 b. [SFlex ...foi [OPeq [SN o bolo]<sub>i</sub>] [OPeq [SComp Op]<sub>j</sub> que o João comeu [v]<sub>j</sub> [v]<sub>i</sub>]]  
 (BRITO e DUARTE, 2003, p. 689)

O tipo de movimento A-barrado envolvido nessa derivação é um caso de *Scrambling*, que tira o elemento da posição mais à direita, onde receberia a leitura de foco informativo, colocando-o numa posição de foco quantificacional<sup>43</sup>. Sendo assim, as *Clivadas* e *Clivadas-Q*, no PE, não poderiam ser possíveis respostas para a pergunta em (86)<sup>44</sup>:

<sup>43</sup> Foco informativo e quantificacional no sentido de É. KISS (1998).

<sup>44</sup> Em português brasileiro, como mostra Côrtes Júnior (2006), (86a) e (86b) são respostas possíveis para a pergunta do exemplo. Para algumas diferenças entre o PB e PE, com relação à ordem de palavras, focalização e topicalização ver Kato e Raposo (1996).

- (86) Quem é que o João matou?
- a. #Foi a Maria quem o João matou.
  - b. #Foi a Maria que o João matou. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 690)

Por último, as autoras analisam as *Semi-pseudo-clivadas*. A primeira observação que fazem é a de que essas sentenças envolvem obrigatoriamente VPs não máximos.

- (87) a. O corvo comeu foi *o queijo*. (SN, objecto directo)
- b. O corvo deu o queijo foi *à raposa*. (SP, objecto indirecto)
- c. O corvo comeu foi *muito depressa*. (Advérbio de SV)
- (BRITO e DUARTE, 2003, p. 692)

Caso o constituinte clivado seja um VP máximo ou qualquer constituinte superior na hierarquia da sentença, como sujeitos e advérbios de frase, a estrutura se converte em agramatical:

- (88) a. \*O corvo fez foi comer *o queijo*. (SV máximo)
- b. \*Comeu o queijo foi *o corvo*. (SN sujeito)
- c. \*O corvo comeu o queijo foi *provavelmente*. (Advérbio de frase)
- (BRITO e DUARTE, 2003, p. 693)

Brito e Duarte (2003) discordam de Kato e Raposo (1996), por exemplo, dizendo que não se pode derivar as *Semi-pseudo-clivadas* do apagamento do pronome relativo das *Pseudo-clivadas básicas*, haja vista que há contextos em que estas são agramaticais e aquelas não:

- (89) a. \*Como o presidente discursou foi *muito bom*.
- b. \*O que o João deu foi *o livro à Maria*.
- c. \*O que o João pôs foi *o livro na pasta*. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 693)

- (90) a. O presidente discursou foi  *muito bom*.  
 b. O João deu foi  *o livro à Maria*.  
 c. O João pôs foi  *o livro na pasta*. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 693)

Como conclusão, Brito e Duarte (2003) relacionam esta possibilidade de clivagem com a possibilidade de construção de Objeto Nulo: para as autoras, línguas que não permitem construções de objeto nulo não possuem a *Semi-pseudo-clivada* como acontece nas demais línguas românicas.

### 1.3.5. Kato e Ribeiro (2005; 2006)

Kato e Ribeiro (2005; 2006) tratam da evolução das estruturas de clivagem no PB a partir do problema que Lopes Rossi (1993) levanta sobre a mudança da ordem dos constituintes nas interrogativas desta variedade: até o século XVIII, a ordem das interrogativas em perguntas raízes era QV SX, como em línguas V2, à exceção das interrogativas Q+N, nas quais a inversão não se fazia obrigatória; o decréscimo da ordem QV SX começa a aparecer no século XVIII com a introdução de perguntas clivadas<sup>45</sup>, que até então se limitavam a clivar argumentos.

- (91) a. Que tem Deus de ver comigo?  
 b. Prudência,  *que dizeis vós?*  
 c. Que recado me dás tu?  
 d. Que cuidado vós tendes de me pagar a soldada...?

(LOPES ROSSI, 1993 apud KATO e RIBEIRO, 2006, p. 165)

- (92) a. Sobrinho desalmado,  *que é o que fizeste?*  
 b. Tenha mão, senhor,  *que é o que quer?*

(LOPES ROSSI, 1993 apud KATO e RIBEIRO, 2006, p. 166)

---

<sup>45</sup> O tipo de clivagem que aparece nessas interrogativas é a *pseudo-clivada invertida*. Segundo Kato e Ribeiro (2005), as interrogativas *clivadas* só aparecem no século XIX, clivando argumentos e adjuntos. Para uma análise diacrônica das interrogativas no português, ver Lopes Rossi (1993; 1996).

(93) a. O que é que tu tens nessa barriga?

(LOPES ROSSI, 1993 apud KATO e RIBEIRO, 2005, p. 2)

b. A sra D.Vicenza, como é que a sra diz à cabrita?

(LOPES ROSSI, 1993 apud KATO e RIBEIRO, 2005, p. 2)

No que se refere às interrogativas do PE e do PB atuais, os estudos têm mostrando que o PB exhibe ordem QSV e perguntas clivadas; o PE, no entanto, apresenta perguntas clivadas mas não licencia a ordem QSV<sup>46</sup>.

A hipótese inicial é a de que as construções de clivagem em que a cópula aparece em posição inicial não eram licenciadas até o século XVII devido às restrições das línguas de tipo V2. Essa hipótese é confirmada nas línguas germânicas modernas: o inglês, língua germânica que perdeu a propriedade V2, é a única língua germânica que apresenta as construções do tipo *It-cleft*. Portanto, as primeiras estratégias eram aquelas em que o foco aparece na primeira posição.

Conforme as hipóteses das autoras, são encontrados no PA os seguintes tipos de construções de clivagem:

PCI, que geralmente apresentam um dêitico fronteado:

(94) a. témi Deus e guarda os seus mandados, ca AQUESTO *he o que* todos devemos a fazer. (DSG)

b. E **ESTO** *he o que* eu dixi primeiramente:[ \_\_ que aqueles que andamos pelo mar, quanto mais andamos tanto mais pouco vemos o porto de que nos partimos, se nos pera el non queremos tornar.] (DSG)

(KATO e RIBEIRO, 2006, p. 175)

CI:

(95) A DEMANDA DO SANTO GRAAL *é que*, [...] em tam mostrará a estes homees bõos e a estes bem aventurados as maravilhas que andam buscando do Santo Graal.(GRAAL – CLXVI)

(adaptado de KATO e RIBEIRO, 2006, p.176)

<sup>46</sup> Por exemplo, Kato e Raposo (1996), Mioto e Kato (no prelo) e Kato e Mioto (2005).

CL são possíveis apenas em sentenças subordinadas, onde a língua não é obrigada a obedecer aos padrões V2:

- (96) Esto creio que *é PER DEUS que* os homens se lavam de seus pecados em aquele Nitrea, como o nitro lava o vidro de todo lixo.(Flos)  
(KATO e RIBEIRO, 2006, p.176)

Após o período V2, as CI passam a ser atestadas com mais frequência e as perguntas clivadas, que só apareciam com PCI, passam a aparecer com as CI:

- (97) a. M. E quando *é que* são Relativos? (Argote 1676-1749)  
b. M. E quando *é que* são enclíticos os relativos O, Os, A, As? (Argote 1676-1749)  
c. M. E quando *é que* o mostra? (Argote 1676-1749)  
(KATO e RIBEIRO, 2006, p.178)

A partir do século XVIII, as CL e as PCE passam a ser atestadas com mais frequência e os cinco tipos (CL, CI, PC, PCI, PCE) passam a ser bastante frequentes.

- (98) a. *é O REI LEGÍTIMO que* devemos opor ao usurpador.  
b. *é NAS MÃOS DE VOSSA EMINÊNCIA que* êles depositam hoje a sorte da Igreja e da França  
(KATO e RIBEIRO, 2006, p.179)
- (99) a. *foi VOSSA EMINÊNCIA quem* me conduziu à presença de Sua Alteza Real  
b. Não *é ESPANHA quem* deve estabelecer as regras da nossa conduta, mas *é O NOSSO PRÍNCIPE quem* deve ditar à Espanha o que convém;  
(KATO e RIBEIRO, 2006, p. 179)

As conclusões a que as autoras chegam no final do estudo são as seguintes:

- a) a clivada (it-cleft) não aparece em sentenças raízes por violar o padrão V2;
- b) as clivadas inversas são possíveis, mas apenas com DP focalizado, fase em que ainda não se observam as interrogativas clivadas;
- c) as pseudo clivadas e pseudo-clivadas invertidas ocorrem nos documentos, caracterizando-se como um padrão perfeitamente licenciado no período V2;
- d) o período V2 admite também as perguntas-Q derivadas de pseudo-clivadas;

e) é com o aparecimento sem restrições de elemento focalizado, que as perguntas-Q clivadas aparecem no sistema; isso quando o português deixa de ser V2.

(KATO e RIBEIRO, 2006, p. 180)

A diferença dos dois textos é que Kato e Ribeiro (2005) fazem uma análise formal das estruturas em questão e ainda analisam alguns aspectos das interrogativas. As autoras fazem a derivação dos diversos tipos de sentença, começando pela PC e PCI. Seguindo Kato et alii (1996), as *pseudo-clivadas* são derivadas de uma SC de tipo equativo, em que a relativa livre ocupa a posição de sujeito.

- (100) a. [SC [quem quer casar] [a Suzanita]] SC equativa  
 b. [IP é [SC [quem quer casar] [a Suzanita] ] ] Merge da cópula  
 c. [IP [ quem quer casar ]<sub>i</sub> é [SC t<sub>i</sub> [a Suzanita/ SUZANITA]]] Movimento A da relativa livre para Spec IP, gerando a Pseudo-clivada.  
 (KATO e RIBEIRO, 2005, p. 11)

- (101) a. [SC [quem quer casar] [a Suzanita]] SC equativa.  
 b. [IP é [SC [quem quer casar] [a Suzanita] ] ] Merge da cópula.  
 c. [IP∅Exp é [SC[quem quer casar] [a Suzanita] ] ] Merge do sujeito expletivo.  
 d. CP/FP [ A SUZANITA]<sub>i</sub> [C'/F' é [IP∅Expl t<sub>e</sub> [SC [quem quer casar] t<sub>i</sub>]]]] A cópula se move para C/F e o predicado se move para Spec CP/FP, gerando a pseudo-clivada invertida.  
 (KATO e RIBEIRO, 2005, p. 11)

A diferença das duas derivações, para Kato e Ribeiro (2005), está em que, como o foco é o predicado, em (100) ele pode receber a interpretação *in-situ* pois é o constituinte mais à direita. Em (101) o movimento para FP se dá em obediência ao *critério-WH* de Rizzi (1991); como a relativa não se moveu para SpecIP, foi necessário o merge de um sujeito expletivo. No entanto, como (102) a seguir mostra, é possível a concordância do foco com a cópula. Se o foco se move diretamente para FP, sem passar pelo SpecIP, como seria desencadeada a concordância em (102)?

- (102) a. Meus pais são os que vão fazer a festa.  
 b. Quem vai fazer a festa são meus pais.

Considerando a análise com a inserção do expletivo para satisfazer EPP, têm-se duas explicações possíveis: a) uma análise com um sistema baseado na operação *Agree*; b) uma análise com um BigDP, conforme propõe Belletti (2003).

Considerando sucintamente a primeira opção<sup>47</sup>, a operação *Agree* determina que somente itens com traços [+interpretáveis] entram com seus traços valorados na numeração; os itens com traços [-interpretáveis] podem ter seus traços valorados no decorrer da derivação. Assim, no caso da concordância sujeito-verbo, apenas o DP sujeito tem seus traços de número, gênero e pessoa especificados previamente, porque, no DP esses traços são [+interpretáveis]; por outro lado, o verbo concorda com o DP sujeito, porém os traços  $\phi$  do verbo são [-interpretáveis]. Nesta relação, o elemento que dota os traços [-interpretáveis] sonda (*probes*) algum elemento que seja c-comandado por ele (*goal*) e possua traços [+interpretáveis] compatíveis com o núcleo *probe*. O primeiro item encontrado poderá checar os traços do *probe*. Se os traços forem compatíveis, a derivação converge; se os traços não forem compatíveis, a derivação não converge.

Voltando aos exemplos em (101) e (102) acima, quando a cópula é mergida, ela sonda (*probes*) o elemento que pode checar seus traços [-interpretáveis], que, neste caso, é o foco da sentença. Como o DP sujeito focalizado não teve seus traços de foco checados, pode se mover para o CP matriz a fim de que esses traços sejam checados.

Por outro lado, pela segunda possibilidade, pode-se considerar que o expletivo silencioso e o DP sujeito formam um BigDP, à semelhança dos DP com quantificadores flutuantes, conforme propõe Belletti (2003)<sup>48</sup>. Na derivação, em primeiro lugar, o DP realizado fonologicamente se move para uma projeção capaz de checar seus traços de foco; em seguida, o DP remanescente portando o expletivo silencioso se move para SpecIP a fim de checar os traços gramaticais do DP. O problema desta análise é que Belletti (2003) só considera um BigDP os casos nos quais o sujeito está posposto ao verbo. No entanto, os exemplos em (101) e (102) mostram casos de sujeitos pré-verbais.

<sup>47</sup> Ver Grohman, Nunes e Hornstein (2005, p. 317-328) para uma explicação detalhada da operação *Agree*.

<sup>48</sup> Ver a seção 1.4.2 a seguir para uma explicação mais detalhada da hipótese do BigDP.

Com relação à CI, para Kato e Ribeiro (2005) é derivada não da CL, mas da sentença apresentativa, que tem o CP subordinado com traço [-F], como na estrutura representada em (103).

- (103) a. É que o meu relógio caiu. Apresentativa  
 b. O meu relógio é que caiu. Clivada invertida  
 (KATO e RIBEIRO, 2005, p. 12)

Assim a derivação da sentença apresentativa e da *clivada invertida* seria como em (104) e (105) respectivamente:

- (104) a. [IP [ O MEU PÉ]<sub>-F</sub> dói.....] IP contendo o DP[+F].  
 b. [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>-F</sub> dói.....] ] Merge do IP com um CP[-F].  
 c. [ é [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>-F</sub> dói.....] ] Merge da cópula.  
 d. [IP $\emptyset$ Expl é [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>-F</sub> dói]]] Merge do sujeito expletivo da cópula.  
 (KATO e RIBEIRO, 2005, p. 12)

- (105) a. [IP [ O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói.....] IP contendo o DP[+F].  
 b. [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói.....] ] Merge do IP com um CP[-F].  
 c. [ é [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói.....] ] Merge da cópula.  
 d. [IP $\emptyset$ Expl é [CP *que*<sub>-F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói]]] Merge do sujeito expletivo da cópula.  
 e. [CP [O MEU PÉ]<sub>i</sub> [C' é+[+F] [IP $\emptyset$ Expl t<sub>é</sub> [CP *que*<sub>-F</sub> [IP t<sub>i</sub> dói.]]]] Movimento da cópula para C[+F] e movimento do DP[+F] para Spec CP.  
 (KATO e RIBEIRO, 2005, p.12)

A diferença entre as apresentativas e as *clivadas invertidas* é que as primeiras não apresentam o traço [+F] em seus complementizadores e as segundas sim. Também vale observar que, segundo Kato e Ribeiro (2005), nas sentenças apresentativas, a cópula não faz concordância de tempo e as interrogativas clivadas são derivadas da mesma maneira que as *clivadas invertidas*.



Para a derivação da CL, Kato e Ribeiro (2005) acreditam que, no final do período clássico da língua, surgiu um complementizador *que*<sub>[+F]</sub> homófono ao *que*<sub>[-F]</sub>, permitindo que o traço [+F] do DP fosse checado nesse CP subordinado.

- (106) a. [IP [O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói.....] Um IP contendo o DP<sub>[+F]</sub>.  
 b. [CP *que*<sub>+F</sub> [IP [O MEU PÉ]<sub>+F</sub> dói.....] ] Merge do IP com um CP<sub>[+F]</sub>.  
 c. [CP [O MEU PÉ]<sub>+Fi</sub> [C' *que*<sub>+F</sub> [IP t<sub>i</sub> dói...]]] Movimento do DP<sub>[+F]</sub> para Spec CP<sub>[+F]</sub>.  
 d. [IP é [CP [O MEU PÉ]<sub>i</sub><sub>+F</sub> [C' *que*<sub>+F</sub> [IP t<sub>i</sub> dói.....]]]] Merge de da cópula.  
 e. [ØExpl [IP é [CP [O MEU PÉ]<sub>i</sub><sub>+F</sub> [C' *que*<sub>+F</sub> [IP t<sub>i</sub> dói.....]]]]] Merge do sujeito expletivo da cópula.
- (KATO e RIBEIRO, 2005, p. 13)

Segundo Kato e Ribeiro (2005), o PB atual pode parar a derivação no estágio (106c), porque o C<sub>[+F]</sub> pode funcionar como um marcador focal sem precisar ser selecionado pela cópula, gerando assim a *clivada sem cópula*<sup>49</sup>. Esse fato corrobora a análise que as autoras fazem do fato de a CI não derivar da CL. Ademais, segundo elas, esta foi a inovação do português brasileiro: o aparecimento do complementizador *que*<sub>[+F]</sub>. Nesta análise, se questiona por que só no século XIX é que foi possível o aparecimento da *clivada-sem-cópula*. Uma resposta dada, segundo Kato e Raposo (1996), é que houve perda da concordância de tempo entre a cópula e o verbo principal, na sentença subordinada. Desta forma, houve uma mudança nas propriedades do complementizador subordinado *que*<sub>[+F]</sub>, que além de estar especializado em checagem de foco adquiriu traços de Força.

Como conclusão, além de confirmarem as hipóteses de Kato e Ribeiro (2006), Kato e Ribeiro (2005)<sup>50</sup> dizem que o PB passou por três mudanças principais:

- 1) enfraquecimento dos traços de tempo no núcleo C, que permitiam que qualquer verbo se movesse de V-para-C, fazendo com que somente a cópula pudesse manter esse movimento;

<sup>49</sup> Segundo Kato e Raposo (1996), o PE não apresenta esse tipo de construção clivada. No PE o *que*<sub>[+F]</sub> deve ser selecionado pela cópula, que funciona como um predicado forte (KATO e RIBEIRO, 2005).

<sup>50</sup> Kato e Ribeiro (2006) é a publicação de um trabalho apresentado em 2004, no VI Encontro para a História do Português do Brasil; por esta razão é anterior a Kato e Ribeiro (2005).

- 2) o aparecimento de um complementizador<sub>[+F]</sub> selecionado pela cópula, licenciado a checagem de traços de foco no CP subordinado;
- 3) o aparecimento de *clivadas sem cópula*, a partir da reanálise do complementizador<sub>[+F]</sub>, que, além de fazer a checagem de foco, passou a apresentar traços de Força. Apenas o português brasileiro sofreu esta terceira mudança.

#### 1.4. AS PERIFERIAS DA SENTENÇA E A CHECAGEM DE TRAÇOS DE FOCO

##### 1.4.1. *The fine structure of the left periphery: A periferia esquerda*

Rizzi (1997) apresenta os níveis estruturais de acordo com a teoria X-Barra: VP (nível de seleção lexical); IP (nível de flexão, com licenciamento de Caso e concordância) e CP (nível complementizador, exibindo tópicos e operadores). Também afirma que, do mesmo modo que Pollock (1989) estabeleceu a cisão de VP em outras categorias como TP, AgrP, AspP etc, os estudos dentro da literatura gerativista indicavam que o CP também apresenta uma estrutura muito maior que um único esquema X-Barra.

O sistema Força-Finitude é obrigatório em todas as sentenças porque é nele que se marca o tipo de sentença (declarativa, interrogativa, adverbial, relativa etc) e se a sentença é finita ou infinita. Rizzi (1997) comenta que há línguas que exibem morfologia específica para marcação dessas funções.

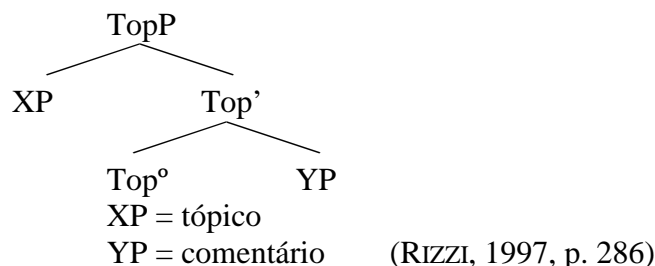
O sistema Tópico-Foco é opcional e só é projetado quando necessário. Esse sistema pode ser subdividido em dois: tópico-comentário e foco-suposição, como pode ser ilustrado nos exemplos em (107) abaixo:

- (107) a. Your book, you should give t to Paul (not to Bill)  
(O seu livro, você pode dar t para Paul (não para Bill))
- b. YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)  
(O SEU LIVRO você pode dar t para Paulo (não o meu))
- (RIZZI, 1997, p. 285)

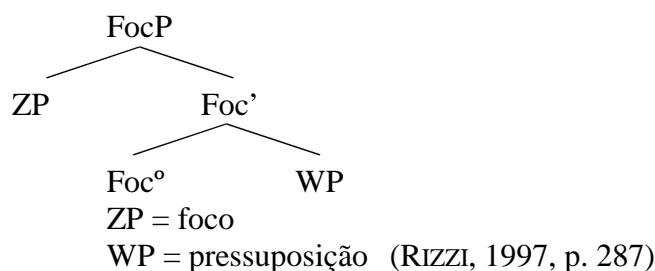
Rizzi (1997) comenta que, embora as sentenças em (107) sejam estruturalmente similares, apresentam diferenças interpretativas. (107a) representa o sistema tópico-comentário, no qual o elemento na esquerda da sentença é o tema da conversa e a sentença remanescente

no IP é o comentário que se faz sobre esse tema. Por outro lado, (107b) representa o sistema foco-pressuposição, no qual a sentença em IP indica a pressuposição e o elemento deslocado à esquerda completa o valor da pressuposição. Ambos os sistemas terão a representação de um esquema X-Barra como ilustrado em (108) e (109):

(108)



(109)



Rizzi (1997) comenta que, em forma lógica, (124) e (125) deve ser a configuração de checagem de traços mesmo que os elementos estejam *in-situ* na sintaxe, como ilustra o exemplo (110):

(110)      Ho letto IL TUO LIBRO (non il suo)  
             Eu li O TEU LIVRO (não o dele) (RIZZI, 1997, p. 287)

Esse movimento para checagem de traços em forma lógica se deve à obediência a critérios semelhantes ao Critério-WH proposto por Rizzi (1991)<sup>51</sup> como definido em (111)<sup>52</sup>:

<sup>51</sup> No terceiro capítulo, retomo essa discussão.

<sup>52</sup> Dentro de uma visão semântica, o movimento para uma posição mais alta é requerido para que o elemento tenha escopo sobre a sentença, conforme assinalam Radford (1997) e Pires de Oliveira (2001). Ver também Muller e Viotti (2003). No entanto, conforme mostra a análise de Belletti (1999; 2002; 2003), o XP focalizado em (110), por exemplo, não necessita ser movido para a periferia esquerda, tendo em vista a existência de uma periferia interna. Para uma definição semântica da operação de escopo, ver Ilari e Galdi (1987).

(111) Critério WH

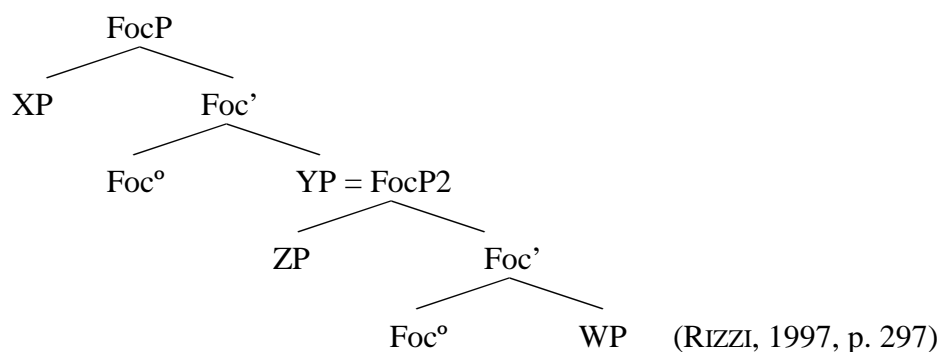
- (i) Um operador WH deve estar numa configuração Spec-Head com um  $X^{\circ}_{[+WH]}$ .
- (ii) Um  $X^{\circ}_{[+WH]}$  deve estar numa configuração Spec-Head com um operador WH.

(RIZZI, 1991, p. 2)

As estruturas em (108) e (109) ilustram a obediência a um critério semelhante, em que um XP topicalizado ou focalizado se encontra em uma relação Spec-Head com um núcleo que porta os respectivos traços de tópico ou foco.

Um outro ponto levantado por Rizzi (1997) é a impossibilidade de recursividade de foco, a possibilidade de recursividade de tópico, e a possibilidade de co-ocorrência de tópico e foco. Com relação à impossibilidade de recursividade de foco, Rizzi (1997, p. 296-297) comenta que se deve à incompatibilidade semântica: se um foco é complemento de outro foco, como ilustra a estrutura em (112), o FocP complemento, representado por YP, vai ter interpretação ambígua de foco e pressuposição ao mesmo tempo, o que é impossível em forma lógica:

(112)



Por outro lado, o tópico não é sensível a essa restrição semântica tendo em vista que nada impede que um comentário seja o tema de outro comentário.

Com relação aos possíveis ordenamentos entre tópico e foco, Rizzi (1997) apresenta as seguintes possibilidades:

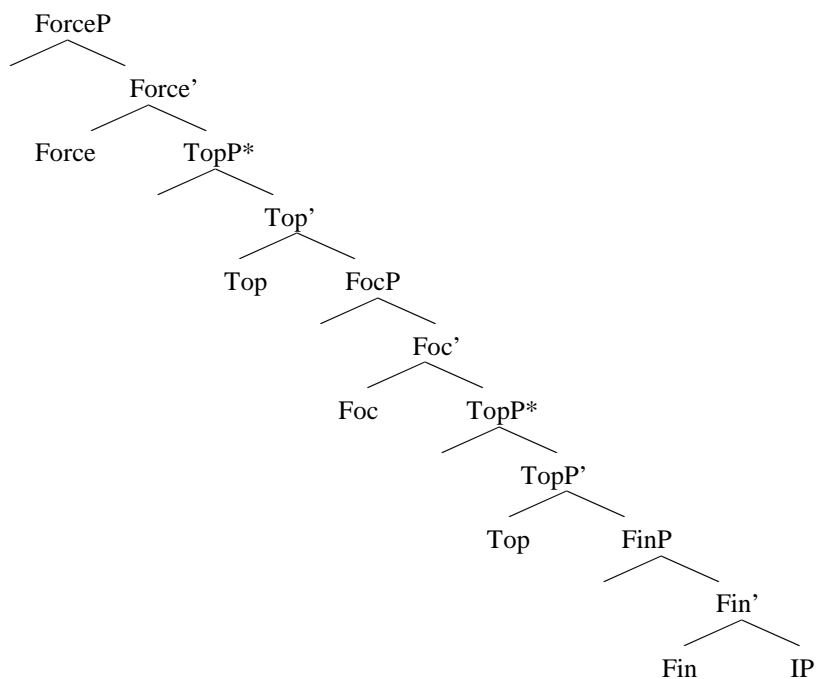
- (113) a. Credo che a Gianni, **QUESTO**, domani, gli dovremmo dire.  
 (Creio que a Gianni, ISTO, amanhã nós deveremos dizer)
- b. Credo che domani, **QUESTO**, a Gianni, gli dovremmo dire.
- c. Credo che domani, a Gianni, **QUESTO**, gli dovremmo dire.
- d. Credo che a Gianni, domani, **QUESTO**, gli dovremmo dire.
- e. Credo che **QUESTO**, a Gianni, domani, gli dovremmo dire.
- f. Credo che **QUESTO**, domani, a Gianni, gli dovremmo dire.

(RIZZI, 1997, p. 295-296)

Os exemplos acima mostram que são possíveis os seguintes ordenamentos: (113a) e (113b) Top-Foc-Top; (113c) e (113d) Top-Top-Foc; (113e) e (113f) Foc-Top-Top. Os exemplos mostram, também, que a ordenação dos tópicos não interfere na gramaticalidade das sentenças.

Desta forma, a periferia esquerda da sentença proposta por Rizzi (1997) é a estrutura representada em (114) a seguir.

(114)



(RIZZI, 1997, p. 297)

Sintetizando a discussão de Rizzi (1997), o CP deve ser entendido como o nível de interface entre a sentença e uma estrutura superior (que pode ser entendida como uma oração matriz que seleciona uma subordinada ou como a articulação do discurso). Desta maneira, o CP deve conter dois sistemas que providenciarão informações importantes para a interpretação sintática e semântica das sentenças: o Sistema Força-Finitude (*Force-Finiteness System*) e o Sistema Tópico-Foco (*Topic-Focus System*). O Sistema Força-Finitude providenciará informações de se a sentença é declarativa, interrogativa, exclamativa, adverbial, comparativa, relativa etc. e se o verbo da sentença é um verbo finito ou infinito. Por outro lado, o Sistema Tópico-Foco irá conter outras informações discursivas independentes das restrições de seleção contidas nas sentenças, como os pares “tópico-comentário” e “foco-suposição”. Como tópico e foco são posições A-Barra, os elementos que se movem para essas posições devem ser saturados casual e tematicamente dentro da sentença, ou seja, dentro do IP.

#### 1.4.2. *The low IP area: A periferia interna*

Por outro lado, Belletti (1999; 2002; 2003) discute a inversão da ordem como recurso de focalização. Belletti (1999) discute a diferença entre os exemplos ilustrados a seguir:

- (115) a. ?Capirà completamente Maria  
(Entenderá completamente Maria)  
b. \*Capirà Maria completamente  
(Entenderá Maria completamente)  
c. Capirà tutto Maria  
(Entenderá tudo Maria)  
d. \*Capirà Maria tutto  
(Entenderá Maria tudo) (BELLETTI, 1999, p. 11-12)

Os exemplos em (115) mostram que o sujeito não pode intervir entre o verbo e o advérbio ou quantificador, conforme mostra a agramaticalidade de (115b) e (115d). Então Belletti (1999) questiona como o sujeito pode ser licenciado em posição pós-verbal como no exemplo em (116):

- (116) a. Chi è partito / ha parlato?  
(Quem saiu / falou?)  
b. E' partito / ha parlato Gianni  
(Saiu / Falou Gianni)  
c. #Gianni è partito / ha parlato  
(Gianni saiu / falou) (BELLETTI, 1999, p. 13)

A partir dos exemplos em (116), Belletti (1999) argumenta que os sujeitos pré-verbais devem ser interpretados como informação velha. O que torna a sentença (116c) uma resposta inadequada para a pergunta em (116a). Assim, Belletti (1999) propõe que o sujeito esteja preenchendo uma posição baixa na sentença. A autora levanta a hipótese de que essa posição poderia ser sua posição original dentro do VP. Mas diz que esta posição está indisponível, neste caso, por causa de requerimentos de Caso.

Belletti (2002) faz um contraste entre a inversão VS do italiano e a do francês como mostram os exemplos em (117)<sup>53</sup>:

- (117) a. Ha parlato Gianni  
(Falou Gianni)  
b. E' partito Gianni  
(Saiu Gianni)  
c. \*A parlé Jean  
(Falou Gianni)  
d. \*Est parti Jean  
(Saiu Gianni)  
e. Le jour où a parlé/est parti Jean  
(O dia em que falou/saiu Gianni)  
f. Il faut que parle/parte Jean  
(É necessário que fale/saia Gianni)  
g. Il giorno in cui ha parlato/è partito Gianni  
(O dia em que falou/saiu Gianni)  
h. E' necessario che parli/parta Gianni  
(É necessário que fale/saia Gianni) (BELLETTI, 2002, p. 18)

A partir de (117), Belletti (2002) comenta a diferença entre a inversão livre (*free inversion* - FI) e a inversão estilística (*stylistic inversion* - SI). A inversão estilística é aquela que é

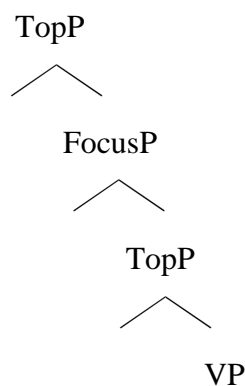
---

<sup>53</sup> Esta distinção dos dois tipos de inversão (FI e SI) é relevante para análise da posição do sujeito. O espanhol, como mostro no segundo e terceiro capítulos, apresenta dois tipos de inversão VS: uma com sujeito focalizado e outra sem focalização de sujeito. Em cada caso, o sujeito ocupará uma posição diferente na estrutura, como se verá no terceiro capítulo.

desencadeada em um contexto específico, como na presença do subjuntivo em (117e-f). Já a inversão livre acontece sem um desencadeador visível. Com base nos exemplos (117a-b) / (117c-d) e (117e-f) / (117g-h), pode ser atestado que o francês não apresenta a chamada inversão livre, que é uma consequência da perda do parâmetro do sujeito nulo nessa língua. O contraste dos exemplos em (117) com relação à possibilidade de inversão do sujeito corrobora a hipótese de Belletti (1999) de que o sujeito pós-verbal deve ser interpretado como sujeito focalizado. E Belletti (2002) diz que na FI o sujeito pós-verbal não está tão alto quando o sujeito da SI.

Desta forma, Belletti (1999; 2002) vão assumir a existência de uma periferia interna da sentença, idêntica à periferia esquerda de Rizzi (1997), que vai ser responsável pelo pouso do sujeito focalizado na FI, já que o sujeito não está tão baixo, como no VP, nem tão alto, como no IP. A periferia interna do VP é estabelecida por Belletti (1999; 2002; 2003) como representado em (118) abaixo:

(118)



(BELLETTI, 2002, p. 25)

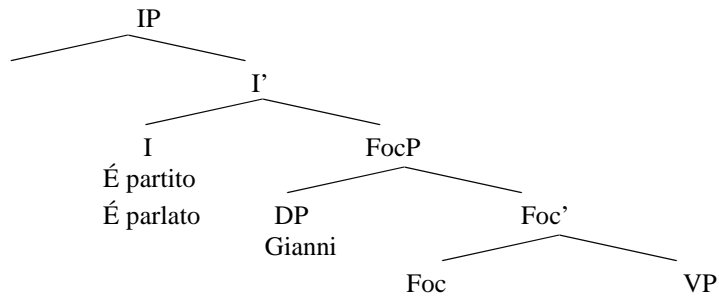
A periferia do VP, como ilustrado em (118), está entre o IP e o VP, considerando o VP como o VP Shell (vP e VP)<sup>54</sup>.

A sentença em (117b), se acomodada na estrutura proposta em (118), terá a seguinte representação simplificada:

<sup>54</sup> Não discuto nesta seção as restrições aos possíveis ordenamentos. Ver Belletti (1999; 2002) para uma discussão original do assunto. No terceiro capítulo discuto sinteticamente a análise de Belletti (1999; 2002) com relação à ordem VSO.



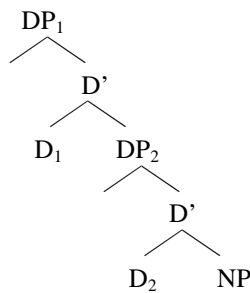
(119)



O DP sujeito focalizado se move do VP para SpecFocP e o verbo se aloja normalmente no núcleo da flexão IP.

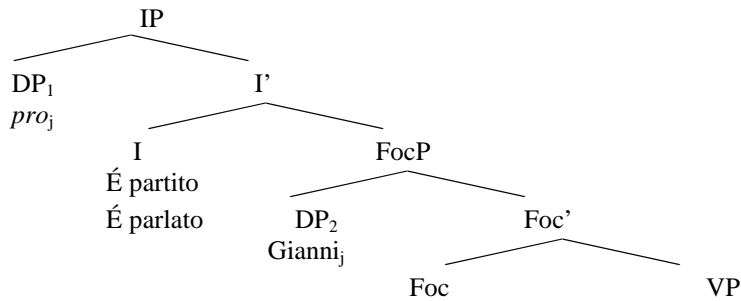
Belletti (2003) refina a proposta de Belletti (1999) e explica como se dá a concordância entre o sujeito focalizado e o verbo em IP já que não estão em uma relação local. Belletti (2003) diz que nos casos de FI, o licenciamento do sujeito se dá da mesma maneira que nos casos de verbos inacusativos com o DP não movido para SpecIP: há um BigDP, estruturalmente semelhante a um DP com quantificador flutuante, como ilustra (120):

(120)



Belletti (2003) propõe que o DP<sub>1</sub> seja o elemento focalizado, que se moverá para SpecFocP e o DP<sub>2</sub> seja o *pro* expletivo que se moverá para SpecIP a fim de satisfazer requisitos sintáticos e checar traços. Essa proposta do BigDP vai de encontro à proposta de Belletti (1999), como comenta a autora, de que não só Caso, mas foco também é licenciador de DP realizado fonologicamente. Assim, refinando a estrutura em (119), tem-se (121) simplificado:

(121)



Sumarizando, na proposta de Rizzi (1997), elementos focalizados *in-situ*, como ilustrado em (110), que são analisados pelo autor como um caso de procrastinação, podem ser explicados pelas propostas de Belletti (1999; 2002; 2003) como não estando *in-situ*, mas movidos para a periferia interna da sentença. Com a periferia interna, a autora dá conta da diferença entre FI e SI, indicando que o sujeito posposto na FI ocupa uma posição mais baixa que o sujeito posposto na SI. A análise do BigDP, nos moldes dos verbos inacusativos, permite que os traços  $\phi$  sejam checados por meio de cadeia entre o *pro* expletivo e o DP focalizado e nenhum requerimento gramatical é ferido.

Muitos outros pontos das propostas de Belletti (1999; 2002; 2003) não foram tratados nesta seção por não se tratarem de pontos centrais e relevantes neste ponto da Dissertação.

### 1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PRIMEIRO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentei uma revisão do fenômeno da focalização e em especial da clivagem nas línguas humanas. O capítulo mostra que as línguas apresentam uma estrutura sintática, uma estrutura semântica e uma estrutura informacional. As estruturas sintática e semântica são objetivas e não dependem da atuação do falante; por outro lado, a estrutura informacional da sentença depende exclusivamente daquilo que o falante dá como conhecido ou novo pelo seu interlocutor. As línguas humanas podem apresentar estruturas informacionais diferentes, contudo, a tendência é a de que informações conhecidas precedam informações novas. Um segundo ponto tratado foi que as línguas apresentam várias estratégias de focalização (destaque da informação nova) e que essas estratégias podem variar a depender do contexto: se é um contexto de foco informativo ou contrastivo.

As construções de clivagem são uma das estratégias de focalização e as línguas apresentam variação com relação à tipologia da clivagem e às funções discursivas que podem desempenhar. Várias análises foram apresentadas a fim de dar conta do fenômeno da clivagem. Algumas análises unificam as estruturas, derivando-as de uma única estrutura básica; outras apresentam estruturas básicas diferentes para as construções *clivadas* e *pseudo-clivadas*. Outro fato relevante é que as construções de clivagem apresentam restrições ao tipo de elemento que pode ser clivado, que deve ser essencialmente um constituinte inteiro.

Por fim, discuti as periferias da sentença e a checagem de foco. Em primeiro lugar, tratei de Rizzi (1997), que discute a periferia esquerda da sentença, refinando o CP em várias outras posições. Rizzi (1997) mostra que o CP é uma posição de interface e que qualquer elemento pode ocupar essa posição sendo que seus requerimentos sintáticos e semânticos (Caso, papel temático, traços  $\phi$  etc.) são saturados dentro do IP, antes do movimento para CP. Em seguida, discuti alguns pontos das propostas de Belletti (1999; 2002; 2003), que dão conta da inversão livre, como focalização de sujeito através da periferia interna da sentença. A periferia interna da sentença também dá conta dos casos que Rizzi (1997) trata como procrastinação do elemento focalizado, que deve se mover em forma lógica a fim de satisfazer critérios semelhantes aos propostos em Rizzi (1991).

## **CAPÍTULO 02**

### **APRESENTAÇÃO DOS DADOS:**

### **AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM E** **OUTRAS CONSTRUÇÕES** **FOCALIZADORAS NO ESPANHOL** **ATUAL**

## 2.1. OS OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Moreno Cabrera (1999) faz uma análise das construções de clivagem, chamadas por ele de “perífrasis de relativo”, no espanhol. O autor comenta que só fazem parte do padrão europeu as então chamadas *pseudo-clivadas* como ilustrado em (1):

- (1) a. El que viene es Juan.  
 b. Juan es el que viene.  
 c. Es Juan el que viene. (MORENO CABRERA, 1999, p. 4251)

Em (1a), tem-se a estrutura *relativa – cópula – constituinte clivado*. Em (1b), tem-se a estrutura *constituinte clivado – cópula – relativa*. Em (1c), a estrutura é *cópula – constituinte clivado – relativa*.

Por outro lado, Moreno Cabrera (1999, p. 4281-4285) apresenta outros tipos de construções perifrásticas que não fazem parte do espanhol europeu, mas são freqüentes em algumas zonas da América. As construções ilustradas em (2) são chamadas pelo autor de “perífrasis conjuntiva” e as construções ilustradas em (3) são classificadas de “perífrasis copulativa”:

- (2) a. Fue en el siglo XV que se descubrió América  
 b. En una escalera fue que reñimos. (MORENO CABRERA, 1999, p. 4281)
- (3) a. Él vino fue hoy.  
 b. Le pregunta es eso. (MORENO CABRERA, 1999, p. 4284)

Nos exemplos em (2), Moreno Cabrera (1999) diz que, em lugar de uma relativa livre, a construção possui uma conjunção “que”. Já nos exemplos em (3), o autor comenta que o elemento WH (*partícula relacionante*, nas palavras do autor) não é realizado.

Desta forma, este capítulo tem a finalidade de mostrar quais estratégias de clivagem são possíveis em algumas regiões do mundo hispânico. Limitado pelos fatores tempo e material para análise, este capítulo não pretende fazer uma análise exaustiva de todas as zonas lingüísticas. Por essa razão, foram selecionadas quatro regiões (Argentina, Cuba,

Espanha e México) com base nos critérios de *koineização* e *standardização* estabelecidos por Fontanella de Weinberg (1993).

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 2.2, apresento algumas características da diversidade lingüística e sócio-história do espanhol; na seção 2.3, apresento a hipótese de pesquisa; na seção 2.4, apresento os métodos e técnicas de observação; na seção 2.5, faço a apresentação dos dados, indicando quais sentenças foram descartadas da análise; em seguida apresento os dados considerados, começando pelas construções de clivagem, depois os dados sobre a alteração da ordem básica e logo os dados sobre a focalização *in-situ*. Por fim, na seção 2.6, teço alguns comentários sobre os dados apresentados no capítulo.

## 2.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DO ESPANHOL

Segundo Agosto (2006)<sup>1</sup>, o número de falantes nativos do espanhol chega aos 400 milhões. Assim, o espanhol é língua oficial em: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, Venezuela e nos assentamentos do Saara. Além disso, se fala espanhol como língua não oficial em outros territórios como Belize, Estados Unidos, Filipinas, Gibraltar e Marrocos.

Apesar da grande extensão territorial,

El dominio hispanohablante presenta un *índice de comunicativdad muy alto* y un *índice de diversidad mínimo o bajo*. La comunicativdad existe cuando una lengua vehicular hace posible la comunicación en una comunidad plurilingüe. La diversidad está relacionada con la probabilidad de encontrar dos hablantes, elegidos al azar, que hablen lenguas diferentes (Fasold). En los territorios en que el español es lengua oficial, el número de hablantes que lo tienen como lengua materna supone una proporción cercana al 95%, frente al 30% de anglohablantes en los territorios de oficialidad del inglés o al 35% de hablantes que tienen el francés como lengua materna en los países que esta lengua es oficial. (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p.16)

No entanto, o fato de apresentar um índice de comunicabilidade muito alto tem feito muitas pessoas pensarem que as variações se restringem unicamente aos níveis léxico<sup>2</sup> e fônico, gerando a famosa frase “mas os nativos se entendem”. Então, pergunto: o fato de se

<sup>1</sup> Moreno Fernández (2000) apresenta dados um pouco diferentes.

<sup>2</sup> Sobre esse tema, ver Moreno de Alba (1992).

entenderem exclui o fato de haver diversidade e diferenças entre uma região e outra? Neste ponto, parece acontecer o que comenta Conceição Pinto (a sair): “Me parece que se confunde, entonces, comunicabilidad con diversidad lingüística. No es lo mismo el decir *¿qué tú quieres?* y por otro lado *¿qué quieres?*, *tú, ¿qué quieres?* o *¿qué quieres tú?* aunque los caribeños y los demás hispánicos se comuniquen perfectamente”<sup>3</sup>.

Desta forma, motivado por Lope Blanch (2001), creio ser de fundamental importância “llegar a saber qué nos separa y qué nos une, desde el punto de vista lingüístico, a los países hispanohablantes” mais além das crenças sem comprovação empírica e dos interesses políticos e econômicos de difusão da língua, conforme comentam, por exemplo, Irala (2004) e Bugel e Santos (a sair)<sup>4</sup>.

Dentro desse campo dos estudos dialetais, Fanjul (2004) propõe que são encontrados fatores objetivos e subjetivos ao distinguir as variedades geográficas de uma língua. Por critérios objetivos entende os fatos estritamente lingüísticos, que se manifestam nos diversos níveis de análise. Já por critérios subjetivos, entende as atitudes dos grupos sociais perante as línguas, as suas e a dos outros. Como este trabalho pode contribuir, em alguma instância, para os estudos sobre a dialetalização do espanhol, com base em uma teoria da gramática, sou obrigado a descartar os critérios subjetivos da análise, detendo-me exclusivamente aos fatos lingüísticos.

Sobre a divisão dialetal do espanhol atual, Fanjul (2004), a partir de outros estudos, como o de Fontanella de Weinberg (1993), afirma que

---

<sup>3</sup> Neste ponto, é relevante pensar na discussão sobre a variação discursiva das construções de clivagem, porque pode, eventualmente, haver ruído na comunicação entre falantes de regiões diferentes que utilizem a mesma estratégia sintática para expressar funções discursivas diferentes. Como a discussão desta Dissertação é predominantemente sintática, deixo em aberta a discussão para futuros trabalhos.

<sup>4</sup> Bugel e Santos (a sair) comentam que há grande interesse comercial e político na divulgação de uma homogeneidade lingüística do espanhol; veja-se, por exemplo, os discursos das instituições promotoras da difusão do espanhol no mundo. Conceição Pinto (2007a; a sair) mostram que esse discurso de unidade linguística está baseado na gramática normativa, como pode ser observado pelo fragmento de Agosto (2006, p. 1) a seguir (os grifos são da autora):

Pero para precisar aún más esta percepción de todos los hispanohablantes, cabe aclarar que una **gramática**, una **ortografía** y un **sistema de normas comunes** hacen que nuestra lengua sea una, con su diversidad y matices.

[...]

Y esta adhesión mayoritaria a una normativa común se sostiene con un objetivo fundamental: guardar la unidad de la lengua española respetando la variedad, tal como sostiene Leonardo Gómez Torrego, autor de numerosos libros sobre normativa como el *Nuevo manual del español correcto*.

Obviamente, esses interesses não têm a menor relação com uma análise lingüística séria e compromissada exclusivamente com os fatos de língua.

é, também, muito difícil, encontrar algum traço ou um conjunto deles que diferencie claramente uma variedade local, na América, das outras, sem se repetir em latitudes distantes. Até na Espanha. O mesmo acontece, se observamos a totalidade dos países, com as valorações e representações sociais do uso desses traços. Insistimos na remissão do leitor às obras referidas, onde encontrará inúmeros exemplos de que *praticamente nenhum* traço dos que costumamos ver como “característico” de algum país ou região é realmente exclusivo de tal “lugar”. A realidade de qualquer traço léxico ou sintático na língua espanhola, se projetada um mapa, seria a de uma aparição irregular, intermitente e descontínua, com maior concentração em alguns territórios do que em outros, rara vez totalmente ausente, e com distribuições desiguais, dentro de uma mesma região, segundo estratos sociais, faixas etárias, etc. (FANJUL, 2004, p. 173)

Assim, ao que parece, ao contrário do PE e do PB, o espanhol não pode ser dividido em duas zonas lingüísticas diferentes, tendo em vista que não existem traços exclusivos de uma única região, mas esses traços estão entrelaçados e espalhados por todo o território hispânico<sup>5</sup>.

### 2.2.1. Algumas considerações sobre o espanhol americano

Fontanella de Weinberg (1993) comenta que é muito freqüente a oposição entre *espanhol da Espanha* e *espanhol da América* como se fossem duas variedades distintas e opostas entre si. Essa divisão tem antecedentes teóricos bem antigos, do final do século XIX e início do século XX<sup>6</sup>. Mas, seguindo o que propõe Fontanella de Weinberg (1993), o espanhol não pode ser dividido nessas duas zonas lingüísticas porque os únicos aspectos lingüísticos que opõem Espanha e América são: a) o voseo e o uso da preposição “hasta” indicando o início da ação na América; b) o uso do leísmo na Espanha. Então, a autora diz que

Lo que acabamos de considerar nos lleva a plantearnos a qué llamamos español americano, si — tal como hemos visto — no podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad dialectal que se oponga en bloque al español europeo. La conclusión es que entendemos por español americano una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades

<sup>5</sup> Sobre propostas de divisão dialetal do espanhol atual, ver, por exemplo, Sedicyas (1999), Moreno Fernández (2000) e as referencias citadas ai. Para uma revisão da variação sintática do espanhol, ver o primeiro capítulo de Zagona (2002).

<sup>6</sup> Fontanella de Weinberg (1993) mostra que alguns estudos do início do século diziam que havia mais diferenças entre uma zona lingüística americana e uma espanhola do que entre duas zonas lingüísticas americanas entre si. No entanto, como a autora comprova posteriormente, isso se trata de dos numerosos mitos que foi divulgado a respeito do espanhol atual.



dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 15)

Tendo em vista a exposição das três hipóteses que foram levantadas desde o final do século XIX por diversos hispanistas para caracterização do espanhol americano (a influência indígena, a influência andaluza e a hipótese poligenética<sup>7</sup>), Fontanella de Weinberg (1993) diz que seria adequado acrescentar estudos mais modernos sobre dois processos característicos de transplantes e contatos de línguas, como a *koineização* e a *estandardização*, embora a estandardização seja considerada como um processo pertencente à formação de *koinés*.

Medina López (1997, p. 32-33) diz o seguinte sobre *koiné*:

En el significado, o en los varios significados, del término *koiné* (tomado de la voz griega *koine* ‘común’) se puede encontrar en una variada gama de situaciones de lenguas y dialectos en contacto.

[...]

Generalmente, se suele emplear *koiné* para referirse a situaciones históricas – aunque también se podría hacer alusión a hechos de hoy en día- en las que, por diversas circunstancias sociales mayoritariamente, entran en contacto grupos humanos de diferentes orígenes. Estos grupos pueden presentar dos alternativas lingüísticas:

1. Que sean hablantes de una misma lengua, con variedades dialectales distintas (por ejemplo, castellanos, andaluces, extremeños, canarios, toledanos...).
2. Que se dé el caso expuesto en (1) y, además, que haya una presencia importante de hablantes de otras lenguas (italiano, alemán, francés...)

La verdad es que las dos situaciones de (1) y (2) se han registrado en más de una ocasión en diferentes lugares del mundo donde se ha descrito una *koiné*.

Segundo Fontanella de Weinberg (1993), o primeiro estudo feito sobre *koineização* foi o de Siegel (1985) e sua primeira aplicação ao espanhol americano foi o de Fontanella

---

<sup>7</sup> Ver também Lapesa (1981), Garrido Dominguez (1992), Cano Aguilar (1997), Moreno de Alba (2004), Lipski (2005) e os autores aí citados.

de Weinberg (1987). Siegel (1985 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993) considera que uma *koiné* é o resultado estabilizado de misturas de subsistemas lingüísticos, tais como dialetos regionais ou literários. E as *koinés* têm como características a confluência de diversas variedades de uma mesma língua (embora elas se baseiem primordialmente em uma delas), redução e simplificação de características, uso como língua franca, surgimento de falantes nativos e estandardização. Assim, o espanhol na América foi potencialmente favorável à formação de *koiné*. No entanto, Fontanella de Weinberg (1993) diz que não se pode considerar um único processo de *koineização* para todo o continente americano, mas que devem ser considerados vários processos paralelos devido à diferente procedência dos colonizadores, contato com a metrópole, tempo de colonização etc.

Desta maneira, os espanhóis de diversas procedências, apesar do predomínio andaluz no primeiro século de conquista e apesar de manterem seus dialetos primitivos dentro do grupo, ao se relacionarem extragrupalmente faziam uso de uma língua comum. De acordo com Fontanella de Weinberg (1993), estudos como os de Cock (1969), Rojas (1985) e Fontanella de Weinberg (1987) mostram que já a primeira geração de descendentes de espanhóis nascidos na América apresentava características da *koiné*, como o *seseo*, prova de que desde muito cedo, na América, já se havia deixado as normas particulares em prol de uma língua comum.

Fontanella de Weinberg (1993) argumenta que é mais fácil falantes que fazem oposições perdê-las que os falantes que não as fazem adquiri-las; por isso, por exemplo, o espanhol americano é majoritariamente *seseante* e *yeísta*, na fonética-fonologia, e não faz oposição entre *vosotros* e *ustedes*, na morfossintaxe. Essa simplificação se deve basicamente a três tipos de contatos sucessivos: 1) entre os espanhóis, o dialeto andaluz já era o mais simplificador porque é originário de um primeiro processo de *koineização* dos diversos dialetos do norte peninsular devido à Reconquista. 2) durante a viagem e processo de conquista, houve o contato do dialeto andaluz com as demais variedades espanholas e a aquisição do espanhol pelos crioulos e autóctones. 3) as sucessivas ondas posteriores de espanhóis de várias procedências vindos para a colônia; essa migração e esse contato são o que vai justificar a permanência de léxico típico de determinadas zonas da Espanha em várias zonas americanas (GARRIDO DOMÍNGUEZ, 1992; FONTANELLA DE WEINBERG, 1993).

Esse processo descrito no terceiro tipo de contato é o que Siegel (1985 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 46) chama de “*rekoineização*”:

Debe destacarse que el *continuum* que se produce en el desarrollo de una *koiné* no es necesariamente lineal. En cada estado, por ejemplo, puede tener lugar una “rekoineización” si hay un contacto continuado con las variedades originales estrechamente relacionadas o un contacto adicional con otras diferentes.

O segundo processo que Fontanella de Weinberg (1993) diz que contribuiu bastante para a formação das diferentes variedades do espanhol americano foi a estandardização, embora esta seja um processo pertencente à *koineização*. Siegel (1985 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 48) diz que uma variedade standard é “la forma codificada de un idioma que es aceptada y que sirve de modelo a una comunidad relativamente grande”. Por estandardização, Fontanella de Weinberg (1993) entende como um processo de passagem de uma fala popular à variedade standard. A partir desses conceitos, é incontestável que a maior parte das variedades do espanhol americano (pelo menos as variedades urbanas) passou pelo processo de estandardização.

Assim, Fontanella de Weinberg (1993) estabelece diferentes níveis de estandardização para o espanhol americano: no extremo mais estandardizado, está o espanhol mexicano (e muito próximo, o espanhol peruano, devido às características sócio-históricas semelhantes); no extremo menos estandardizado, o espanhol paraguaio; e as demais variedades entre esses dois extremos, formando um *continuum*<sup>8</sup>.

Sobre as etapas de colonização, Cano Aguilar (1997, p. 225) diz que

La conquista y colonización de estas nuevas tierras fue un proceso relativamente rápido. En octubre de 1492 la expedición guiada por un marino quizá genovés, Cristóbal Colón, llegó a las islas del Caribe: éstas fueron ocupadas en los años siguientes [1492-1519 é o que se chama de *período antillano*] y de ellas partieron nuevas expediciones a lo que pronto se vio era un inmenso continente. [...] Entre 1519 y 1540 ocurrió la conquista del continente: en primer lugar, el Imperio azteca, más tarde el incaico, y a partir de las nuevas bases de México y Lima, los territorios del Centro e istmo de Panamá, los llanos de Bogotá y Venezuela, Chile y Río de la Plata.

<sup>8</sup> Como este fragmento é uma apresentação do que Fontanella de Weinberg propõe, faço uma síntese da proposta da autora sobre o continuum, sem entrar na sociohistória da região do Caribe, que foi incluído na análise não pelas suas particularidades sociohistóricas, mas pelas suas características sintáticas na atualidade.

O México foi um país colonizado e urbanizado muito rapidamente, o que gerou um desenvolvimento cultural parecido ao das grandes cidades espanholas no período da colonização. Sobre o México, Menéndez Pidal (1962 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 49) diz que

Ostentó muy pronto un nivel de vida espiritual y material comparable al de las mayores ciudades de la metrópoli. Conquistada en 1521, a los ocho años tenía sede catedral; en 1535 comienza a ser corte de virreyes; se hace cabeza de arzobispado en 1547; en 1530 empieza a tener imprenta, la primera del Nuevo Mundo; inaugura pomposamente su universidad en 1553.

Todos esses fatores junto com a presença de pessoas da corte, clérigos, pessoas cultas e escritores (cf. GARRIDO DOMINGUEZ, 1992, p. 22-23) contribuíram para que se desenvolvesse uma variedade standard. Com relação aos aspectos meramente lingüísticos, Menéndez Pidal (1962 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 49) mostra que já no começo do século XVII (um exemplo de 1604, do toledano Bernardo de Valbuena), havia diversos testemunhos da qualidade da língua usada no México:

Es ciudad de notable policía,  
y donde se habla el español lenguaje  
más puro y con mayor cortesanía  
vestido de un bellissimo ropaje  
que le da propiedad, gracias, agudeza,  
en casto, limpio, liso y grave traje.

Como resultado desse processo de standardização, citam-se o *seseo*, o *yeísmo* e a eliminação do pronome *vos*, que se deixou de usar na Espanha entre os séculos XVII-XVIII, e no caso do sul da Espanha, no século XIX<sup>9</sup>.

O Paraguai representa um caso oposto ao do México porque sempre ficou à margem dos cuidados da metrópole já que, entre 1571 e o século XVIII, quase não recebeu novas contribuições colonizadoras. Granda (1982 apud FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 50) sintetiza do seguinte modo a situação paraguaia:

La sociedad paraguaya, desde el siglo XVI al XIX, está caracterizada por la pobreza general, el abandono por parte de la metrópoli europea y de los núcleos urbanos directivos de la América española, el aislamiento, el estilo de vida campesino-militar propio de una comarca de frontera y el bajo nivel cultural.

<sup>9</sup> Sobre uma visão detalhada da história e diversidade das formas de tratamento no espanhol ver Carricaburo (1997; 2003). Para uma visão geral, ver Conceição Pinto (no prelo).

Fontanella de Weinberg (1993) ainda mostra que no século XVII se tinham registros de que os clérigos da região mal sabiam ler e acrescenta o fato de o Paraguai ser um país bilíngüe por excelência desde a fundação de Assunção até hoje. Por isso, são encontrados nessa região fenômenos que caracterizam baixa standardização: substituição de /l/ por /r/, aspiração ou perda de /s/ pré-consonântica e freqüente perda em posição final, além de ser uma região voseante e leísta.

Como terceiro exemplo e um caso especial, Fontanella de Weinberg (1993) cita o caso de Buenos Aires, que até o século XVIII estava na periferia do império, assim como o Paraguai. No entanto, a partir da segunda metade do século XVII, as novas políticas econômicas convertem a região em grande atrativo, complementado, assim, pela fundação do Virreinato, da Audiência e do Consulado, fatos que promovem uma elevação cultural e fazem com que o espanhol bonaerense deixe de ser uma variedade marcada dialetalmente. Contudo, vale ressaltar que nos séculos XIX e XX, uma grande onda de imigração européia chega à região, o que vai influenciar grandemente o espanhol de Buenos Aires (cf. LENARDUZZI, 2003; COLANTONI, 2004; LODARES, 2006).

Seguindo a proposta de Kroch (2001) de que contato de línguas desempenha um papel fundamental na mudança lingüística<sup>10</sup>, acredito que o espanhol das diversas zonas pode apresentar características sintáticas específicas tendo em vista os diferentes tipos de contato que ocorreram na Espanha e na América.

### 2.3. HIPÓTESES

Tendo em vista as características sócio-históricas do espanhol da América sintetizadas na seção anterior, podem ser levantadas as seguintes hipóteses para esta pesquisa:

- a) Diversos estudos (cf. LÓPEZ MORALES, 1992a, 1992b; LIPSKI, 2005; TORIBIO, 2000, 2002; entre outros) vêm mostrando que a sintaxe do espanhol caribenho tem apresentado características inovadoras com relação às demais variedades do

---

<sup>10</sup> Para uma outra visão de mudança lingüística, ver Sapir (1921). Sapir (1921) fala da deriva como um processo de mudança lingüística inerente ao sistema de todas as línguas vivas. Para uma síntese sobre a mudança lingüística em várias teorias lingüísticas contemporâneas ver Paixão de Sousa (2006).

espanhol atual. Desta forma, pode-se acreditar que o espanhol do Caribe apresenta mais estratégias de clivagem que as demais variedades do espanhol atual.

- b) Seguindo a proposta de Fontanella de Weinberg (1993) sobre os níveis de estandardização do espanhol americano, em adição aos dados da hipótese anterior, pode-se fazer a previsão de que, qualitativamente, se encontrarão mais tipos de construções de clivagem no espanhol caribenho, decrescendo no espanhol riopratense, em seguida no espanhol mexicano, que deverá ser bastante parecido, em termos de estratégias de clivagem, com o espanhol europeu<sup>11</sup>.

#### 2.4. MÉTODOS E TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO

Nesta seção, comento alguns procedimentos metodológicos utilizados para coleta e análise dos dados.

O *corpus* analisado foi composto por entrevistas escritas e filmes das quatro regiões selecionadas. Com relação às entrevistas escritas, o material estava composto por uma faixa de 70 páginas de perguntas e respostas, sobre temas variados coletadas de páginas da internet para cada região. Todas as entrevistas são posteriores ao ano 2000. No caso dos filmes, foram selecionados 03 filmes com produção local para cada região. Todos os filmes foram produzidos após o ano de 1995. Os seguintes filmes foram analisados:

a) Argentina:

El hijo de la novia  
Besos en la frente  
Nueve Reinas

b) Cuba

Un rey en la Habana  
Fresas con chocolate  
La vida es silbar

c) Espanha

Hable con ella  
Todo sobre mi madre  
La mala educación

d) México

E crimen del padre Amaro  
Sin ton ni Sonia  
Amores perros

<sup>11</sup> Observe-se que o espanhol argentino está localizado na região menos estandardizada. No entanto, como sinalizou Fontanella de Weinberg (1993), após o século XVIII, a região de Buenos Aires passou por um processo de estandardização, fato que eliminou usos marcados, ao contrário do que aconteceu com o Paraguai, que permaneceu à margem do império. Como Fontanella de Weinberg (1993) apenas aponta os extremos do *continuum* sem delimitar níveis hierárquicos entre as demais variedades, pode-se supor que o espanhol argentino é mais estandardizado que o espanhol cubano, permitindo a previsão desta hipótese.

Os dados foram levantados em duas etapas. Numa primeira etapa, foram levantadas as construções de clivagem e foi feita a análise prévia dessas construções. Tendo em vista a baixa produtividade dessas construções no *corpus* analisado, o trabalho foi redirecionado para um estudo mais abrangente da focalização no espanhol. Numa segunda etapa, voltei aos dados para fazer o levantamento das outras duas estratégias de focalização analisadas: a alteração da ordem básica e a focalização *in-situ*.

Os dados foram agrupados por região e por tipo. A catalogação foi feita da seguinte maneira: ZONA – tipo – número. ARG (Argentina), CUB (Cuba), ESP (Espanha), MEX (México). F (filme), E (entrevista). Por exemplo, dados do 3º filme do México foram catalogados como MEX.F.03. Dados da 8ª entrevista de Cuba foram catalogados como CUB.E.08. Após cada exemplo, coloco a identificação.

Fatores extralingüísticos, como sexo, idade e classe social, não foram considerados na investigação. Após a análise empírica dos dados, procedi com a análise formal e solução de alguns problemas teóricos levantados no capítulo anterior, cujos resultados apresento no capítulo seguinte.

## **2.5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Nesta seção, faço a apresentação empírica dos dados analisados nesta pesquisa. Tendo em vista que a única diferença relevante entre as zonas estudadas se refere à qualidade das construções de clivagem, apresento os dados organizados tipologicamente: primeiro as construções de clivagem, em seguida os dados sobre a alteração da ordem e por último a focalização *in-situ*.

Alguns dados analisados por trabalhos anteriores não foram considerados nesta pesquisa. Por exemplo, Moreno Cabrera (1999), Guitiérrez Ordóñez (2000) e Toribio (2002) indicam que as construções abaixo são utilizadas para focalização de elementos em espanhol:

- (4) Si estamos vivos es gracias a él (MORENO CABRERA, 2000, p. 4285)

- (5) a. A: ¿Esto es un anacoluto?  
B: Sí, claro. *Un anacoluto, un anacoluto*. Eso es un anacoluto.  
b. *El astuto* de nuestro decano.  
c. *Lo fuertes* que eran ellos.  
d. *Hasta* los equipos más modestos pueden ganar al campeón.

(GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 2000, p. 37-40)

- (6) a. Yo aprendí español en Dominicana fue.  
b. Nosotros hablamos inglés sí.  
c. Ellos no piensan volver para acá no. (TORIBIO, 2002, p. 1)

Somente considero as seguintes construções: a) no caso das construções de clivagem, construções com verbo “ser” e um elemento WH ou “que” invariável; b) construções com “X sí que”; c) a posição da ordem dos constituintes S-V-O-XP no caso da alteração da ordem básica e focalização *in-situ*. Para cada exemplo, coloco o contexto em que é enunciado. A sentença em que o foco aparece está em negrito e os constituintes focalizados estão em sublinhado, para o foco informativo, e em caixa alta, no caso do foco contrastivo ou enfático.

### 2.5.1. As construções de clivagem<sup>12</sup>

Nesta seção, apresento os dados encontrados de construções de clivagem. Utilizo, aqui, a classificação tipológica empregada por Modesto (2001) e Kato e Ribeiro (2005; 2006). Primeiro, apresento as construções *pseudo-clivadas* e depois as *clivadas*. No próximo capítulo, após fazer uma nova análise dessas construções, apresento uma nova classificação tipológica.

Com relação ao tipo semântico do foco, adoto a definição de foco informativo e foco contrastivo/enfático de Zubizarreta (1998; 1999)<sup>13</sup>. No caso do foco informativo, o foco atribui o valor a uma variável através da estrutura assertiva ilustrada em (7), adaptada de Zubizarreta (1998, p. 4-5):

<sup>12</sup> Na seção 2.6, apresento uma tabela que sintetiza quantitativamente as estratégias de clivagem entre si como também a relação da clivagem com as outras estratégias encontradas no *corpus* analisado e faço uma consideração sobre os dados encontrados.

<sup>13</sup> Sobre essa questão do foco contrastivo versus foco informativo, ver também É Kiss (1998).



- (7) Há um  $x$ , tal que  $x$  comeu o bolo.  
 O  $x$ , tal que  $x$  comeu o bolo = João.

Por outro lado, o foco contrastivo vai negar uma asserção prévia e fazer uma nova asserção; e o foco enfático vai confirmar a asserção prévia. Zubizarreta (1998; 1999) considera o foco contrastivo e o foco enfático estruturalmente idênticos. O exemplo (8a) indica um foco contrastivo e o exemplo (8b) ilustra um exemplo de foco enfático.

- (8) a. Falante 1: Você quer este livro?  
 Falante 2: Não. É O OUTRO que eu quero.  
 b. Falante 1: Você quer esse livro?  
 Falante 2: É ESSE MESMO que eu quero.

#### 2.5.1.1. Pseudo-clivadas

Encontram-se exemplos das seguintes construções *pseudo-clivadas*:

##### a) Pseudo-clivada básica (PC)

- (9) a. A: Sin embargo, vos decís que hay cuestiones que persisten.  
 B: Sin duda. **Lo que persiste sobre todo es la tensión entre un mundo y el otro**. Por ejemplo, la lectura, los libros, la biblioteca lleva siempre en los relatos de Borges a la enfermedad y a la muerte. (ARG.E.01)  
 b. A: Por eso lo abandona.  
 B: No creo. Es una cuestión a conversar. **Lo que hace es REFINAR SU MANEJO DEL HABLA**, en los relatos que siguen eso es menos exterior. (ARG.E.01)  
 c. Daví: Yo pensé que le caía mal.  
 Diego: No. **Lo que no le perdono son LOS SUSTOS QUE ME DA**. (CUB.F.01)  
 d. Mujer: ¿Por qué me miras así?. No es ningún abuso. Mira... todo de primera calidad. **La que corre el riesgo con la policía soy YO**. (CUB.F.01)  
 e. Al final, **lo que queda para la historia es QUE EL "SÍ" FUE MAYOR QUE EL "NO"**, pero hubiera sido mejor que fuera mucho más rotundo. (ESP.E.12)  
 f. Como decía antes es una medida que evidentemente **a quien más favorece es AL VECINO** y por eso la mayoría de las plazas son verdes (ESP.E.02)

- g. Falando dos problemas da igreja  
Obispo: **Lo que me preocupa más en ese momento es EL PADRE NATALIO.** Si él no quiere aceptar otra diócesis, no puedo esperar más. (MEX.F.03)
- h. Yo creo **que quién ha impedido eso es LA POLÍTICA,** (MEX.E.04)

A estrutura linear das orações em (9) é *oração WH + cópula + foco*. O elemento WH pode se realizar de duas maneiras: *determinante + que* ou *quien*, como ilustrado nos exemplos (9f) e (9h), quando o referente é um elemento que porta os traços [+humano/animado]. No caso da opção *determinante + que*, o determinante concorda em número e gênero com o foco quando o foco comporta o traço [+humano/animado], como ilustra o exemplo (9d). Quando o foco é um elemento com os traços [-humano/animado], o determinante se realiza na forma neutra “lo”. No caso do exemplo ilustrado em (9g), embora “el Padre Natalio” porte o traço [+humano/animado], o determinante se realiza na forma neutra “lo” porque a referência não é o Padre Natalio, mas as questões nas quais o padre está envolvido. O determinante não é sensível à função sintática: sujeitos e objetos se comportam da mesma maneira. A sensibilidade se restringe ao traço [±humano/animado]. Observem-se os exemplos em (10):

- (10) a. En una ciudad como Madrid **lo que no falta es TRABAJO.** (ESP.E.02)
- b. Marco: No entiendo nada de toros, pero sé mucho de mujeres desesperadas.  
Lydia: Ah ¿sí? ¿Y quién le ha dicho que yo estoy desesperada?  
Marco: Me dio esa impresión.  
Lidia: [...] **Lo que le interesa es MI RELACIÓN CON EL NIÑO DE VALENCIA.** (ESP.F.02)
- c. Los periódicos de la Juventud sacaban reportajes sobre ellos, *El Caimán Barbudo* les hizo un largo reportaje donde se decían cosas que estaban dirigidas a nosotros. Quilapayún en ese momento no se acercó porque creyó lo que les dijeron: que éramos un grupo de indisciplinados, de desviados políticamente porque **lo que nos gustaba era EL ROCK.** (CUB.E.05)
- d. ¡Fijate como es el ser humano! Fueron los mismos tipos que después nos declararon profesionales, los mismos que no ligaron la orden del coche. Ni me quiero acordar de ellos, si nosotros ni les prestábamos atención. Lógicamente, **el que más nos quedó a todos con el tiempo fue BARROS HURTADO** porque era un tipo jodido para todo el mundo... (ARG.E.15)

No exemplo (10a), como “faltar” se trata de um verbo inacusativo, o foco pode ser considerado objeto subjacente ou sujeito sintático; desta forma, o critério de animacidade

do DP fica opaco. Por outro lado, em (10b) e (10c), onde o DP é realmente o sujeito sintático do verbo, como se trata de um DP[-humano/animado], o determinante se realiza na forma neutra “lo”. No entanto, em (10d), mesmo se tratando de um verbo inacusativo “quedar”, o sujeito comporta os traços [+humano/animado] e, por isso, acontece a concordância de gênero e número.

Quanto aos elementos que podem ser focalizados numa PC, têm-se exemplos de:

DP:

- (11) a. Ángel: ¿Cómo está mamá?  
 Ignacio: Pues le dio otro infarto pero ya está bien.  
 Ángel: ¿Sí?  
 Ignacio: **La que está mala soy YO.** (ESP.F.01)
- b. Homem: ¿Qué trajiste? (diz o nome)  
 Pai: No.. **acá lo que tienes es UNA COMPOTA DE MENDICRÍN CON BORRA DE CAFÉ...** y comible. (ARG.F.01)

Como mostram os exemplos em (11), tanto pronomes como nomes (sintagmas nominais complexos) podem ser focalizados.

PP:

- (12) a. Como decía antes es una medida que evidentemente **a quien más favorece es AL VECINO** y por eso la mayoría de las plazas son verdes (ESP.E.02)
- b. Los estudiantes se mostraron indignados y después hubo una respuesta en todos los periódicos, una carta abierta donde decenas de peruanos muy prominentes firmaron quejándose de este acto de censura de la Universidad de San Marcos, y finalmente todo eso Carlos, **lo que ha servido es PARA IMPULSAR EL INTERÉS POR EL LIBRO.** (CUB.E.08)

No caso dos sintagmas preposicionais, a relativa pode duplicar a preposição como mostra (12a), como deixá-la vazia, como ilustrado em (12b).

VP:

- (13) a. **Lo que pretendo es ROMPER TODA CONDICIÓN AFÍN A LA CONCENTRACIÓN DE PODER.** (ARG.E.16)
- b. Falando do desemprego do filho:  
 Pai: **Lo que debes hacer es CONSEGUIR UN PUESTO EN UN PERIÓDICO DE MUCHO TIRAJE.** (MEX.F.03)

No caso de focalização de VP, a foco pode ser o complemento de um verbo matriz ou de uma locução. No caso da locução, como ilustrado em (13b), a locução não pode ser desmembrada em duas partes como “lo que debes” e “hacer conseguir...”. Além disso, é necessária a inserção do verbo vicário “hacer”.

CP:

- (14) a. Médico: Mire aquél otro. Aquel, aquel. ¿Parece que va borracho, no? Ese, **lo que le pasa es QUE ESCUCHÓ UNA PALABRA QUE NO LE GUSTA OÍR.** (CUB.F.02)
- b. Patricia, en tu documento **lo que reportas es que las reformas estructurales son cruciales para, para el avance de la economía.** (MEX.E.04)

Vários tipos de CP podem ser clivados. Podem indicar um evento e, para isso, precisam de um verbo de evento como “pasar” ou “suceder” em (14a). E podem ser um argumento do verbo, como ilustrado em (14b).

Discursivamente, as PC podem indicar um foco informativo ou contrastivo, conforme ilustram os exemplos em (15) e (16) respectivamente:

- (15) a. **Lo que más disfruto del periodismo es la capacidad que me ofrece para conocer al ser humano.** Me gusta mucho la entrevista. (CUB.E.15)
- b. A: Sin embargo, vos decís que hay cuestiones que persisten.  
B: Sin duda. **Lo que persiste sobre todo es la tensión entre un mundo y el otro.** Por ejemplo, la lectura, los libros, la biblioteca lleva siempre en los relatos de Borges a la enfermedad y a la muerte. (ARG.E.01)
- c. Doctor 1: En vida, ¿su marido le dijo algo en relación a la donación de órganos? ¿le preocupaban estos temas?  
Mujer: En vida, a mi marido sólo le preocupaba vivir.  
Doctor 1: Pues no... Supongo que él era solidario con la vida de los demás.  
Mujer: No le entiendo...  
Doctor 2: **Lo que mi compañero quiere decir es que los órganos de su marido pueden salvar la vida de algunos enfermos.** (ESP.F.03)
- d. Este, yo, yo he dicho que el problema más importante es la desigualdad, **la desigualdad lo que trae es crecimiento desigual,** y el estancamiento económico es producto de esta desigualdad, producto de la injusticia social,[...] (MEX.E.04)
- (16) a. Ángel: ¿Cómo está mamá?  
Ignacio: Pues le dio otro infarto pero ya está bien.  
Ángel: ¿Sí?  
Ignacio: **La que está mala soy YO.** (ESP.F.01)

- b. Hombre: Papi... ¿qué haces?  
Padre: Te traje un regalito.  
Hombre: ¿Qué trajiste? (diz o nome)  
Padre: No.. **acá lo que tienes es UNA COMPOTA DE MENDICRÍN CON BORRA DE CAFÉ...** y comible. (ARG.F.01)
- c. Yuri: Si traje diez mil... en España lo que debe tener él... candela.  
Caimana: Tú tranquilo. Que de eso vamos a tener montón. Ahora **lo que tenemos que hacer es DESHACERNOS DEL MUERTO.** (CUB.F.03)
- d. Falando do desemprego do filho, que está triste porque ficou desempregado por denunciar os crimes da igreja no jornal local onde trabalhava:  
Padre: **Lo que debes hacer es CONSEGUIR UN PUESTO EN UN PERIÓDICO DE MUCHO TIRAJE.** (MEX.F.03)

b) Pseudo-clivada invertida (PCI)

- (17) a. El agua de los ríos no "sobra" nunca, ya que cumplen funciones vitales a lo largo de todo su recorrido, y en particular cuando llega al mar, ya que **EL AGUA DULCE Y LOS SEDIMENTOS DE LOS RÍOS son los que permiten la existencia de especies pesqueras, así como el mantenimiento de la aportación natural de arena a las playas.** (ESP.E.05)
- b. La otra puerta es la salud. Aquí en el Distrito Federal en Benito Juárez mueren veinte niños de cada mil antes de los cinco años; en Metlatónoc, Guerrero, mueren cincuenta y cinco. Hay que igualar las condiciones de provisión de nutrición y salud como un elemento clave para superar las condiciones de pobreza en México. **AHÍ es donde tiene que invertir precisamente el Estado.** (MEX.E.01)
- c. Viejita: Y sírvase usted también.  
Muchacho: Yo ya me he servido.  
Viejita: Sírvase otra vez. **AGUA es lo que sobra en esta casa.** (ARG.F.02)
- d. **DE ESO es lo que estamos hablando.** (MEX.E.04)
- e. Huma: Yo no sé conducir. **NINA es quien conduce.** (ESP.F.03)
- f. Padre Benito: ¡Estoy hablando de guerrilleros!  
Padre Natalio: Yo le estoy hablando de narcos, de los que invaden las [...] de los campesinos, de los que obligan a la gente a sembrar amapola o las amenazan o los matan si se niegan a trabajar para ellos. **Pistoleros y narcos, ESO es lo que hay en mi comunidad** y esos son los asesinos de mi gente. (MEX.F.03)
- g. A: Nos preguntaban donde habíamos puesto los "Carsei" (*Carl Zeiss*), esos prismáticos alemanes que se usan para ver bien en las carreras.  
B: - ¿Quién trajo el contrabando de "Carsei"?  
A: Y dale con los "Carsei". **¡LOS MILICOS DE HIPISMO fueron los que trajeron los "Carsei"!** (ARG.E.15)
- h. Es bonito, ya últimamente ahora **DESPUÉS DE VIEJO es cuando estoy sacando mi cosa más sabrosa.** (CUB.E.01)

- i. Papito: Asesina, asesina... no lo mates... no...  
 Caimana: Cállate la boca, comemierda. No vengas aquí a formar escándalo. Tú sabes que tienes prohibida la entrada en esta casa.  
 Papito: claro, pero si así **USTED es quien me ha metido**. (CUB.F.03)

Vários tipos de constituintes podem ser focalizados em uma PCI: advérbios, como em (17b) e (17h); DP plenos, como em (17a), (17c), (17e) (17g); demonstrativos, como em (17d) e (17f); e pronomes pessoais, como ilustrado em (17i). Quando o foco é o sujeito, a concordância é realizada entre o foco e o verbo da oração principal, como ilustrado em (17g) e (17i). A cópula tende a concordar temporalmente com o tempo do verbo principal à exceção de (17i): neste exemplo, o falante, por estar falando diretamente com a pessoa, pode estar fazendo alusão ao momento do proferimento e não ao momento da referência, como indica Moreno Cabrera (1999)<sup>14</sup>. Quando o elemento focalizado é [+humano], ambas as formas “quien” ou “det que” são possíveis, como em (17e) e (17g) respectivamente. Quando o elemento focalizado é [-humano], aparece a forma com determinante e concordância, no caso de ser plural, como ilustrado em (17a). Em termos discursivos, podem expressar um foco contrastivo, como ilustrado em (17d) e (17i), ou enfático, como ilustrado em (17a) e (17b). O contraste acontece quando o foco é um DP pleno como ilustra (17e). No caso de pronomes ou dêiticos (demonstrativos, alguns advérbios de lugar ou tempo), a tendência é ser um foco enfático, como ilustram os exemplos (17c) e (17f).

c) Pseudo-clivada extraposta (PCE):

- (18) a. y también por supuesto pagar digamos lo que tenemos que pagar, **pero sobre todo que sean LAS PERSONAS las que inviertan para sus pensiones**. (MEX.E.04)  
 b. Por ejemplo, el Proyecto Varela del que tú hablabas antes. Hay declaraciones de Mrs. Huddleston. Ella dio hasta la cifra de las firmas que tenía. ¿Cómo rayos sabía ella eso tres meses atrás? **No sé si es ELLA la que recogió las firmas o fue responsable de las firmas**. (CUB.E.04)  
 c. Chica: Sonia, Y ¿Orlando? ¿Siempre no se animó a venir?  
 Sonia: No... Sí iba a venir... Lo que pasa es que [justificativa] porque **soy YO la que necesita reenegetizarse**. (MEX.F.02)

<sup>14</sup> Sobre uma visão detalhada da relação entre momento do evento, do proferimento e da referência, ver Pires de Oliveira (2001).

- d. Perdón... Recuerde que los días de visita son el sábado y el domingo. Pero que **es EL INTERNO el que tiene que solicitar la visita**. Si no quiere verle, nosotros no podemos hacer nada. (ESP.F.02)
- e. es increíble que los que llevaban la batuta después se fueron. Y Padilla, sí, es verdad, escribió una serie de poemas bastante duros, pero poemas. **No eran panfletos, era POESÍA lo que estaba escribiendo y excelente poesía, además**. (CUB.E.05)
- f. A: Habíamos vuelto... llevábamos un mes juntos. Lidia fue a la boda para decírtelo, pero cuando te vi en la boda, me di cuenta de que no te había dicho nada.  
B: **Era POR TI por quien lloraba en la boda...** (ESP.F.02)
- g. El PNV se asustó cuando vio la enorme reacción ciudadana tras el asesinato de Blanco. Pensó que la derrota policial del terrorismo podría conllevar la derrota política del nacionalismo. **Fue EN ESE MOMENTO cuando decidió abrir el frente nacionalista, radicalizarse y acercarse a los batasunos**. (ESP.E.06)
- h. En la ciudad que le abrió las puertas y la premió como Mejor Actriz (1992 y 1995), Mejor Monologuista (1996) y Mejor Espectáculo Internacional (2002), **ahora es ELLA quien abre el camino de sus compatriotas**. (ARG.E.05)
- i. Los cambios en Cuba van a venir tras la muerte de Fidel Castro. Han sido más de 47 años de opresión de los Castros, cuando suceda lo que tiene que suceder, ni Raúl Castro ni otro personaje de la nomenclatura comunista podrán seguir dictándole al pueblo cubano, **porque sera EL PROPIO PUEBLO el que no lo va a permitir**. (CUB.E.11)
- j. Muchas veces la reforma política no sólo se logra modificando las normas electorales, sino también se logra modificando las formas de ejercicio del poder para hacerlo más plural. **Es ALLÍ donde estoy apuntando en materia una reforma política que garantice participación**. (ARG.E.16)

No caso das PCE, encontram-se somente casos de DP, PP e AdvP focalizados. Os DP podem ser humanos ou não humanos. No caso de ser humano, acontece a concordância do determinante da relativa com o gênero e número do DP, como ilustrado em (18a) e (18i), ou o relativo aparece na forma invariável “quien”, como ilustrado em (18f) e (18h). No caso de um DP não humano, a forma do determinante é a neutra “lo”, como em (18e). A cópula pode concordar temporalmente com o verbo principal ou fazer alusão ao momento da referência ou do proferimento. No caso de (18b), a cópula faz alusão ao momento do proferimento já que estão discutindo sobre uma determinada pessoa. No caso de (18i), a cópula faz alusão ao momento da referência, porque no futuro as pessoas não irão permitir que tal fato aconteça. No caso dos PP clivados, quando a relativa pode ser encabeçada por uma preposição, como em (18f), a preposição se realiza; ao contrário de (18g), onde “quando” não aceita a co-ocorrência da preposição.

Consultei alguns falantes nativos se eles aceitariam “Es comer lo que quiero”. Perguntei se eles viam diferença entre as sentenças representadas em (19):

- (19) a. COMER es lo que quiero.  
 b. es COMER lo que quiero.  
 c. lo que quiero es COMER (y no tomar).

Eles optaram pela alternativa (19c). O que me faz acreditar que as PCE realmente só podem ou tendem a focalizar DP e PP/AdvP.

Discursivamente, as PCE indicam um foco contrastivo, como ilustra o exemplo (18e), ou enfático, como em (18j).

d) Pseudo-clivada truncada (PCT):

- (20) a. Cura: Pero prométeme que lo que ha ocurrido esta noche no volverá a ocurrir...  
 Ignacio niño: ¿Y Enrique?  
 Cura: ¿Qué pasa con Enrique?  
 Ignacio niño: ¿Lo va a castigar?  
 Cura: Lo voy a expulsar. Seguro que fue él quien te llevó al baño.  
 Ignacio niño: No... **fui YO**. (ESP.F.01)
- b. Chico 1: Tengo que encontrarla, cabrón.  
 Chico 2: Te lo hizo gacho. Te lo dije.  
 Chico 1: Ella no fue, pendejo. **Fue EL PUTETO DE RAMIRO**. (MEX.F.01)
- c. Pero ¿no te das cuenta? No es por ella que se quiere casar. **Es POR ÉL**. (ARG.F.01)
- d. **C.E.:** ¿Y hubo alguna Institución que te apoyaba en este tipo de....?  
**C.M.:** Si, **fue la Fundación Naumann**, fundación Alemana que es la fundación que ayuda a los grupos liberales la que financió mi viaje y la que ayudó a las distintas instituciones liberales de cada uno de estos países a que a su vez organizaran la recepción y la logística del movimiento por cada uno de estos países. (CUB.E.08)

No caso das PCT, há omissão da pressuposição, que é representada pela relativa, sendo exibidos somente a cópula focalizadora e o foco. As PCT indicam essencialmente um foco contrastivo. O único caso em que a PCT indicou um foco informativo está ilustrado no exemplo (20d).



### 2.5.1.2. Clivadas

Ao contrário das *pseudo-clivadas*, as *clivadas* não são registradas em todas as zonas e nem com todos os tipos de constituintes, o que pode evidenciar diferenças dialetais entre a sintaxe das diferentes zonas, seguindo a hipótese de Di Tullio (2005) de que as verdadeiras *clivadas* são construções mais sofisticadas, o que pode fazer com que as línguas apresentem restrições a esse tipo de construção. No entanto, foram registradas as seguintes construções *clivadas*:

#### a) Clivada básica (CL):

- (21) a. Pero ¿no te das cuenta? **No es POR ELLA que se quiere casar.** Es por él. (ARG.F.01)
- b. Ahora además, ha ocurrido otra cuestión, que fue el 11 de septiembre. **Fue ESA ATROCIDAD que sufrió el pueblo estadounidense** y la forma que ha sido manejada por esta Administración. (CUB.E.04)
- c. Yuri: Ya que nos vamos, el dinero pa gasolina.  
Papito: Oye, no te puedo estar dando 500 euros toda semana.  
Yuri: [replica]  
Papito: Claro... porque **no fuiste TÚ que te jugaste la vida.** (CUB.F.03)
- d. Yoli: Y ¿quién te dijo que me tengo que operar del hígado?  
Papito: Tu mamá no quería. **En realidad fui YO que la obligué.** (CUB.F.03)

As CL são registradas apenas na Argentina e em Cuba. No caso da Argentina, aparece um PP clivado. No caso de Cuba, aparecem DP, pronominal e pleno. Discursivamente, as CL indicam um foco contrastivo. Gramaticalmente, os DP focalizados pelas CL concordam com a cópula e com o verbo da oração principal, no caso de o foco ser o sujeito da sentença, como em (21c) e (21d). No caso de (21b), em que o foco não é o sujeito e sim o objeto, ocorre a inversão verbo-sujeito na oração principal.

#### b) Clivada invertida (CI):

São considerados dois tipos de construções CI: a) com a cópula, como ilustram os exemplos (22a) e (22b); b) com marcador focal “sí”, como ilustram os demais exemplos.

- (22) a. Diego: Hoy pareces otro.  
Davi: No. Hoy soy como soy. **EL OTRO DÍA es que estaba distinto.** (CUB.F.01)

- b. Entonces la pintura es algo mucho más personal, y de esa manera uno tiene más facilidades para expresarse. **EN ESE SENTIDO es que hablo de la libertad.** como actor también me encuentro, pero como pintor depende más de mí mismo, como actor depende más de un colectivo. (CUB.E.13)
- c. Nunca entenderé por qué va a tener uno que llamar a algo que es nuevo con un término viejo. ¿Por qué? No me parece razonable. Entonces, si bien todos estamos de acuerdo en que la historia es aquello que nos permite saber quiénes somos y de dónde venimos, y nos da una identidad como hablantes, eso no significa que deba actuar como un corsé que no nos permita pensar en cosas nuevas, porque **AHÍ sí que estaríamos lucidos**, ¿no? (ARG.E.12)
- d. A: Tu mejor tarde de domingo...  
B: Con un matecito, al lado de la pileta, sobre el pasto, en la quinta de amigos en el Gran Buenos Aires. Es fenomenal. O si no, cualquier otro día, al borde del mar. **ESO sí que me encanta.** En cuanto puedo salgo disparada para la playa y me quedo todo el tiempo posible, hasta las siete de la tarde los días lindos. En Mar del Plata, claro. (ARG.E.12)
- e. **AHORA si que ni me voy a dejar, no, ni me voy a rajar,** pero eso no significa que no sea respetuoso de la legalidad. (MEX.E.02)
- f. Muchacho: Qué pescado es este?  
Mujer: [fala o nome]  
Muchacho: **TÚ sí que conoces de pescado.**  
Mujer: claro. Es mi mundo. (CUB.F.02)

A exceção da Espanha, as outras zonas exibem a CI. Mas somente Cuba apresenta a CI com a cópula. Seguindo Toribio (2002), considero “X sí que” como uma construção de clivagem, tendo em vista a compatibilidade formal entre os dois elementos (cópula e advérbio de afirmação). Discursivamente, as CI indicam um foco contrastivo ou enfático.

c) Clivada-sem-cópula (CSC):

- (23) a. **POR ESO que por cada manifestante de mikel Buesa habia mil con Otegi.** Por que os gusta contar la verdad sesgada? (ESP.E.06)
- b. yo quisiera regresar a lo que me parece mas importante desde nuestro punto de vista y que creo que es la novedad, hay que invertir más en la prevención, tenemos familias, familias con mucha violencia, **ESTO que yo decía al principio**, si una mujer en su casa es asesinada cada 8 horas, para que sea asesinada, fueron 2, 3, 4, 5 años de violencia en la familia, (MEX.E.04)
- c. Necesitamos aumentar capital en México, **DE AHÍ que la palabra clave para aumentar productividad en México es inversión.** (MEX.E.01)

México e Espanha exibem as chamadas *clivadas-sem-cópula*, que, discursivamente, indicam um foco enfático.

Sumarizando, com relação aos usos discursivos, todas as construções de clivagem podem ser utilizadas para foco contrastivo. No entanto, somente as construções *pseudo-clivadas básicas* (PC) podem ser utilizadas para foco informativo. O espanhol de Cuba é a única variedade que apresenta foco informativo representado por outro tipo de construção de clivagem (ver exemplo (20d)).

### 2.5.1.3. Construções aparentadas

As construções que Kato et alii (1996) consideram construções de clivagem, com uma oração relativa com cabeça preenchida por um nome genérico, como ilustrado em (24), não foram computadas na minha análise. No entanto, computei construções semelhantes, em que um quantificador/modificador ocupa a posição de cabeça da relativa, como ilustrado em (25):

- (24) a. La persona que comió el queso fuiste tú.  
 b. La cosa que yo quería era el pastel de chocolate.
- (25) a. Vieja: Empalideciste, cobarde... **Vos lo único que querés es HEREDARME.**  
 Hijo: No... **yo lo único que quiero es UNA HIJITA IGUAL A VOS.**  
 (ARG.F.02)
- b. **LA CULTURA es todo aquello que nos libera, nos permite crecer y expresar la visión del mundo que cada uno tenemos.** (ESP.E.07)
- c. **Lo primero que yo iba a estudiar era MEDICINA.** Incluso ya estaba metido en la carrera de medicina cuando descubrí el teatro, y es por un grupo aficionado de la escuela. (CUB.E.13)
- d. **DINERO es lo único que te interesa.** (CUB.F.03)
- e. **TÚ no eres el único que sufres.** (CUB.F.01)
- f. **ESO es algo que sigue vivo en la vida pública de México,** con una intensidad a veces creciente. (MEX.E.02)

Em (25), têm-se exemplos de quantificadores que estariam operando sobre o núcleo da relativa, que está vazio (veja-se a análise proposta por KATO ET ALII; 1996). No caso de (25c), tem-se um exemplo de um modificador do nome vazio: la primera cosa, no la

segunda ni la tercera. O contraste entre (25d) e (25e) mostra que o determinante é sensível ao traço [ $\pm$ humano/animado] do núcleo da relativa vazia.

### 2.5.2. A alteração da ordem básica

Seguindo Hernanz e Brucart (1987), a ordem básica dos constituintes, no espanhol, é SVO. Assim, nesta seção, apresento os dados da alteração da ordem básica, como estratégia de focalização, com relação à disposição da ordem básica do espanhol.

a) Inversão VS:

- (26) a. A: ¿Se refiere a buscar una forma de belleza, aunque sea áspera?  
 B: Sí, esa belleza existe; **la proporciona el placer de la escritura.** (ARG.E.02)
- b. El seminario es el II Foro Atlántico convocado por la Fundación Internacional para la Libertad **que dirige Mario Vargas Llosa** y el secretario general es Gerardo Giovanni, un argentino de Rosario, (CUB.E.08)
- c. No le digas a nadie lo del bicho... **sólo lo sabe mi familia.** (ESP.F.02)
- d. Agrado: ... Es paisana de Lola...  
 Rosa: ¿Ah sí? Y ¿sabes algo de ella?  
 Manuela: hace más de dieciocho años que no la veo.  
 Agrado: a mí me despalilló la casa...  
 Rosa: pues... estuvo aquí... hará unos cuatro meses... la ayudamos a desintoxicarse. **La cuidé yo durante un año.** (ESP.F.03)
- e. Pergunta: ¿Y qué te llamó la atención de “Ulises con y”?  
 Resposta: **De “Ulises con y” me llamó la atención, primero, la historia.** (CUB.E.13)
- f. Nora: [...] En este contexto, ¿estaría de acuerdo en que fuera requisito legal para el presidente y los miembros de su gabinete hacer pública la declaración patrimonial al inicio y al final de su gobierno y que la información sea sujeta a una verificación por un grupo ciudadano, una instancia ciudadana respetada, reconocida pero independiente?  
 RM: Gracias Nora, por supuesto que estoy totalmente de acuerdo con ello. **Lo marca la ley.** (MEX.E.02)
- (27) a. En Galicia fue un clamor popular. Fue el pueblo gallego el que salió a la calle y exigió a los políticos. Desconozco cual sería la respuesta que tendría el PSOE, **en aquellos momentos no gobernaban ELLOS**, y por lo tanto, en mi opinión les correspondía exigir a los que estaban en el gobierno. (ESP.E.11)

- b. Pergunta: ¿Cómo es tu relación con el pueblo cubano? ¿Estás en contacto cercano con ellos, te miran como estrella de cine?  
 Resposta: Una vez me preguntaron eso y yo dije que en Cuba no hay estrella de cine. **La única estrella era FIDEL** y los demás somos personajes secundarios. (CUB.E.13)
- c. A: Puedo darte el 20%...  
 B: No... no... mirá... yo te voy a contar cómo es la situación. Vos no ponés el porcentaje. **Lo pongo YO.** (ARG.F.03)
- d. Pergunta: ¿No cree que la propuesta de las "Kelly finder" es una tomadura de pelo a los jóvenes respecto a un problema, el de la vivienda que su gobierno no sabe resolver?  
 Resposta: En absoluto. Kelifinder.com es un portal de información único en España, del consejo de la juventud, hecho por los jóvenes para los jóvenes. Las zapatillas eran un gancho publicitario... **Las viviendas las proporciona EL GOBIERNO a través del Plan estatal**, para los jóvenes, los mayores, las víctimas de violencia de género, discapacitados y sus familias. El Gobierno escucha a los jóvenes, participan en nuestras políticas. (ESP.E.01)
- e. A: ¿podés?  
 B: Sí.  
 C: no no... **dejá que voy YO.** Así ustedes se quedan solos. (ARG.F.01)
- f. Ajudante: ¿Azúcar o edulcorante?  
 Maquidor: Ah chico... te he dicho... que eso se lo preguntes a los extranjeros... nada más que son los que se toman esa mierda.  
 Cliente: ¿mierda? **Si lo toman LOS EXTRANJEROS**, no debe de ser tan mierda. (CUB.F.03)
- g. Amelia: si a usted le gusta, puedo llevar al padre al dispensario.  
 Padre Benito: No. **Irá MARTÍN.** Para eso es el sacristán. (MEX.F.03)

A partir dss exemplos em (26) e (27), pode ser observado que a inversão VS pode indicar um foco informativo ou contrastivo. Os exemplos em (26) indicam um foco informativo; por outro lado, os exemplos em (27) indicam um foco contrastivo. Em (27a), o entrevistado desconhece a resposta que o partido político daria para a situação descrita porque quem estava no governo não era dito partido e sim outro partido. Assim, o sujeito “ellos” (o partido) é o foco da sentença em destaque, que, por essa razão, foi posposto ao verbo. Uma forma de confirmar que “ellos” é o foco da sentença é que pode ser clivado como exemplificado em (27a’):

- (27) a’. En Galicia fue un clamor popular. Fue el pueblo gallego el que salió a la calle y exigió a los políticos. Desconozco cual sería la respuesta que tendría el PSOE, **en aquellos momentos no eran ELLOS los que gobernaban**, y por lo tanto, en mi opinión les correspondía exigir a los que estaban en el gobierno. (alteração minha)

No entanto, há que se ter em conta que nem toda inversão VS indica focalização de sujeito, como ilustram os exemplos em (28)<sup>15</sup>:

- (28) a. El escenario está lleno de sillas de esas de madera. **Salen dos mujeres en combinación y con los ojos cerrados como dos sonámbulas.** te da un miedo que las pobres se choquen con todo. Pero de repente, **aparece un hombre con la cara tristísima, la más triste que he visto en mi vida.** (ESP.F.02)
- b. Passando pela porta do convento um travesti diz para o outro:  
Mira... **aquí estudié yo...** (ESP.F. 01)
- c. Y me parece a mí que ese modelo dio buenos resultados, que en una ocasión platicando con Luis Maira **me decía él** que de pobreza había que hablar de acuerdo a los tiempos y de acuerdo a los ritmos que se estaba llevando la política en cada lugar. (MEX.E.02)
- d. madre: ah... me duele...  
hija: no... chantaje otra vez no... **Dijo el médico que...**  
**madre: ¡el médico es un estúpido!** (ARG.F.02)
- e. señora: **Si me viera Pedro Luiz,** se echaría a reír. (ARG.F.02)
- f. En 1967 se crea la Orquesta Cubana de Música Moderna. **Más de un año después arman ustedes el Grupo de Experimentación Sonora del ICAIC.** (CUB.E.05)

Em (28a), o personagem está relatando uma história, uma peça de teatro que viu, para uma paciente em coma, da qual cuida. Observa-se que todas as sentenças são novas e o sujeito não é focalizado. Já em (28b), dois travestis estão passando pela parte de um convento; um travesti aponta para o convento indicando para o outro onde ele estudou; portanto, o foco da sentença é “aquí” e não “yo”. Em (28d), a mãe começa a se queixar das dores. A filha interpela dizendo que a mãe não faça chantagem emocional, tendo em vista que o problema dela não é grave, e vai dizer o que o médico disse mas a mãe corta e diz que o médico é um estúpido. Em (28e), a senhora está falando da sua vida para um jovem conhecido e diz que se o seu falecido marido a visse naquele momento, ele daria risada dela. Em (28f), estão comentando sobre as criações do grupo e o entrevistador diz que um ano depois foi criado o Grupo de Experimentação. O fato de o sujeito não estar indicando um foco pode ser comprovado pelo exemplo (28c): o foco da sentença é o que Luis Maira disse. Esse foco

<sup>15</sup> No terceiro capítulo, apresento uma análise formal que diferencia as duas estruturas.

pode ser checado pela forma l3gica da sentena, como discutido em Zubizarreta (1998), como em (29) a seguir, onde  $x$  3 o foco:

- (29) a. O falante conversava com Luis Maira. (e)  
 b. Existia um  $x$ , tal que Luis Maira dizia  $x$ .  
 c. O  $x$  que Luis Maira dizia = de pobreza hab3a que hablar de acuerdo a los tiempos y de acuerdo a los ritmos que se estaba llevando la pol3tica en cada lugar

Tamb3m, conforme mostram os exemplos em (28), o tipo de verbo (se inacusativo ou de a3o, ou estativo) n3o interfere no processo.

b) Fronteamento de PP/AdvP:

- (30) a. Dois travestis passando na porta de um cinema.  
**Aqu3 vimos las primeras pel3culas de Sara...** (ESP.F.01)  
 b. Ignacio: Quisiera confesarme antes...  
 Padre: Confesarte de qu3? **POR TU CULPA estamos en un callej3n sin salida.** (ESP.F.01)  
 c. A: yo s3lo quiero servir a Dios, padre.  
 B: **POR ESO te mand3 a m3, que soy un ogro, para ponerte a prueba.** (MEX.F.03)  
 d. Eta es una secuela a3n del franquismo, un resto arqueol3gico, fuera del tiempo y de la realidad de la inmensa mayor3a del agente. Es una especie de herencia envenenada que nos dej3 Franco y que, no es por casualidad, ha asesinado m3s en la democracia que en la Dictadura. **EL D3A QUE ETA DESAPAREZCA podremos decir que ha terminado la transici3n a la libertad en Euskadi.** Transici3n ya concluida hace a3os en el resto de Espa3a. (ESP.E.06)  
 e. Gran parte de las viviendas en venta son de segunda o tercera mano. Si compro un coche de segunda mano, el precio baja notablemente con respecto al de su venta inicial. Sin embargo, una vivienda de segunda mano puede costar el doble o el triple de lo que cost3 nueva. **AH3 est3 el negocio.** Para evitar estas tramas inmobiliarias, no ser3a buena idea que, por ley, ninguna vivienda de segunda mano costara ni un s3lo euro m3s de lo que cost3 nueva? Por favor, haced algo! (ESP.E.01)

- f. Después de marzo de 2003 cualquier reconocimiento a un periodista independiente dentro de la Isla, que se encuentre en libertad, es un tributo a los 26 periodistas que en estos momentos se encuentran cumpliendo penas de hasta 27 años de cárcel. También lo veo como un mensaje a estos prisioneros de conciencia de que valió la pena dedicar estos últimos años a ejercer el periodismo libre. **EN NOMBRE DE TODOS ELLOS le ofrezco mi agradecimiento a la Asociación de Periodistas Independientes de Puerto Rico.** (CUB.E.15)
- g. Yo me imagino que el combate ideológico, en la superestructura, que estaba llevando a cabo el ICAIC, era lo suficientemente delicado como para que un elemento sin control, como podíamos ser nosotros, de pronto desbaratara aquel precario equilibrio que estaba establecido. **CON EL TIEMPO me doy cuenta de que eso es así** pero en aquel momento estaba ciego de furia. (CUB.E.05)
- h. Existe un desprestigio de la ficción frente a la utilidad de la palabra verdadera. Lo que no le impide a la ficción desarrollarse en el interior de esa escritura de la verdad. El Facundo, por ejemplo, es un libro de ficción escrito como si fuera un libro verdadero. **EN ESE DESPLAZAMIENTO se define la forma del libro**, quiero decir que el libro le da forma a ese desplazamiento. (ARG.E.01)
- i. Yo también soy provinciana... **de Córdoba soy...** (ARG.F.02)

Os exemplos em (30) indicam casos de foco informativo, enfático e contrastivo. Uma alternativa para reconhecer que esses sintagmas são focalizados seria a tradução para o português, por exemplo, uma língua em que seria possível a realização de uma *clivada*. Veja a tradução do um fragmento relevante de (30a) em (31) a seguir:

(31) AQUI foi que a gente viu os primeiros filmes de Sara (tradução minha).

Na maioria dos dados, no fronteamto de PP/AdvP, o sujeito está oculto, sendo retomado pela flexão verbal ou por uma construção impessoal com a partícula “se”. No entanto, quando o sujeito é realizado pode ser realizado antes ou depois do verbo. Os exemplos em (32) ilustram casos de sujeito pré-verbais e os exemplos em (33) ilustram casos de sujeitos pós-verbais.

- (32) a. No se enseña matemática sólo para que los niños adquieran conocimientos útiles para aplicar a la realidad concreta. Más bien se intenta transmitir una forma de pensar y de hacer, construida culturalmente. **DESDE ESTA PERSPECTIVA, a veces, la realidad plantea problemas matemáticos sumamente interesantes para retomar desde la enseñanza.** (ARG.E11)



- b. La obra es costumbrista, **POR ESO todos los países la van entender**, es un problema social, de la familia que quiere que la hija se case con un poderoso, y el papá quiere que sea con un trabajador; los artistas que la esta haciendo lloran de verdad". (CUB.E.01)
  - c. como evitaría usted que ese gran dinero público no fuera capturado por las burocracias educativas y quizás hasta por el sindicato.  
PM: **POR ESO yo empezaba con esta nueva relación**, esta nueva relación entre la SEP y el sindicato (MEX.E.04)
- (33) a. Mira... **AQUÍ estudié yo...** (ESP.F. 01)
- b. Si los actores sociales relacionados con los medios de comunicación sostienen que es otra, tomaremos el criterio que se determinen. Quiero que **DE ESTO participe el Consejo Económico Social y las fuerzas vivas en la toma de decisiones.** (ARG.E.16)
  - c. ¿Alguien quiere saber si, a pesar de todo, repetimos errores ajenos y copiamos importantes aspectos del ‘modelo’ soviético, aún pendientes de extirpar? Sí, por supuesto, y no debemos avergonzarnos de ello: igual o más importante es saber que la nuestra fue una de las revoluciones que más ha innovado, que más influencia ha ejercido en el mundo contemporáneo (siendo un país tan pequeño desde el punto de vista geográfico); una revolución que en sus momentos de momentánea pérdida del sentido de la orientación, conservó la pequeña llama que evitó el congelamiento. **EN ELLO jugó un papel decisivo el genio de Fidel.** (CUB.E.07)

Os estudos sobre as interrogativas do espanhol (cf. HERNANZ e BRUCART, 1987; LOPES ROSSI, 1993) têm mostrado que a inversão VS é obrigatória quando o elemento interrogativo é um argumento; no caso de ser um adjunto, a inversão é facultativa. Seguindo os Critérios de foco estabelecido por Rizzi (1997), é possível entender porque o fronteamto de elementos adverbiais e preposicionados pode exibir ordem XPSV ou XPVS: se esse critério é idêntico ao Critério Wh de Rizzi (1991) e o espanhol não é obrigado a exibir a ordem WHVS quando o WH é um PP ou AdvP, o espanhol também não é obrigado a exibir a ordem XPVS quando o foco é um PP ou AdvP.

c) Fronteamto de objeto:

- (34) a. Enrique: Me gustaría ver la habitación de Ignacio...  
Madre: **HABITACIÓN HABITACIÓN no tengo.** (ESP.F.01)
- b. Padre Manolo: me alegro... mañana tendrás el dinero.  
Ignacio: **ESO espero.** (ESP.F.01)

- c. RC: Andrés Manuel, me parece muy importante el tema de salud como eje de este Estado de bienestar deseable y diría yo realizable, **SALUD, EDUCACIÓN PARA TODOS, ha dicho usted**, pero quienes prestan estos servicios son generalmente cuestionados por los propios pobres y humildes que a usted le preocupan mucho. (MEX.E.03)
- d. Nos pasamos diez días en un club de primera al lado del mar comiendo langosta y tomando sol. Éramos unos reyes... (Mientras tanto llenaban el barco de containers de "Carsei"). Cuando por fin arrancamos ¡el barco nada que ver querido!  
- La verdad que esto... Vea, no se de que se trata todo esto... ¿De qué Carsei me hablás? ¿Sabés que traje yo?: **¡PAQUETES DE CIGARRILLO traje!** Tres o cuatro y juegos de té y café. ¡Qué salame! ¡Y los otros pasaban prismáticos alemanes! Te digo algo: si cuando llegamos de la Olimpiada hubiéramos pasado aviones, nadie hubiera dicho nada... (ARG.E.15)
- e. hijo: ... ¿Por qué te crees que no consigue trabajo en ningún lado?  
padre: Es tu primo... le podrías dar una mano, ¿no?  
hijo: **UN CEREBRO hay que darle.** (ARG.F.01)
- f. 4) que habían salido en un programa *Mientras tanto* dos personas dándose un beso en la boca y **ESO no se hacía en la televisión cubana**. Se trataba de un trozo de película que ilustraba una canción de amor. En ese momento no salían besos en la televisión. (CUB.E.05)

Uma evidência de que os exemplos em (34) indicam um foco e não um tópico é a falta da retomada por um clítico. Como sinalizei no capítulo anterior<sup>16</sup>, a topicalização deve redobrar o elemento fronteado com um clítico na sentença, o que não acontece na focalização. Um outro teste é clivar os elementos em destaque, como ilustrado em (31) acima. Discursivamente, os objetos fronteados indicam um foco contrastivo. Quando o sujeito é realizado, como em (34c), acontece a inversão VS.

Sintetizando os dados sobre a alteração da ordem básica: sujeitos pós-postos indicam foco contrastivo ou informativo. PP/AdvP fronteados indicam principalmente um foco contrastivo, mas podem indicar um foco informativo. Objetos fronteados indicam foco contrastivo.

### 2.5.3. A focalização *in-situ*

Ainda considerando a ordem SVO, nesta seção, apresento os dados da focalização *in-situ*, na qual os elementos são focalizados em sua ordem básica<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Ver exemplos (3) e (4).

<sup>17</sup> Vale lembrar que, assumindo Belletti (1999; 2002; 2003), sempre haverá movimento de constituinte, ou para a periferia interna ou para a periferia esquerda a fim de checar os traços de foco.

## a) Focalização do sujeito pr -verbal:

- (35) a. A: La conoces?  
B: **USTED la conoció mucho mejor que yo.** (ESP.F. 01)
- b. Marco: Puedo llamarlo por telefono?  
Recepcionista: Usted no... **pero  L sí puede llamarle a usted.** (ESP.F.02)
- c. Estadísticamente se calcula que cada 4 o 5 años existe un accidente cuyas consecuencias pueden ser más o menos graves en el corredor de Fisterra. La gravedad dependerá del estado de conservación del buque, de la carga del producto que transporte y las condiciones climatológicas de la zona. **En el caso del 'Prestige', EL BUQUE, LA CARGA, Y LA CLIMATOLOGÍA DEL MOMENTO favorecieron el desastre.** (ESP.E.11)
- d. Yo ya cuid  a mis hijos. **Ahora T  cuidas al tuyo.** (MEX.F.01)
- e. Mira, s  es al final de la vida, y es una especie de pensión universal, por supuesto tenemos que hacer todo el replanteamiento sobre pensiones, cada vez más nuestra propuesta es **que LAS PERSONAS MISMAS pongan sus pensiones,** (MEX.E.04)
- f. El cuarto de baño está all . Y tu cuarto, al fondo. **LA SANJUANERA se encarga del aseo.** Yo como y ceno en su fonda. T  tendrás que hacer lo mismo. (MEX.F.03)
- g. Yo considero que le daría más vigor a nuestra república, a la cosa pública. Creo que el presidente de México necesita tener respaldo ciudadano, y creo que **en la democracia EL PUEBLO manda, // EL PUEBLO decide.** (MEX.E.03)
- h. A: Se supone que me tengo que dar cuenta si alguien está haciendo un cuento.  
B: Bueno, depende de quien lo haga,  no?  
A: **LA PISTOLA me convencí.** (ARG.F.03)
- i. A:  Fuera de mi vista! Si no quiere que te tire la bandeja con todo lo que lleva encima.  
B: Pero, señora, usted es muy injusta.  
A:  Yo soy Mercedes Arévalo y **ESO transforma mis injusticias en justicia!** (ARG.F.02)
- j. Claro, el western, los policiales de von Sternberg. Pero la clave es mantener unidos los términos, Almafuerter y Valéry, Kafka y Eduardo Gutiérrez. Borges aparece todo el tiempo en los diarios para decir que **LOS DIARIOS Y EL PERIODISMO han arruinado la cultura.** (ARG.E.01)
- k. Yo fui a la universidad pero fui para otra cosa que no tiene que ver con la m sica. M  madre siempre me dijo que si yo quería dedicarme a la m sica estaba bien, pero **que ELLA quería que tuviera una carrera en caso de que la m sica no funcionara.** (CUB.E.10)
- l. Nosotros no estamos respondiendo al llamado Proyecto Varela, **al que de hecho YO MISMO he respondido en otras ocasiones.** (CUB.E.04)

- m Está bien. Está bien. Yo te voy a ir a buscar, madre mía. Yo puedo olvidar tus olvidos, tu afán de hacerme tan perfecto que ni yo mismo me lo creo. Nadie es perfecto. ¡Nadie! No, no... déjame hacer y pensar como yo quiera. Aquí no manda nadie. **TÚ nos enseñaste.** Y ahora no voy a cambiar. Yo no voy a cambiar, pero tampoco puedo vivir sin ti, Cuba. No puedo. (CUB.F.02)

Em termos gramaticais, a partir dos exemplos em (35) acima, observa-se que a concordância entre o sujeito focalizado e o verbo é obrigatória, assim como na inversão VS. Além disso, partículas focalizadoras como “sí” ou “mismo” podem marcar o sujeito como foco.

Em termos discursivos, como afirma Zubizarreta (1998), o sujeito pré-verbal não pode indicar o foco informativo. Assim, como mostram os exemplos em (35), o sujeito pré-verbal indica o foco contrastivo ou enfático. Quando o sujeito é pré-verbal, além de foco contrastivo ou enfático, toda a sentença pode indicar a informação nova, como ilustrado em (36) abaixo:

- (36) a. Marco: ¿Quién le puso Lydia?  
Lydia: Mi padre...  
Marco: Era como predestinarla desde que nació.  
Lydia: Siempre quiso ser torero... [...] fue la persona que más me apoyó en este mundo. Pero se me murió hace un año.  
Marco: Lo siento... **El país me encargó un reportaje sobre usted para el dominical incoloro.** (ESP.F.02)
- b. A: Política y literatura. Como siempre, he ahí la cuestión. ¿Podemos comenzar esta charla trayendo esa cuestión a la Argentina?  
B: **La literatura trabaja la política como conspiración, como guerra;** [...] En la historia argentina **la política y la ficción se entreveran y se desvalijan mutuamente**, son dos universos a la vez irreconciliables y simétricos. (ARG.E.01)
- c. hijo: Mamy, ¿te acordás de cuando era chico? Dale... sí, te acordás. De Juan Carlos, ¿no te acordás? Si casi vivía en casa, estaba siempre. ¿Te acordás que vos siempre nos salvabas? Hací un esfuerzo, mamy. ¿No te acordás cuando dejé la facultad? Todas esas peleas... todos esos... no llores, no llores...  
madre: **mamy no me llama nunca...**  
hijo: ¿Quién? ¿La abuela? Mamy, ¿no te acordás que la abuela?... (ARG.F.01)

## b) Focalização do objeto:

- (37) a. Es difícil escuchar temas de otros artistas como Ricardo Arjona, Tego Calderon y en el video de reggaeton latino de Don Omar donde hay un poco de confusión respecto a Fidel Castro, **pues ellos piensan que el pueblo cubano lo quiere** y esa no es la realidad. (CUB.E.03)
- b. RC: Andrés Manuel, se insiste de nuevo aquí, en políticas anti-corrupción y desarrollo social, para, supongo, sentar las bases de abatimiento de la criminalidad. Pero hoy México está cruzado por algo más que las expresiones violentas de los pobres, de los desatendidos, de los desalentados. **Tenemos enfrente un problema de crimen organizado**, y eso no se combate con desarrollo social necesariamente, o no inmediatamente, y tampoco se combate con anti-corrupción. (MEX.E.03)
- c. A: ¿Cuáles guerrilleros?  
B: Ustedes dan armas... o se las esconden... no sé.  
A: ¡Mentira! Eso no es cierto. En mis rumbos no hay guerrilleros. **Hay NARCOS**. Los narcos de los hermanos Aguilar, el Chato Aguilar, Padre.
- d. Pergunta: ¿Porqué no se alían definitivamente el PP y el PSOE en Euskadi para desbancar de una vez por todas al PNV?  
Resposta: Esa pregunta habrá que plantearsela al Sr. López, **yo ya he contestado QUE SI QUIERO UN GOBIERNO CONJUNTO**. (ESP.E.10)
- e. Para mí Lula ha sido una sorpresa positiva, yo temía que su gobierno hubiera sido un gobierno mucho más radical, mucho menos realista, más pegado a aquellos documentos que se publicaban en el foro de Sao Pablo y en donde el partido de Lula tenía una participación muy destacada y que auguraban un desastre en el terreno económico y político, pero no ha sido así, incluso Lula y Kirchner sirven de cierto contrapeso dentro de la propia izquierda latinoamericana frente a Chávez, es un factor de moderación de Chávez y **eso genera CIERTAS FRICCIONES**. (CUB.E.08)
- f. A: Uno encuentra la misma mezcla, la misma concordancia y amplitud formal en la Excursión de Mansilla, en el Libro extraño de Sicardi, en el Museo de Macedonio, en Los siete locos, en el Profesor Landormy de Cancela, en Adán Buenosayres, en Rayuela y por supuesto en los cuentos de Borges que son como versiones microscópicas de esos grandes libros. "El Aleph", por ejemplo, es una especie de Adán Buenosayres, anticipado y microscópico.  
B: Una versión condensada.  
A: **Borges hace siempre ESO ¿no?** miniaturiza las grandes líneas de la literatura argentina. (ARG.E.01)
- g. A: hotel bamer, buenas noches  
B: buenas... ya regresó rené eguiarte?  
A: René eguiarte? Viene llegando. No, no... va saliendo. Viene llegando. Está en la puerta giratoria besándose con un tipo.  
B: no no... **Estoy buscando A RENÉ EGUIARTE!** (MEX.F.02)

- h. A: Desearíamos saber ¿que recibió el pueblo cubano el mes pasado y estas dos semanas del corriente mes del 2006, tanto en productos alimenticios como de otra índole, por la libreta de racionamiento que tenemos implantada en Cuba desde hace casi medio siglo? ¿Podría usted detallarnos cuáles y que cantidad por personas al mes?  
B: Por la libreta de abastecimiento o de racionamiento como se le conoce, en el pasado mes de abril **la población recibió lentejas, arroz, azúcar, huevo y media libra de pollo por personas.** (CUB.E.11)
- i. A: Bueno muchachos... ¿qué necesitan?  
B: Y nosotros nos quedamos todos duros... porque te digo: ¡éramos muy salames! Además había un problema: ¿Quién le iba a decir a Perón que no? El único adelantado era el petiso Pérez Varela que era vendedor en Anilinas Colibrí. Por lo menos era más vivo que todos y le contestó:  
C: Vea mi general, **nosotros necesitaríamos algo para poder trabajar.** (ARG.E.15)
- j. PM: Bueno, son, hay que cambiar, lo que nosotros decimos, lo que yo creo **sí hay que cambiar LAS REGLAS DEL JUEGO DE LA POLÍTICA**, las reglas del juego, la política finalmente es el arte de ponernos de acuerdo, (MEX.E.04)
- k. Pregunta: ¿Qué aspectos destacaría de su labor al frente del ministerio de Defensa en estos dos años, además de la salida de Irak? Y, ¿qué le queda pendiente? Un saludo, muchas gracias.  
Respuesta: **Destacaría la ley de defensa nacional**, porque con esta ley el congreso no será testigo mudo y los soldados no volverán a ir donde no quieran los españoles. **Destacaría el reclutamiento**, este año tenemos 5.000 soldados más que el año pasado. **Destaco la ley tropa y marinería, que permitirá a los soldados jubilarse en el ejército.** (ESP.E.03)

Vários tipos de constituinte com função de objeto direto podem ser focalizados *in-situ*: CP, como em (37a) e (37d); PP como em (37g); e PP como nos demais exemplos. O objeto aparece logo após o verbo. Assim como o sujeito, pode aparecer um advérbio focalizador. Discursivamente pode indicar um foco informativo, contrastivo ou enfático.

c) Focalização de VP/IP:

- (38) a. P. Y después de la paz, ... qué? ¿Tendremos una ETA en letargo?  
R. Después de la paz, **tendremos que desactivar el odio**, que ha sido el humus de la muerte durante tantos años. (ESP.E.06)
- b. No me corresponde juzgar el pasado **sino TRABAJAR POR EL MEJOR FUTURO DE NUESTRAS FUERZAS ARMADAS.** (ESP.E.03)

- c. A: ¿qué mierda hacés acá?  
 B: estoy hablando por teléfono.  
 A: Te hacés el pelotudo conmigo. Es la segunda vez en el día que andás por acá.  
 B: ¿Qué querés?  
 A: Acá, las preguntas las hago yo. **Vos CONTESTÁS.** ¿Qué hacés acá? (ARG.F.03)
- d. A: ¿Está dispuesto a complementar las ayudas sociales con un programa que garantice la inclusión, la libertad y el bienestar de los sectores marginados?  
 Urtubey - La primera ayuda social que tenemos que garantizar es crear las condiciones para que **en la Provincia de Salta la gente pueda ganarse el sustento TRABAJANDO.** (ARG.E.16)
- e. Actualmente el combate a la pobreza es un punto del producto, si sumamos educación, si sumamos salud, ya estamos hablando de cerca de nueve puntos del producto. Es decir, ya es una cantidad mayor, **pero nosotros queremos INCREMENTAR EL GASTO**, o mejor dicho la inversión, destinada al combate a la pobreza, en 75 o 100 mil millones de pesos. (MEX.E.03)
- f. La gente quiere seguridad y, de gobernar el país, de ganar la elección presidencial, **yo CUMPLIRÉ CON LA LEY.** (MEX.E.02)
- g. A: ¿Cuál es la reacción del pueblo de a piés, como se manifiestan, son masivas las protestas?  
 B: **El pueblo HA REACCIONADO... // El pueblo sí COMENTA ESTOS HECHOS Y HA REACCIONADO** (CUB.E.11)
- h. Yuri: Y yo me iba a pensar que el mejor invento de los gallegos eran las alpargatas.  
 Caimana: Chico, tú no tienes que pensar, que tú no eres extranjero. **Aquí usted REPITE LO QUE ÉL DIGA.** ¿¿De acuerdo?! (CUB.F.03)

As únicas formas de focalizar VP ou IP são a clivagem ou a acentuação. Como verbo é núcleo, não pode se mover para uma posição XP, como é o caso da posição que abriga os constituintes focalizados. Por essa razão, a alteração da ordem não pode ser uma estratégia para focalizar VP/IP. Discursivamente, o VP/IP focalizado indica um foco informativo ou contrastivo.

d) Focalização de PP/AdvP:

- (39) a. Pergunta: Existe alguna relación entre estas mafias y los autores del 11-m?  
 Resposta: **El 11-m se financió CON DINERO DE LA DROGA.** entre los terroristas había delincuentes que operaban como narcotraficantes. el chino, por ejemplo. (ESP.E.08)
- b. Según la ley del Plan Hidrológico nacional de 2001, **se deberían haber aprobado planes de gestión de sequía ANTES DE JUNIO DE 2003.** (ESP.E.05)
- c. **Yo gobierno PARA MI PUEBLO.** No para mi partido (MEX.F.03)

- d. Yo no creo que vaya a haber un colapso, creo que lo vamos a resolver, **y lo tenemos que resolver CON UN ACUERDO CON LOS TRABAJADORES**; nada unilateral, nada impuesto. (MEX.E.03)
- e. chica: ¡Basta!  
Sebastián: ¿Por qué?  
chica: Porque no tengo ganas. ¿No te parece una razón suficiente? **Yo no llamé PARA ESTO.** (ARG.E.02)
- f. A: ¿En qué creés que reside la principal dificultad para enseñar y aprender matemática y qué cuestiones básicas tiene que tener en cuenta un docente para superar estas dificultades?  
M.E.Q.: Creo que, fundamentalmente, **la dificultad reside en la manera en que se concibe la matemática.** (ARG.E11)
- g. A: No... necesito guita ahora. Mucha... por eso estoy en la calle.  
B: ¿Qué pasó? ¿Te levantaste ambicioso?  
A: No... mi viejo... **estoy juntando guita PARA ÉL.** (ARG.F.03)
- h. La obra de Borges es una especie de diálogo muy sutil con las líneas centrales de la literatura argentina del siglo XIX y **yo creo que hay que leerlo EN ESE CONTEXTO.** (ARG.E.01)
- i. Rapaz: Caimana, ¿tú sabes si el turista quiere langosta, camarón y tabaco?  
Caimana: Esperate. ¿Y esa confianza de caimana? A ver. Explícame. Además, si este señor quiere comprar, si quiere vender, si quiere hacer lo que sea, **aquí estoy yo PA ESO.** ¡Arranca, anda! (CUB.F.03)
- j. A: Es que no puedo creer que tú has hecho semejante cosa...  
B: Mira... **yo no lo hice POR DINERO... lo hice POR TI!** (CUB.F.03)

Vários tipos de sintagmas preposicionados, com função adverbial ou de complemento verbal, podem ser focalizados *in-situ*. Predominantemente indicam um foco contrastivo, porém, como ilustra o exemplo (39f), podem indicar também um foco informativo.

Vários tipos de constituintes podem ser focalizados via acentuação/focalização *in-situ*. A focalização *in-situ* predominantemente é usada para focalização contrastiva. Além disso, é um dos recursos, ao lado da clivagem, para focalização de VP/IP.

## 2.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SEGUNDO CAPÍTULO

Na seção 2.5 acima, apresentei as estratégias de focalização encontradas no *corpus* utilizado, que foi montado a partir de entrevistas escritas e filmes produzidos nos países estudados<sup>18</sup>. No entanto, permanecem algumas questões sobre os dados.

A primeira delas está relacionada com a porcentagem dos dados. A primeira parte da coleta de dados contou apenas com o levantamento das construções de clivagem. Como

<sup>18</sup> Como utilizei filme e entrevistas para análise, poderia ter utilizado o termo *corpora*. No entanto, como os filmes têm roteiro, que seria uma espécie de produção escrita controlada, mantive o termo *corpus*.



essa estratégia se mostrou pouco produtiva, o estudo foi ampliado para as demais estratégias de focalização. Muitos estudos têm indicado que a clivagem é uma estratégia mais complexa e menos econômica e que várias línguas não exibem essas construções. Como o espanhol ainda permite e recorre frequentemente à inversão VS, por exemplo, a pouca ocorrência de clivagem poderia ser indício dessa rejeição à clivagem. No entanto, como a tabela 1, a seguir, mostra, as construções de clivagem têm ocorrências semelhantes às das demais estratégias, o que indica que a clivagem não é preterida no espanhol atual.

A tabela 1 sintetiza a quantidade de estratégias encontradas por zona. As colunas verticais indicam as estratégias e as linhas horizontais indicam as zonas. Abaixo das zonas e ao lado das colunas o total é registrado.

<b>Tabela 1:</b> quantidade das estratégias de focalização				
	Alteração da Ordem	Foco <i>in-situ</i>	Clivagem	Total
ESP	33	55	41	131
MEX	74	61	75	210
ARG	92	80	64	236
CUB	50	46	57	153
TOTAL	249	242	239	730

A tabela 2 indica a porcentagem, que é referente aos dados de cada zona.

<b>Tabela 2:</b> porcentagem das estratégias de focalização				
	Alteração da Ordem	Foco <i>in-situ</i>	Clivagem	Total
ESP	25%	43%	32%	100%
MEX	34%	29%	37%	100%
ARG	39%	34%	27%	100%
CUB	33%	30%	37%	100%

Observe-se que as estratégias de focalização se situam na casa dos 30% nas quatro zonas. Inclusive, em algumas delas, como é o caso de Cuba e do México, a clivagem apresenta uma porcentagem um pouco maior que as demais estratégias, o que evidencia, de fato, que

a clivagem não é preterida. O problema se levanta realmente quando as tabelas 3 e 4, a seguir, que mostram a ocorrência dos tipos de construções de clivagem, são analisadas.

	ESP	MEX	ARG	CUB	TOTAL <sup>19</sup>
CL	--	--	01	03	04
CI	--	01	02	05	08
CSC	01	02	--	--	03
PC	24	37	25	28	114
PCI	03	20	18	10	51
PCE	09	06	05	04	24
PCT	01	03	01	01	06
TOTAL	38	69	52	51	210

	ESP	MEX	ARG	CUB
CL	--	--	1,9%	5,9%
CI	--	1,5%	3,7%	9,8%
CSC	2,6%	2,8%	--	--
PC	63,1%	53,8%	48,0%	55,0%
PCI	7,9%	29,1%	35,0%	19,6%
PCE	23,7%	8,5%	9,5%	7,8%
PCT	2,6%	4,3%	1,9%	1,9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

As tabelas 3 e 4 mostram que as construções *pseudo-clivadas básicas* (PC) e *pseudo-clivada invertida* (PCI) são as estratégias preferidas nas quatro variedades do espanhol. Os dados também mostram que as *pseudo-clivadas extrapostas* (PCE) são preferidas em detrimento das *clivadas básicas* (CL) e da *clivada invertida* (CI). No entanto, como

<sup>19</sup> A diferença do total de construções de clivagem entre a tabela 1 e a tabela 3 é que na tabela 1 computei as construções aparentadas, que na tabela 3 não foram computadas.

previsto na hipótese, o espanhol cubano apresenta mais tipos de construções de clivagem que as demais variedades do espanhol.

Fica, portanto, a necessidade de se descobrir qual propriedade da sintaxe do espanhol caribenho (cubano, no caso desta Dissertação) está licenciado, mesmo que timidamente, as CL e CI, que não são licenciadas no espanhol da Espanha, por exemplo<sup>20</sup>. Além disso, as CI que são licenciadas no México e na Argentina não são as verdadeiras CI, com a cópula; mas as CI com um advérbio de afirmação, que está sendo analisado como marcador focal.

---

<sup>20</sup> Ver a seção 3.6 do próximo capítulo para uma proposta de explicação para este quadro das construções de clivagem no espanhol atual.

## **CAPÍTULO 03**

### **UMA ANÁLISE FORMAL DOS DADOS** **E DISCUSSÃO DE PROBLEMAS** **TEÓRICOS**

### 3.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo tem a finalidade de promover uma discussão formal das construções de clivagem e outras construções focalizadoras, com base nos dados que foram apresentados e discutidos no capítulo anterior. Contudo, discuto, também, alguns dados do português do Brasil. Quando necessário, recorro a outras línguas para justificar a proposta de análise.

Este capítulo se divide da seguinte maneira: na seção 3.2, discuto o esqueleto da sentença no qual procuro acomodar a análise dos dados; na seção 3.3, discuto os problemas relativos às construções de clivagem e algumas construções aparentadas, que é o ponto central deste capítulo: analiso a estrutura das mini-orações e a estrutura das *pseudo-clivadas* e das *clivadas*; na seção 3.4, discuto algumas construções aparentadas que foram analisadas como construção de clivagem, mas, nesta Dissertação, são consideradas como construções focais não clivadas; na seção 3.5, discuto rapidamente algumas questões referentes à alteração da ordem básica e à focalização *in-situ*; na seção 3.6, comento algumas questões da variação paramétrica e a variação sintática do espanhol, relacionando a variação das construções de clivagem com a teoria dos princípios e parâmetros da gramática gerativa; finalmente, na seção 3.7, teço algumas considerações finais a respeito da análise apresentada no capítulo.

### 3.2. A ESTRUTURA DA SENTENÇA

Chomsky (1993; 1995) propõe que apenas objetos sintáticos com interpretação semântica devem ser projetados. Em discussões mais recentes sobre o Programa Minimalista, Chomsky (apud HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005) rediscute a estrutura da sentença e elimina as projeções Agr, que apresentavam problemas, principalmente, no que tange aos efeitos de Minimalidade Relativizada (RM, do inglês *Relativized Minimalit*). Sendo assim, a estrutura básica da sentença adotada inicialmente será a ilustrada em (1), tomada de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 173):

$$(1) \quad [_{CP} \text{Spec C } [_{TP} \text{Spec T } [_{VP} \text{SU } [_{v'} v' [_{VP} \text{V OB } ] ] ] ] ] ] ]$$

A estrutura em (1) é capaz de explicar os fenômenos da linguagem lançando mão de menos operações quanto possível. Papel temático é verificado sob a operação *merge*, no lugar onde os elementos são gerados. Caso e concordância são checados

numa relação Spec-Head em um lugar diferente de onde papel- $\theta$  é checado<sup>1</sup>. O duplo VP ( $\nu$ P e VP) consegue dar conta de problemas relativos à teoria da vinculação, como a relação de c-comando do objeto direto sobre o objeto indireto. As projeções superiores ao VP são apenas TP, onde tempo e traços do sujeito são checados, e a periferia esquerda CP, onde outros elementos, relacionados com a estrutura informacional da sentença, por exemplo, são checados.

Com relação à periferia esquerda da sentença, como foi discutido no primeiro capítulo, Rizzi (1997) discute a estrutura do CP, mostrando que é mais amplo que um único nível de projeção, assim como Pollock (1989) propôs para o IP. O CP de Rizzi (1997) vai apresentar a estrutura ilustrada em (2) abaixo, cujos detalhes são omitidos<sup>2</sup>:

(2) [ForceP [TopP\* [FocP [TopP\* [FinP [IP...]]]]]]

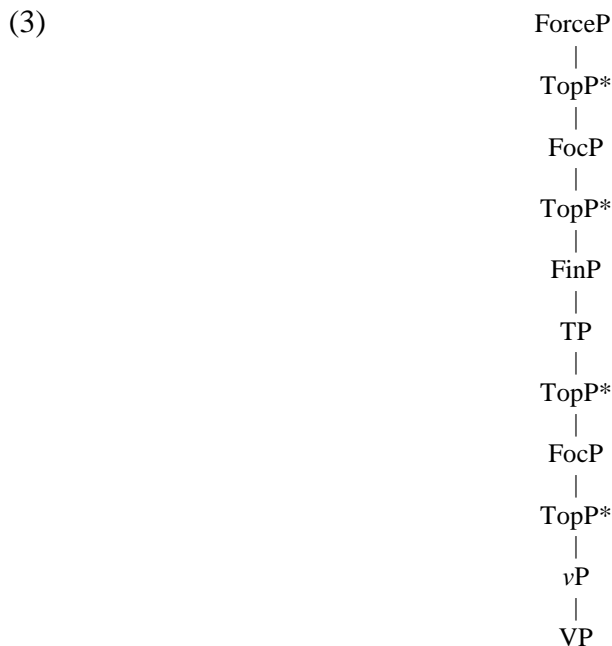
A projeção ForceP identifica os tipos das orações: se são declarativas, interrogativas, exclamativas etc. As projeções TopP, que são recursivas, identificam os tópicos da sentença. A projeção FocP identifica o foco da sentença. E a projeção FinP identifica se a sentença é finita ou infinita.

Uma terceira proposta sobre a estrutura da sentença, a que recorro, é desenvolvida por Belletti (1999; 2002; 2003), que propõe que, a essa estrutura, seja adicionada uma periferia interna da sentença. Belletti (1999; 2002; 2003) desenvolve essa periferia interna do VP com base nos dados sobre a oposição entre a inversão livre (*free inversion*) e a inversão estilística (*stylistic inversion*). E teria as mesmas projeções TopP e FocP à semelhança do CP de Rizzi (1997) e estaria entre o IP (no caso da estrutura adotada aqui, TP) e o  $\nu$ P. Seguindo Rizzi (1997), Belletti (2002) propõe que TopP interno possa ser recursivo e co-ocorrer com o TopP da periferia esquerda. No entanto, quando se refere ao FocP, a autora assume que só é possível a projeção de um FocP por sentença<sup>3</sup>, ou o interno ou o da periferia esquerda. As línguas podem dispor das duas posições de foco, mas só podem acionar uma delas por sentença. Assim, a estrutura da sentença na qual acomodo a análise dos dados é a representada em (3) abaixo. Os detalhes da representação são omitidos:

<sup>1</sup> Como comentei na revisão da análise de Kato e Ribeiro (2005), no primeiro capítulo, os traços também podem ser checados a distância, numa relação de c-comando (o núcleo com traço [-interpretável] deve c-comandar um elemento com traço [+interpretável], na operação *Agree*.

<sup>2</sup> Ver o primeiro capítulo para comentários mais detalhados sobre a periferia esquerda da sentença.

<sup>3</sup> Ver as restrições semânticas impostas sobre a duplicação do foco, como assinalam Rizzi (1997) e Zubizarreta (1998).



Por economia de espaço, utilizo a representação CP para a periferia esquerda da sentença quando apenas uma categoria TopP ou FocP for existente, como em (4) abaixo:

- (4)
- [[<sub>CP</sub> O menino], [<sub>TP</sub> ele chegou ontem]]
  - [[<sub>CP</sub> O LIVRO que] [<sub>TP</sub> João comprou]]
  - [[<sub>CP</sub> Quando] [<sub>TP</sub> você foi ao cinema?]]

No entanto, desdobro o CP, utilizando as etiquetas específicas naqueles casos em que mais de uma categoria aparecer na periferia esquerda da sentença, como em (5) abaixo:

- (5)
- [[<sub>TopP</sub> O João], [<sub>FocP</sub> O LIVRO] [<sub>TP</sub> ele deu para o Pedro]]
  - [[<sub>TopP</sub> O João], [<sub>FocP</sub> quem] [<sub>TP</sub> ele viu na padaria?]]

Sumarizando, procuro promover uma análise formal para os dados, promovendo uma discussão teórica e repensar algumas análises que foram apresentadas no primeiro capítulo, recorrendo a menos artefatos teóricos quanto possível seguindo a proposta do modelo teórico vigente.

### 3.3. AS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM

Seguindo com a tradição, acredito que devem ser distinguidas as sentenças *clivadas* das sentenças *pseudo-clivadas*. Modesto (2001), com base em Quirk *et alii* (1989), aceita que as construções *clivadas* são compostas por duas orações bipartidas, cada uma contendo seu próprio verbo mas, por outro lado, as construções *pseudo-clivadas* são compostas por uma oração copulativa que subcategoria uma mini-orção em que um elemento é o constituinte clivado e o outro é a relativa livre. Substancialmente, mantenho esta mesma análise, que diferencia os dois tipos de construção nesses termos, porém reanaliso a *pseudo-clivada extraposta*, propondo uma análise unificada, derivando-a da mesma estrutura da *clivada básica*.

Com relação às construções aparentadas, me refiro àquelas construções que, em algum momento, foram analisadas como construções de clivagem, mas neste trabalho proponho uma nova análise na qual essas construções não são vistas como construções de clivagem senão como construções focalizadoras não clivadas.

Um primeiro ponto a ser discutido é a definição de Modesto (2001, p. 21) para as construções de clivagem, como ilustrado em (6):

- (6) As construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barras dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade. (MODESTO, 2001, p. 21)

Desta forma, como já foi mencionado no primeiro capítulo, Modesto (2001) faz uma reanálise do que são construções de clivagem. Por exemplo, com relação às sentenças em (7) e (8):

- (7) A Suzanita é quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 21)

- (8) A conta pago eu. (MODESTO, 2001, p. 22)

Modesto (2001) retira (7) do grupo das construções de clivagem porque não tem leitura focal típica, embora tenha uma estrutura considerada de clivagem<sup>4</sup> e inclui (8) no grupo das construções de clivagem porque, embora não tenha uma estrutura típica com *É (X) QUE*, tem uma leitura de exclusividade, contrastividade e exaustividade. Assumo a definição de clivagem baseada tanto em aspectos sintáticos como semânticos, como definido em (6) acima; no entanto, só considero como construção de clivagem aquelas

---

<sup>4</sup> Ver o primeiro capítulo para uma revisão da análise de Modesto (2001) para esse tipo de construção.

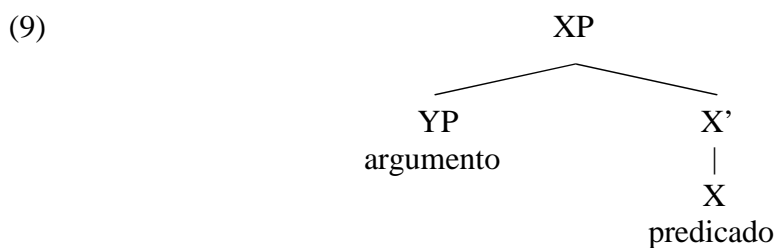


construções que apresentam estrutura sintática específica com cópula, foco e oração WH, como discutido no primeiro capítulo. Sentenças como (8) são entendidas como construções focais não clivadas.

### 3.3.1. A estrutura das mini-orações

Um segundo ponto que vem à baila é a estrutura das mini-orações, se as sentenças *pseudo-clivadas* forem consideradas orações copulativas que subcategorizam uma mini-oração. Modesto (2001) apresenta diversas análises para a estrutura das mini-orações e argumenta acertadamente que uma estrutura exocêntrica deve ser descartada por não estar de acordo com o modelo teórico utilizado, no qual todas as categorias são endocêntricas, ou seja, projeções de um determinado núcleo. A proposta minimalista, diferentemente da proposta da GB, é a de que itens lexicais sem complemento e especificador são ao mesmo tempo  $X^0$  e XP, sem a necessidade de uma projeção intermediária. Veja-se que somente objetos sintáticos com interpretação semântica devem ser projetados. Se um elemento não tem complemento nem especificador, o que o converte em  $X^0$  e XP ao mesmo tempo, projetar um  $X'$  se torna uma operação vacuosa, já que  $X'$  não tem nenhuma relevância (interpretação) semântica.

Modesto (2001, p. 52) discute as vantagens de assumir uma estrutura como a ilustrada em (09) abaixo:



Por exemplo, (9) é capaz de dar conta de: a) porque o sujeito se comporta como objeto do verbo que subcategoriza a SC, sendo marcado com Caso acusativo; b) porque mini-orações não podem aparecer em posição pré-verbal porque não estão marcadas com Caso; c) porque mini-orações se comportam como complexos funcionais completos que são sensíveis à teoria da vinculação. No entanto, segundo Modesto (2001), a estrutura em (9) não daria conta de explicar como o predicado é movido em (10b) tendo em conta

que somente projeções máximas podem ser movidas e o predicado é uma projeção intermediária<sup>5</sup>:

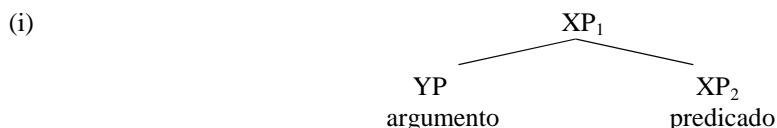
- (10) a. Eu considero a situação calamitosa.  
b. Como você considera a situação? (MODESTO, 2001, p.53)

Com a reinterpretação do que é movimento sintático, no Programa Minimalista, que deixa de ser visto como deslocamento de constituinte e sim como *cópia e apagamento das cópias mais baixas*, (10b) pode ser explicada com a estrutura ilustrada em (9) como se verá a seguir.

Discutindo a Teoria da cópia como apagamento em LF, Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 257-263) comentam que apenas elementos quantificados devem ocupar a posição CP em LF. Assim, sentenças como (11a) e (12a) terão suas representações em LF como ilustrado em (11b) e (12b) abaixo:

- (11) a. [<sub>CP</sub> [ whose mother ] did [<sub>TP</sub> you see [ whose mother ] ] ]  
b. LF: [<sub>CP</sub> [ whose ~~mother~~ ] did [<sub>TP</sub> you see [ ~~whose~~ mother ] ] ]  
(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 262)
- (12) a. [<sub>CP</sub> [ to who(m) ] did [<sub>TP</sub> you talk [ to who(m) ] ] ]  
b. LF: [<sub>CP</sub> [ ~~to~~ who(m) ] did [<sub>TP</sub> you talk [ to ~~who(m)~~ ] ] ]  
(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 262)

<sup>5</sup> Tendo em vista esta discussão do movimento de elementos WH da mini-orção, Modesto (2001) adota uma segunda alternativa: aquela estrutura em que o sujeito é adjungido ao predicado como em (i):



Como YP está dentro do domínio de XP, mesmo sendo adjunto, pode ter seus traços checados, como se observa através da concordância entre o substantivo e o adjetivo e as restrições semânticas, como ilustrado em (ii):

- (ii) a. \*A pedra é faladora.  
b. A menina é faladora.  
c. O menino é falador.

Uma outra observação é que, o XP<sub>2</sub> de (i) tampouco poderia ser movido para CP deixando o XP<sub>1</sub> *in-situ*. Desta forma, as duas análises são plausíveis. Como não tenho evidências empíricas a favor de uma ou de outra, seguindo os argumentos de Modesto (2001), que são mais favoráveis à análise de (9), adoto esta estrutura ao longo do trabalho, deixando em aberto que é necessário fazer um estudo maior sobre as mini-orções.

Em (11) e (12) acima, todo o sintagma WH é copiado para o CP matriz, onde deve checar seus traços. No entanto, para a leitura em LF, apenas um elemento quantificado simples deve ser computado; assim, todos os outros elementos são apagados da cópia e o simples WH é apagado do sintagma copiado.

Seguindo este raciocínio, pode-se considerar que a estrutura de (10b) seria a representada em (13) abaixo:

- (13) a. Você considera [<sub>XP</sub> [<sub>YP</sub> a situação] <sub>X'</sub> [<sub>X</sub> como]]?
- b. [<sub>XP</sub> [<sub>YP</sub> a situação] <sub>X'</sub> [<sub>X</sub> como]] Você considera [<sub>XP</sub> [<sub>YP</sub> a situação] <sub>X'</sub> [<sub>X</sub> como]]?
- c. [<sub>XP</sub> [<sub>YP</sub> ~~a situação~~] <sub>X'</sub> [<sub>X</sub> como]] Você considera [<sub>XP</sub> [<sub>YP</sub> a situação] <sub>X'</sub> [<sub>X</sub> ~~como~~]]?
- d. Como você considera a situação?

Em (13), o que acontece é: a mini-orção é copiada para o CP para checagem de traços [+wh], por exemplo. Como não existem operações cobertas e abertas, tudo acontece abertamente, seguindo a discussão de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 286-329), a forma lógica coincide com aquilo que *Spell-out* pronuncia. Desta forma, não há movimento de projeções intermediárias e sim cópia de todo o XP e apagamento do que é relevante para a operação.

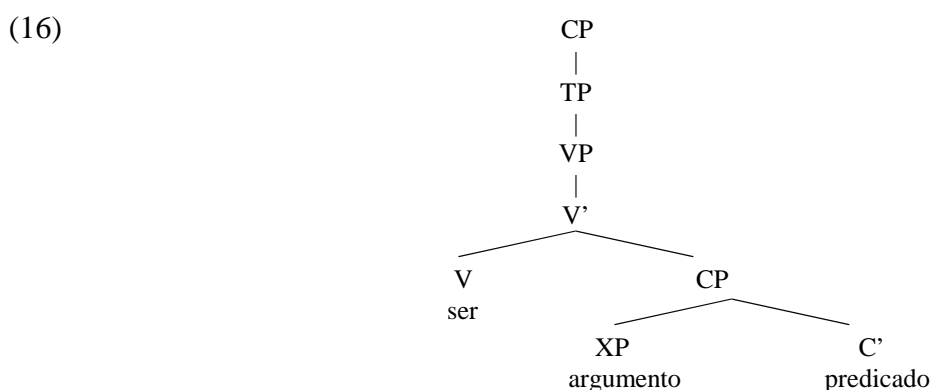
### 3.3.2. Pseudo-clivadas

São encontrados, no *corpus* analisado, exemplos de construções *pseudo-clivadas* como ilustrado em (14) e (15):

- (14) Pseudo-clivada básica (PC)
- a. Lo que hay que buscar es LA LIBERTAD (ESP.E.06)
- b. La que corre el riesgo con la policía soy YO (CUB.F.01)
- c. lo que ha servido es PARA IMPULSAR EL INTERÉS POR EL LIBRO (CUB.E.08)
- d. a quien más favorece es AL VECINO (ESP.E.02)
- e. el que más nos quedó a todos con el tiempo fue BARROS HURTADO (ARG.E.15)
- f. la desigualdad lo que trae es crecimiento desigual (MEX.E.04)
- g. Tú, lo que tienes que aprender es A TENER MODALES (ESP.F.01)

- (15) Pseudo-clivada Invertida (PCI)
- LAS MUJERES son las que nos empiezan a desaparecer en secundaria y en preparatoria (MEX.E.04)
  - AHÍ es donde tiene que invertir precisamente el Estado (MEX.E.01)
  - ESO es lo que no nos perdonan (CUB.F.01)
  - NINA es quien conduce. (ESP.F.03)
  - DE ESO es lo que estamos hablando (MEX.E.04)
  - ÉL fue quien me enseñó los trucos para laburar (ARG.F.03)

Seguindo as propostas de Zubizarreta (1998) para o espanhol atual, o elemento focalizado deve estar numa posição mais encaixada na estrutura para receber o acento neutro, que identifica o foco informativo ou acentuado em outra posição para receber uma leitura de foco contrastivo. Assim, a seguinte estrutura em (16) pode ser considerada como estrutura básica para as *pseudo-clivadas*:



Acomodando os dados de (14) e (15) na estrutura em (16), a posição de predicado pode ser ocupada pela oração relativa, que tem uma variável que terá seu valor fixado pelo constituinte focalizado, e a posição de argumento é ocupada pelo foco, que satisfaz o valor da variável.

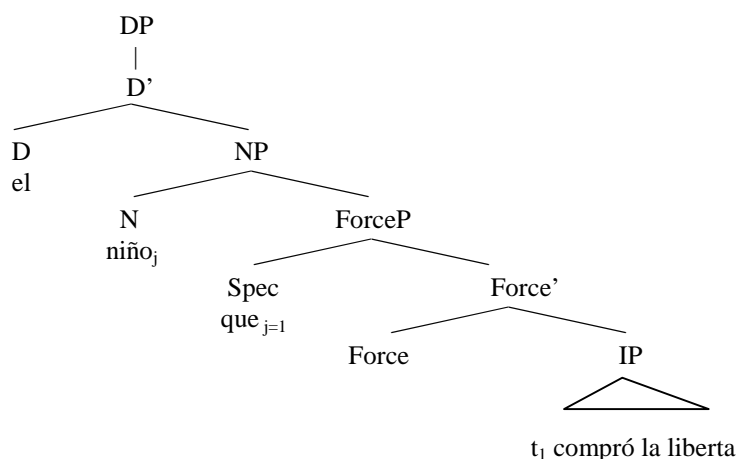
No entanto, se for considerado o contraste entre diferentes tipos de relativas, como ilustrado em (27), haverá um problema na análise das *pseudo-clivadas*:

- (17) a. El niño que compró la libreta llegó.  
 b. El que/Quien llegue tarde no va a comer.  
 c. Lo que hay que buscar es la libertad.<sup>6</sup>

Rizzi (1997) diz que existe um marcador de força (ForceP), que define o tipo de sentença. Assim, todas as três sentenças em (17) serão encabeçadas pela projeção ForceP. A diferença entre elas está no lugar que o pronome relativo pode ocupar. Em todos os casos, o pronome relativo (variável) terá que ter seu valor fixado. O exemplo (17a) tem o referente fixado pelo antecedente; já (17b) tem uma relativa livre com referente arbitrário: qualquer pessoa que chegar tarde não vai comer; por outro lado, (17c) tem o valor fixado pelo foco.

Considerando a parte relevante das relativas, as sentenças em (17) teriam as seguintes estruturas representadas abaixo<sup>7</sup>:

(17a')<sup>8</sup>



Em (17b), o pronome relativo equivale ao DP “A pessoa que” ou “Aquele que”, fato que converte a relativa de (17b) estruturalmente idêntica à relativa de (17a). No entanto, seguindo a proposta de Medeiros Júnior (2005), o pronome relativo se move de SpecCP

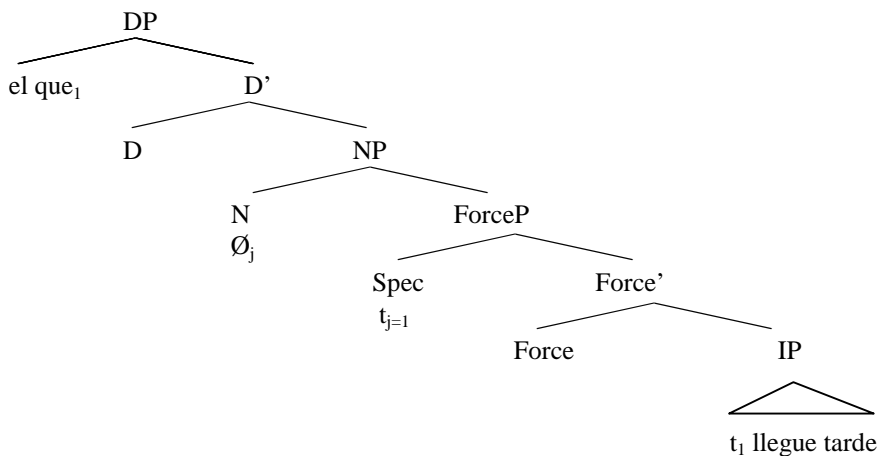
<sup>6</sup> Para uma análise das relativas livres, ver por exemplo, Medeiros Júnior (2005). Observar que Medeiros Júnior (2005) discute as relativas livres em posição argumental ou de adjunção. Porém, não trabalha com as relativas livres das *pseudo-clivadas*.

<sup>7</sup> O lugar onde ForceP vai ser mergido no NP dependerá de se a relativa é explicativa ou restritiva. Ver Brito e Duarte (2003), por exemplo, sobre essa questão. Abstrai essa diferença neste ponto da discussão por não ser relevante para a análise.

<sup>8</sup> Nas representações, utilizo letra para indicar coindexação e números para indicar os movimentos dos constituintes.

para SpecDP a fim de lexicalizar algum elemento no sintagma para que ele tenha uma interpretação semântica, como ilustrado em (17b’):

(17b’)



Contrariamente à proposta de Medeiros Júnior (2005) para o português, no espanhol, o elemento “el que” pode ser considerado como um pronome relativo e não como um determinante (el) mais um pronome relativo (que) tendo em vista que são possíveis relativas com cabeça em que aparece a forma “el que”, como ilustram em (18):

- (18) a. Los planetas, los que no tienen luz propia, giran en torno al sol.  
 b. Mi tía la que es profesora viene a visitarme hoy día<sup>9</sup>.

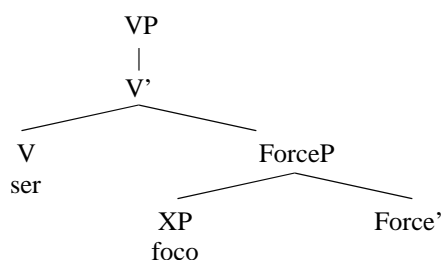
No entanto, com relação à relativa livre de (17c), proponho uma análise diferente da proposta de Medeiros Júnior (2005), como ilustrado acima em (17b’). Algumas diferenças sintáticas e semânticas podem ser posta para diferenciar construções como (17b) por um lado e (17c) por outro. A interpretação de (17b) é genérica —qualquer pessoa que chegar tarde não vai comer— e a de (17c) é específica. A construção em (17b) é estruturalmente idêntica à construção em (17a); por outro lado, se (17c) for considerada uma relativa livre como (17b), devermos considerar “Foi você a pessoa que se responsabilizou pelo pedido” uma construção de clivagem. E, como mostrarei a seguir, esse tipo de construção não é uma construção de clivagem. Portanto, os dois tipos de relativa livres devem ser distinguidos.

Como mostrei, as *pseudo-clivadas* são constituídas por uma mini-orção. Inevitavelmente, a mini-orção deve ser encabeçada por ForceP por se tratar de uma

<sup>9</sup> Tanto as relativas restritivas como explicativas são possíveis de exibir concordância no relativo.

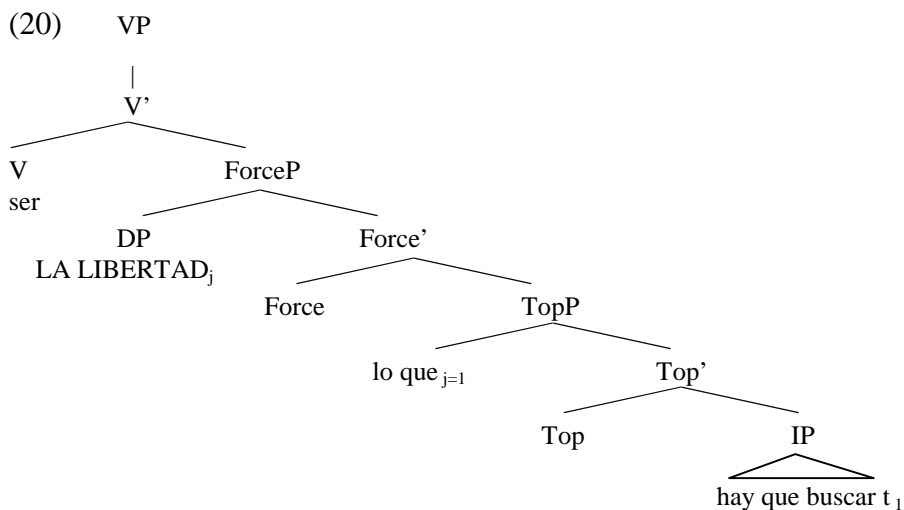
oração relativa. Desta forma, o CP de (16) pode ser traduzido por ForceP, como ilustrado em (19) abaixo:

(19)



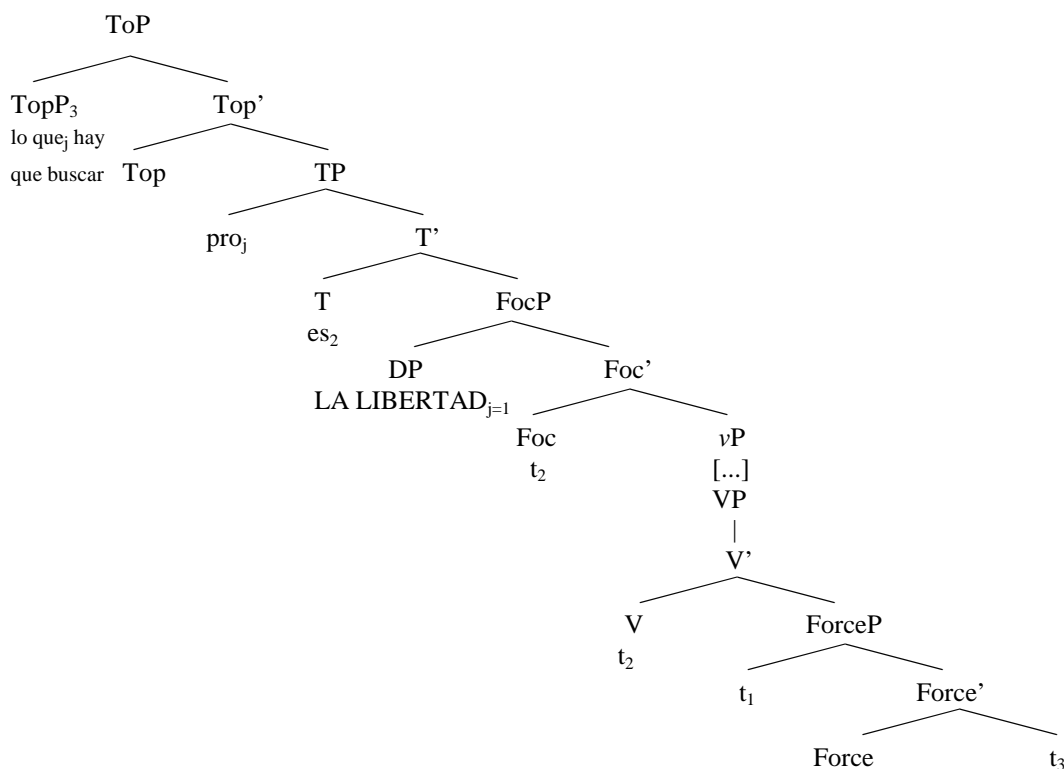
O problema reside no fato de que se há que encontrar uma posição mais baixa que ForceP para acomodar o pronome relativo, tendo em vista que a posição de especificador já está ocupada pelo elemento focalizado. A alternativa que existe é analisar o pronome relativo como ocupando a projeção SpecTopP. Essa análise é corroborada pelo fato de que o pronome relativo está coindexado ao elemento focalizado que satisfaz o seu valor, tendo uma leitura de pressuposição. Assim, a estrutura básica para a derivação das *pseudo-clivadas*, com base na representação em (16) é aquela ilustrada em (20), que reflete a estrutura subjacente do exemplo (17c):

(20)



Assim, no caso das PC, tem-se uma estrutura como (21), derivada de (20):

(21) Lo que hay que buscar es LA LIBERTAD



Há duas possibilidades de análise para (21): a) tendo em vista a motivação fonológica de deixar o foco em uma posição mais baixa na estrutura, a relativa livre é movida para o TopP da oração matriz; b) a proposta de Belletti (1999; 2002; 2003) da periferia interna da sentença, na qual o XP focalizado ocuparia o FocP interno. O problema de adotar a proposta de Zubizarreta (1998), de uma motivação fonológica para deixar o foco mais baixo na estrutura a fim de receber o acento nuclear, é a impossibilidade de adequá-lo à estrutura adotada nesta Dissertação, que difere significativamente da estrutura adotada por Zubizarreta (1998), já que a autora dispensa outros níveis estruturais, como o CP, acomodando sua análise num TP sincrético, que pode checar os traços do sujeito ou de um XP qualquer portando os traços de foco ou tópico.

Recorrendo à análise da periferia interna, na análise que proponho, o constituinte focalizado se move de SpecForceP para SpecFocP interno. Em seguida, o verbo copulativo sai do V, passa pelo *v* e pelo Foc°, onde satisfaz os critérios de foco, e se aloja em T. De acordo com a proposta de Belletti (2003), os sujeitos pós-verbais são vinculados a um *pro* na posição de SpecTP, através do qual a cadeia checa Caso e traços



$\phi$  (veja-se o exemplo (14b))<sup>10</sup>. Como esta análise dispensa o sistema Agr, ao contrário de Modesto (2001), o elemento focalizado é obrigado a realizar um movimento A-Barra (que, neste caso, é para FocP da periferia interna), de acordo com a definição de clivagem adotada em (6) acima. Por fim, o TopP que permanece na posição de origem, dentro da relativa livre, se move para TopP da periferia esquerda, para satisfazer o requerimento fonológico de deixar o foco informativo na posição mais encaixada<sup>11</sup>.

Com relação aos exemplos (14f) e (14g), há uma topicalização do sujeito. Como tópico é uma categoria recursiva, o sujeito pode ser adjungido sobre a relativa livre na estrutura representada em (21) acima, originando a estrutura representada em (22) abaixo cujos detalhes são omitidos:

- (22) a. [TopP la desigualdad; [ToP lo que t<sub>j</sub> trae [TP es crecimiento desigual...  
 b. [TopP tú; [ToP lo que t<sub>j</sub> tienes que aprender [TP es A TENER BUENOS MODALES...

Um outro caso a ser discutido são os exemplos ilustrados em (14c) e (14d), repetidos abaixo em (23):

- (23) a. lo que ha servido es PARA IMPULSAR EL INTERÉS POR EL LIBRO (CUB.E.08)  
 b. a quien más favorece es AL VECINO (ESP.E.02)

Em casos como (23a), nos quais a relativa livre não aparece preposicionada, diferentemente de (23b), deve ser postulado o apagamento da preposição, como acontece com expressões temporais do tipo “el día” em espanhol:

- (24) [PP  $\emptyset$  [DP el día 20]], vuelvo a La Habana.

Assim, o elemento WH do exemplo em (23a) estaria dominado por um P vazio, como ilustrado em (24).

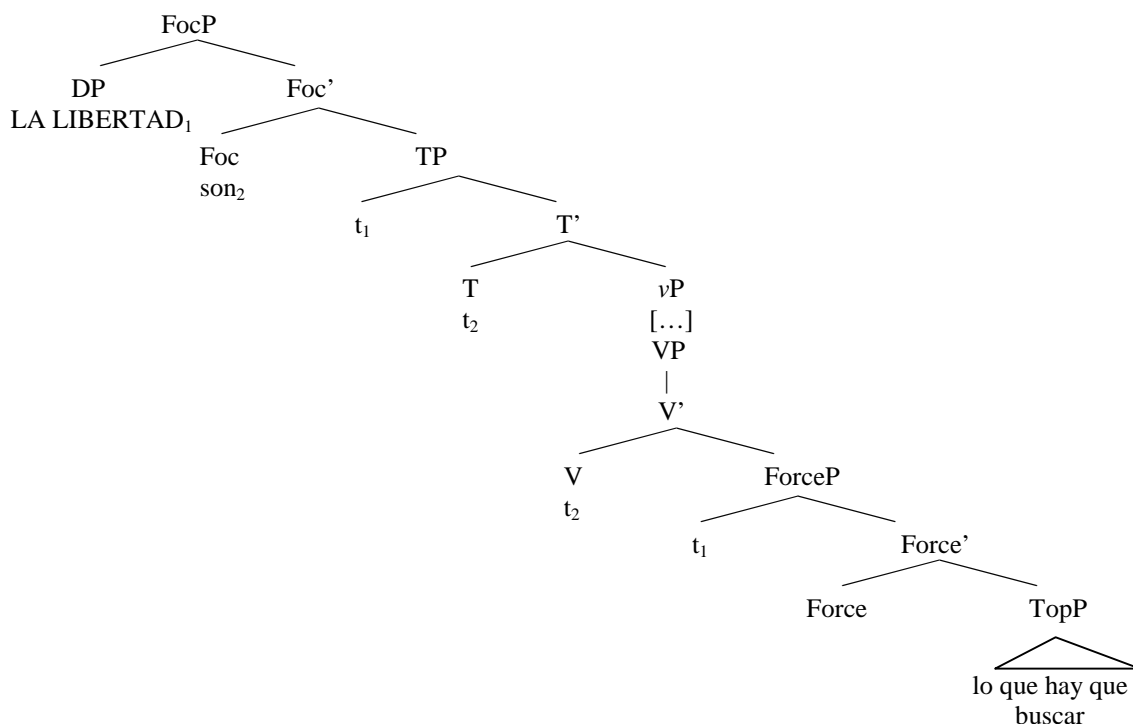
<sup>10</sup> Uma questão a ser levantada é: seria necessário ainda se recorrer ao BigDP num sistema baseado na operação *Agree*? Pode-se imaginar que o foco checa os traços  $\phi$  por c-comando e o *pro* expletivo é mergido somente para satisfazer EPP.

<sup>11</sup> Como foi mostrado no capítulo anterior, somente as PC permitem a leitura de foco informativo, o que pode ser uma evidência de que as regras fonológicas de Zubizarreta (1998) são bastante ativas no espanhol atual.

Discursivamente, as PC podem indicar foco contrastivo ou informativo. Belletti (2002) propõe que, no italiano, focos contrastivos sejam possíveis apenas na periferia esquerda. Como se pode observar pela estrutura ilustrada em (21), o foco é analisado na periferia interna. No entanto, como propõe Zubizarreta (1998; 1999), o acento contrastivo pode ser colocado em qualquer posição da sentença. Assim, o italiano restringe essa acentuação contrastiva à periferia esquerda e o espanhol pode aplicá-la em qualquer lugar da sentença, possibilitando que a periferia interna também chegue foco contrastivo.

No caso das PCI, seriam representadas por uma estrutura como em (25), também derivada da estrutura representada em (20):

(25) LA LIBERTAD es lo que hay que buscar



Em (25), para a PCI, ao contrário da PC, a relativa permanece *in-situ* e o constituinte focalizado se move para SpecTP para checagem de traços  $\phi$  haja vista a concordância em número com a cópula<sup>12</sup> e, em seguida, se move para FocP da periferia esquerda, onde checa os traços de foco. O verbo faz um percurso mais longo que nas PC: sai de V, passa por *v* e e por T, onde checa os traços de tempo, e sobe para Foc, onde satisfaz os

<sup>12</sup> Aqui retorna a questão da operação *Agree* e o BigDP.

critérios de foco<sup>13</sup>. Seria pertinente o questionamento de por que o foco não pode ser checado na periferia interna. Como os traços de tempo do verbo, no espanhol (cf. TORIBIO, 2000, 2002), são fortes, o verbo deve ser movido para T°. E se o foco é checado na periferia interna, a ordem linear é diferente de (25).

No caso de construções como (15b), (15c) e (15e), repetidos abaixo em (26),

- (26) a. AHÍ es donde tiene que invertir precisamente el Estado (MEX.E.01)  
 b. ESO es lo que no nos perdonan (CUB.F.01)  
 c. DE ESO es lo que estamos hablando (MEX.E.04)

em que o foco não é o sujeito, o elemento focalizado sai diretamente da posição de sujeito da mini-orção para a posição de SpecFoP da orção matriz, sem passar por SpecTP da cópula, que, neste caso, está ocupada por um *pro* expletivo para satisfazer EPP.

Conforme discute Modesto (2001), sentenças com ordem igual à sentença ilustrada em (25) acima, só podem ser consideradas construções de clivagem, no caso uma PCI, se o sujeito receber acentuação específica. Por esta razão, Modesto (2001) não reconhece uma sentença como (27) como uma construção de clivagem:

- (27) A Suzanita é quem quer casar. (MODESTO, 2001, p.62)

Neste exemplo em (28), considerando a estrutura em (20), a relativa permanece *in-situ* e o DP se move para SpecTP para checar Caso nominativo permanecendo desacentuado, da mesma maneira que uma sentença copulativa comum. Neste caso, a relativa equivale a um adjetivo e a sentença seria semanticamente equivalente à sentença “A Suzanita é casadoira” (MODESTO, 2001, p. 38). Para que haja uma leitura de clivagem, é necessário o deslocamento do acento prosódico da posição mais baixa para a posição do DP “A Suzanita” para receber uma interpretação focal conforme ilustra (28):

- (28) A SUZANITA é quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 65, 107)

A diferença da minha análise para a de Modesto (2001) é que Modesto (2001) não considera a periferia esquerda da sentença, neste caso, seguindo uma postura

---

<sup>13</sup> Lembrar que é o movimento do núcleo, no caso do verbo, o que licencia o movimento de XPs.

semelhante à de Zubizarreta (1998). Na minha análise, além da acentuação, é necessário o deslocamento do elemento focalizado para a periferia esquerda da sentença tendo em vista a necessidade de checagem dos traços de foco na periferia da sentença, a la Rizzi (1997)<sup>14</sup>.

Em termos discursivos, no *corpus* analisado, as PCI indicam exclusivamente ênfase ou contraste, uma evidência a mais de que a periferia esquerda está fortemente associada ao foco contrastivo.

Uma terceira construção *pseudo-clivada* não registrada no *corpus* que analisei mas estudada por Moreno Cabrera (1999), Toribio (2002) e Sedano (2005), por exemplo, e mencionada por López Morales (1992b), é a chamada *pseudo-clivada reducida* (PCR), como ilustrado em (29) abaixo<sup>15</sup>:

- (29) a. Él quiere es llegar temprano (SEDANO, 2005)  
 b. La nota la puso fue en la boleta (SEDANO, 2005)  
 c. Aquí se ha vendido es para comer (MORENO CABRERA, 1999, p. 4284)  
 d. Yo hablaba era de usted (MORENO CABRERA, 1999, p. 4284)  
 e. Llegué fue ayer (MORENO CABRERA, 1999, p. 4284)

este tipo de construção, cujos passos da derivação e a estrutura são semelhantes aos da PC, pode ser considerada como a ilustrada em (21) acima. A diferença estaria na existência de um operador nulo substituindo o elemento WH realizado foneticamente das PC conforme apontam Kato et alii (1996) e Toribio (2002)<sup>16</sup>. Veja-se o contraste ilustrado em (30):

- (30) a. [<sub>TopP</sub> OP él quiere [<sub>TP</sub> es llegar temprano ...  
 b. [<sub>TopP</sub> Lo que él quiere [<sub>TP</sub> es llegar temprano ...

<sup>14</sup> Observe-se que o caso da clivagem, em especial a PCI, é diferente de uma construção como “John arrived”. Conforme assinala Belletti (2005), só se pode considerar que o foco está na periferia esquerda neste tipo de construção se outros tipos de elementos forem focalizados na esquerda da sentença.

<sup>15</sup> Moreno Cabrera (1999, p. 4284) comenta que essas construções são atestadas na Colômbia, no Equador, no Panamá e na Venezuela. Como não analisei material desses lugares, possivelmente seja a razão de não as ter atestado no *corpus*.

<sup>16</sup> Para uma análise contrária à proposta por Toribio (1992; 2002) da existência de um operador nulo, ver Bosque (1999) e Camacho (2006).

A presença do operador nulo é requerida em (30) para que seja garantida a satisfação do valor da variável, como acontece nos casos em que o elemento WH é realizado foneticamente<sup>17</sup>.

### 3.3.3. Clivadas

Considerando os aspectos sintáticos, construções como

- (31) a. Foram os alunos do primeiro ano **que** chegaram.  
 b. Foi ali **que** eu nasci.  
 c. Foi o livro de inglês **que** o Pedro comprou.  
 d. Vai ser amanhã **que** você vai fazer isso.
- (32) a. Foram os alunos do primeiro ano **quem** chegaram.  
 b. Foi ali **onde** eu nasci.  
 c. Foi o livro de inglês **o que** o Pedro comprou.  
 d. Vai ser amanhã **quando** você vai fazer isso.

são analisadas na literatura gerativista sobre o português como sentenças com estruturas diferentes: (31) *clivada* (CL) e (32) *pseudo-clivada extraposta* (PCE); embora ambas possam aparecer nos mesmos contextos discursivos.

Meu objetivo, nesta seção, é propor uma redução de ambas as construções em (31) e (32) a um único tipo de estrutura<sup>18</sup>. Para isso, apresento o problema teórico com mais detalhe; em seguida, comento algumas propostas já apresentadas para a análise das sentenças, como as de Kato *et alii* (1996), Brito e Duarte (2003) e Modesto (2001). Depois, discuto os antecedentes teóricos que fundamentam minha proposta e, por fim, busco evidências empíricas e proponho uma análise unificada para a CL e a PCE.

Nos estudos sobre a clivagem na língua inglesa (cf. PRINCE, 1978; SORNICOLA, 1988; LAMBRECHT, 2001; entre outros), construções como (33), seja com *who* (quem) ou *that* (que), são consideradas ambas como *it-clefts* (*clivadas*). Modesto (2001) questiona essa classificação a partir da assimetria da gramaticalidade dos pares de

<sup>17</sup> Observar, no primeiro capítulo, a síntese dos comentários de Toribio (2002) sobre a agramaticalidade de uma PCR de sujeito como ilustrado em (i):

(i) \*Llegó fue Juan.

<sup>18</sup> As primeiras discussões, sobre esse tema estão desenvolvidas de forma introdutória em Conceição Pinto (2006a; 2007b).

sentença (33) e (34), onde a alternância *who/that* altera a gramaticalidade das sentenças em (34)<sup>19</sup>:

- (33) a. It was Jonh *that* wore a white suit at the dance last night.  
(expl foi Jonh *que* vestiu um terno branco para dançar na noite passada)
- b. It was Jonh *who* wore a white suit at the dance last night.  
(expl foi Jonh *quem* vestiu um terno branco para dançar na noite passada)
- (MODESTO, 2001, p. 19)
- (34) a. \*It was beautiful *that* wore a white suit last night.  
(expl foi bonito *que* vestiu um terno branco na noite passada.)
- b. It was beautiful *who* wore a white suit last night.  
(expl foi bonito *quem* vestiu um terno branco na noite passada.)
- (MODESTO, 2001, p. 19)

Para Modesto (2001), se tal distinção não fosse relevante, as quatro sentenças deveriam ser gramaticais e o par em (34) não deveria ser sensível à troca de *who* por *that*. No entanto, a crítica de Modesto (2001) perde força quando o autor comenta que “beautiful” não é um elemento que pode fixar o valor da variável e, portanto, não pode ser uma construção de clivagem. É possível transcrever (33) em uma estrutura lógica como (35), porém (34) é impossível de ser transcrita dessa maneira, como mostra o contraste entre (35) e (36) a seguir:

- (35) a. There is a  $x$ , such that  $x$  wore a white suit at the dance last night.
- b.  $x = \text{Jonh}$ .
- (36) a. There is a  $x$ , such that  $x$  wore a white suit at the dance last night.
- b. \* $x = \text{Beautiful}$ .

(35) mostra que *Jonh* satisfaz o valor de  $x$ , que equivale ao sujeito da sentença. (36) mostra que *beautiful* não pode satisfazer tal requerimento. Desta forma, é possível concluir que a diferença entre (33a-b) e (34a-b) não se deve ao fato de que *who* e *that* apresentam status diferente nestes contextos, mas que (33) e (34) são construções diferentes: (33) uma construção de clivagem e (34) uma construção copulativa comum.

Nesta seção, quis mostrar que o argumento que foi levantado por Modesto (2001) para considerar a diferença entre *que/quem*, por exemplo, está baseado em tipos

---

<sup>19</sup> Ver a problematização inicial no primeiro capítulo.

de sentenças diferentes (um exemplo de copulativa comum contrastando com um exemplo de construção de clivagem). Portanto, os dados mostram que a distinção entre *who/that* não se aplica às construções de clivagem.

Nas subseções seguintes, revejo algumas análises feitas para as CL e PCE, com o objetivo discutir as propostas e adequar a análise dessas construções ao modelo teórico atual.

### 3.3.3.1. Revendo alguns trabalhos

Esta seção tem a finalidade de discutir algumas análises feitas para as CL e PCE no português e levantar algumas observações a tais análises, a fim de promover uma análise unificada. Alguns trabalhos já foram revisados no primeiro capítulo. Nesta seção, retomo apenas os pontos relevantes das análises das CL e PCE.

#### A) Kato *et alii* (1996)

Kato *et alii* (1996, p. 329) consideram as sentenças em (31) e (32) ambas como *clivadas*, propondo três formas para a estrutura básica da clivagem:

- (37) a. Expl. **ser** [XP            [a pessoa    [CP Op        [que...]]]]  
       b. Expl. **Foi** [você        [a pessoa    [CP Op        [que eu vi]]]]
- (38) a. **ser** [XP            [NP            [CP Q        [(que)...]]]]  
       b. **Foi** [você        [NP            [CP **quem**    [eu vi]]]]
- (39) a. **ser** [XP            [NP            [CP Op        [que...]]]]  
       b. **Foi** [você        [NP            [CP Op        [que eu vi]]]]

A análise das autoras propõe uma estrutura unificada para ambas as construções CL e PCE, no sentido de que os três tipos se originam a partir de uma estrutura como “SER X RELATIVA” diferenciando-as apenas pelo preenchimento de uma ou outra posição dentro do sistema CP: em (37), tem-se o núcleo da relativa preenchido por um nome genérico, como *coisa*, *pessoa* ou *dia*, o especificador do CP vazio (ocupado por um operador nulo) e o núcleo do CP preenchido; em (38), tem-se o núcleo da relativa vazio, o operador realizado no especificador do CP e o núcleo do CP preenchido opcionalmente; em (39), tem-se o núcleo da relativa vazio, o especificador do CP vazio (ocupado por um operador nulo) e o núcleo do CP preenchido.

Esta análise se assemelha à de Brito e Duarte (2003) pelo fato de que derivam ambas as construções CL e PCE a partir da mesma estrutura básica, alterando o

preenchimento de uma ou outra posição. No entanto, Kato *et alii* (1996) derivam a clivagem a partir da estrutura de uma relativa, com base em Chomsky (1977). Seguindo os trabalhos mais recentes, como Rizzi (1997), vou propor que construções focais podem ser analisadas de forma independente das relativas, tendo o elemento WH como uma morfologia marcadora de foco e não necessariamente como um pronome relativo.

### B) Brito e Duarte (2003)

Todas as construções de clivagem são analisadas por Brito e Duarte (2003) como possuindo uma mesma estrutura: um verbo copulativo selecionando como complemento uma oração pequena -  $OPeq^{20}$ , como mostra (40):

(40) ...ser  $[OPeq \quad [\alpha] \quad [o \text{ queijo}]$  (BRITO e DUARTE, 2003, p. 687)

O símbolo  $\alpha$  corresponde a um constituinte oracional que contém uma posição vazia vinculada a um operador cujo valor é fixado pelo constituinte clivado. O que diferencia a PCE da CL<sup>21</sup> é o fato de o constituinte oracional ser uma oração relativa na primeira e pseudo-relativa (com *que* invariável) na segunda, como ilustrado em (42) derivados da estrutura básica em (41):

(41)  $[_{SFlex} \text{ ser}[_{OPeq} \quad [_{SComp}\{[o \text{ que}]_i / OP_i \text{ que}\} \text{ o corvo comeu } [v]_i \quad [_{SN} \text{ o queijo}]_i]]$   
(BRITO e DUARTE, 2003, p. 688)

(42) a. PCE =  $[_{SFlex} \text{ ...foi } [_{OPeq} \quad [_{SN} \text{ o bolo}]_i \quad [_{OPeq} \quad [_{SComp} [o \text{ que}]_j \text{ o João comeu } [v]_j \quad [v]_i]]]_{(i=j)}$   
b. CL =  $[_{SFlex} \text{ ...foi } [_{OPeq} \quad [_{SN} \text{ o bolo}]_i \quad [_{OPeq} \quad [_{SComp} OP_j \text{ que o João comeu } [v]_j \quad [v]_i]]]_{(i=j)}$   
(BRITO e DUARTE, 2003, p. 689)

A partir da estrutura básica em (41), pode ser observado que, em (42), o elemento clivado é adjungido à mini-oração. No caso da PCE em (42a), o pronome relativo é vinculado ao elemento clivado e o núcleo do sintagma complementizador fica vazio. No caso da CL em (42b), o operador nulo está vinculado ao elemento clivado e a posição de núcleo do complementizador está preenchida.

Kato *et alii* (1996) e Brito e Duarte (2003) diferem suas análises em alguns pontos: a) Brito e Duarte (2003) consideram a estrutura da relativa sempre como uma

<sup>20</sup> Oração pequena equivale a “mini-oração” ou “small clause”.

<sup>21</sup> As autoras classificam as CL e PCE como *Clivada* e *Clivada-Q*, respectivamente.



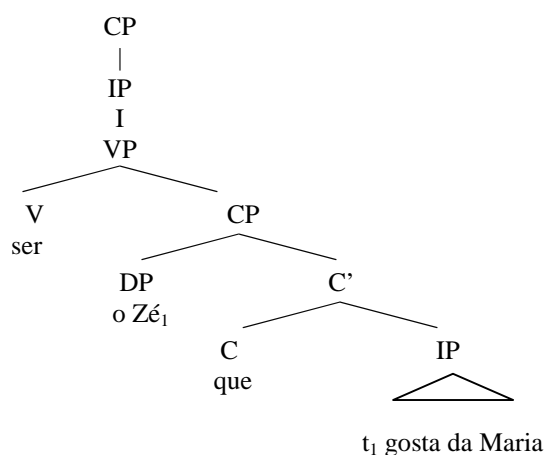
relativa livre enquanto Kato *et alii* (1996) levantam a possibilidade de a relativa ter cabeça, sendo o núcleo preenchido por um nome genérico; b) como consequência disso, as relativas com nome genérico podem constituir uma sentença *clivada* para Kato *et alii* (1996) mas não em Brito e Duarte (2003); c) o foco – constituinte clivado – é adjungido à oração pequena na análise de Brito e Duarte (2003), mas sua origem, se é gerado na base ou movido, não fica clara em Kato *et alii* (1996).

Mesmo que as análises de Brito e Duarte (2003) e Kato *et alii* (1996) apresentem a mesma estrutura com preenchimento diferenciado em cada uma (se o C° é preenchido, tem-se uma CL; se o SpecCP é preenchido, tem-se uma PCE) pretendo propor uma análise na qual não haja a alternância de preenchimento entre especificador e núcleo, mas sim que as mesmas posições e os mesmos elementos sejam preenchidos e realizados em ambas as construções.

### C) Modesto (2001)

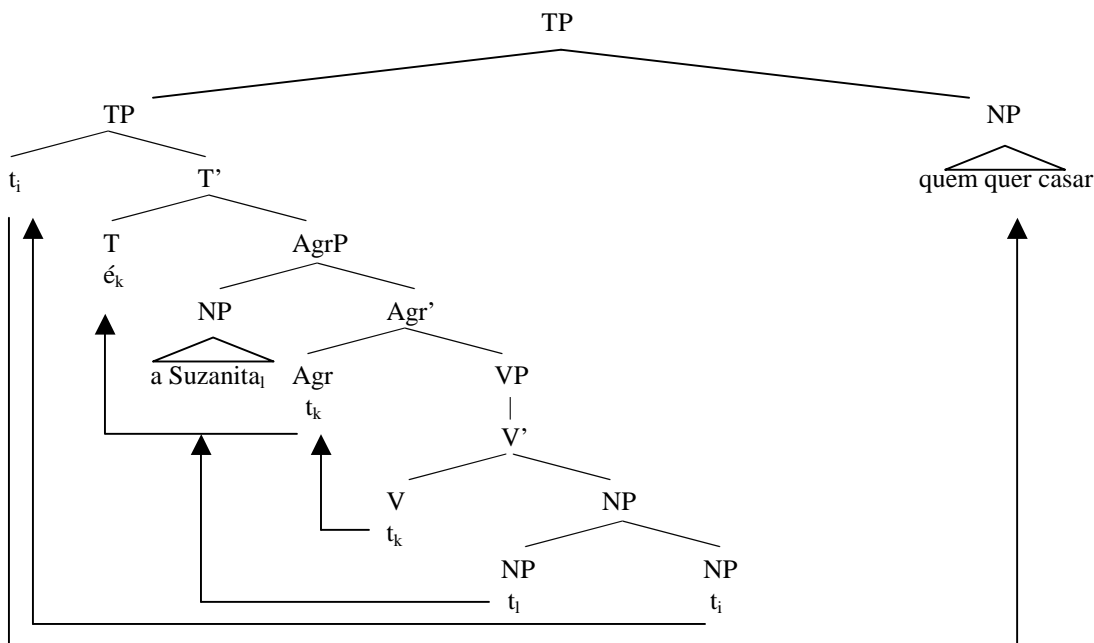
Comparando a análise de Modesto (2001) com as análises de Kato *et alii* (1996) e de Brito e Duarte (2003), pode-se observar que Modesto (2001) apresenta estruturas diferentes para os dois tipos de sentenças, enquanto as demais autoras as derivam da mesma estrutura alternando o preenchimento das posições de núcleo e especificador. Para Modesto (2001), a CL apresenta estrutura específica e a PCE é derivada da extraposição da relativa livre que ocupa a posição de predicado da mini-orção. As representações propostas para as CL e PCE por Modesto (2001) são repetidas em (43) e (44) respectivamente:

(43) É o Zé que gosta da Maria. (MODESTO, 2001, p. 73)



Em (43), o elemento focalizado se move da sua posição dentro do IP, onde é saturado tematicamente e, neste caso, é o sujeito, e vai checar os traços de foco no CP subordinado ao verbo, realizando um movimento A-Barra.

(44) É a Suzanita quem quer casar. (MODESTO, 2001, p. 119)



Para a derivação da PCE em (44), move-se a relativa para specTP para satisfazer o movimento A-Barra e faz-se a extraposição da relativa em adjunção a TP pela direita<sup>22</sup>.

Como o próprio Modesto (2001) comenta, no caso da CL, quem faz o movimento A-Barra é o constituinte focalizado e, no caso da PCE (como em todas as *pseudo-clivadas* da sua análise), é a relativa livre. Esse movimento da relativa proposto por Modesto (2001) está relacionado com a satisfação de regras fonológicas, seguindo Cinque (1993 apud MODESTO, 2001) e Zubizarreta (1998), de que o elemento focalizado deve estar em posição mais encaixada na estrutura ou acentuado em outra posição, como foi visto no primeiro capítulo. Assim, quando se tem uma *pseudo-clivada básica*, a relativa deve ser movida para SpecTP para que o foco permaneça em uma posição mais encaixada. Retornando à estrutura em (45) e desfazendo a extraposição da relativa, o resultado será a sentença ilustrada em (45):

<sup>22</sup> Outros movimentos para checagem também são realizados. Neste ponto, Modesto (2001) apenas menciona o lugar de pouso de cada elemento, sem entrar na discussão sobre movimento e Minimalidade Relativizada (RM), embora comente sobre isso em um momento posterior.

(45) Quem quer casar é a Suzanita. (MODESTO, 2001, p, 61)

em que a relativa livre está em SpecTP e “a Suzanita” é o elemento mais encaixado na estrutura.

Embora haja, em (44), o movimento da relativa para uma posição A-Barra (SpecTP) para satisfazer regras fonológicas, não há motivação para a sua extraposição: quando a relativa ocupa a posição de SpecTP, fazendo o movimento A-Barra, o DP “A Suzanita” já está em uma posição mais encaixada e pode receber o acento nuclear responsável pela interpretação focal<sup>23</sup>. Modesto (2001, p. 62), em nota, diz que:

Pode-se imaginar porque não analisar a relativa livre na sua posição de geração, adiando o movimento para LF. Por um lado, o movimento em (19a) [Quem quer casar é a Suzanita], na sintaxe visível, indica que o movimento em (19b) [É a Suzanita quem quer casar] também deve acontecer antes de *spell-out*, admitindo que o princípio minimalista da procrastinação seja efetivo (cf. Chomsky (1992)). Por outro lado, veremos no capítulo III que esse movimento é prosodicamente motivado e, por essa razão, tem necessariamente de acontecer antes da entrada para PF (antes de *spell-out*).

Pode-se concluir, portanto, que tal extraposição é realizada com o único objetivo de dar conta da ordem linear da sentença.

### 3.3.3.2. O Critério-WH e a Concordância dinâmica

Rizzi (1991) estabelece um Critério-Wh, que será o responsável pela boa formação de sentenças interrogativas e quantificadas. Com base nos dados empíricos sobre as interrogativas do inglês e do italiano, como em (46) e (47) respectivamente, o Critério-Wh é estabelecido como em (48).

(46) a. \* What Mary has said?  
b. What has Mary said? (RIZZI, 1991, p.1)

(47) a. \*Che cosa Maria ha detto?  
b. Che cosa ha detto Maria? (RIZZI, 1991, p.1)

<sup>23</sup> Observar, conforme comento na nota 28 que o PB não tem esse requerimento fonológico para identificação do foco informativo, tendo em vista que “João ligou” ou “Foi o João quem ligou” são possíveis respostas para a pergunta “Quem ligou?” (cf. CÔRTEZ JÚNIOR, 2006; FERNANDEZ, 2007).

## (48) Critério-Wh

A. Um operador Wh deve estar numa configuração Spec-Head com um  $X^o_{[+wh]}$ .

B. Um  $X^o_{[+wh]}$  deve estar numa configuração Spec-Head com um operador Wh.

(traduzido de RIZZI, 1991, p. 2)

Observa-se que nenhum elemento pode intervir entre o elemento interrogativo e o verbo: no caso do inglês em (46), não deve existir intervenção entre o elemento interrogativo e o verbo auxiliar; já no caso do italiano em (47), não pode haver intervenção entre nenhum elemento do complexo verbal. Esses exemplos indicam que o elemento interrogativo e algum elemento verbal devem estar numa relação especificador-núcleo (Spec-Head) como afirma o Critério-Wh em (48).

Rizzi (1991) também considera algumas assimetrias entre interrogativas principais e subordinadas do francês, com relação à aplicação do Critério-Wh, e fala de concordância estática e dinâmica. A concordância estática é aquela na qual ambos, núcleo e especificador, apresentam um dado traço; já a concordância dinâmica é aquela em que o especificador é capaz de dotar o respectivo núcleo com os traços em questão. A concordância dinâmica é relevante para XPs categorizados desde que as propriedades de seleção sejam mantidas, de acordo com o Princípio de Projeção. Se um  $V^o$  seleciona um  $CP_{[+wh]}$ , este CP não pode ser dotado dos traços  $[+wh]$  por concordância dinâmica, porque feriria, assim, o Princípio de Projeção, conforme assinala Rizzi (1991) para esses casos do francês. Trazendo a questão para uma discussão minimalista, de que os traços podem estar valorados ou não na numeração, se um CP é dotado do traço  $[-wh]$  na numeração, no decorrer da derivação ele não pode ter seu traço alterado para  $[+wh]$  e o operador $_{[+wh]}$  que ocupará a posição de especificador desse  $CP_{[-wh]}$  não poderá ter os traços checados contra o núcleo $_{[-wh]}$ . Assim, a derivação não convergirá. Por exemplo, Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2004) discutem o movimento WH em sentenças como:

- (49) a. O João acha que a orquestra executou  $[DP_{(+wh)} \text{ que sinfonia}]$ ?  
 b. \*O João acha  $[DP_{(+wh)} \text{ que sinfonia}]$  que a orquestra executou?  
 c.  $[DP_{(+wh)} \text{ que sinfonia}]$  (que) o João acha que a orquestra exectuou?

(Adaptado de MIOTO, FIGUEIREDO SILVA e LOPES, 2004, p. 74)

- (50) O João perguntou [<sub>DP(+wh)</sub> que sinfonia] (que) a orquestra executou.  
(Adaptado de MIOTO, FIGUEIREDO SILVA e LOPES, 2004, p. 72)

Em (49), o verbo ‘achar’ é um verbo que seleciona um CP<sub>[-wh]</sub>; por isso, o DP<sub>[+wh]</sub> não pode ter seus traços checados nesse CP (daí a agramaticalidade de (49b)) e deve checar os traços no CP mais alto, como em (49c). Já no caso de (50), como o verbo ‘perguntar’ seleciona um CP<sub>[+wh]</sub>, o DP pode ter seus traços checados no CP subordinado.

Seguindo Chomsky (1993), Rizzi (1997) acredita que movimento sintático é último recurso; ou seja, só deve existir movimento sintático nos casos em que há necessidade de satisfazer alguma checagem de traços (por exemplo, Wh, Neg, Top, Foc), como estabelecido por Rizzi (1991). Com a periferia esquerda da sentença (CP), repetida abaixo em (51), Rizzi (1997) também afirma a existência de um Critério-Top e Critério-Foc remanescente do Critério-Wh e Critério-Neg, como proposto por Rizzi (1991). Uma evidência empírica para o Critério-Foc pode ser encontrada nos exemplos de Zubizarreta (1999, p. 4240-4241), ilustrados em (51) e (52):

- (51) [ForceP [TopP\* [FocP [TopP\* [FinP [IP...]]]]]]

- (52) a. MANZANAS dijo Maria que compró Pedro.  
b. MANZANAS me aseguran que dijo Maria que compró Pedro.  
c. Me aseguran que MANZANAS dijo María que compró Pedro.  
d. Me aseguran que María dijo que MANZANAS compró Pedro.  
(ZUBIZARRETA, 1999, p. 4240-4241)

- (53) a. \*El DIARIO Pedro compró.  
b. \*El DIARIO Pedro cree que compramos.  
c. El DIARIO compró Pedro. (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4240-4241)

Se o elemento focalizado é alçado para a periferia esquerda da sentença mais alta, como em (52a) e (52b), por onde ele passar, desencadeará a inversão VS, promovendo o movimento T-to-C para satisfazer o Critério-Foc. Se o elemento focalizado permanece na sentença subordinada, como em (52d), apenas nessa sentença será necessário o movimento T-to-C para satisfazer o Critério-Foc. Como mostram os exemplos em (53),

se este critério não é obedecido, o resultado é uma sentença agramatical, como em (53a) e (53b), onde o foco não está numa relação Spec-Head com o verbo.

### 3.3.3.3. Uma proposta unificada

#### A) Evidências empíricas

Minha proposta é desenvolver uma análise que apresente uma mesma estrutura e os mesmos elementos para as CL e PCE, analisando-as como um único tipo de construção. Evidências empíricas para esta análise podem ser obtidas a partir de dados do francês, inglês e espanhol. Observem-se os contrastes entre o francês e o inglês:

- (54) a. It's JOHN who arrives.  
 b. It's JOHN that arrives.  
 c. It was A BOOK that I bought.  
 d. \*It was A BOOK what I bought<sup>24</sup>.  
 e. It's HERE that I put my bag.  
 f. \*It's HERE where I put my bag.
- (55) a. \*C'est LUI que m'intéresse.  
 b. C'est LUI qui m'intéresse.  
 c. C'est LE LIVRE DE MATHEMATIQUE que tu veux.  
 d. \* C'est LE LIVRE DE MATHEMATIQUE ce que tu vuex.  
 e. C'est LA que je suis né  
 f. C'est LA où je suis né

Os exemplos em (54) do inglês mostram que apenas com o sujeito é possível ter uma PCE, conforme tem sido chamada até hoje na literatura. Nos outros casos, o pronome relativo torna a sentença agramatical. Os dados do francês, em (55), ainda são mais restritivos: o sujeito exige a concordância morfológica do complementizador, o objeto só aceita o *que* invariável e o adjunto aceita as duas formas.

Para o espanhol, Moreno Cabrera (1999) diz que só pertencem ao espanhol peninsular as sentenças *pseudo-clivadas*<sup>25</sup>, como em (56):

<sup>24</sup> Lambrecht (2001) diz que este tipo de construção, igualmente (55d), é gramatical como uma deslocada à direita. Ribeiro (2005) mostra que este tipo de construção também é possível como deslocada à direita no português arcaico. Comentarei esse tipo de construção mais abaixo. Ver a análise de Belletti (2003) para deslocadas à direita.

- (56) El que viene es Juan.  
 Juan es el que viene.  
 Es Juan el que viene. (MORENO CABRERA, 1999, p. 4251)

Em (56a) há uma construção *pseudo-clivada básica*, em que o elemento clivado aparece depois da relativa, na posição mais baixa da sentença; em (56b), há uma sentença *pseudo-clivada invertida*, em que o elemento focalizado aparece numa posição mais alta e acentuado. Em (56c), há uma construção em que o elemento focalizado aparece entre a cópula e o constituinte WH, que Moreno Cabrera (1999) considera como contendo uma relativa livre, e conseqüentemente uma *pseudo-clivada*, da mesma forma que Modesto (2001).

No caso do espanhol da América, além das *pseudo-clivadas* atestadas por Moreno Cabrera (1999), Di Tullio (1999; 2005) registra casos de CL para os adjuntos (PP e AdvP) e um único caso de sujeito pronominal:

- (57) a. es de la mujer del presidente que todos hablan. (DI TULLIO, 2005)  
 b. Por eso será que la quiero tanto. (DI TULLIO, 1999)  
 d. ¿Fuiste vos que me lo devolviste? (DI TULLIO, 1999)

Moreno Cabrera (1999, p. 4281-4283) discute rapidamente as *clivadas*. Mostra exemplos de AdvP e PP, porém apresenta um único exemplo de DP não-pronominal sujeito e, assim como Di Tullio (1999; 2005), nenhum exemplo de DP objeto. Di Tullio (2005) considera “Fue la torta que comió João” como agramatical. Os meus dados do capítulo anterior também confirmam essas afirmações sobre as construções *clivadas*.

Em síntese: considerando que as CL e PCE têm sido analisadas como construções diferentes, as evidências empíricas levam ao questionamento de que se seria econômico para o sistema computacional possuir uma estrutura focalizadora para um tipo de constituinte e outro tipo de estrutura para outro tipo de constituinte, como se vê nos exemplos em (54-57). Em outras palavras: o que levaria o inglês a ter PCE apenas com o sujeito e com as demais funções ter apenas PCE? O que levaria o francês a ter CL com adjuntos e objetos e PCE com sujeito e adjuntos? O que levaria o espanhol da

---

<sup>25</sup> O capítulo anterior confirma essa afirmação de Moreno Cabrera (1999) com relação ao espanhol europeu.

América a ter CL apenas com AdvP e PP e com os demais constituintes ser resistente à CL?

### B) Uma análise formal

Chomsky (1993) propõe que quanto menos operações de movimento forem realizadas, mais econômica será a derivação e, portanto, melhor que uma derivação que requer mais movimentos. Além disso, Chomsky (1993) propõe que movimento sintático é último recurso e deve ser motivado para checar características morfológicas dos núcleos. Considerando essa economia derivacional, Rizzi (1997) propõe que FocP e TopP devem obedecer aos mesmos critérios de checagem que os *Wh* e *Neg Criterion*, de Rizzi (1991), como mostram os dados de Zubizarreta (1999) em (52-53). Desta forma, seguindo a proposta de Rizzi (1997), o constituinte focalizado em qualquer sentença *clivada* ou *pseudo-clivada* deve ser movido para checar seus traços de foco em FocP. Adicionando a proposta de Belletti (1999; 2002; 2003), o foco pode ser checado na periferia interna ou na periferia esquerda<sup>26</sup>.

Em uma sentença como (58),

(58) Foi você quem comeu o queijo.

na qual o foco é um DP, o que estaria motivando a relativa livre a ser extraposta? Como vimos, pela análise de Modesto (2001), a única motivação é a ordem dos constituintes. Seria uma explicação possível dizer que o elemento “quem” da relativa *quem comeu o queijo* deve ser deslocado para ForceP, lugar de pouso dos pronomes relativos, conforme a proposta de Rizzi (1997), e a cópula está subcategorizando o CP como ilustrado em (59):

(59) [<sub>VP</sub> ser [<sub>XP</sub> você [<sub>ForceP</sub> quem comeu o queijo...

Essa análise, de que a relativa está em ForceP de Rizzi (1997), para o exemplo em (58-59) seria adequada se fosse considerada a estrutura proposta por Kato *et alii* (1996), na qual a clivagem deriva de uma relativa, com possível apagamento do núcleo. No entanto, como mostra o CP de Rizzi (1997) em (51), o foco deve estar numa posição

<sup>26</sup> No exemplo em (25) acima, mostro que o foco de uma *pseudo-clivada* como “lo que hay que buscar es LA LIBERTAD” pode ser checado na periferia interna.



inferior à força e, no exemplo em (59), acontece o inverso (o foco, o DP “você”, está acima de força, que abriga o pronome relativo), o que mostra que o CP “quem comeu o queijo”, de (58), não pode ser uma relativa livre. Os exemplos de Kato *et alii* (1996), em (37-39), são repetidos de forma adaptada abaixo:

- (60) a. Foi você a pessoa que eu vi.  
 b. Foi você [ Ø ] quem / que eu vi.

Observa-se, contudo, que, nas construções de clivagem, a relativa deve ser sem cabeça (livre) e, nos exemplos (60), a relativa tem cabeça e antecedente (o DP “a pessoa”), embora possa estar nulo, como em (60b).

### C) A concordância no CP

Seguindo as propostas de Rizzi (1991; 1997) sobre a concordância dinâmica e que FocP deve checar traços obedecendo a um critério semelhante ao Critério-Wh, proponho que, nos casos de (32), haja um complementizador que vai ser dotado dos traços  $\phi$  do operador quando o sintagma focalizado ocupar a posição de especificador, numa configuração Spec-Head como mostra (61)<sup>27</sup>:

<sup>27</sup> Ribeiro (1995), toma evidências de outros autores para mostrar que o complementizador pode apresentar traços de concordância para que haja algo que desencadeie o movimento T-to-C em línguas V2, dentro de uma visão minimalista. Os dados são encontrados em dialetos do alemão:

(i)	a. ... da	Jan	noa	Gent	goat (3sg)
	b. ... dan-k	(ik)	noa	Gent	goan (1sg)
	c. ... da-me		noa	Gent	goan (1pl)
	d. ... dan	Jan en Pol	noa	Gent	goan (3pl)
	e. ... da-se		noa	Gent	goat (3sg fem)
	f. ... dan-ze		noa	Gent	goan (3pl)

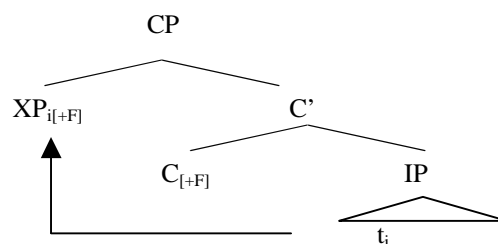
(HEAGMAN, 1991 apud RIBEIRO, 1995, p. 32)

Nota-se, em (i), que o complementizador “dat” apresenta marcas de flexão verbal para pessoa e número, o que indica que C<sup>o</sup> pode apresentar marcas de concordância, embora as línguas românicas, na maioria dos contextos, não apresentem essa marca.

Outra evidência de que o complementizador pode exibir flexão é dada pelos exemplos de relativas ilustrados em (18) acima:

- (i) Mi tía la que es profesora viene a visitarme hoy.  
 (ii) Mi tío el que es profesor viene a visitarme hoy.

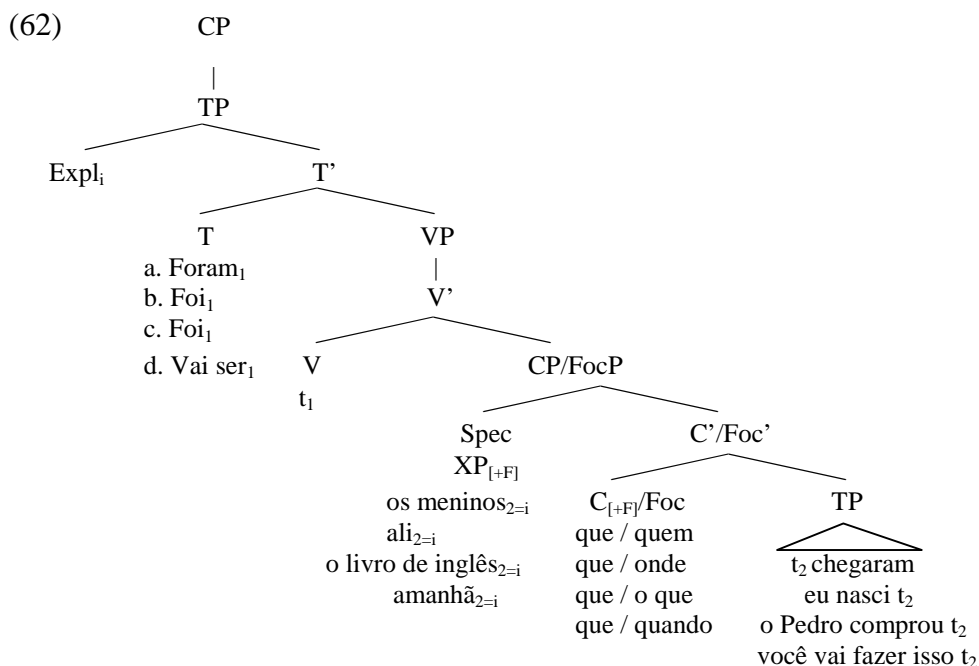
(61)



Esta possibilidade de concordância SpecCP-HeadC° não fere o Princípio da Projeção, que regula as propriedades de seleção dos núcleos lexicais: o CP<sub>[+F]</sub> continua sendo selecionado pela cópula focalizadora e apenas será dotado dos traços  $\phi$  do especificador desencadeando, assim, a concordância. Outro argumento que corrobora o não ferimento do Princípio de Projeção, no caso da concordância dinâmica de F° com SpecFocP, é que, segundo Rizzi (1997), os traços  $[\pm F]$  são inerentes ao núcleo F°, diferentemente dos traços  $[\pm Wh]$ , que podem ser transmitidos por outro núcleo funcional, como I°; por conseguinte, um CP<sub>[-F]</sub> não pode se converter em CP<sub>[+F]</sub> por concordância dinâmica.

Dentro de uma visão minimalista, o traço  $[+F]$  do CP já vem com ele na numeração. Assim, quando o XP<sub>[+F]</sub> é movido para SpecFocP, apenas checará os traços contra o núcleo. Tendo em vista que os traços  $\phi$  do núcleo são  $[-interpretáveis]$ , a numeração pode conter o complementizador *default* (não valorado) ou o dotado de concordância (valorado): no caso do C<sub>[-conc]</sub> a derivação converge por *default*; no caso do C<sub>[+conc]</sub> a derivação converge porque os traços do núcleo são compatíveis com os traços de foco do XP na posição de especificador. Como os traços de concordância do complementizador não são interpretáveis em LF (forma lógica), não sendo relevantes, portanto, para a interpretação semântica, podem aparecer na numeração ou não.

No tocante à estrutura para essas sentenças, proponho, para ambos os casos, uma estrutura semelhante à proposta por Modesto (2001) para as CL em (47), em que uma cópula focalizadora seleciona um CP<sub>[+F]</sub> no qual o elemento focalizado vai ter os traços checados numa configuração Spec-Head, como ilustrado em (61) acima



Em todos os casos em (62), há um movimento A-Barra do elemento focalizado, que se move de alguma posição dentro do TP (sujeito em (62a), objeto em (62c), adjuntos em (62b) e (62d)) para a posição SpecFocP do CP subordinado pela cópula focalizadora satisfazendo, assim, o Critério-Foc de Rizzi (1997).

A estrutura em (62) acima comporta os dados do inglês, francês e espanhol, que discuti anteriormente:

- (63) a. [<sub>IP</sub> Es<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> Juan<sub>j</sub>] C' [C° el que / que [<sub>TP</sub> t<sub>j</sub> viene]]]]]]  
 b. [<sub>IP</sub> C'est<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>AdvP</sub> la<sub>j</sub>] C' [C° où / que [<sub>TP</sub> je suis né t<sub>j</sub>]]]]]]  
 c. [<sub>IP</sub> It's<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> Jonh<sub>j</sub>] C' [C° who / that [<sub>TP</sub> t<sub>j</sub> arrives]]]]]]

Nos três exemplos em (63), o XP focalizado se move da posição de base do TP para a posição de FocP dentro do CP e pode apresentar concordância ou não com o núcleo F° sem a necessidade de nenhum movimento adicional ao requerido pelo XP focalizado para checar seus traços de foco.

Essa mesma estrutura em (62) dá conta dos dados sobre as CL e PCE apresentados no capítulo anterior, como ilustram os exemplos em (64) e (65) a seguir:

## Clivada (CL)

- (64) a. fui YO que la obligué. (CUB.F.03)  
 b. no fuiste TÚ que te jugaste la vida. (CUB.F.03)  
 c. Fue ESA ATROCIDAD que sufrió el pueblo estadounidense (CUB.E.04)  
 d. No es POR ELLA que se quiere casar. (ARG.F.01)

## Pseudo-clivada Extraposta (PCE)

- (65) a. soy YO la que necesita reenergizarse. (MEX.F.02)  
 b. Era POR TI por quien lloraba en la boda... (ESP.F.02)  
 c. No sé si es ELLA la que recogió las firmas o fue responsable de las firmas. (CUB.E.04)  
 d. Es ALLÍ donde estoy apuntando en materia una reforma política que garantice participación. (ARG.E.16)

Com relação à não aplicação do movimento prosódico, na estrutura em (62), para o movimento da relativa nas *pseudo-clivadas*, a fim de que o foco seja o elemento mais encaixado na estrutura, a explicação pode ser dada com base em Zubizarreta (1998): o movimento prosódico se aplica nos casos de foco informativo mas o acento de foco contrastivo pode ser colocado em qualquer posição. Como Brito e Duarte (2003), Conceição Pinto (2006b) e os dados do espanhol apresentados no capítulo anterior mostram, essas construções não podem ser utilizadas para foco informativo, como ilustrado nos exemplos em (66) a seguir<sup>28</sup>:

- (66) a. A: Quem é que o João matou?  
 B: \*Foi a Maria que(m) o João matou. (BRITO e DUARTE, 2003, p. 690)  
 b. No eran panfletos, era poesía lo que se estaba haciendo... (CONCEIÇÃO PINTO, 2006b, p. 343)  
 c. ahora es ELLA quien abre el camino de sus compatriotas. (ARG.E.05)

<sup>28</sup> Vale lembrar que essa regra fonológica pode variar de língua para língua como aponta Zubizarreta (1998; 1999). Como o português brasileiro, por exemplo, não requer que o foco informativo seja reconhecido pelo acento nuclear numa posição mais baixa, como mostra (i) abaixo:

- (i) A: Quem comeu o bolo?  
 B: O João comeu o bolo.

também deve aceitar as CL ou PCE indicando foco informativo. Vejam-se os exemplos em (ii) retirados de Côrtes Júnior (2006, p. 23).

- (ii) a. O que (é/foi que) Zeca comprou?  
 b. **Foi guaraná que** Zeca comprou.

Sobre um estudo aprofundado da relação entre sintaxe, prosódia e focalização do sujeito no português, ver Fernandes (2007).

Além disso, a interpretação focal, nesse tipo de construção, é inequívoca tendo em vista a cópula focalizadora. Assim, o constituinte focalizado não necessita estar acentuado conforme comenta Moreno Cabrera (1999).

A partir da mesma estrutura em (62), podem ser derivadas as *pseudo-clivadas truncadas* (PCT), como ilustrado em (67) abaixo:

- (67) a. Chico 1: Tengo que encontrarla, cabrón.  
Chico 2: Te lo hizo gacho. Te lo dije.  
Chico 1: Ella no fue, pendejo. **Fue el puteto de Ramiro.** (MEX.F.01)
- b. C.E.: ¿Y hubo alguna Institución que te apoyaba en este tipo de....?  
C.M.: Si, **fue la Fundación Naumann**, fundación Alemana que es la fundación que ayuda a los grupos liberales la que financió mi viaje y la que ayudó a las distintas instituciones liberales de cada uno de estos países a que a su vez organizaran la recepción y la logística del movimiento por cada uno de estos países. (CUB.E.08)

No caso das PCT, o que acontece é o apagamento da pressuposição, sendo pronunciados apenas a cópula focalizadora e o elemento focalizado. Como a pressuposição à direita está apagada, o foco se converte no elemento mais encaixado na estrutura; por essa razão, a PCT pode ser usada para identificar um foco informativo, ao contrário da CL e da PCE, como ilustrado em (67b) acima.

Um terceiro tipo de construção atestado são as chamadas *clivadas invertidas* (CI) como ilustrado em (68):

- (68) a. EL OTRO DÍA es que estaba distinto. (CUB.F.01)
- b. EN ESE SENTIDO es que hablo de la libertad. (CUB.E.13)
- c. ESO sí que me encanta. (ARG.E.12)
- d. AHORA si que ni me voy a dejar, no, ni me voy a rajear (MEX.E.02)

A estrutura considerada na análise dos exemplos de (68) é a mesma estrutura utilizada em (62). A diferença é que nos casos de (68) o constituinte clivado se move para o CP/FocP matriz, em lugar de checar seus traços no CP/FocP subordinado, que tem seus traços [-F], como assinala Kato e Ribeiro (2005).

Seguindo a análise de Toribio (2002), também considero construções em que aparece o advérbio focalizador no lugar da cópula como uma construção de clivagem,

como ilustrado em (68c) e (68d) <sup>29</sup>. Como se pode ver por exemplos do português brasileiro, cópula, verbo e advérbio de afirmação são equivalentes em alguma medida:

- (69) A: Você comeu o bolo?  
 B: é...  
 B': sim...  
 B'': comi...

Embora (69B'') seja a resposta mais natural para a pergunta em (69A), as outras duas opções também são possíveis respostas para essa pergunta, o que indica que o verbo da pergunta, a cópula e o advérbio de afirmação apresentam alguma compatibilidade, sendo possível considerar construções como as ilustradas em (69) como construções de clivagem.

Nesta seção, reanalisei a tipologia e a estrutura das construções de clivagem, propondo uma análise com base nas periferias da sentença<sup>30</sup> além de propor uma análise unificada para as CL e PCE. Na seção seguinte, discuto algumas construções aparentadas.

### 3.4. CONSTRUÇÕES APARENTADAS

Nesta seção, discuto algumas construções que foram analisadas como construções de clivagem em algum momento, porém neste trabalho são consideradas construções focais não clivadas.

#### 3.4.1. Relativas focalizadoras

Como discuti acima, Kato *et alii* (1996) consideram construções como (70) abaixo como construções de clivagem, tendo o núcleo da relativa preenchido:

---

<sup>29</sup> Ver Toribio (2002) para a justificativa de considerar “X sí que...” como uma CI. Embora apresente uma análise diferente da minha, Toribio (2002) apresenta uma análise unificada para diversas construções focalizadoras como:

- (i) a) Uno hace eso es para enfatizar algo.  
 b) Yo aprendí español en Dominicana fue.  
 c) Nosotros hablamos inglés sí.  
 d) Ellos no piensan volver para acá no.

(TORIBIO, 2002, p. 1)

Ver a parte relevante da análise de Toribio (2002) no primeiro capítulo desta Dissertação.

<sup>30</sup> Observe-se que, de fato, as regras de fonológicas de Zubizarreta (1998, 1999) não são de todo incompatíveis com as propostas das periferias da sentença: quando esta regra é ativada, as línguas devem checar seus focos informativos na periferia interna retirando todos os outros elementos que restarem nas projeções mais baixas, caso contrário, a sentença é agramatical. Ver a discussão sobre o VSO no espanhol e no italiano na seção 3.5.1 a seguir.

(70) Foi você a pessoa que eu vi.

Da mesma estrutura que (70) podem ser derivadas orações como (71) a seguir:

- (71) a. Fuiste tú el alumno que contestó bien a la pregunta.  
 b. Son ellos los muchachos que llegaron temprano.  
 c. Era mi madre la mujer a quien veías siempre.  
 d. Yo era el tipo que te enviaba flores antiguamente.  
 e. María es la chica que me gusta.

No entanto, considerando a análise proposta por Brito e Duarte (2003) para as relativas, essas sentenças podem ser consideradas como construções focais não clivadas tendo em vista que uma relativa restritiva equivale a um adjetivo:

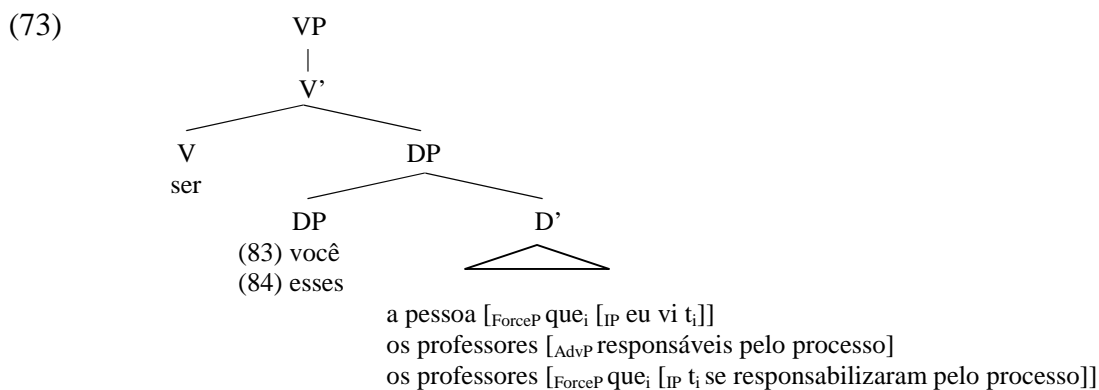
- (72) a. ESSES são [DP os professores [CP que se responsabilizaram pelo processo]].  
 b. ESSES são [DP os professores [AdjP responsáveis pelo processo]].  
 c. São ESSES [DP os professores [CP que se responsabilizaram pelo processo]].  
 d. São ESSES [DP os professores [AdjP responsáveis pelo processo]].

A partir dos exemplos de (72), pode-se notar que o DP “os professores que se responsabilizaram pelo processo” é equivalente ao DP “os professores responsáveis pelo processo”, e que o DP modificado pelo adjetivo como em (72b) e (72d) não constituem uma construção de clivagem. No entanto, somente as relativas restritivas podem ser consideradas como um adjetivo tendo em vista seu caráter de modificador nominal. As relativas livres das *pseudo-clivadas*, como assinalou Modesto (2001), têm o valor de um elemento nominal referencial e não podem ser substituídas por um adjetivo no teste ilustrado em (72).<sup>31</sup>

Assim, a estrutura (considerando apenas a parte relevante) que proponho para (70-71) é a estrutura ilustrada em (73), seguindo a análise que Brito e Duarte (2003) propõem para as relativas<sup>32</sup>:

<sup>31</sup> Essa propriedade de que uma relativa livre equivale a um DP, e não pode ser substituída por um adjetivo, fica evidente através da discussão dos exemplos (33-36) acima.

<sup>32</sup> Em tempo, considerar que Brito e Duarte (2003) estabelecem diferenças estruturais entre as relativas explicativas e restritivas, que são irrelevantes para a análise em questão nesta Dissertação.



Ou seja, as construções que Kato *et alii* (1996) consideram como construções de clivagem porque contêm uma relativa com núcleo preenchido com um nome genérico são analisadas aqui como uma copulativa focal não clivada já que o predicado da mini-oração é um DP formado por uma relativa com cabeça e não um CP formado por uma relativa livre.

Neste grupo, são classificadas as orações como as ilustradas em (74):

- (74) a. Lo único que no hice en mi vida fue CASARME Y TENER HIJOS (ARG.E.03)  
b. Madre: Vos lo único que querés es HEREDARME.  
Hijo: No... yo lo único que quiero es UNA HIJITA IGUAL A VOS. (ARG.F.02)  
c. Lo primero que yo iba a estudiar era MEDICINA (CUB.E.13)

As diferentes configurações de ordem entre (70), (71), (72) e (74) derivam de quem se move para a posição de SpecTP, como nas sentenças copulativas equativas:

- (75) a. El profesor es Juan.  
b. Juan es el profesor.

Em (75), tanto o DP “o João” como o DP “o professor” podem ser alçados para a posição SpecTP. Esse é o mesmo caso de (70), (71), (72) e (74): tanto a relativa como o DP podem ocupar dita posição.

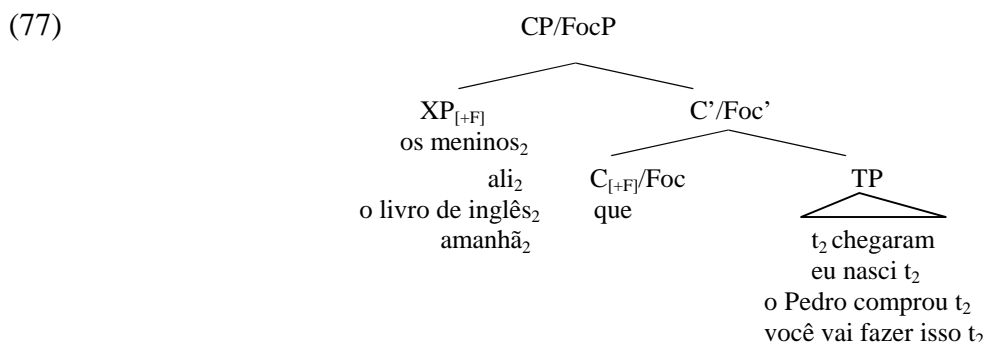
### 3.4.2. Clivada-sem-cópula

Encontram-se nos dados as chamadas *clivadas-sem-cópula* (CSC) como ilustrado em (76) abaixo:



- (76) a. DE AHÍ que la palabra clave para aumentar productividad en México es inversión. (MEX.E.01)  
 b. POR ESO que por cada manifestante de mikel Buesa habia mil con Otegi. (ESP.E.06)

Seguindo as análises de Kato e Raposo (1996) e Kato e Ribeiro (2005) para o português, pode-se dizer que, nestes casos ilustrados em (76), não há uma construção de clivagem propriamente dita. Kato e Ribeiro (2005) comentam que a derivação pára antes da inserção da cópula (ver os comentários da análise formal de KATO e RIBEIRO; 2005, que fiz no primeiro capítulo). Esse tipo de construção pode ser entendido como uma construção focal em que o núcleo F<sup>o</sup> vem realizado morfológicamente por concordância dinâmica<sup>33</sup>, a fim de satisfazer o Critério-Foc estabelecido por Rizzi (1997). Assim, a estrutura proposta para sentenças do tipo de (76) é a de uma oração simples, com o especificador do CP<sub>[+F]</sub> preenchido pelo elemento focalizado e o núcleo realizado morfológicamente pelo marcador focal “que”, como comentam Kato e Raposo (1996), conforme ilustrado em (77) abaixo:



Como atestado por diversos autores e mostrado no capítulo anterior, o espanhol da Espanha não apresenta construções *clivadas*. Mas, como mostrado em (76b), apresenta *clivada-sem-cópula*, o que indica que a *clivada-sem-cópula* não pode ser derivada da estrutura da *clivada*, com apagamento da cópula. Assim, a diferença entre (78a) e (78b) abaixo reside no fato de que (78a) tem um elemento nulo ocupando o núcleo F<sup>o</sup> e (78b) tem um marcador morfológico realizado:

<sup>33</sup> Ver Miotto e Kato (no prelo) para uma análise semelhante com relação às interrogativas WhSV do PB atual.

- (78) a. VOCÊ Ø fez isso.  
 b. VOCE que fez isso.<sup>34</sup>

Toribio (2002) propõe uma análise unificada das construções focais, estabelecendo que “si”, “no” e “es” estão ocupando a mesma posição, de  $\Sigma^0$ . Então, desta mesma estrutura em (77), podem ser derivadas construções focais marcadas com o adverbio de afirmação, como ilustrado em (79) abaixo:

- (79) Marco: Puedo llamarlo por telefono?  
 Recepcionista: Usted no... **pero ÉL sí puede llamarle a usted.** (ESP.F.02)

### 3.4.3. Deslocadas à direita

O exemplo ilustrado em (54d) repetido abaixo em (80)

- (80) It was A BOOK, what I bought.

é considerado gramatical por Lambrecht (2001) como uma deslocada à direita. Ribeiro (2005) também mostra que o português arcaico admitia este tipo de deslocada à direita.

Seguindo as propostas de periferia interna da sentença de Belletti (1999; 2002; 2003), seria possível considerar (80) como uma sentença *pseudo-clivada extraposta* como tendo a estrutura representada em (81), cujos detalhes são omitidos:

- (81) [TP pro foi [FocP João [TopP quem chegou...]

A estrutura em (81) mostra, simplificada, que a oração WH, que contém a pressuposição, está em TopP da periferia interna e o elemento focalizado está em FocP da mesma periferia interna.

No entanto, como proposto por Belletti (2003), o ToP da periferia interna está associado a curvas entonacionais diferenciadas, como ilustrado no exemplo (82) retirado de Belletti (2003), o que não acontece com as PCE:

<sup>34</sup> Voltar à observação feita na nota 14 sobre o que diz Belletti (2005): no caso do PB, pode-se considerar que o sujeito pré-verbal, como em (78a) está na periferia esquerda tendo em vista a possibilidade de outros elementos focalizados nessa posição. Veja-se

A: você deu o livro pra quem? Pro João ou pro Marcelo?  
 B: PRO MARCELO que eu dei o livro.

- (82) a. \*Lui verrà Gianni  
 Ele virá Gianni
- b. Lui verrà, Gianni  
 Ele virá, Gianni (BELLETTI, 2003, p. 16-17)

Como não é possível atribuir interpretação semântica diferente em LF para estruturas sintáticas iguais, não é possível considerar a análise ilustrada em (82), para as *pseudo-clivadas extrapostas*, porque se teria a mesma estrutura para duas interpretações semânticas diferentes. Assim, as análises propostas em (62) são corroboradas e o preenchimento de TopP da periferia interna fica reservado para os casos de deslocada à direita, que apresentam uma entonação diferenciada, como comentado por Lambrecht (2001) e Ribeiro (2005)

Nesta seção, discuti alguns pontos formais sobre as construções de clivagem e construções aparentadas. Propus uma análise mais econômica do ponto de vista derivacional para as CL e PCE e reanalisei construções que vinham sendo tratadas como construções de clivagem como construções focais não clivadas. Na próxima seção, promovo uma rápida discussão sobre as outras duas estratégias de focalização discutidas no segundo capítulo desta Dissertação.

### 3.5. SOBRE A ALTERAÇÃO DA ORDEM E A FOCALIZAÇÃO *IN-SITU*

Nesta seção, apresento uma análise formal preliminar para os dados de alteração da ordem e focalização *in-situ* no espanhol, tendo em vista que o ponto central desta Dissertação são as construções de clivagem. É importante destacar que, na literatura, o termo “inversão” refere-se exclusivamente à inversão V(erbo) S(sujeito). Desta forma, utilizo o termo “alteração da ordem básica” para indicar a estratégia de focalização na qual um elemento realizado em uma posição não canônica é interpretado como foco<sup>35</sup>. Também recorro ao termo “focalização *in-situ*” e não ao termo “acentuação” porque parte dos dados foi retirada de *corpus* escrito, no qual é impossível reconhecer a prosódia diferenciada. Na seção 3.5.1 e 3.5.2, discuto o foco informativo e, na seção 3.5.3, discuto o foco contrastivo.

---

<sup>35</sup> A ordem básica do espanhol, segundo Hernanz e Brucart (1987) é SVO.

### 3.5.1. Sobre o foco informativo – A inversão VS

Belletti (1999; 2002; 2003) comenta algumas restrições sobre a posposição do sujeito no italiano, confirmando que esta língua apresenta inversão livre, como mostra o contraste entre os exemplos em (83) do francês e do italiano tomados de Belletti (2002):

- (83) a. Ha parlato Gianni  
(Falou Gianni)  
b. E' partito Gianni  
(Saiu Gianni)  
c. \*A parlé Jean  
(Falou Gianni)  
d. \*Est parti Jean  
(Saiu Gianni)  
e. Le jour où a parlé/est parti Jean  
(O dia em que falou/saiu Gianni)  
f. Il faut que parle/parte Jean  
(É necessário que fale/saia Gianni)  
g. Il giorno in cui ha parlato/è partito Gianni  
(O dia em que falou/saiu Gianni)  
h. E' necessario che parli/parta Gianni  
(É necessário que fale/saia Gianni) (BELLETTI, 2002, p. 18)

Com base nos exemplos (83a-b) / (83c-d) e (83e-f) / (83g-h), pode ser atestado que o francês não apresenta a chamada inversão livre, que é uma consequência da perda do parâmetro do sujeito nulo nessa língua<sup>36</sup>. E que a inversão em francês só é possível em contextos específicos, como na presença do subjuntivo em (83f).

No entanto, mesmo apresentando a inversão livre, Belletti (1999; 2002; 2003) nota que o italiano apresenta restrição com relação à ordem VSO, conforme ilustram os exemplos em (84):

- (84) a. \*Capirà Gianni il problema<sup>37</sup>  
(Entenderá Gianni o problema)  
b. \*Ha spedito Maria la lettera  
(Enviou Maria a carta) (BELLETTI, 1999, p. 20)

Seguindo a proposta de uma periferia do VP, a autora diz que a impossibilidade dessa ordenação se deve ao fato da violação de RM e de o objeto não poder ser marcado por Caso devido à intervenção do sujeito entre o verbo e o objeto. Por essa razão, uma

<sup>36</sup> Belletti (2002) baseia essa discussão em Kayne e Pollock (1978; 2001).

<sup>37</sup> Belletti (1999) diz que a resposta mais natural é aquela em que o objeto é um clítico como em “Lo capirà Gianni”.

ordenação VSPP ou VSCP são possíveis (embora marginais) porque o DP interno ao PP é marcado por Caso pela própria preposição e ambos, CP e PP, não necessitam ser marcados por Caso:

- (85) a. (?) Ha telefonato Maria al giornale  
(Telefonou Maria ao jornal)  
b. (?) Ha parlato uno studente col direttore  
(Falou o estudante com o diretor)  
c. Ha detto la mamma che ha telefonato Gianni  
(Disse a mãe que telefonou Gianni)  
d. Ha detto la mamma di andare a letto  
(Disse a mãe para ir para a cama) (BELLETTI, 1999, p. 21)

O problema se levanta quando o espanhol é analisado e se observa que a ordem VSO é possível nesta língua, conforme já atestam Zubizarreta (1998), Belletti (2002):

- (86) a. Todos los días, compra Juan el diario. (ZUBIZARRETA, 1998, p. 101)  
b. Espero que te devuelva Juan el libro.  
(ORDOÑEZ, 1997 apud BELLETTI, 2002, p. 33)

Belletti (2002) propõe duas explicações para a ordenação VSO em algumas línguas românicas: a) o sujeito ocupa uma posição mais alta que no italiano, por exemplo; b) existe um marcador de Caso silencioso que permite que o objeto permaneça dentro do VP. Sobre essa segunda hipótese, Belletti (2002) busca evidências em construções que preposicionam o objeto direto como ilustrado em (87), com dado do espanhol:

- (87) Juan lo visitó al chico. (BELLETTI, 2002, p. 34)

O exemplo em (87) mostra que, em espanhol, o objeto direto com os traços [+ humano] deve ser precedido de preposição, o que pode ser uma evidência de que o objeto direto nessas línguas românicas tenha um marcador de Caso próprio independente do verbo.

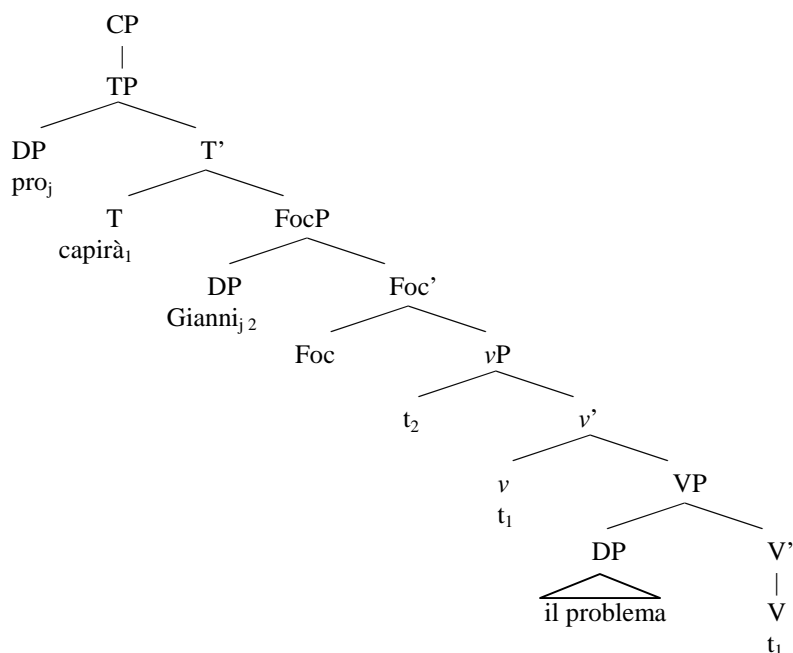
No entanto, como atesta Belletti (2003), o italiano permite a ordem VSO quando S é um pronome. Observe-se o contraste entre S realizado como DP pleno e S realizado como DP pronominal, como ilustrado em (88) a seguir:

- (88) a. (?) *Maria scriverà lei la lettera.*  
 (Maria escreverá ela a carta)  
 b. \**Scriverà Maria la lettera.*  
 (Escreverá Maria a carta) (BELLETTI, 2003, p. 9)

Seguindo uma análise com um sistema de *Agree*, Belletti (2003) diz que o DP pleno em (88b) pode interferir na checagem de Caso do objeto direto, enquanto o DP pronominal em (88a) parece ser opaco nessa relação.

No entanto, seguindo a estrutura proposta por Belletti (1999; 2002; 2003) para os casos de ordenação VSO, como ilustrado em (89) a seguir, é possível pensar que o problema empírico se apresente não no fato de o espanhol permitir a ordenação VSO, mas no fato de o italiano apresentar restrições a esta ordenação. Ou seja, Belletti (1999) diz que a ordenação VSO é banida, no italiano, por ferir RM. No entanto, essa ordem é possível em espanhol, o que evidencia que a RM não está sendo violada. Na estrutura em (89) represento a síntese da proposta de Belletti (1999; 2002; 2003):

- (89) \**Capirà Gianni il problema.* (BELLETTI, 1999, p. 20)



Sintetizando o que acontece em (89), o verbo se desloca do V para o T<sup>38</sup>. Belletti (2003) propõe que nos casos de inversão VS, se tenha um sujeito constituído por um Big DP, à semelhança das sentenças com quantificadores flutuantes, em que um elemento seja o expletivo *pro* e o outro seja o DP pleno. O DP pleno se move para a posição de

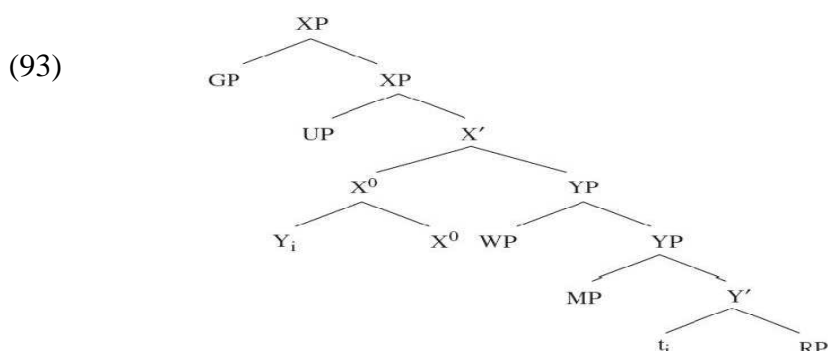
<sup>38</sup> Belletti (1999; 2002; 2003) não entra em detalhes sobre a seqüência do movimento do verbo.

SpecFocP da periferia interna e o DP remanescente, com o *pro* expletivo, se move para a posição de SpecTP para checar EPP<sup>39</sup>. Seguindo a análise de Belletti (1999; 2002; 2003), o problema da estrutura em (89) reside no fato de o DP “Gianni” bloquear a checagem de Caso acusativo do DP “il problema”, que está na sua posição original dentro do VP.

No entanto, se os conceitos de Domínio Mínimo, Domínio Mínimo Estendido e Equidistância, como discutidos em Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 141-173)<sup>40</sup>, são trazidos para a discussão, o problema da RM, atestado em Belletti (1999; 2002; 2003), pode ser resolvido. Vejam-se alguns conceitos:

- (90) Containment  
A category  $\alpha$  contains  $\beta$  iff some segment of  $\alpha$  dominates  $\beta$ .<sup>41</sup>  
(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 148)
- (91) Domination  
A category  $\alpha$  dominates  $\beta$  iff every segment of  $\alpha$  dominates  $\beta$ .<sup>42</sup>  
(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 148)
- (92) Minimal Domain  
The Minimal Domain of  $\alpha$ , or  $\text{MinD}(\alpha)$ , is the set of categories immediately contained or immediately dominated by projections of the head  $\alpha$ , excluding projections of  $\alpha$ .<sup>43</sup> (HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 149)

Pode-se relacionar as definições em (90), (91) e (92) com uma estrutura abstrata, como a representada em (93):



<sup>39</sup> Ver a síntese da análise de Belletti (2003) no primeiro capítulo.

<sup>40</sup> Ver a discussão original em Chomsky (1993).

<sup>41</sup> “Continência: Uma categoria  $\alpha$  contém  $\beta$  se e somente se algum seguimento de  $\alpha$  domina  $\beta$ ”. Tradução minha.

<sup>42</sup> “Dominância: Uma categoria  $\alpha$  domina  $\beta$  se e somente se todos os seguimentos de  $\alpha$  dominam  $\beta$ ”. Tradução minha.

<sup>43</sup> “Domínio Mínimo: O domínio mínimo de  $\alpha$ , ou  $\text{MinD}(\alpha)$ , é o grupo de categorias imediatamente contidas ou imediatamente dominadas por projeções do núcleo  $\alpha$ , excluindo projeções de  $\alpha$ ”. Tradução minha.

Com relação à definição de continência, em (93), pode-se dizer que GP está contido em XP porque nem todos os seguimentos de XP dominam GP. Por outro lado, pode-se dizer que UP é dominado por (está incluído em) XP porque todos os seguimentos de XP dominam UP.

Com relação à definição de Domínio Mínimo, pode-se dizer que o  $\text{MinD}(X^\circ)$  é formado por GP, UP, YP e WP e o núcleo Y adjungido a  $X^\circ$ . Como WP é um adjunto de YP, conta como imediatamente dominado por XP. Com relação ao núcleo Y, seu  $\text{MinD}(Y)$ , antes de ser movido é formado por WP, MP, RP. No entanto, dentro da visão da GB, o núcleo movido mantém as relações estabelecidas antes do movimento satisfazendo o Princípio da Projeção. Desta forma, pode-se dizer que um núcleo movido estende seu domínio. A definição de Domínio Mínimo Estendido é dada em (94):

- (94) Extended Minimal Domain  
The  $\text{MinD}$  of a chain formed by adjoining the head  $Y^\circ$  to the head  $X^\circ$  is the union of  $\text{MinD}(Y^\circ)$  and  $\text{MinD}(X^\circ)$ , excluding projections of  $Y^\circ$ .<sup>44</sup>  
(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 150)

Assim, refletindo sobre a definição em (94), com base na estrutura em (93), pode-se dizer que o Domínio Mínimo Estendido de  $Y^\circ$  é formado por GP, UP, MP, RP e WP. A projeção YP faz parte do  $\text{MinD}(Y^\circ)$ , porém não faz parte do Domínio Estendido de  $Y^\circ$  porque é uma projeção do núcleo.

Alguns conceitos mais devem ser acrescentados ao inventário: deve-se, também, recorrer à definição de Equistância, num sistema sem as projeções Agr, como definido em Hornstein, Nunes e Grohmann (2005, p. 163)<sup>45</sup>, transcrita em (99):

- (95) Equidistance (final version)  
If two positions  $\alpha$  and  $\beta$  are in the same  $\text{MinD}$ , they are equidistant from any other position.<sup>46</sup> (HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 163)

Voltando à estrutura proposta por Belletti (1999; 2002, 2003) ilustrada em (89), no lugar da sentença VSO agramatical do italiano, apresento a versão gramatical do espanhol, ilustrada em (96):

<sup>44</sup> “Domínio Mínimo Estendido: O  $\text{MinD}$  de uma cadeia formada por adjunção de um núcleo  $Y^\circ$  a um núcleo  $X^\circ$  é a união do  $\text{MinD}(Y^\circ)$  com o  $\text{MinD}(X^\circ)$ , excluindo as projeções de  $Y^\circ$ .”

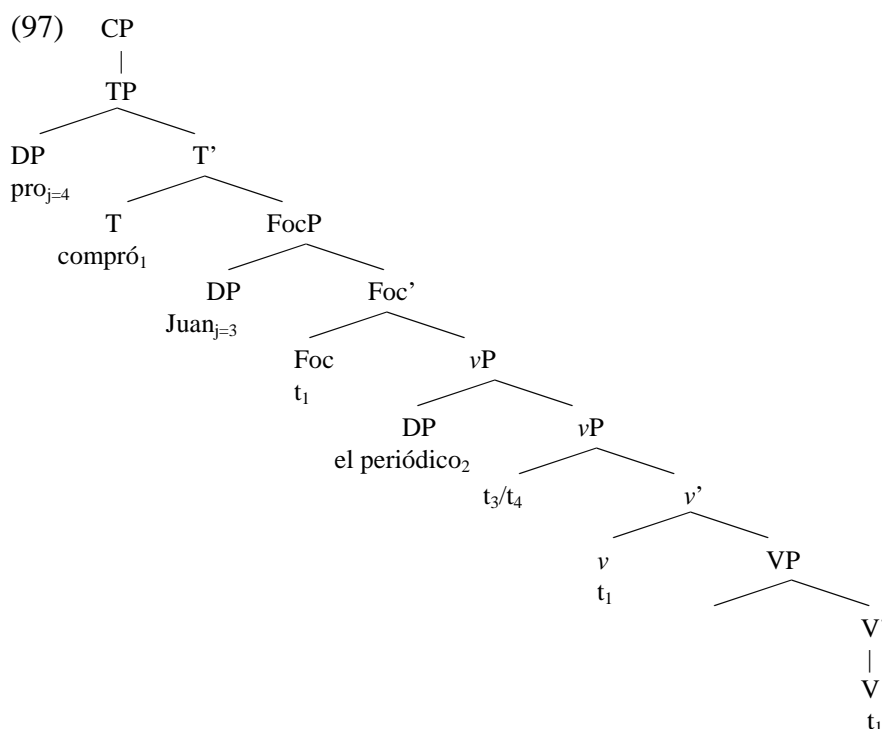
<sup>45</sup> Ver a discussão original em Chomsky (1993).

<sup>46</sup> “Equidistância (versão final): Se duas posições  $\alpha$  e  $\beta$  estão no mesmo  $\text{MinD}$ , elas estão equidistantes de qualquer outra posição”. Tradução minha.



(96) Compró Juan el periódico.

A análise que proponho é: inicialmente, o  $\text{MinD}(V)$  é formado apenas pelo DP “el periódico”. O verbo sai de  $V$  e é adjungido ao  $v$  e estende seu domínio para  $\text{SpecvP}$  e  $\text{SpecVP}$ . Seguindo a proposta discutida em Hornstein, Nunes e Grohmann (2005), é possível a existência de vários especificadores de uma determinada projeção. Assim, o DP “el periódico” pode ser movido para  $\text{SpecvP}$  e checar Caso acusativo. O verbo então se move para uma posição mais alta. Seguindo a proposta de Rizzi (1997), de que foco e tópico devem satisfazer os mesmos critérios que o Critério-WH de Rizzi (1991), o verbo deve passar pelo núcleo  $\text{Foc}^\circ$  da periferia interna. Nesse movimento, o verbo estende uma vez mais o seu domínio e permite que o sujeito seja movido para  $\text{SpecFocP}$ . Como o objeto e o sujeito estão no mesmo domínio, o movimento do sujeito para uma posição mais alta é lícito e não viola RM. Em seguida, o verbo se move para o núcleo  $T$ , a fim de checar os traços de tempo e concordância e o *pro* expletivo se move do Big DP para a posição de  $\text{SpecTP}$  a fim de checar  $\text{EPP}^{47}$ . A representação de (96) é dada em (97):



<sup>47</sup> Deixo em aberta a discussão da necessidade de se postular um BigDP no caso de ser adotado um sistema na operação *Agree*. Para os limites desta Dissertação, adoto o BigDP em todos os casos, seja sujeito pré- ou pós-verbal. No caso do sujeito pós-verbal, em  $\text{SpecFocP}$ , o BigDP é cindido. No caso do sujeito pré- ou pós-verbal em TP, todo o BigDP se move para a posição de  $\text{SpecTP}$ . Ver também Kato (1999; 2000b).

Com esta análise, é possível explicar por que o espanhol permite a ordenação VSO. O problema que se levanta para ser resolvido é por que o italiano não permite a ordenação VSO quando S é um DP pleno. Uma possível resposta é a hipótese de Zubizarreta (1998), de que o acento nuclear deve estar numa posição mais encaixada na sentença e se S é focalizado na ordem VSO, S não está mais encaixado, a não ser nos casos de deslocadas à direita, em que há uma pausa entre sujeito e objeto, como numa estrutura VS#O; porém, essa estrutura não é analisada por Belletti (1999; 2002; 2003).

Zubizarreta (1998) propõe que a regra NSR e o *p-movement* se apliquem também ao espanhol. Como atestado por Zubizarreta (1998), o espanhol moderno vem apresentando um decréscimo da ordem VS, o que pode indicar um processo de mudança lingüística segundo a autora. Como as regras fonológicas não são universais, o espanhol moderno pode estar apresentando um enfraquecimento da NSR<sup>48</sup> e um constituinte que não está na posição mais baixa pode receber o acento nuclear. Por outro lado, o italiano ainda mantém a NSR rígida.

Vale ressaltar também que a ordenação VSO, discutida acima, se refere à resposta para uma pergunta como a ilustrada em (98):

- (98) A: ¿Quién compró el periódico?  
B: Compró Juan el periódico.

Em que “Juan” é o foco informativo da sentença. Contudo, como atesta Belletti (1999; 2002; 2003), a resposta mais natural para a pergunta em (98A) seria a sentença em (99B) abaixo:

- (99) A: ¿Quién compró el periódico?  
B: Lo compró Juan.

A representação da estrutura da sentença em (99B) seria semelhante à estrutura em (97). A diferença estaria no fato de que o objeto estaria realizado na forma do clítico e amalgamado ao verbo, na posição T. Essa possibilidade também é registrada nos dados do capítulo anterior, conforme mostram os exemplos em (100)

---

<sup>48</sup> Ver a apresentação da acentuação no primeiro capítulo. Volto a essa discussão no exemplo (107) a seguir.

- (100) a. La cuidé yo durante un año (ESP.F.03)  
 b. Si lo toman LOS EXTRANJEROS no debe de ser tan mierda. (CUB.F.03)  
 c. Lo pongo YO (ARG.F.03)  
 d. lo hicimos NOSOTROS (MEX.E.03)

Uma terceira possibilidade é aquela em que acontece a topicalização do objeto junto com a focalização do sujeito, como ilustrado em (101) a seguir:

- (101) a. la preferencia la van a tener LOS HUMILDES, la van a tener LOS POBRES DEL PAÍS (MEX.E.03)  
 b. A: Acá, las preguntas las hago YO. (ARG.F.03)  
 c. Las viviendas las proporciona EL GOBIERNO a través del Plan estatal (ESP.E.01)

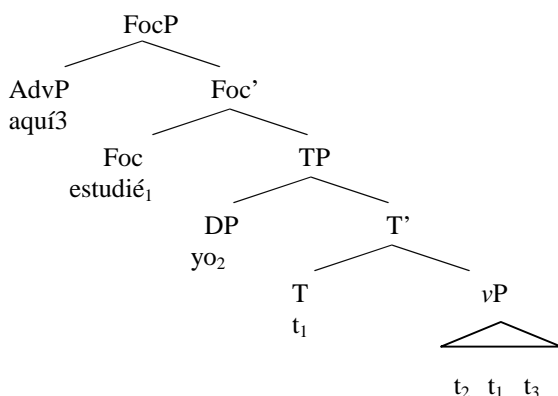
A representação da estrutura dos exemplos em (101) seria semelhante àquela proposta em (99). A diferença seria apenas a projeção um TopP na periferia esquerda da sentença, para abrigar o objeto topicalizado.

Por fim, conforme comenta Ribeiro (2005), o sujeito posposto não implica em sujeito focalizado, tendo em vista o contraste entre os exemplos abaixo em (102) do português e do espanhol arcaicos:

- (102) a. Boa dona, ñ vos dedes a atam grãde coita, ca ben sabe Deus que ñ esta aqui tal a que muyto ñ pese de vosso mal.  
 b. Buena dueña, non vos dedes a atan gran cuyta, ca bien saben que non esta aqui tal a que mucho non pese de vuestro mal. (M) (RIBEIRO, 2005, p. 7)

Em relação às orações sublinhadas em (102), Ribeiro (2005) diz, com base no contraste entre (102a) e (102b), que o sujeito não é o foco, porque, se o fosse, não poderia estar omitido em (102b). Assim a estrutura para sentenças, como as ilustradas em (103), semelhante às sentenças em (102), seria uma estrutura V2 como ilustrado simplifadamente em (104).

- (103) Passando pela porta do convento um travesti diz para o outro:  
 Mira... aquí estudié yo... (ESP.F.01)

(104) aquí estudié yo

Em (104), a periferia interna da sentença não é projetada. O foco é checado na periferia esquerda. O sujeito<sup>49</sup> se move de SpecvP para SpecTP para checar EPP e Caso e o verbo se move para Foc a fim de satisfazer os Critérios de Rizzi (1991; 1997).

Embora a ordem VSO, no espanhol moderno, esteja em declínio, Zubizarreta (1998, p. 100) assume que faz parte da intuição dos falantes nativos e considera o espanhol moderno uma língua V2 do mesmo tipo do espanhol arcaico. Como se viu acima, a inversão do espanhol arcaico, em (102), não implica em focalização do sujeito. Assim, deve-se distinguir a inversão VS como focalização de sujeito daquela inversão como ordem básica de palavras, relacionada com a sintaxe V2.

### 3.5.2. Outros dados sobre a alteração da ordem básica e acentuação

Os dados sobre alteração da ordem podem indicar também um foco contrastivo, conforme comento na próxima subseção. No entanto, são registrados alguns casos de foco informativo via alteração da ordem básica, conforme pode ser comprovado em (105) a seguir:

(105) a. Yo también soy provinciana... **de Córdoba soy...** (ARG.F.02)

O fragmento destacado em (105) responderia a pergunta ilustrada em (106):

(106) a. A: ¿De dónde sos? (utilizando a variante argentina do voseo)  
B: De Córdoba soy...

<sup>49</sup> Se for seguida uma análise tradicional para o fenômeno V2, conforme comentado em Ribeiro (1995), por exemplo, em que o verbo se move invariavelmente para C e um XP qualquer ocupa a posição SpecCP, pode ser entendido que o sujeito, nessa ordem XPVS não está ocupando a posição de FocP da periferia e sim SpecTP.

Como comentei na subseção anterior, sobre a ordem VSO, o espanhol pode estar apresentando um enfraquecimento da NSR, que determina que o elemento mais baixo receba o acento nuclear. Esse enfraquecimento pode ser evidenciado pelos exemplos em (105) e (106), em que um elemento preposicionado está realizando o foco informativo na periferia esquerda.

A proposta que estou adotando, com base em Belletti (1999; 2002; 2003), difere substancialmente da proposta de Zubizarreta (1998), que estabelece requisitos fonológicos para a interpretação de um constituinte como foco neutro. No caso do espanhol e do italiano, estaria em vigor a C-NSR, que é definida em (107) abaixo:

- (107) C-NSR: Given to sister categories  $C_i$  and  $C_j$ , the one lower in the asymmetric c-command ordering is more prominent.<sup>50</sup> (ZUBIZARRETA, 1998, p. 19, 124)

Sobre proeminência prosódica, Zubizarreta (1999, p. 4228) diz que:

En español, como en muchas otras lenguas, la prominencia prosódica desempeña un papel fundamental en la identificación del foco [...] ¿Qué se entiende por prominencia prosódica? todo enunciado va acompañado de una melodía o entonación la cual se puede describir a un nivel más abstracto como una secuencia de acentos tonales. La melodía puede estar constituida por uno o más grupos melódicos (o constituyentes prosódicos). En ciertos casos, la pausa indica una frontera entre dos constituyentes prosódicos. En otros casos, la frontera no coincide con pausa alguna, y se manifiesta mediante propiedades de la curva melódica. Por ejemplo, en una oración declarativa, puede indicarse mediante el descenso completo de la curva melódica, seguida inmediatamente de un ascenso. (Así en el caso de la dislocación a la izquierda *A María, Pedro la ama*, la frontera entonativa entre el constituyente dislocado y el sujeto puede o no coincidir con una pausa.) El constituyente prosódico está constituido por una o más palabras prosódicas, y cada palabra prosódica está asociada a un acento tonal. Dicho de modo más preciso, el acento tonal se asocia a la sílaba de mayor prominencia dentro de la palabra (por ejemplo, se asocia a la primera sílaba de la palabra *mesa* y a la segunda sílaba de la palabra *sillón*). Los acentos tonales pueden ser altos, bajos, ascendentes o descendentes. Dentro del constituyente prosódico (o grupo melódico), una de las palabras se destaca como más prominente. Llamaremos ‘acento nuclear’ al acento tonal asociado a la palabra de mayor prominencia perceptiva dentro del grupo melódico.

Assim, de acordo com as definições acima, o elemento mais baixo na estrutura receberá o acento nuclear. Portanto, era de se esperar que sentenças como (104), exibindo a ordem VSO<sup>51</sup> com sujeito focalizado, ou (105), com um elemento fronteado, não

<sup>50</sup> “C-NSR: dadas duas categorias irmãs  $C_i$  e  $C_j$ , aquela mais baixa na ordenação de c-comando assimétrico é mais proeminente”. Tradução minha.

<sup>51</sup> Zubizarreta (1999) propõe que a ordem VOS não seja a ordem básica, mas sim derivada de VSO ou SVO.

fossem possíveis em espanhol, porque o constituinte mais baixo, mais encaixado na sentença, não é o foco<sup>52</sup>. Por outro lado, a ordenação VOS, conforme discutido em Zubizarreta (1999), tem interpretação não-ambígua, sendo S sempre interpretado como foco.

### 3.5.3. Sobre o foco contrastivo

Todos os dados das subseções acima se referiam a casos de foco informativo. Nesta seção, finalmente, discuto alguns dados referentes ao foco contrastivo.

Conforme comentado por Belletti (1999; 2002) para o italiano, apenas a periferia esquerda está disponível para checagem de foco contrastivo. Vejam-se os contrastes em (108) e (109):

- (108) a. Pronto, chi parla?  
(Alô. Quem fala?)  
b'. Parla Gianni  
(Fala Gianni)  
b'\*. \*Gianni parla  
(Gianni fala) (BELLETTI, 1999, p.13)
- (109) a. GIANNI ha capito il problema (non tutta la classe)  
(GIANNI entendeu o problema (não toda a turma))  
b. MARIA ha spedito la lettera (non sua sorella)  
(MARIA enviou a carta (não sua irmã)) (BELLETTI, 1999, p.26)

Em (108), como o sujeito é um foco informativo, não pode se realizar em uma posição pré-verbal, na periferia esquerda, em italiano. Esta posição é reservada para os focos contrastivos, como mostram os exemplos em (108), nos quais o sujeito recebe um acento diferenciado.

Como mostrei acima, os sujeitos que representam um foco informativo, no espanhol, se comportam como no italiano, devendo ser realizados em uma posição pós-verbal. Contudo, o panorama muda no caso do foco contrastivo ou enfático, que permite que o sujeito se realize em posição pré ou pós-verbal, como ilustram os exemplos em (110) e (111) respectivamente:

---

<sup>52</sup> Conforme comenta Belletti (1999; 2002), a ordem VSO que está sendo analisada é aquela sem pausa entre S e O, diferente daquela ordenação VS#O.

- (110) a. A: Ah... se supone que me tengo que dar cuenta si alguien está haciendo un cuento...  
 B: Bueno, depende de quién lo haga, ¿no?  
 A: **LA PISTOLA me convenció.** (ARG.F.03)
- b'. A: Cuarenta y cuatro años de docencia, lo que quiere decir que por sus manos han pasado casi todos los bailarines de la compañía...  
 B: **ESO me enorgullece.** (CUB.E.02)
- c. A: ¿Puedo llamarlo por teléfono?  
 B: Usted no... **pero ÉL sí puede llamarle a usted.** (ESP.F.02)
- d. Yo ya cuidé a mis hijos. **Ahora TÚ cuidas al tuyo.** (MEX.F.01)
- (111) a. él no gano la beca. **La gané YO.** (ARG.F.02)
- b'. A: ¡Me invitas al cine y era para esto!  
 B: Yo te quiero mucho, Vivian.  
 A: ¿Y me muestras tu amor trayéndome a un lugar como este? Sólo te interesa el sexo, como a todos.  
 B: No, chica, no... **a mí me interesas TÚ, no el sexo.** (CUB.F.01)
- c. A: Mientras la adaptaba me enteré de que Ignacio había muerto.  
 B: ¿Te lo contó Juan?  
 A: No. **Lo descubrí YO MISMO.** (ESP.F.01)
- d. A: si a usted le gusta, puedo llevar al padre al dispensario.  
 B: No. **Irá MARTÍN.** Para eso es el sacristán. (MEX.F.03)

Como os contextos em (110) e (111) mostram, os sujeitos indicam um foco contrastivo ou enfático. No caso de (110), está realizado em uma posição pré-verbal. No caso de (111) está realizado em uma posição pós-verbal. Em ambos os casos, o tipo do verbo, se inacusativo ou não, por exemplo, não interfere no posicionamento do sujeito.

No caso de (110), a estrutura que proponho é aquela representada simplificada em (112) abaixo, em que o sujeito focalizado se move para a periferia esquerda:

- (112) [FocP LA PISTOLA<sub>1</sub> Foc' [Foc me convenció<sub>2</sub> [TP t<sub>1</sub> t<sub>2</sub>...

Em (112), a derivação procede normalmente até formar o TP. Após checar EPP, o sujeito é movido para a periferia esquerda para checar os traços de foco e o verbo sobe para Foc<sup>o</sup> para satisfazer aqueles critérios propostos por Rizzi (1997). Seguindo a proposta de Rizzi (1997) e Belletti (1999; 2002; 2003), o foco na periferia esquerda recebe uma acentuação específica, diferentemente de Modesto (2001), que, seguindo Zubizarreta (1998), não adota a periferia esquerda neste tipo de construção, resolvendo

o problema da focalização via acentuação através de projeções sincréticas<sup>53</sup>. No entanto, pela análise de Rizzi (1997) e Belletti (1999; 2002; 2003), as projeções funcionais não apresentam sincretismo e o foco deve ser checado em uma projeção apropriada<sup>54</sup>. Construções como as ilustradas em (113) evidenciam que o foco da sentença em (112) está na periferia esquerda e não acentuado em SpecTP:

- (113) a. LA PISTOLA que me convenció.<sup>55</sup>  
 b. ESO espero. (ESP.F.01)

No caso de (113a), o marcador morfológico se realiza em Foc<sup>o</sup> e o sujeito focalizado está na posição de especificador. No caso de (113b), conforme comentam Hernanz e Brucart (1987), quando um elemento é focalizado na esquerda da sentença, a inversão VS é obrigatória. Desta maneira, pode-se postular a análise em (112), em que o sujeito focalizado se move para SpecFocP e o verbo se move para Foc<sup>o</sup>, como nos demais casos de focalização na esquerda da sentença.

No caso dos exemplos em (111), a estrutura proposta é uma estrutura semelhante àquela em (97), na qual o sujeito checa os traços de foco contrastivo na periferia interna da sentença.

Outros elementos, além do sujeito, podem checar foco contrastivo nas duas posições. Vejam-se os exemplos ilustrados em (114) e (115) abaixo:

- (114) a. A: yo sólo quiero servir a Dios, padre.  
 B: **POR ESO te mandó a mí, que soy un ogro, para ponerte a prueba.** (MEX.F.03)  
 b'. **EN ESTE SENTIDO, el juego teatral es buena herramienta didáctica** porque permite, ante todo, construir conocimientos sin dejar de lado el placer. (ARG.E.14)  
 c. hijo: ... ¿Por qué te crees que no consigue trabajo en ningún lado?  
 padre: Es tu primo... le podrías dar una mano, ¿no?  
 hijo: **UN CEREBRO hay que darle.** (ARG.F.01)  
 d. A: Quisiera confesarme antes...  
 B: ¿Confesarte de qué? **POR TU CULPA estamos en un callejón sin salida.** (ESP.F.01)  
 e. A: me alegro... mañana tendrás el dinero.  
 B: **ESO espero.** (ESP.F.01)

<sup>53</sup> Ver a análise de Modesto (2001) no primeiro capítulo.

<sup>54</sup> Neste ponto, volta o problema levantado por Belletti (2005). No entanto, os exemplos em (113) evidenciam movimento de foco contrastivo para a periferia esquerda.

<sup>55</sup> Essa construção é aceita por falantes nativos no espanhol coloquial da Argentina.

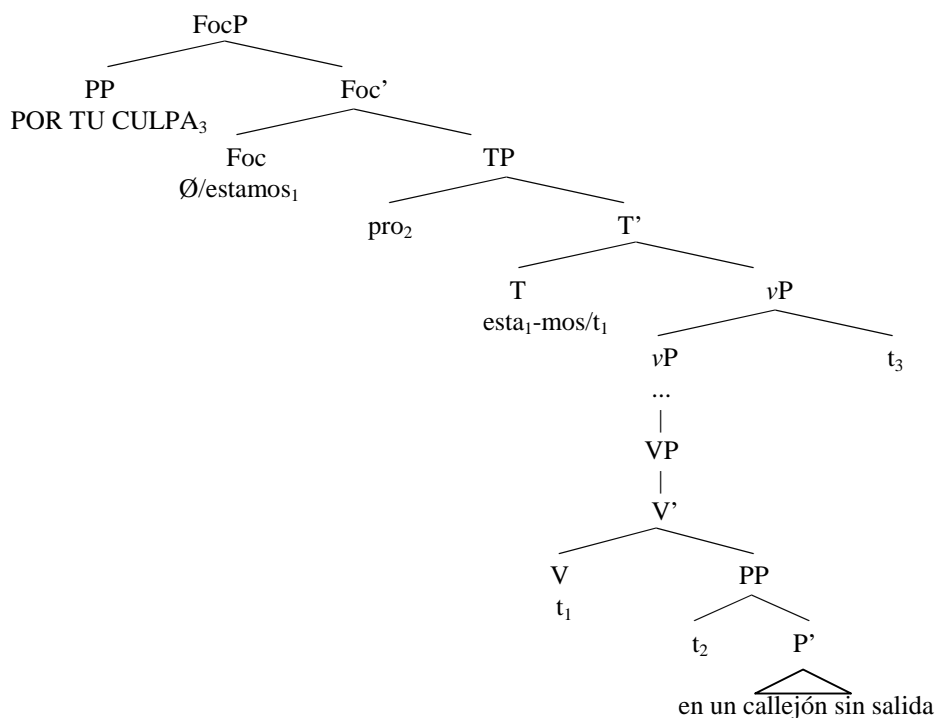


- f. A: Oye... olvídate de la muchachita esa, chico. Búscate una negra prieta que dicen que da suerte.  
B: Pero ¿cómo olvidarla? Si antes de tener uso de la razón, ya era la razón de mi vida. **POR ELLA me enfrentado los poderes más terribles. // PARA ENAMORARLA me he jugado la vida. // POR ELLA me he metido en asuntos muy sucios.** Bueno, literalmente la mismísima mierda. **POR ELLA me he subido en un escenario**, para parecerle más grande... **ASÍ aprendí a hacer doble y tripe función y sin intermedio** y así fue como llegó a ser mía. Yoli, la heladera de mis sueños. (CUB.F.03)
- (115) a. **Yo gobierno PARA MI PUEBLO.** No para mi partido (MEX.F.03)
- b'. A: ¿Cuáles guerrilleros?  
B: Ustedes dan armas... o se las esconden... no sé.  
A: ¡Mentira! Eso no es cierto. En mis rumbos no hay guerrilleros. **Hay NARCOS.** Los narcos de los hermanos Aguilar, el Chato Aguilar, Padre.  
B: **Estoy hablando DE GUERRILLEROS.**  
A: **yo le estoy hablando DE NARCOS**, de los que invaden las haciendas de los campesinos, de los que obligan a la gente a sembrar amapola, o los amenazan o los matan si se niegan a trabajar para ellos. Pistoleros y narcos... eso es lo que hay en mi comunidad y esos son los asesinos de mi gente. (MEX.F.03)
- c. A: ¿vos te quedaste acá toda la noche por mí?  
B: no... **me quedé POR MI NOVIA.** ¿No es divina? (ARG.F.01)
- d. La obra de Borges es una especie de diálogo muy sutil con las líneas centrales de la literatura argentina del siglo XIX y **yo creo que hay que leerlo EN ESE CONTEXTO.** (ARG.E.01)
- e. A: Caimana, ¿tú sabes si el turista quiere langosta, camaron y tabaco?  
B: Espérate... ¿Y esa confianza de caimana? A ver. Explícame. Además, si este señor quiere comprar, si quiere vender, si quiere hacer lo que sea, **aquí estoy yo PA ESO.** ¡Arranca, anda! (CUB.F.03)
- f. A: Es que no puedo creer que tú has hecho semejante cosa...  
B: Mira... yo no lo hice por dinero... **lo hice POR TI!** (CUB.F.03)

Em (114), os elementos checam os traços de foco contrastivo na periferia esquerda da sentença, sendo movidos por meio de um movimento A-Barra. Da mesma forma que o sujeito, eles devem passar por outras projeções a fim de checarem outros traços antes de serem movidos para a periferia esquerda. Assim, por exemplo, os objetos do verbo (sejam diretos ou indiretos), devem passar pelo SpecvP a fim de checarem seus traços de Caso e concordância antes de realizarem o movimento A-Barra para checar os traços de foco. No caso dos adjuntos, esse movimento para checagem de Caso e concordância no vP não é necessário tendo em vista que não são selecionados tematicamente nem marcados Casualmente pelo verbo. Veja-se a diferença da estrutura entre (114d) e (114e) ilustrado em (116a) e (116b) respectivamente. No entanto, vale lembrar que, como o sujeito das duas sentenças está oculto, há sempre duas possibilidades: uma

análise V2 e uma análise não-V2<sup>56</sup>. No caso, como estão em jogo com construções focalizadoras, as duas análises se referem ao fato de o verbo se mover para Foc<sup>o</sup> a fim de satisfazer os critérios de Rizzi (1991; 1997) ou se um elemento nulo está realizando esta função de marcador focal por concordância dinâmica.

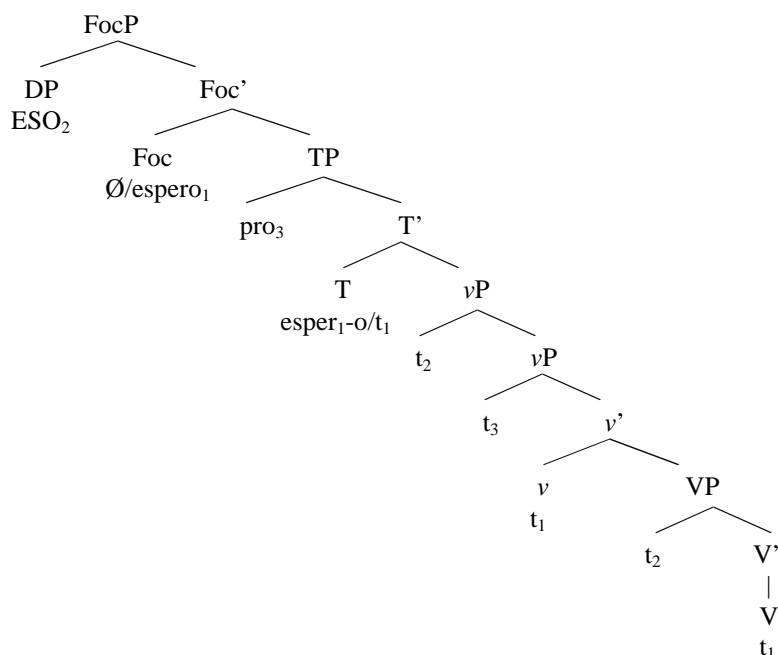
(116) a. POR TU CULPA estamos en un callejón sin salida.



Em (116a), como o foco é um adjunto do verbo, este elemento pode se mover diretamente de sua posição básica para FocP a fim de realizar a checagem de traços. Os outros elementos internos ao VP é que deverão realizar os movimentos de checagem de Caso e concordância, passando pelas diversas projeções de especificador.

<sup>56</sup> Kroch (2001) mostra que esse tipo de construção, com sujeito nulo, pode gerar reanálise na fase de aquisição e, conseqüentemente, gera mudança lingüística, como foi o caso do francês antigo.

(116) b. ESO espero



Em (116b), como a focalização envolve um elemento selecionado pelo verbo, o objeto direto, todos os procedimentos de checagem devem ser realizados antes do movimento do objeto direto para a periferia esquerda. O verbo sai do V para o  $v$  e licencia a subida do objeto para Spec $v$ P para checar Caso. Em seguida, o verbo se move para  $T^{\circ}$  e, estendendo o domínio, licencia o movimento do sujeito para SpecTP para checar EPP, permitindo o cruzamento do sujeito sobre a cadeia formada pelo objeto e o traço. O objeto focalizado se move para SpecFocP. O verbo pode permanecer em  $T^{\circ}$ , deixando um  $Foc^{\circ}$  realizado por um elemento nulo ou o verbo pode se mover para  $Foc^{\circ}$  a fim de satisfazer os critérios.

Seguindo os exemplos de Zubizarreta (1998, p. 4240-4241), ilustrados em (117) e (118) a seguir, sou guiado a assumir a análise em que o verbo se move para  $Foc^{\circ}$  a fim de satisfazer os critérios propostos por Rizzi (1991; 1997).

- (117) a. \*El DIARIO Pedro compró.  
 b. \*El DIARIO Pedro cree que compramos.  
 c. El DIARIO compró Pedro. (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4240-4241)

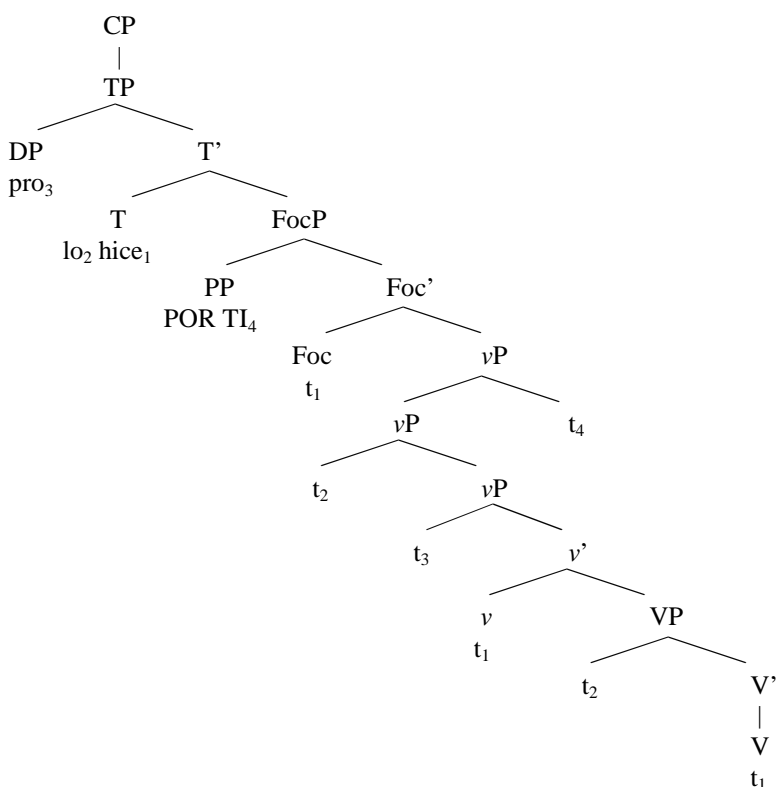
- (118) a. MANZANAS dijo Maria que compró Pedro.  
 b. MANZANAS me aseguran que dijo Maria que compró Pedro.  
 c. Me aseguran que MANZANAS dijo María que compró Pedro.  
 d. Me aseguran que María dijo que MANZANAS compró Pedro.

(ZUBIZARRETA, 1999, p. 4240-4241)

Como os exemplos em (117) e (118) acima mostram, no caso do sujeito realizado fonologicamente, a ordenação gramatical é FocoVS, o que mostra que o verbo se move para Foc<sup>o</sup> e este núcleo não pode ser realizado por um elemento nulo no espanhol. Desta forma, é de se esperar que, nos casos de sujeito nulo, *pro* esteja posposto ao verbo.

Com relação ao foco contrastivo checado na periferia interna, como ilustrado em (115), proponho a análise representada em (119) a seguir, de acordo com a análise Belletti (1999; 2002; 2003):

- (119) lo hice POR TI



Em (119) acima, todos os movimentos de checagem de traços da sentença são realizados como em (116). Por fim, o PP<sub>[+F]</sub>, em vez de checar seus traços na periferia esquerda, se move para a periferia interna da sentença.

Nesta última seção, discuti alguns problemas relativos à acentuação e alteração da ordem básica de palavras, com especial destaque para como acontece a checagem de foco nas sentenças. Na próxima seção, discuto com a Teoria de Princípios e Parâmetros pode dar conta da variação nas estratégias de clivagem no espanhol atual, fazendo algumas considerações sobre a variação paramétrica e a força dos traços dos itens lexicais nas línguas humanas.

### **3.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO PARAMÉTRICA**

Esta seção tem a finalidade de promover uma discussão formal para a variação das construções de clivagem no espanhol. Em primeiro lugar, apresento sucintamente a variação sintática nas línguas humanas dentro do Programa Minimalista; em seguida apresento algumas discussões sobre a variação sintática do espanhol à luz do Programa Minimalista; por fim, discuto alguns traços formais que podem estar licenciando algumas construções de clivagem em umas regiões e em outras não.

#### **3.6.1. A variação sintática entre as línguas humanas no Programa Minimalista**

Fazendo algumas considerações gerais sobre o Programa Minimalista, Chomsky (1993; 1995) assume que a linguagem faz parte do mundo natural. Essa assunção deriva do fato de que Chomsky (1993; 1995) entende que os seres humanos são dotados de uma faculdade da linguagem, que é uma capacidade específica e inerente à espécie humana de gerar *descrições estruturais* (*structural descriptions*). A teoria das línguas e as expressões que elas geram é chamada de Gramática Universal (*Universal Grammar – UG*), que é entendida como o estado inicial do componente relevante da faculdade da linguagem<sup>57</sup>.

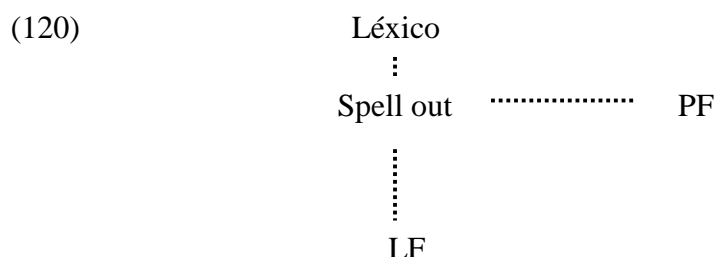
A faculdade da linguagem é composta por dois sistemas de performance (um sistema conceitual-intencional (C-I) e outro articulatório-perceptual (A-C)<sup>58</sup>), que formam os níveis de interface Forma Lógica (*Logical Form – LF*) e Forma Fonética (*Phonetic Form – PF*) respectivamente, e dois componentes (um léxico e um sistema computacional). Desta forma, Chomsky (1993; 1995) assume que o que se espera de variação entre as línguas concerne ao que é visível: à PF e alguns aspectos do léxico<sup>59</sup>.

<sup>57</sup> Para discussões mais antigas sobre a faculdade da linguagem e a capacidade inata de aquisição de linguagem, ver por exemplo Chomsky (1975). Ver também Chomsky (1986; 2002; 2006).

<sup>58</sup> Chomsky (2006) chama o sistema A-C de *sensorimotor*.

<sup>59</sup> Vale destacar que o que é variável em PF é o que a criança ouve. Por exemplo, crianças japonesas ouvem os elementos WH in-situ; crianças americanas ouvem os elementos WH fronteados. Porém, em LF, ambas as crianças processam/interpretam o elemento WH na mesma posição.

Os modelos mais antigos da teoria assumiam a existência de uma *Estrutura Profunda* (*Deep Structure* – DS), que fazia interface com o léxico, uma *Estrutura Superficial* (*Surface Structure* – SS), derivada da DS, onde as línguas apresentavam variação, uma PF, que pronunciava a sintaxe, e uma LF, invariável entre as línguas, que interpretava a sintaxe. No entanto, dentro do Programa Minimalista, somente elementos motivados conceitualmente devem ser postulados, o que força a eliminação de DS e SS como níveis de representação, permanecendo apenas os sistemas C-I e A-P como níveis de interface<sup>60</sup>. Assim, o formato do modelo é o representado em (120) abaixo:



O formato do modelo, em (120), ilustra que os itens são retirados do léxico e entram no sistema computacional<sup>61</sup>. Em um determinado momento, a derivação é pronunciada por *Spell out*. Em seguida o processo continua até que a derivação tenha as partes relevantes enviadas para os respectivos níveis de interface. O que acontece antes de *Spell out* faz parte da sintaxe visível e o que acontece após *Spell out* faz parte da sintaxe invisível.

Desde modelos mais antigos da Teoria dos Princípios e Parâmetros, se assumiu que as línguas são compostas por princípios invariantes com um limitado número de parâmetros valorados binariamente. Dentro dessa visão, a variação entre as línguas se dá na marcação [0 ou 1] de um determinado parâmetro<sup>62</sup>. Por exemplo, existe um Princípio da Projeção Extendido (EPP), que determina que todas as sentenças têm sujeito. As línguas podem marcar o parâmetro [+sujeito nulo] ou [-sujeito nulo]. Línguas que marcam a primeira opção serão como o espanhol, ilustrado em (121); línguas que marcam a segunda opção serão como o inglês, ilustrado em (122):

- (121) a. Bailo salsa todos los días.  
 b. Llueve.

<sup>60</sup> Ver a discussão original em Chomsky (1993; 1995). Para uma discussão com elementos mais recentes, ver Hornstein, Nunes e Grohman (2005).

<sup>61</sup> Observar que o contato entre léxico e sistema computacional não é direto.

<sup>62</sup> Raposo (1992), por exemplo, discute se o parâmetro começa em uma posição neutra e a criança, na aquisição, muda para 0 ou 1, ou se o parâmetro começa já em uma posição 0 ou 1 pré-definida e, na aquisição, a criança mantém ou muda o parâmetro a depender da língua à qual está exposta.

- (122) a. I dance salsa all the days.  
 b. It rains.  
 b'. \*rains.

Nos exemplos em (121), ambos os verbos não apresentam sujeito realizado fonologicamente: em (121a), existe um sujeito semântico, recuperado pela desinência do verbo; em (121b), o verbo “llover” é um verbo metereológico e, portanto, não tem sujeito semântico. Por outro lado, os exemplos em (122) mostram que ambos os verbos devem ter seus sujeitos realizados. No caso de (122b), que apresenta um verbo metereológico, que não requer um sujeito semântico, um elemento vazio semanticamente deve ser realizado para satisfazer requisitos gramaticais, conforme determina o EPP.

Como o Programa Minimalista abandona certos conceitos das versões antigas da teoria, o conceito de parâmetro precisa ser reformulado<sup>63</sup> e Chomsky (1993) assume que a variação entre as línguas se restringe às propriedades formais do léxico. Dito de outra maneira, as línguas vão variar a depender da força dos traços formais do seu léxico funcional. Assim, a diferença entre línguas com ordem [V Adv], como o francês, e línguas com ordem [Adv V], como o inglês, como foi discutido em Pollock (1989), estará relacionada com a força dos traços verbais: se a língua tem traços verbais fortes o suficiente, o verbo se move para uma projeção superior ao VP<sup>64</sup>, derivando a ordem [V Adv], como é o caso do francês; do contrário, o verbo se mantém dentro do VP, derivando a ordem [Adv V], como é o caso do inglês<sup>65</sup>.

Para fins desta Dissertação, o referencial teórico apresentado nesta subção é suficiente. Nas próximas seções apresento como esse referencial pode ser utilizado para uma análise da variação sintática do espanhol.

<sup>63</sup> Para um estudo da evolução da noção de parâmetro na gramática gerativa, ver o estudo de Kato (2002).

<sup>64</sup> Chomsky (1993; 1995) segue princípios de economia derivacional, tais como *Greed* e *Procrastinate*, e propõe que os movimentos sintáticos sejam motivados e de último recursos. Assim, se os traços de tempo forem fortes, Tempo atrai V; caso contrário, V procrastina.

<sup>65</sup> A discussão está sendo apresentada de maneira simplificada. No entanto, há duas formas, pelo menos, de tratar a questão: a) Chomsky (1993; 1995) propõe que haja movimento coberto (após *Spell out*) do V; b) Hornstein, Nunes e Grohman (2005) apresentam a possibilidade de mova-f (movimento de traços), que elimina *Spell out* do sistema computacional, e diz que, se os traços são fortes, o item lexical inteiro se move; se os traços são fracos, apenas os traços são movidos e a matriz fonológica permanece *in-situ*. Ver a discussão mais detalhada em (131) e (132) abaixo.

### 3.6.2. O espanhol e a variação intralingüística

Toribio (2000) diz que a Teoria dos Princípios e Parâmetros têm se ocupado com a pesquisa interlingüística, comparando línguas diferentes, como comentei na seção acima. Já a pesquisa intralingüística, que compara dialetos de uma mesma língua, tem sido desenvolvida primordialmente dentro de uma visão sociolingüística. No entanto, seguindo as idéias propostas por trabalhos pioneiros sobre o inglês de Belfast, a autora propõe que variedades de uma mesma língua também podem ser analisadas dentro de uma visão da Teoria da Gramática e podem fornecer elementos interessantes para uma melhor compreensão da Gramática Universal.

O espanhol tem sido descrito e explicado de forma ampla dentro de uma visão gerativista (cf. BOSQUE e DEMONTE, 1999). No entanto, os estudos dentro de uma visão da variação paramétrica entre as diversas variedades têm sido relegados<sup>66</sup>.

Considerando a proposta de Kroch (2001), por exemplo, de que contato de línguas altera gramática, é de se esperar, intuitivamente, tendo em vista as características socio-históricas do espanhol, que as diferentes regiões apresentem algumas características sintáticas diferentes, haja vista que estiveram condicionadas a contatos de línguas diferentes. Desta forma, com base em dados do espanhol dominicano, Toribio (2000) providencia uma análise dentro dessa perspectiva de variação paramétrica<sup>67</sup>.

Toribio (2000) comenta que a mudança fonética que sofreu o fonema [-s], no Caribe, em posição final de palavra, alterou o sistema morfológico verbal de segunda pessoa do singular e, conseqüentemente, desencadeou mudanças na sintaxe da região. Algumas propriedades do espanhol dominicano (que podem ser estendidas para o Caribe em geral, cf. LIPISKI, 2005, entre outros), são listadas abaixo, a partir de Toribio (2000). Os exemplos em (123-126) estão relacionados com a expressão ou omissão do sujeito<sup>68</sup>; os exemplos em (127-130) estão relacionados com a posição do sujeito em relação ao verbo:

---

<sup>66</sup> Um exemplo desse “descaso” pode ser visto se se comparam os estudos de Toribio (1992) e Bosque (1999). Bosque (1999) critica a posição de Toribio (1992) ao postular um operador nulo em construções como “Comí fue papas” tendo em vista que Toribio (1992) propõe que o sujeito não pode ser focalizado nessa posição tendo em vista violação de ECP. Bosque (1999) discute dados de outros autores e mostra que o sujeito pode ser focalizado com este tipo de construção. O que interessante notar é que Toribio (1992) utiliza dados do espanhol dominicano e Bosque (1999) se baseia nos dados do espanhol venezuelano. Conforme comenta Camacho (2006), pode haver diferenças dialetais no julgamento de gramaticalidade dessa sentença. Esses fatos são indícios que de a representação do falante venezuelano e dominicano para essa construção não é a mesma, o que pode indicar gramáticas diferentes.

<sup>67</sup> Uma síntese dos dados do espanhol dominicano também pode ser encontrada em Toribio (2002).

<sup>68</sup> A esse respeito, ver Luján (1999).



Sujeito pronominal realizado com referência específica e não humana:

- (123) a. Yo no lo vi, **él** estaba en Massachusetts, acababa de llegar, pero muy probable para el domingo pasado, que fue Dfa de las Madres allá, e'l estaba en Nueva York... **El** estaba donde Eugenia, y yo creo que **él** se va a quedar allá...
- b. Simplemente tus padres te dicen, <<Buena m'hijo, todo lo que **tú** me pidas **yo** te lo doy, pero tu carrera **tú** tienes que hacerla **tú**>>.
- c. **Ellos** me dijeron que yo tenfa anemia... Si **ellos** me dicen que yo estoy en peligro cuando **ellos** me entren la aguja por el ombligo, yo me voy a ver en una situation de estres. (TORIBIO, 2000, p. 319)

Sujeito pronominal realizado com referência não humana:

- (124) a. [Re: rio] **El** tiene poca agua.  
(cf., e.g., Tiene poca agua.)
- b. [Re: ônibus] **Ellas se** saben devolver en Villa; **ellas** pasan de largo.
- c. [Re: cisterna] A la cistema mía ya no le falta agua. **Ella** tiene agua.

(TORIBIO, 2000, p. 320)

Pessoal e impessoal pronomes neutros: *tú, uno e usted*

- (125) a. Entre **tú** más estudias **tú** te vas proyectando mejor y estás adquiriendo más experiencia. Algo que **tú** no conoces o no conocías a traves de los estudios **tú** lo vas a conocer. Si tú decías una palabra ma1 anteriormente, ... **tú** ya la hablas correctamente.
- b. **Uno** habla regularcito aqui.  
(cf., e.g., Se habla regularcito aqui.)
- c. Todo es relativo a coma **usted** vea las cosas ... Algo que no me gusta es que **usted** tenga que trabajar para mantener a los vagos. (TORIBIO, 2000, p. 320-321)

Pronome expletivo<sup>69</sup>:

- (126) a. **Ello** llegan guaguas hasta Allá.  
(cf. Llegan guagas hasta Allá.)
- b. **Ello** había mucha gente em lay-a-way.
- c. Ellos querfan renovar el centro para el turismo y **ello** hay mucha gente que lo opone. (TORIBIO, 2000, p. 321)

Sujeito pré-verbal em interrogativas parciais:

- (127) a. Papi, ¿ qué ese **letrero** dice?  
(cf. Papi, ¿qué dice ese letrero?)
- b. ¿Qué **yo** les voy a mandar a esos muchachos?
- c. Y con quien **Fredi** esta allá? (TORIBIO, 2000, p. 322-323)

<sup>69</sup> Conforme já assinalou López Morales (1992a), essa é uma característica exclusiva do espanhol dominicano.

## Perguntas clivadas:

- (128) a. ¿Dónde fue que **tú** estudiaste?  
(cf. ¿Donde estudiaste (tú)?)
- b. ¿En que es que **tú** te vas a graduar?
- c. ¿Qué es lo que ese **muchacho** me trae? (TORIBIO, 2000, p. 323)

## Pseudo-clivada reduzida:

- (129) a. **Yo** quiero es comida
- b. Alla en los Estados Unidos **yo** hice fue el kinder.
- c. **Ese niño** esta es enfermo. (TORIBIO, 2000, p. 323)

## Sentenças não-finitas com sujeito nominativo pré-verbal:

- (130) a. Ven aca, para **nosotros** verte.  
(cf. Ven acá, para verte (nosotros).)
- b. A la came se le mezcla limon para **usted** lavarla.
- c. ¿ES que no te dicen sin **tú** preguntar? (TORIBIO, 2000, p. 323-324)

Os exemplos em (123-130) acima mostram evidências de que o espanhol dominicano pode ser considerado uma língua não-*pro-drop* com sujeito pré-verbal, como o inglês<sup>70</sup>. No entanto, como a própria Toribio (2000) mostra, o espanhol dominicano ainda apresenta estruturas de línguas *pro-drop* com sujeito pós-verbal, como o italiano e as demais variedades do espanhol. Segue a hipótese defendida por vários autores de que, na transição de uma propriedade gramatical X para uma propriedade gramatical Y, ambas as propriedades X e Y são encontradas na língua<sup>71</sup>, acreditando que há uma competição de gramáticas e que os falantes dominicanos são bilíngües em sua língua materna.

A autora recorre ao pressupostos teóricos do Programa Minimalista para explicar o novo agrupamento de parâmetros no espanhol dominicano. Seguindo Chomsky (1993; 1995), Toribio (2000) acredita que os traços T e Agr podem ser fortes ou fracos e que a variação entre espanhol dominicano e demais variedades hispano-americanas estaria relacionada com a força dessas categorias funcionais. Assim, dentro de um modelo como o ilustrado em (120), seguindo o princípio de Procrastinação, traços fracos podem

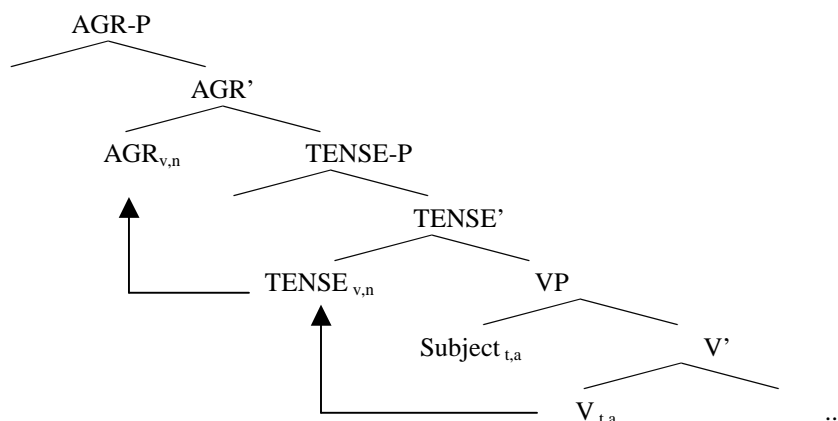
<sup>70</sup> Toribio (2000) argumenta que não houve influência do inglês nesse processo tendo em vista as características sociais do país, com grande número de habitantes rurais e analfabetos.

<sup>71</sup> A esse respeito, ver Kroch (2001), por exemplo.

ser checados após *Spell out*, porém traços fortes devem ser checados obrigatoriamente antes de *Spell out*, caso contrário, a derivação não converge<sup>72</sup>.

Considerando a checagem dos traços verbais e nominais, Toribio (2000) segue as seguintes configurações, com base em Chomsky (1993):

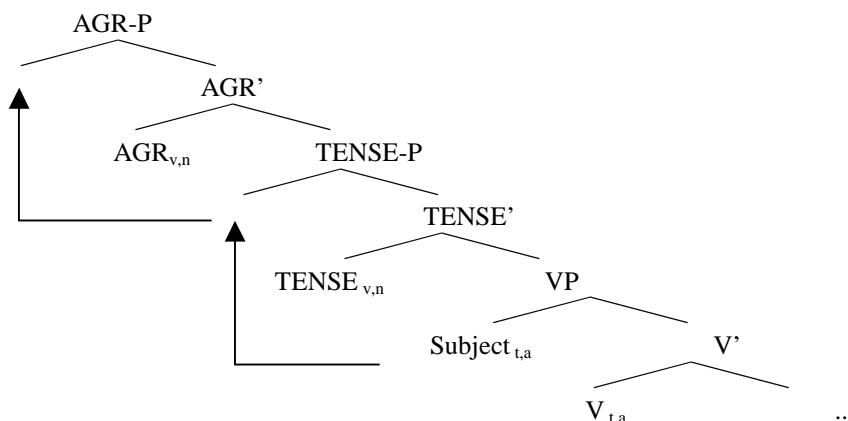
(131) Checagem de traços verbais (TORIBIO, 2000, p. 331)



Conforme comentado na seção 3.6.1 acima, o verbo tem alguns traços que devem ser checados para que a derivação seja convergente; tal checagem pode ser antes ou depois de *Spell out*. Em ambos os casos, o verbo se move de V e checa os traços de tempo, em TENSE, e os traços  $\phi$ , em AGR.

AGR e TENSE têm traços nominais, além dos traços verbais, que devem seguir os mesmos princípios de economia na checagem de traços.

(132) Checagem de traços nominais (TORIBIO, 2000, p. 332)



Seguindo os mesmos princípios para a checagem dos traços verbais, Toribio (2000) assume que, se os traços nominais de AGR e TENSE forem fortes, o sujeito deve ser

<sup>72</sup> Ver a definição de *Full Interpretation Principle* em Chomsky (1993) e Radford (1997).

alçado antes de *Spell out*; caso sejam francos, podem procrastinar. No entanto, a força dos traços nominais e verbais de AGR e TENSE varia independentemente. Em línguas como o inglês, os traços de AGR e TENSE são fracos e podem permanecer em PF seguindo o princípio de Procrastinação; em línguas como o espanhol, os traços de AGR e TENSE são fortes e devem ser checados antes de PF para que a derivação possa ser convergente.

Toribio (2000) assume que, em espanhol, TENSE domina AGR e, a partir da força dos traços dessas categorias funcionais, explica a diferença entre as variedades do espanhol com relação ao posicionamento e realização do sujeito. Seguindo a proposta de Chomsky (1993; 1995), a autora assume que sujeitos nulos são licenciados em línguas cujos traços nominais de AGR são fortes. Como o espanhol geral é língua de sujeito nulo, pode-se assumir que seus traços nominais de AGR são fortes e os traços nominais de TENSE são fracos. Assim, nas demais variedades do espanhol americano, com base nas estruturas ilustradas em (131) e (132) (com a diferença de que, no espanhol TENSE domina AGR), o verbo se move de V para AGR, onde checa seus traços  $\phi$ , em seguida, o complexo V+AGR se move para TENSE, onde checa os traços fortes de tempo. O sujeito realizado se move de SpecVP para SpecAGR, onde checa seus traços  $\phi$ ; como os traços nominais de TENSE são fracos, o sujeito não pode subir mais. No entanto, seguindo outros princípios, como Greed, Toribio (2000) assume que *pro* pode subir de SpecAGR para SpecTENSE.

Por outro lado, para o espanhol dominicano, Toribio (2000) assume que os traços verbais de TENSE e AGR também são fortes. Então, o que vai determinar a variação entre o espanhol dominicano e as demais variedades vai ser a força dos traços nominais de AGR e TENSE: o espanhol dominicano apresenta AGR com traços nominais fracos, fato que bloqueia a realização de sujeito nulo e força a subida do NP/DP sujeito para SpecTENSE, que obrigatoriamente terá seus traços nominais fortes.

Como Toribio (2000) assume que os falantes dominicanos são bilíngües em sua língua materna e está havendo uma competição de gramáticas, as duas possibilidades estão disponíveis nessa língua: a) AGR forte e TENSE fraco; b) AGR fraco e TENSE forte.

Na seção seguinte, discuto como esses conceitos de força dos traços do léxico funcional pode explicar uma variação nas construções de clivagem no espanhol atual.

### 3.6.3. Aspectos formais da variação das construções de clivagem

A tabela 4 do segundo capítulo, repetida na tabela 5 a seguir, mostra as ocorrências das construções de clivagem no *corpus* estudado.

<b>Tabela 5:</b> porcentagem da ocorrência das construções de clivagem				
	ESP	MEX	ARG	CUB
CL	--	--	1,9%	5,9%
CI	--	1,5%	3,7%	9,8%
CSC	2,6%	2,8%	--	--
PC	63,1%	53,8%	48,0%	55,0%
PCI	7,9%	29,1%	35,0%	19,6%
PCE	23,7%	8,5%	9,5%	7,8%
PCT	2,6%	4,3%	1,9%	1,9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

A tabela 5 mostra que a construção de clivagem preferida, nas quatro regiões, é a PC. No México, na Argentina e em Cuba, a PCI é a segunda estratégia preferida; já na Espanha, a segunda estratégia preferida é a PCE. As construções CL aparecem, embora timidamente, na Argentina e em Cuba. As CI aparecem no México, na Argentina e em Cuba<sup>73</sup>.

Seguindo a proposta de (62) acima, onde apresentei uma estrutura unificada para as CL e PCE, pode-se supor que o espanhol, com relação às construções de clivagem, se divide em dois grupos: a) variedades que exibem somente o traço [+concordância] em C° subordinado, como é o caso do espanhol da Espanha e do México; b) variedades que exibem o traço [ $\pm$ concordância] no núcleo C° subordinado, como é o caso do espanhol da Argentina e de Cuba. Pode-se assumir, então, que, no espanhol: a) a PCE é licenciada independentemente de outras construções de clivagem; b) a CL é licenciada a partir da CI.

Essa diferença se dá através do processo de concordância dinâmica proposto por Rizzi (1991). Seguindo Kato e Ribeiro (2005; 2006), nas CI, o CP subordinado é C°<sub>[-F]</sub>; desta maneira, o XP<sub>[+F]</sub> só pode checar seus traços de foco no CP matriz. Como a

<sup>73</sup> Vale lembrar que as verdadeiras CI, com a cópula, só aparecem no espanhol cubano.

posição de SpecCP subordinado não está disponível para a checagem de foco nas CI<sup>74</sup>, não é possível desencadear a concordância dinâmica entre XP<sub>[+F]</sub> e C<sup>o</sup><sub>[-F]</sub> subordinado numa relação Spec-Head, como proposto por Rizzi (1991) e ilustrado em (61) acima. Conforme a porcentagem dos dados mostrou (há um maior percentual de CI que de CL e o México apresenta um percentual baixo e CI e 0% de CL), pode-se inferir que, após o licenciamento das CI, as CL começam a ser licenciadas<sup>75</sup>. Por outro lado, as PCE não dependem de outras construções para serem licenciadas tendo em vista que, no momento em que o foco se move para o SpecCP subordinado desencadeia automaticamente a concordância dinâmica com o C<sup>o</sup>.

Essas diferenças nas propriedades formais do C<sup>o</sup> subordinado, contudo, não são suficientes para explicar a variação da clivagem no espanhol; outras propriedades formais da língua podem estar em jogo nesse processo de variação da clivagem. Os estudos sobre as interrogativas do português (cf. LOPES ROSSI, 1993, 1996; KATO e MIOTO, 2005; MIOTO e KATO, no prelo) têm mostrado que existe uma relação entre interrogativas e clivagem: à medida que se começa a perder a ordem WhVS, começam a ser inseridas as interrogativas *pseudo-clivadas*<sup>76</sup>. Com relação aos exemplos em (127) e (128) acima, Toribio (2000, p. 322) diz que: “Dominican Spanish also employs an additional strategy as a means of circumventing the inverted order, namely, the pseudo-cleft illustrated in (8)”<sup>77</sup>. Tendo em vista que o Caribe é a única zona lingüística na qual o espanhol perdeu a inversão VS nas interrogativas (cf. LÓPEZ MORALES, 1992a; LIPSKI, 2005; MORENO FERNÁNDEZ, 2000; TORIBIO, 2000, 2002; entre outros), uma maior compreensão da história das interrogativas e da clivagem poderá fornecer dados decisivos para a compreensão do fenômeno na atualidade.

<sup>74</sup> Se esta posição estivesse disponível, seguindo o princípio de movimento mais curto quanto possível, o XP<sub>[+F]</sub> deveria checar seus traços nessa posição e, portanto, não poderia se mover posteriormente para para o CP matriz, conforme assinala Rizzi (2004).

<sup>75</sup> Kato e Ribeiro (2005; 2006) mostram que esse é o panorama na história do português. No entanto, seguindo Coseriu (1979) e Lightfoot (1993), não é possível encontrar explicações universais para as mudanças lingüísticas. A história das construções de clivagem no espanhol pode revelar um panorama diferenciado. Veja-se que, segundo Modesto (2001), o inglês apresenta as CL porém não permite as CI. Talvez a inexistência de CI em inglês se deva ao fato de o inglês ser uma língua que apresenta sujeito expletivo lexicalizado.

<sup>76</sup> Kato e Ribeiro (2005) mostram que as interrogativas *clivadas* são as últimas estratégias a aparecerem, já no século XIX.

<sup>77</sup> “O espanhol dominicano também emprega uma estratégia adicional como meio de circunscrever a ordem invertida, ou seja, a pseudo-clivada ilustrada em (8)[128]”. Tradução minha.

### 3.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O TERCEIRO CAPÍTULO

Neste capítulo, fiz uma discussão de alguns problemas teóricos sobre as construções de clivagem e outras construções focalizadoras. Na primeira parte do texto, discuti a estrutura da sentença na qual acomodei a análise, dentro de uma visão minimalista, recorrendo a menos artefatos teóricos possíveis.

Na segunda parte do texto, discuti a estrutura das mini-orações e, ao contrário de Modesto (2001), adotei uma estrutura de mini-oração na qual o sujeito é argumento (e não adjunto) do predicado. Em seguida, discuti as construções de clivagem. Seguindo a tradição, acredito que devem ser divididas entre *pseudo-clivadas* e *clivadas*. As *pseudo-clivadas* são orações copulativas nas quais a cópula subcategoriza uma mini-oração, cujo predicado é uma relativa livre e o sujeito é o elemento focalizado, que satisfaz o valor da variável na relativa livre. As *clivadas* são constituídas de duas orações, uma sentença normal, onde todos os elementos checam seus traços gramaticais e papéis semânticos e uma sentença focalizadora formada pela cópula, que subcategoriza a oração principal. Também reanalisei algumas construções focalizadoras que em algum momento foram analisadas como construções de clivagem.

Na terceira parte do capítulo, discuti a alteração da ordem básica e a acentuação como estratégias de focalização no espanhol. Mostrei que o espanhol pode acionar as duas periferias da sentença para checagem de foco. Com relação ao foco informativo, a periferia interna ainda é preferida, tendo em vista que o sujeito só pode checar foco informativo nesta posição. No entanto, mostrei que o foco informativo, no espanhol, não necessita estar na posição mais encaixada da sentença tendo em vista a possibilidade de ordem VSO com S focalizado e a focalização de PP e AdvP na periferia esquerda. Esse fenômeno pode ser uma evidência de: a) as regras fonológicas (NSR) para reconhecimento do foco neutro (informativo) podem estar se enfraquecendo no espanhol e ainda devem estar bastante ativas no italiano, tendo em vista o contraste na gramaticalidade de ordem VSO entre as duas línguas; como consequência disso, b) um possível processo de mudança lingüística no espanhol, como foi comentado por Zubizarreta (1998). Por fim, o foco contrastivo, em espanhol, pode ser checado nas duas periferias sem diferença relevante entre elas.

Na última parte do capítulo, discuti alguns pressupostos teóricos do Programa Minimalista. Apresentei como a variação interlingüística pode ser entendida dentro desse quadro teórico; depois, apresentei a proposta de Toribio (2000), que diz variedades de línguas podem ser estudadas dentro de uma perspectiva de variação

paramétrica do mesmo modo que línguas diferentes. Por fim, procurei apresentar uma explicação para a variação dialetal das construções de clivagem no espanhol atual, atribuindo as diferenças paramétricas aos traços formais do núcleo C° subordinado: as PCE fazem a concordância dinâmica entre SpecCP-C°, enquanto as CL realizam um complementizador “que” *default*, portando o traço [-conc].



# **CONCLUSÃO**

Nesta Dissertação foram discutidos alguns pontos das construções de clivagem como recurso de focalização nas línguas humanas, com especial destaque para as construções de clivagem e outras construções focalizadoras em quatro variedades o espanhol atual.

No primeiro capítulo, fiz uma revisão da clivagem como estratégia de focalização nas línguas humanas. Apresentei alguns pontos da discussão sobre a estrutura informacional da sentença, que depende inteiramente dos julgamentos do falante sobre o que o seu interlocutor tem como informação nova ou informação conhecida, embora as funções representativas (sintática e semântica) permaneçam as mesmas nos dois casos. Também apresentei algumas estratégias utilizadas para focalização nas línguas humanas. Com relação à clivagem, apresentei a definição que norteou esta Dissertação, a tipologia da clivagem em algumas línguas e algumas restrições impostas sobre o fenômeno. Mostrei também que a clivagem não se apresenta de maneira uniforme no espanhol atual, tema que foi o ponto central da apresentação dos dados do segundo capítulo. Discuti algumas análises já feitas para o fenômeno e que serviram de referencial teórico para as discussões apresentadas no terceiro capítulo. Por fim, apresentei a discussão proposta para as periferias da sentença tendo em vista que recorro a essas estruturas para derivação da clivagem.

No segundo capítulo, apresentei o problema da variação das construções de clivagem e os critérios utilizados para a seleção do *corpus* com base na proposta de koineização e standardização do espanhol americano, estabelecida por Fontanella de Weinberg (1993). Essa proposta se baseia em critérios sócio-históricos de cada região do espanhol da América, reconhecendo que o espanhol americano não é uma entidade homogênea, mas, ao estudá-lo, se deve ter em conta tais características sócio-históricas como, por exemplo, o momento da colonização, o contato com a metrópole, a origem dos colonizadores etc. A autora propôs um *continuum*, em que o espanhol mexicano está na ponta mais standardizada e o espanhol paraguaio na ponta menos standardizada. Diante desse panorama, levantei duas hipóteses de pesquisa: a) o espanhol caribenho (cubano, no caso) apresenta mais tipos de construções de clivagem que as demais variedades do espanhol tendo em vista suas características sintáticas; b) dentro do *continuum* proposto por Fontanella de Weinberg (1993), seria encontrado o seguinte panorama: [+tipos]Cuba > Argentina > México > Espanha[-tipos]. Os dados apresentados confirmaram as duas hipóteses. O espanhol mexicano deve apresentar uma tipologia semelhante à do espanhol europeu tendo em vista seu nível de

estandardização; o espanhol da Argentina, como discutido por Fontanella de Weinberg (1993), passou, no século XVIII, por um processo de estandardização, fato que é comprovado pela tipologia da clivagem encontrada nessa região. Já o espanhol caribenho apresenta mais tipos não por ser menos estandardizado, mas por ter passado por processos de mudança lingüística em relação às demais variedades do espanhol conforme vários estudos têm apontado.

No terceiro capítulo, discuti questões formais das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol e nas línguas humanas. Procurei derivar a estrutura das construções com base numa visão minimalista, embora, talvez, com base nas primeiras fundamentações do Programa. Mantive a distinção proposta na literatura entre *clivadas* e *pseudo-clivadas*. As *pseudo-clivadas* são analisadas como sentenças copulativas especificacionais em que o foco ocupa a posição de sujeito e a relativa livre a posição de predicado; por outro lado, as *clivadas* são analisadas como tendo uma oração principal selecionada por uma cópula focalizadora. Propus também uma nova análise para as *pseudo-clivadas extrapostas*, que são analisadas com a mesma estrutura das *clivadas básicas*; a diferença entre elas é a presença do traço [ $\pm$ concordância] derivado da concordância dinâmica proposta por Rizzi (1991) no complementizador: as *clivadas básicas* apresentam o traço [-concordância] e as *pseudo-clivadas extrapostas* apresentam o traço [+concordância]. Também retirei construções como “foi você a pessoa que chegou” e “você que chegou” do grupo da clivagem, incluindo no grupo das construções focalizadoras não clivadas. Com relação à alteração da ordem e a focalização *in-situ*, mostrei que ambas as periferias podem ser acionadas para a checagem de foco contrastivo no espanhol. Com relação foco informativo, a periferia interna ainda é preferida. Discuti o problema da ordem VSO como focalização do sujeito, tendo em vista que esta ordem é possível em espanhol porém agramatical em italiano e mostrei que o que pode estar em jogo são as regras fonológicas propostas por Zubizarreta (1998) para reconhecimento do foco informativo e não um problema de sintaxe. Proponho também que se diferencie a ordem VS para focalização de sujeito da ordem VS derivada de uma ordenação V2, sugerindo que cada ordem VS tenha uma estrutura subjacente diferente. Por fim, discuti como algumas noções da Teoria de Princípios e Parâmetros pode explicar a variação das construções de clivagem no espanhol com base nos conceitos de força dos traços dos itens do léxico funcional das línguas.

Considerando o que foi dito acima, podem ser sintetizadas as seguintes conclusões desta Dissertação:

1) Considerando os aspectos discursivos:

- a) todas as construções de clivagem que o espanhol apresenta podem ser utilizadas para identificar um foco contrastivo; porém, somente a *pseudo-clivada básica* e a *pseudo-clivada truncada* podem ser utilizadas para indicar um foco informativo;
- b) com relação a alteração da ordem básica e a focalização *in-situ*, o foco contrastivo pode ser checado em ambas as periferias (interna e esquerda), porém o foco informativo é checado preferencialmente na periferia interna, permitindo que somente AdvP ou PP chequem seus traços de foco informativo na periferia esquerda.

2) Com relação aos aspectos sintáticos:

- a) *as pseudo-clivadas básicas* são as construções preferidas no espanhol;
- b) nem todas as construções de clivagem são licenciadas em todas as variedades do espanhol. Essas construções se apresentam num *continuum*, em que o espanhol de Cuba (Caribe), devido às suas características sintáticas atuais, apresenta mais tipos de clivagem que as demais regiões;
- c) é a variação no traço [ $\pm$ concordância] no núcleo C<sup>o</sup> o que vai licenciar as construções CL ou PCE;
- d) a checagem de foco em CP subordinado [-conc] é licenciada após o licenciamento das construções CI, que checam seus traços de foco no CP matriz e mantêm o CP subordinado com “que” *default*.

3) Com relação aos aspectos fonológicos:

- a) o espanhol pode estar passando por um processo de mudança lingüística já que o foco informativo não necessita ser checado obrigatoriamente numa posição mais encaixada, tendo em vista que os dados mostraram a possibilidade de ordenação VSO, com S focalizado sem pausa entre S e O, e o frontamento de elementos adverbiais e preposicionados.

Diante dessas conclusões, podem ser levantados pelo menos quatro problemas remanescentes desta investigação que poderão (e deverão) ser temas de futuras pesquisas:

1) O caso do espanhol do Paraguai:

Como foi proposto por Fontanella de Weinberg (1993), o espanhol do Paraguai é a variedade do espanhol menos estandardizada; portanto, se pode esperar que o panorama das construções de clivagem nesta região seja bem diferente do panorama encontrado no México e na Espanha;

2) A estrutura das mini-orações:

Adotei, nesta Dissertação, uma estrutura de mini-oração em que o sujeito está na posição de argumento do predicado. Porém, como indiquei ao no texto, uma mini-oração com uma estrutura em que o sujeito é adjunto do predicado também é possível. Fica, desta forma, a necessidade de buscar e encontrar evidências empíricas e teóricas a favor de uma outra análise;

3) O problema da ordem VSO para focalização de sujeito:

Com base no contraste entre o italiano e o espanhol, pode-se discutir o funcionamento das regras fonológicas para reconhecimento do foco informativo nesse tipo de construção: a) o que está causando a mudança no espanhol permitindo que o sujeito possa ser focalizado em outra posição que não a mais baixa; b) por que existe um contraste entre sujeitos plenos e sujeitos pronominais no italiano, sendo que sujeitos plenos são agramaticais e sujeitos pronominais são possíveis nessa ordem;

4) O licenciamento das construções de clivagem:

Como comentei na conclusão do terceiro capítulo, é a variação no traço [ $\pm$ concordância] no complementizador subordinado o que permite a variação nas construções de clivagem no espanhol. Propus que as PCE sejam licenciadas independentemente por concordância dinâmica e que as CL sejam licenciadas a partir da CI, sem concordância. Deve-se fazer um estudo da história das construções de clivagem no Caribe e a sua relação com demais aspectos da gramática do Caribe, como a ordem de palavras e as interrogativas, a fim de confirmar se historicamente esse é o processo que ocorre.

## **REFERÊNCIAS**

AGOSTO, Silvia Eva (2006). *El español, uno y diverso*. Disponível em: [http://www.unidadenladiversidad.com/opinion/opinion\\_ant/2006/nov\\_dec\\_06/opinion\\_dic\\_06.htm](http://www.unidadenladiversidad.com/opinion/opinion_ant/2006/nov_dec_06/opinion_dic_06.htm)

BELLETTI, Adriana (2005). Answering with a “cleft”: the role of the null subject parameter and the VP periphery. In: BRUGÈ, L. et alii (Orgs). *Proceedings of the Thirtieth “Incontro di Grammatica Generativa”*. Cafoscarina, Venezia, p. 63-82.

\_\_\_\_\_ (2003). *Extended doubling and the VP periphery*. University of Siena. ms.

\_\_\_\_\_ (2002). Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Org). *The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 16-51.

\_\_\_\_\_ (1999). “Inversion as focalization and related questions”, *CatWPL*, v. 7, p. 9-45.

BOSQUE, Ignacio (1999). “On focus vs. wh-movement: the case of Caribbean Spanish”, *Sophia Linguística*, v. 44/45, p. 1-32.

BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (1999). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madri: Espasa Calpe.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In: MATEUS, M. H. M. et alii (Orgs). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho Coleção Universitária. Série Linguística, p. 653-694.

BUGEL, Talía; SANTOS, Hélade Scutti (a salir). As atitudes e representações do espanhol no Brasil e a expansão das indústrias da língua no país. In.: CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da; IRALA, Valesca Brasil (Orgs). *Um dossiê de estudos lingüísticos hispânicos*.

CAMACHO, José (2006). In situ focus in Caribbean Spanish: towards a unified account of focus. In.: SAGARRA, Nuria; TORIBIO, Almeida Jacqueline (Orgs). *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, p. 13-23.

CANO AGUILAR, Rafael (1997). *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros.

CARRICABURO, Norma (2003). *El voseo en la historia y en la lengua de hoy*. Disponible en: <http://www.elcastellano.org/ns/edicion/2004/julio/voseo.html>.

\_\_\_\_\_ (1997). *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros.

CHOMSKY, Noam (2006). *UG from below*. MIT, Ms.

\_\_\_\_\_ (2002). *Language and the rest of the world*. MIT, Ms.

\_\_\_\_\_ (1995). *El programa minimalista*. Trad. Juan R. Morales. Madrid: Alianza.

\_\_\_\_\_ (1993). A minimalism program for linguistic theory. In.: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs). *The view from Building 20*. Cambridge/Mass.: MIT Press. (citado do manuscrito)

\_\_\_\_\_ (1986). *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger.

\_\_\_\_\_ (1977). On Wh-movement. In.: CULICOVER, P. W.; WASCON, T.; AKMAJIAN, A. (Orgs). *Formal syntax*. Nova Iorque: Academic Press, p. 71-132.

\_\_\_\_\_ (1975). *Reflections on language*. Nova Iorque: Pantheon.

CINQUE, Giulermo (1993). “A null theory of phrase and compound stress”, *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 239-298.

COCK, Olga (1969). *El seseo en el Nuevo Reino de Granada (1550-1650)*. Bogotá.

COLANTONI, Laura (2004). *La huella del italiano persiste en el español de la Argentina*. Disponível em: [http://www.unidadenladiversidad.com/actualidad/actualidad\\_ant/2004/mayo\\_2004/actualidad\\_0505004.htm](http://www.unidadenladiversidad.com/actualidad/actualidad_ant/2004/mayo_2004/actualidad_0505004.htm)

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da (a sair). Los criterios sintácticos en la división dialectal del español. In.: CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da; IRALA, Valesca Brasil (Orgs). *Um dossiê de estudos lingüísticos hispânicos*.

\_\_\_\_\_ (no prelo). “Una visión general de las fórmulas de tratamiento en el español”, *Letras & Letras*, v. 23, n. 2.

\_\_\_\_\_ (2007a). *Consideraciones preliminares sobre la comparación “Español vs. Portugués Brasileños”:* criterios sintácticos. In.: ACTAS DEL I SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LENGUA Y LITERATURA ESPAÑOLA E HISPANOAMERICANA. São Paulo: Instituto Cervantes (no prelo);

\_\_\_\_\_ (2007b). *Un nuevo análisis formal para las perífrasis de relativo o construcciones hendidas*. In.: ACTAS DEL I SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LENGUA Y LITERATURA ESPAÑOLA E HISPANOAMERICANA. São Paulo: Instituto Cervantes (no prelo);

\_\_\_\_\_ (2006a). *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas extrapostas: uma problematização*. In.: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA. INSTITUTO DE LETRAS: Salvador: UFBA.

\_\_\_\_\_ (2006b). La variación de las construcciones escindidas. In.: DAHER, María del Carmen; FREITAS, Luciana Maria Almeida; GIORGI, Maria Cristina (Orgs). *Hispanismo 2006: estudos de linguagens*. v.2. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Hispanistas, p. 340-345;

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da; RIBEIRO, Ilza (2006). *Um estudo sintático-discursivo da clivagem em línguas românicas*. In.: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUA FALADA E ESCRITA, V, Maceió: UFAL.



CORREA, Paulo Antônio P. (2006a). ¿Por qué SSNN se duplican obligatoriamente?. In: BARROS, L. G.; COSTA, M.J.; VIEIRA, V.R. (Orgs). *Hispanismo 2004*. Florianópolis: ABH, 2006, v. I, p. 429-440.

\_\_\_\_\_ (2006b). “Argumentos x núcleos focales: el estatus de los clíticos que duplican SSNN en español”, *D.E.L.T.A.*, v. 22, n. 2, p. 227-247.

CÔRTEZ JÚNIOR, Moacir da Silva (2006). *Clivadas e pseudo-clivadas: um estudo de suas realizações estruturais no português rural afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia.

COSERIU, Eugenio (1979). *Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança lingüística*. Trad. de Carlos A. da Fonseca e Mário Ferreiro. Rio de Janeiro: Presença.

DI TULLIO, Ángela (2005). Clefting in spoken discourse. In.: *Encyclopedia of Language of Linguistics*. 2. ed. Universidade de Oxford.

\_\_\_\_\_ (1999). “Hendidias, inferenciales y presentativas”. In.: DÉNIZ, Magnolia Troya; SAMPER PADILLA, José Antonio (Orgs). *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. v. 1. Las Palmas de la Gran Canarias, p. 511-520. (citado do manuscrito)

É. KISS, Katalin (1998). “Identificational focus versus information focus”, *Language*, v. 74, p. 245-273.

FANJUL, Adrián P. (2004). “Português Brasileiro, Espanhol de... onde? Analogias incertas”, *Letras & Letras*, v. 20, p. 165-183.

FERNANDEZ, Flaviane Romaine (2007). *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas.

FONTANA, Josep M. (1993). *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade da Pensilvânia.

FONTANELLA DE WEINBERG, Maria B. (1993). *El español de América*. 2. ed. Madrid: Mapfre.

\_\_\_\_\_ (1987). “Hacia una periodización en la evolución del español bonaerense”. In.: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, VIII, Tucumán.

GARRIDO DOMÍNGUEZ, Antonio (1992). “La base del español americano y su realidad actual”. *Anuario brasileño de estudios hispânicos*, v. 2, p. 13-28.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo (2002). *Gramática didáctica del español*. 8. ed. Madrid: Ediciones SM.

GRANDA, Germán de (1982). “Origen y formación del leísmo en el español del Paraguay”, *RFE*, v. 62, p. 259-284.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador (2000). *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. 2. ed. Madrid: Arco/Libro.

HEAGMAN, Liliane (1991). *Introduction to government and binding theory*. Oxford, Blackwell.

HERNANZ, Maria Lluïsa; BRUCART, José Maria (1987). *La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple*. v. 1. Barcelona: Crítica.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes (2005). *Understanding Minimalism*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. (1987). *Semântica*. 4. ed. São Paulo: Ática.

IRALA, Valesca B. (2004). “A opção da variedade de Espanhol por professores em serviço e pré-serviço”, *Linguagem & ensino*, v. 7, n. 2, p. 99-120.

KATO, Mary Aizawa (2002). “A evolução da noção de Parâmetro”, *D.E.L.T.A.*, v. 18, n. 2, p. 309-337.

\_\_\_\_\_ (2000a). “Resenha de *Prosody, Focus, and Word Order*”, *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 1, p. 155-174.

\_\_\_\_\_ (2000b). The Partial Pro-Drop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda (Orgs). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert/Ibero-americana, p. 223-258.

\_\_\_\_\_ (1999). “Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter”, *Probus*, v. 11, p. 1-37.

\_\_\_\_\_ (1998). “Formas de funcionalismo em sintaxe”, *D.E.L.T.A.*, v. 14, volume especial, p. 145-168.

KATO, Mary Aizawa; RIBEIRO, Ilza (2006). A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: LOBO, Tânia et alii (Orgs). *Para a história do português brasileiro*. v. 2. Salvador: EDUFBA, p. 165-182.

\_\_\_\_\_ (2005). *Cleft sentences and WH-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis*. In: THE 35TH ANNUAL LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGE, New York: Oxford.

KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos (2005). A multi-evidence analysis of European and Brazilian Portuguese Wh-questions. In: KEPSEK, S.; REIS, M. (Org) *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter. p. 307-328.

KATO, Mary Aizawa; RAPOSO, Eduardo. (1996). European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In. PARODI, C.; QUICOLI, A. C.; SALTARELLI M; ZUBIZARRETA, M. L. (Orgs). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U. Press, p. 267-277.

KATO, Mary Aizawa *et alii* (1996). Construções-Q na gramática do português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, Ingedore G. V. (Org). *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. v. 6. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 303-370.

KAYNE, Richard; POLLOCK, Jean Yves. (1978). “Stylistic Inversion, Successive Cyclicity, and Move NP in French”, *Linguistic Inquiry*, v. 9, p. 595-621.

\_\_\_\_\_ (2001). New Thoughts on Stylistic Inversion. In.: HULK A.; POLLOCK, J.Y. (Org). *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. New York: Oxford University Press:, p. 107-162.

KROCH, Anthony. (2001). Syntactic Change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris. (Org). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Blackwell (citado do manuscrito).

LAMBRECHT, Knud (2001). “A framework for the analysis of cleft constructions”. *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516.

\_\_\_\_\_ (1994). *Information structure and sentence form. Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge Studies in Linguistics 71. Cambridge: Cambridge University Press.

LAPESA, Rafael (1981). *Historia de la lengua española*. 9 ed. Madrid: Gredos.

LENARDUZZI, René. (2003). “La Babel del Plata: idioma y cultura en la expresión popular rioplatense”. *Mundo Clássico*. Disponível em: <http://www.mundoclasico.com/articulos/>

LIGHTFOOT, D. (1993). “Uma ciência da história?”. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, p. 275-294.

LIPSKI, John M. (2005). *El español de América*. 4. ed. Trad. Silvia Iglesia Recuero. Madrid: Cátedra.

LODARES, Juan Ramón (2006). *Mi Buenos Aires querido: El particularismo lingüístico rioplatense. El plebeyismo idiomático en Argentina. Lunfardos y cocoliches*. Disponível em: <http://www.elcastellano.org/lodares3.html>.

LOPE BLANCH, Juan Miguel (2001). *La norma lingüística hispánica*. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/>

LOPES ROSSI, Maria Aparecida Garcia (1996). *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_ (1993). “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil”. In. ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (Org). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 307-342.

LÓPEZ MORALES, Humberto (1992a). *El español del Caribe*. Madrid: Mapfre.

\_\_\_\_\_ (1992b). *La investigación dialectal sincrónica en Hispanoamérica: presente y futuro*. Disponible en: [http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/sevilla/unidad/ponenc\\_morales.htm](http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/sevilla/unidad/ponenc_morales.htm)

LUJÁN, Marta (1999). Expresión e omisión del pronombre personal. In.: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madrid: Espasa Calpe, p. 1276-1315.

LYONS, John (1982). *Lingua(gem) e lingüística; uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MEDEIROS JÚNIOR, Paulo (2005). *Sobre sintagmas-QU e relativas livres no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade de Brasília.

MEDINA LÓPEZ, Javier (1997). *Lenguas en contacto*. Madrid: Arco/Libros.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1962). “Sevilla frente a Madrid. Algunas precisiones sobre el español de América”, *Estructuralismo e Historia*. Miscelánea-Homenaje a André Martinet, v. 3, p. 99-165.

MIOTO, Carlos; KATO, Mary Aizawa (no prelo). “As interrogativas-Q do Português Europeu e do Português Brasileiros atuais”. *Revista da ALFAL*.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. (2004). *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular.

MODESTO, Marcello (2001). *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas.

MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999). Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In.: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madrid: Espasa Calpe, p. 4245-4302.

MORENO DE ALBA, José G. (2004). *El español de América*. 3. ed. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.

\_\_\_\_\_ (1992). *Diferencias léxicas entre España y América*. Madrid: Mapfre.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (2000). *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho (2003). Semântica formal. In.: FIORIN, José Luis (Org). *Introdução à lingüística II: Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, p. 137-159.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani (2003). Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In.: FIORIN, José Luis (Org). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, pp.81-109.

ORDÓÑEZ, Francisco (1997). *Word Order and Clause Structure in Spanish and other Romance Languages*. Tese (Doutorado em Lingüística), CUNY.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2006). Lingüística histórica, In.: PFEIFFER, Claudia.; NUNES, José H. (Org). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, p. 11-48.

PINEDO, Alicia (2000). “English clefts as discourse-pragmatic equivalents of Spanish postverbal subjects”, *Estudios Ingleses de la Univ. Complutense*, v. 8, p. 127-151.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (2001). *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado das Letras.

POLLOCK, Jean-Yves (1989). “Verb movement, universal grammar, and the structure of IP”, *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424.

PRINCE, Ellen (1978). “A comparison of *wh*-clefts and *it*-clefts in discourse”, *Language*, v. 54, p. 883-906.

QUIRK, R. *et alii* (1989). *A comprehensive grammar of English language*. Londres: Longman.

RADFORD, Andrew (1997). *Syntactic theory and the structure of english: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1992). *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

RIBEIRO, Ilza (2006). *Clivagem e discurso. Diferentes estratégias em diferentes línguas*. ms.

\_\_\_\_\_ (2005). *Um estudo da ordenação dos constituintes em duas versões da Crônica Geral de Espanha*. In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, v. IV.

\_\_\_\_\_ (1995). *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Estadual de Campinas.

RIZZI, Luigi (2004). *On the form of chains: criterial positions and ECP effects*. Universidade de Siena. ms.

\_\_\_\_\_ (1997). The fine structure of the left periphery. In. HAEGEMAN, Liliane (Org). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, p. 281-337.

\_\_\_\_\_ (1991). “Residual verb second and the Wh criterion”. Technical Reports in Formal and Computational Linguistics, v. 2, Universidade de Geneva.

ROJAS, Elena (1985). *Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán.

SAPIR, Edward (1921). A língua como produto histórico: a deriva. In.: \_\_\_\_\_. *Linguagem*. Trad. de Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, p. 119-136.

SIEGEL, J. (1985). “koinés and koineization”, *Languages in Society*, v. 14, p. 357-378.

SEDANO, Mercedes (2005). “Seudohendidas y oraciones con verbo ser focalizador en dos *corpus* del español hablado de Caracas”. *Estudios de lingüística del español (EliES)*, v. 23.

SEDYCIAS, João (1999). *Zonas lingüísticas americanas*. Disponible en: <http://home.yawl.com.br/hp/sedycias/historia14.htm>.

SORNICOLA, Rosanna (1988). “It-clefts and wh-clefts: two awkward sentence types”. *Journal of Linguistics*, v. 24, p. 348-79.

TORIBIO, Almeida Jacqueline (2002). Focus on clefts in Dominican Spanish. In.: LEE, J; GEESLIN, K.; CLEMENTS, J. C. (Orgs). *Structure, Meaning, and Acquisition in Spanish*. Somerville, MA: Cascadilla Press, p. 130-146. (citado do manuscrito)

\_\_\_\_\_ (2000). “Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish”, *Lingua*, v. 10, p. 315-341.

\_\_\_\_\_ (1992). “Proper government in Spanish subject relativization”, *Probus*, v. 4, p. 291–304.

ZAGONA, Karen (2002). *The syntax of Spanish*. Cambridge: Cambridge U. Press.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1999). Las funciones informativas: tema y foco. In.: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madrid: Espasa Calpe, p. 4215-4244.

\_\_\_\_\_ (1998). *Prosody, focus, and word order*. Linguistic Inquiry Monograph 33. Cambridge, Mass: The MIT Press .